



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA  
AMAZÔNIA**

**ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO**

**BARÃO DE MARAJÓ:  
UM INTELECTUAL E POLÍTICO ENTRE A AMAZÔNIA E A EUROPA  
(1855-1906)**

**DOUTORADO EM HISTÓRIA**

**BELÉM/PA**

**2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ-UFPA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA  
AMAZÔNIA**

**ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO**

**BARÃO DE MARAJÓ:  
UM INTELECTUAL E POLÍTICO ENTRE A AMAZÔNIA E A EUROPA  
(1855-1906)**

**DOCTORADO EM HISTÓRIA**

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Doutora Maria de Nazaré Sarges.

**BELÉM/PA**

**2015**

ANNA CAROLINA DE ABREU COELHO

**BARÃO DE MARAJÓ:**  
UM INTELECTUAL E POLÍTICO ENTRE A AMAZÔNIA E A EUROPA  
(1855-1906)

Tese de Doutorado apresentada à Banca Examinadora da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em História sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Doutora Maria de Nazaré Sarges.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria de Nazaré Sarges (orientadora)  
IFCH/PPHIST/UFPA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Izilda Santos de Matos (examinadora)  
PUC/SP

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Magda de Oliveira Ricci (examinadora)  
IFCH/PPHIST/UFPA

---

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo (examinador)  
IFCH/PPHIST/UFPA

---

Prof. Dr. Nelson Rodrigues Sanjad (examinador)  
MUSEU EMÍLIO GOELDI/PPHIST/UFPA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Franciane Lacerda (suplente)  
IFCH/PPHIST/UFPA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFPA

---

Coelho, Anna Carolina De Abreu, 1981-

Barão de marajó: um intelectual e político entre a  
amazônia e a europa (1855-1906) / Anna Carolina De Abreu  
Coelho. - 2015.

Orientadora: Maria de Nazaré dos Santos  
Sarges.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do  
Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em História, Belém,  
2015.

1. Marajó, José Coelho da Gama e Abreu,  
Barão de, 1832-1906. 2. Amazônia - Política e  
governo. I. Título.

CDD 23. ed. 928.97

---

Para a mãe Divina com minha gratidão

Jamais eu refleti tanto, vivi tanto, fui tanto eu mesmo (...),  
quanto durante as viagens que eu fiz, (...).  
ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Les Confessions*.  
Paris, 1770.

## RESUMO

José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó, formou-se em filosofia na Universidade de Coimbra, tornando-se respeitado no círculo intelectual português, inclusive com biografias publicadas na imprensa. Pertencia a uma família rica e com certa tradição no Pará, cujo poder aquisitivo e status foi aumentado com o seu casamento com Maria Pombo Brício. O Barão de Marajó foi um homem que soube se manter no poder ao longo de sua vida desempenhando diferentes cargos públicos durante os períodos imperial e republicano. Iniciou a carreira em 1855 como Diretor das Obras Públicas no Pará, foi presidente das Províncias do Pará e do Amazonas e Deputado; era amigo do Imperador D. Pedro II mas, isso não impediu que se tornasse o primeiro Intendente republicano da cidade de Belém, escolhido pessoalmente pelo governador Lauro Sodré. Terminou sua carreira como Senador estadual em 1906, o ano de sua morte. Divulgador dos interesses da Amazônia na Europa foi representante do Pará na Exposição Universal de Paris em 1889 e na Exposição Universal de Chicago em 1893.

A despeito de meio século de vida pública, o Barão de Marajó tornou-se mais conhecido como um intelectual que escreveu obras de referência sobre a Amazônia, abordando questões de grande relevância para as definições da nacionalidade brasileira e dos interesses específicos de sua região nas obras: *A Amazonia*, *As Regiões Amazonicas* e *Um Protesto*. Suas viagens, publicadas na obra *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio - Apontamentos de Viagem*, fizeram parte de sua formação, sendo que suas reflexões a respeito de cidades europeias e orientais tornaram-se fundamentais no exercício de diferentes cargos públicos contribuindo para o remodelamento urbano da cidade de Belém na segunda metade do século XIX.

Partindo dessas lembranças e esquecimentos, busca-se perceber a trajetória política e intelectual do Barão de Marajó, um sujeito emblemático para o entendimento da formação nacional na segunda metade do século XIX e início do XX.

**Palavras-chaves:** Biografia - Barão de Marajó – História Intelectual - História Política – Amazônia - Viajantes

## ABSTRACT

José Coelho da Gama e Abreu, the Baron of the Marajó, graduated in philosophy at the University of Coimbra, became respectable in the Portuguese intellectual circle, even his biographies were published in the press. He belonged to a rich and traditional family at Pará whose purchasing power and status were increased by his marriage to Maria Pombo Brício. The Baron of the Marajó was a man who knew how to stay in power throughout his life performing different public offices during the Republican and Imperial periods. He began his career in 1855 as Director of Public Works in Pará, he was president of the provinces of Pará and Amazonas and congressman; It was a friend of Emperor Pedro II, but that did not stop him to become the first Republican Intendant of the Belém city, personally chosen by the governor Lauro Sodre. He ended his career as state senator in 1906, the year of his death. Popularizer of Amazon's interests in Europe, he was representative of Pará in the Universal Exposition in Paris in 1889 and at the Chicago World Fair in 1893.

Despite half a century of public life, the Baron of the Marajó became better known as an intellectual who wrote reference books about Amazon, addressing issues of relevance to the definitions of Brazilian nationality and the specific interests of region his in the works: *The Amazon*, *Amazons Regions* and *One Protest*. His travels, published in *From the Amazon to the Seine, Nile, Bosphoro and Danube - Notes of travel*, were part of his training, and their reflections on European and Eastern cities have become critical in the performance of different public offices contributing to urban remodeling of the city in the second half of the nineteenth century.

From these memories and forgetfulness, we seek to realize the political and intellectual trajectory of the Baron, an emblematic figure to the understanding of national formation in the second half of the nineteenth and early twentieth centuries.

**Keywords:** Biography – Baron of the Marajó - Intellectual History - Political History - Amazon - Travellers

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Viajantes e Exploradores da Amazônia com artigos publicados em Sociedades Geográficas da França .....	108
<b>Tabela 2.</b> Viajantes e Exploradores da Amazônia com artigos publicados em Sociedades Geográficas da França (Continuação) .....	109
<b>Tabela 3.</b> Tabela de exportação de 1880 .....	198

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> José Coelho da Gama e Abreu, Barão do Marajó .....	23
<b>Figura 2.</b> Barão de Marajó na revista Brasil-Portugal .....	37
<b>Figura 3.</b> Desenho de Gama e Abreu por Raphael Bordallo Pinheiro .....	61
<b>Figura 4.</b> Estrada de São José por Raphael Bordallo Pinheiro .....	70
<b>Figura 5.</b> Teatro Real do Oriente em Madri .....	78
<b>Figura 6.</b> Passeio no <i>Bois de Boulogne</i> .....	84
<b>Figura 7.</b> Prédio da Sociedade de Geografia .....	106
<b>Figura 8.</b> Entrada da estufa do Pavilhão Brasileiro .....	137
<b>Figura 9.</b> A Casa Inca .....	141
<b>Figura 10.</b> Cabeça mumificada de um índio Mundurucu .....	144
<b>Figura 11.</b> Palais de l' Amazone .....	146
<b>Figura 12.</b> Antigo Paço Provincial do Amazonas .....	177
<b>Figura 13.</b> O Salão nobre do Teatro da Paz por Felipe Findanza .....	185
<b>Figura 14.</b> Escada do Paço Municipal .....	187
<b>Figura 15.</b> Retrato do Intendente José Coelho da Gama e Abreu .....	213
<b>Figura 16.</b> "Portrait do Barão de Marajó" .....	215

<b>Figura 17.</b> Banquete dos intendentos em 1903 .....	218
<b>Figura 18.</b> Fachada do Paço Municipal/Palácio Antonio Lemos .....	220

## Sumário

<b>Resumo</b> .....	7
<b>Abstract</b> .....	8
<b>Índice das tabelas</b> .....	9
<b>Índice das figuras</b> .....	9
<b>Agradecimentos</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	15

### I CAPITULO

<b>1. José Coelho da Gama e Abreu: a expansão da alma</b> .....	21
1.1. Conhecendo o Barão de Marajó .....	21
1.2. Breves notas sobre a família .....	41
1.3. Partindo do Amazonas ao velho mundo .....	54
1.4. Descrevendo o Oriente .....	87

### II CAPITULO

<b>2. Em busca de inserção nos Círculos Intelectuais Europeus</b> .....	93
2.1. Teias discursivas - Amazônia e Europa .....	93
2.2. Os círculos de um barão intelectual - viagens, geografia e polêmicas entre a Amazônia e a França .....	101
2.2. O passado e o futuro: divulgando a Amazônia em Paris – Barão de Marajó e Santa-Anna Nery .....	132

### III CAPITULO

<b>3. O Barão e sua Cidade</b> .....	148
3.1. Tecendo a modernidade nos trópicos – engenharia e política .....	148
3.2. Construindo a belle-époque amazônica .....	175
3.3. A educação e a imigração .....	188
3.4. Entre lembranças e esquecimentos .....	201

<b>Considerações Finais</b> .....	226
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	233
<b>Fontes</b> .....	233
<b>Instituições</b> .....	243
<b>Bibliografia</b> .....	245

## Agradecimentos

Há algum tempo atrás, uma tese como a que apresento, somente poderia ser concebida a partir de um estágio prolongado na França e em Portugal, afinal boa parte da documentação que utilizo provém desses países; porém não houve essa necessidade devido a iniciativa de digitalização de documentos promovida por instituições como Hemeroteca de Lisboa, a Academia Real das Ciências de Lisboa, a Biblioteca Nacional da França e Fundação Biblioteca Nacional (do Brasil). A digitalização de documentos preserva a documentação e facilita o trabalho dos historiadores que podem desenvolver suas temáticas sem ter que obrigatoriamente empreender grandes viagens pela Europa como fez o Barão de Marajó, principal sujeito deste texto. Uma iniciativa louvável!

Certamente que boa parte da pesquisa foi feita nos arquivos locais como a Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna, no Museu Paraense Emílio Goeldi, o Arquivo Público do Pará e na Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna. Agradeço pela gentileza e disponibilidade dos profissionais destas instituições.

Escrever sobre o Barão de Marajó foi uma experiência intensa e desafiante, mas recebi muito apoio, em especial de minha orientadora Maria de Nazaré Sarges, professora Naná, que acompanha minha trajetória desde a graduação e soube conduzir com muita paciência e generosidade este trabalho biográfico.

Sou grata à professora Magda Ricci, pelas as reflexões propostas na disciplina Teoria e Metodologia da História que me ajudaram imensamente na construção desse texto, além das suas valiosas sugestões no exame de qualificação.

A primeira indicação que tive sobre o livro *Apontamentos de Viagem*, do Barão do Marajó, foi feita pelo professor Aldrin Figueiredo, que posteriormente me brindou com suas notáveis observações no exame de qualificação.

As condições materiais de realização desta tese devem muito ao professor Rafael Chambouleyron, que me ajudou a conseguir a bolsa de estudos da FAPESPA, instituição à qual agradeço desde já!

Agradeço imensamente aos professores do PPHIST, em especial pelas indicações de boas leituras feitas por: Franciane Lacerda, Maurício Costa e Nelson Sanjad. Agradeço os bons momentos compartilhados com meus colegas de curso, principalmente com: Rosa Cláudia, Eva, Marcelo, Renato e Túlio; e à Lilian, a gentilíssima secretária da pós-graduação.

Minha sincera gratidão ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas na figura de seu Diretor Nelson de Souza Júnior, que possibilitou a vinda da Professora Maria Izilda Matos, a examinadora externa da banca de defesa desta tese, mesmo nessa época de grandes restrições financeiras impostas as universidades federais.

Agradeço à minha mãe, professora Cleide, pelo trabalho de revisão. Agradeço ao Felipe por ser um bom filho, e por último, mas não menos importante ao Beto, meu esposo, por ser paciente, amigo, companheiro e por não ter ciúmes do tempo que passei lendo, escrevendo, falando e até sonhando com o Barão de Marajó.

## INTRODUÇÃO

Extensões enormes comunicando por centenas de canais que são os outros tantos grandes rios que deixam esquecidos o Reno, o Volga, o Danúbio, o Tigre, o Tejo e os próprios rios da China e a maior parte da América Inglesa, asseguram em um porvir não muito distante a possibilidade de um desenvolvimento agrícola e comercial, como nunca se tinha visto. <sup>1</sup>

Esse trecho da obra *As Regiões Amazonicas*, do Barão de Marajó, se refere às possibilidades de comunicação entre diferentes espaços, ressaltando o desenvolvimento agrícola e comercial advindo desse contato. A circulação das pessoas através dos rios era costumeira em meados do século XIX, como exemplificam as viagens do Barão de Marajó descritas na obra *Do Amazonas, ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio. Apontamentos de Viagem* (1874-1876). Viagens que demonstram o longo processo das mundializações, iniciado no século XVI e intensificado durante a segunda metade do século XIX e início do XX. Período no qual se vivenciou um rápido e dramático processo de transformação dos hábitos cotidianos, das convicções, dos modos de percepção e até dos reflexos instintivos. <sup>2</sup>

A mundialização relaciona-se a uma tomada de consciência de mover-se em um espaço fluido e extensível que abrangia o mundo inteiro; tanto na Europa quanto em outras localidades procurou-se definir o espaço local, de habitação ou de interesse, dentro de uma consciência de globalidade. <sup>3</sup> De acordo com Serge Gruzinski, a Amazônia desde o período colonial já fazia parte de um vasto imaginário internacional com imenso valor geopolítico e o rio Amazonas era um ponto de ancoragem de uma consciência global. <sup>4</sup>

Durante o século XIX, a interlocução e o contato entre intelectuais europeus e os de nações americanas foi o âmbito em que se forjavam diversos instrumentos de

- 
- Os documentos e textos foram traduzidos e/ou tiveram a linguagem atualizada para uma melhor compreensão do leitor, no entanto os títulos foram transcritos na forma original.

<sup>1</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896. p.47.

<sup>2</sup> SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*; 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p-8-15.

<sup>3</sup> GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.

<sup>4</sup> GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.

legitimação externa das jovens nações.<sup>5</sup> Nesse sentido, as viagens dos intelectuais ligam-se à formação de um sentimento de nação, onde desde o século XVIII:

as peregrinações intelectuais se desenvolviam não apenas no sentido metafórico (...), mas também no sentido literal – deslocamentos geográficos mais ou menos ritualizados, considerados como parte da formação e do amadurecimento da sensibilidade.<sup>6</sup>

Muitos intelectuais brasileiros formavam-se no exterior, participavam de viagens, de eventos e de exposições científicas e comerciais.<sup>7</sup> As relações entre Amazônia e Europa mostram uma historicidade comum aos intelectuais do século XIX, que viviam entre “dois mundos” devido a suas constantes viagens e a referência europeia que pautava muitas das ações políticas no Brasil, essas relações perpassam especialmente pela definição de identidades nacionais e regionais.

Com a abertura do rio Amazonas para a navegação comercial, a Amazônia envolvia-se num complexo trânsito de ideias e agentes de um mundo cada vez mais interrelacionados, conforme esta observação do intelectual José Coelho da Gama e Abreu:

Pequenos centros de população, distantes entre si, comunicam uns com os outros pela rede de rios que em todos os sentidos corta a província, esta circunstância permite que o barco a vapor vá espargir os benefícios da civilização ainda às maiores distancias criando a natureza estradas.<sup>8</sup>

Para desenvolver este estudo foi necessário analisar tanto a trajetória do indivíduo (relacionada ao seu contexto e obras) quanto a sua rede de sociabilidades.<sup>9</sup> Conforme lembram os historiadores Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira, o historiador social da intelectualidade deve ficar atento a três importantes pontos: o autor, a obra e o contexto; a reflexão a respeito da literatura deve historicizar o texto, inserindo-o no movimento da sociedade e buscando revelar a forma como constrói ou representa sua realidade social.<sup>10</sup>

---

<sup>5</sup> Wilma P. Costa, *Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – formação do estado e trajetória intelectual*, In: *Os Intelectuais e o Estado*, org. RIDENTI, Marcelo et al, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.p.81

<sup>6</sup> Wilma P. Costa, *Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – formação do estado e trajetória intelectual*, In: *Os Intelectuais e o Estado*, org. RIDENTI, Marcelo et al, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.p.61.

<sup>7</sup> Para um detalhamento do engajamento do império na identidade nacional, ver o artigo *Pedro II e Pery, in concert*, In: COELHO, Geraldo M. *O violino de Ingres*. Belém: Paka-Tatu, 2005.

<sup>8</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.8.

<sup>9</sup> SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragments da História Intelectual entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo: Papyrus, 2002.p. 22-23.

<sup>10</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. *A História Contada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Outras importantes referências no estudo da produção intelectual no século XIX, que consideram o autor, o texto e o contexto são as obras de Raymond William<sup>11</sup> e Edward Said<sup>12</sup>. Essas reflexões são muito importantes devido à especificidade de uma das mais importantes fontes utilizadas neste trabalho que são as obras escritas pelo Barão de Marajó.

Sendo Gama e Abreu definido como um intelectual é necessário considerar o termo. Nesse sentido, Jean-François Sirinelli, propôs duas definições preliminares de intelectual que podem ser complementares e articuladas: em primeiro uma definição sociológica que engloba os criadores e os mediadores culturais como jornalistas, professores e escritores; em segundo, uma noção política relacionada ao engajamento direto ou indireto na sociedade.<sup>13</sup>

O estudo da história dos intelectuais começa a ganhar destaque na França a partir da década de 1960<sup>14</sup> após um longo período de ostracismo, iniciado com a consolidação da Escola dos Annales que em sua crítica a história tradicional e dos eventos pretendia:

(...) deslocar do centro de atenção as ações políticas, propondo um comprometimento novo com uma teoria social globalizante, que transcendesse o indivíduo e o evento concreto pela valorização das forças impessoais que movem os homens e seus destinos, pela demarcação de ritmos mais lentos que acompanham o avanço do tempo social e pela valorização do ambiente (como desafio ou limitador da ação humana). O grupo inicial dos *Annales*, tido por pequeno, radical e subversivo, teria se caracterizado pela “guerra de guerrilha” contra a história tradicional. Sob a liderança de Bloch e Febvre (primeira geração, 1929-1945), a revista visou a exercer liderança no meio intelectual da história econômica e social, propondo aos estudiosos a criação de uma abordagem nova e interdisciplinar. No pós-guerra, o movimento e a revista, agora liderados por Fernand Braudel (1945-1968), apoderaram-se do *establishment* histórico francês. Essa geração se caracterizou pela defesa de uma proposta hierárquica e tripartite de compreensão do tempo e da história, derivada de seu líder: o tempo lento das estruturas, o tempo médio das conjunturas e o tempo trepidante dos eventos.<sup>15</sup>

Mesmo com essas críticas, a primeira geração dos Annales demonstrou elementos de uma história da intelectualidade, como pode ser percebido nas obras *O problema da descrença no século XVI: a religião de Rabelais* e *Um destino: Martinho Lutero* ambas de Lucien Febvre; o autor mencionava que não se tratava de uma biografia, mas a

---

<sup>11</sup> Ver: WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011; e WILLIAMS, Raymond. *O Campo e A Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

<sup>12</sup> Ver: SAID, Edward W. *O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; e SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

<sup>13</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 245 a 248

<sup>14</sup> ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e História Intelectual contribuições para a historiografia Francesa. *Biblos*, v.22, n.1, 2008.

<sup>15</sup> ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e História Intelectual contribuições para a historiografia Francesa. *Biblos*, v.22, n.1. , 2008.p.33.

tentativa de resolver um problema “o problema da relação entre o indivíduo e o grupo, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social”.<sup>16</sup>

A complexa relação entre indivíduo e sociedade é algo que foi bastante discutido na historiografia do século XIX. Analisando a historiografia desse período, a historiadora Sabina Loriga dialogou com escritores de diversos campos de estudo como Thomas Carlyle, Wilhelm Von Humboldt, Friedrich Meineck, Wilhelm Dilthey, Jacob Burckhardt e Leon Tolstoi para perceber como estes trataram a dimensão individual da história.<sup>17</sup> Suas indagações partem da expressão “o pequeno x”, do historiador Johann Gustav Droysen; para este autor a individualidade (tudo o que o homem é e produz) era formada pela equação  $a+x=A$ , sendo que  $a$  significava todo o contexto da época e  $x$  a contribuição pessoal, “a obra de sua livre vontade”.<sup>18</sup>

Essa tese se insere no contexto mais abrangente de um “retorno” historiográfico à biografia, à política, à intelectualidade e à memória. Algumas obras essenciais para pensar esses assuntos foram os estudos biográficos: *Machado de Assis - Historiador* de Sidney Chalhoub; *Victor Hugo na Arena Política* de Michel Winock; *As barbas do Imperador* de Lilia Schwarcz; *Assombrações de um padre regente: Diogo Antônio Feijó* de Magda Ricci; *Memórias do Velho Intendente* de Maria de Nazaré Sarges. É importante mencionar como uma referência para esse trabalho os textos sobre o Barão de Guajará escritos por Magda Ricci e Luciano Lima publicados nas revistas *Estudos Amazônicos* e *Opsis*.

Como se trata de pesquisar um intelectual viajante foi de grande valia a leitura dos artigos de Wilma Peres Costa sobre as viagens e a trajetória intelectual no século XIX, e a tese de literatura comparada, escrita por Susana Cabete, a respeito dos viajantes portugueses e a identidade nacional.

As fontes utilizadas para a tese se ancoraram em textos memorialistas, textos de viajantes, obras escritas pelo autor, documentos administrativos e os periódicos datados entre meados do século XIX e início do século XX. Em relação aos periódicos optamos por jornais com olhares opostos sobre o mesmo tema para visualizar melhor as diferenças políticas expressas em suas matérias.

As dificuldades possíveis do acesso às fontes, localizadas em arquivos na França e em Portugal, foram de certa forma contornadas pela digitalização de diversos

---

<sup>16</sup> FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p.104.

<sup>17</sup>LORIGA, Sabina. *O pequeno x – da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.230-231

<sup>18</sup>LORIGA, Sabina. *O pequeno x – da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p.14.

periódicos. Na Hemeroteca, no setor de obras raras da Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna, na Biblioteca do Museu Paraense e no Arquivo Público do Estado do Pará a pesquisa deu-se de forma “tradicional”.

A respeito das cidades, política e cultura na Amazônia há uma expressiva produção historiográfica. Utilizamos especialmente as obras: *Belém: Riquezas Produzindo a belle époque* de Maria de Nazaré Sarges; *O Violino de Ingres - estudos de história cultural* de Geraldo Mártires Coelho; *Manaus e Liverpool: uma ponte marítima centenária* de David Pennington; *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)* de Barbara Weinstein.

Sobre as mudanças e ressignificações ocorridas entre o período imperial e republicano destacamos as obras *A coruja de Minerva – o Museu Paraense entre o Império e a República*, de Nelson Sanjad e *As histórias invisíveis do Teatro da Paz* de Rose Silveira.

Leituras muito importantes para o entendimento da História Social da Intelectualidade na Amazônia, e por isso fundamentais para essa tese, são as obras de Aldrin M. Figueiredo que discute literatura e modernismo na Amazônia em *Eternos Modernos* e em *A cidade dos encantados* buscando a historicidade nas trajetórias intelectuais, analisando os intercâmbios entre os grupos locais e outros circuitos brasileiros no processo da constituição de um campo de saber sobre as manifestações culturais da Amazônia.

O enfoque deste trabalho é demonstrar as relações entre Amazônia e Europa presentes no processo do fazer-se intelectual e na atuação política de José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó. A delimitação temporal inicia com o ano de 1855, quando José Coelho da Gama e Abreu torna-se diretor das obras públicas no Pará, o marco final é sua morte em 1906, quando ocupava o cargo de senador estadual.

No primeiro capítulo procura-se analisar a formação de Gama e Abreu, as filiações institucionais, a rede de contatos e as viagens feitas para a Europa e Oriente (por aprendizagem, para serviço ao país e por fruição pessoal). Através de fontes como os textos memorialísticos presentes no jornal *Diário Ilustrado*, na revista *Brasil-Portugal* e na obra *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*, escrita por Brito Aranha; outra fonte importante para esse capítulo é o livro de viagens escrito por Gama e Abreu *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagens*. Foi feita a consulta da correspondência do biografado com a Sociedade Real de Geografia

de Lisboa, do *Livro de Matriculas da Universidade de Coimbra*, livros de viajantes e de jornais como: *Treze de Maio*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *A Reforma* e *Gazeta de Notícias*.

O segundo capítulo continua a tratar da inserção intelectual de Gama e Abreu nos círculos intelectuais brasileiros e europeus através da divulgação da Amazônia na Europa. Essa atuação se dá por meio de polêmicas como a questão do território contestado franco-brasileiro e de exposições internacionais. Dessa forma, os periódicos da Sociedade Geográfica Comercial de Paris; os livros do Barão de Marajó (*A Amazônia, As Regiões Amazonicas e Um Protesto*) e o *Relatório da Exposição Universal de Paris em 1889* são as principais fontes utilizadas, além de diversos periódicos e obras de viajantes.

O terceiro capítulo aborda a atuação política de Gama e Abreu em prol de um projeto urbanístico com inspiração europeia na cidade de Belém durante a segunda metade do século XIX; atravessando a mudança de regime e as contínuas ressignificações da memória política da cidade no exercício dos cargos de diretor de Obras Públicas, Presidente de Província e Intendente de Belém. Este capítulo utiliza como fontes: livros do Barão de Marajó, textos memorialísticos, álbuns, periódicos e relatórios de governo e de obras públicas.

## CAPÍTULO I:

### José Coelho da Gama e Abreu: a expansão da alma

(...) conhecia, no entanto, admiravelmente a bacia amazônica.<sup>19</sup>

#### 1.1. Conhecendo o Barão de Marajó

A citação acima feita pelo geógrafo francês Paul Walle<sup>20</sup> se refere a José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó, por ter escrito a obra *As Regiões Amazonicas estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas* (1896) que serviu de referência para a escrita de *Au pays de L'or Noir Para – Amazonas – Matto Grosso* (1909), que narra a viagem de Paul Walle pela bacia amazônica com o objetivo de analisar a economia da borracha, o “ouro negro”.

O livro *As Regiões Amazônicas* ainda é uma referência importante sobre a sociedade amazônica<sup>21</sup> nos fins do século XIX, seu autor, além da produção intelectual, foi um atuante político cuja carreira abrangeu do período imperial até o início da República. Em Portugal, no mais tradicional centro de formação dos intelectuais brasileiros, passou sua infância, estudou, fez o curso secundário, formou-se em Filosofia pela Universidade de Coimbra e estudou Matemática<sup>22</sup>:

Em carta que vi de Portugal de 4 de julho, soube que o nosso compatriota, o Sr. José Coelho da Gama e Abreu, fizera um brilhante ato em matemáticas na Universidade de Coimbra, tomou o grau de Bacharel e se lhe passaram-no as

---

<sup>19</sup> Ver a citação em: WALLE, Paul. *Au pays de L'or noir: Para – Amazonas – Matto Grosso*. Paris: E. Guilmoto, 1909. p.138.

<sup>20</sup> Paul Walle foi vice-diretor da Sociedade de Geografia de Paris.

<sup>21</sup> Há uma extensa historiografia a respeito da Amazônia no século XIX, ocorre a menção da obra *As Regiões Amazonicas* em: FIGUEIREDO, Aldrin. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA, 2008.p.300; SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)* 2ª edição. Belém: Paka-Tatu, 2000. p.191, 209 e WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.

<sup>22</sup> As fontes a respeito da formação de Gama e Abreu diferem em relação à formação em Matemática. O biógrafo e amigo Brito Aranha mencionou que Gama e Abreu era bacharel em Filosofia e que cursou Matemática, mas não se formou: “Matriculou-se primeiro na faculdade de Filosofia e ali recebeu o grau de bacharel, quis depois prosseguir nos estudos superiores e foi se matricular na faculdade de Matemática, que seguiu dois anos, mas não recebeu o novo diploma de bacharelato nesta faculdade porque o chamaram a sua província no Brasil, e nela tinha que exercer várias funções civis”. ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p. 127. João de Souza Amado, o outro biógrafo, afirma que ele formou-se em ambas as faculdades: “na Universidade de Coimbra os vividos clarões intelectuais que o fizeram considerar ornamento distinto das faculdades de Filosofia e Matemática, nas quais se formou em 1854, tendo conseguido os primeiros e sucessivos prêmios”. *Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

suas cartas muito honrosas. Sabemos mais que sempre foi considerado naquela Universidade um estudante distinto, não só na frequência das matemáticas, como também na faculdade de Filosofia, na qual ele se acha já também Bacharel formado, desde o ano passado, tendo durante os anos que esteve nos estudos adquirindo os maiores prêmios das duas faculdades a que se dedicou. Queira o Sr. Redator ter a bondade de publicar no seu Jornal o Treze de Maio, o que levo dito, a fim de que a mocidade estudiosa Paraense, siga com ânimo seus estudos, pois que seus patrícios nas diversas nações onde se acham estudando, dão prova que os brasileiros são talentosos e muito estudiosos.<sup>23</sup>

Retornou ao Pará em 1854, e em 1855 iniciou sua carreira como lente de Matemática no Liceu Paraense, nesse mesmo ano atuou como engenheiro no cargo de diretor das Obras Públicas.<sup>24</sup> Participou da Guarda Nacional<sup>25</sup> e atuou como deputado e presidente das províncias do Pará e Amazonas. Durante o período republicano foi senador e intendente de Belém. Seu trabalho de pesquisa a respeito da Amazônia o credenciou para tornar-se sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa<sup>26</sup> e da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro; Gama e Abreu foi também um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.<sup>27</sup>

De acordo com Aldrin Figueiredo, a característica de intelectual polímata e polígrafo era muito comum no século XIX, a exemplo do que percebemos na trajetória de Gama e Abreu, que escreveu a respeito de diversos assuntos e de várias formas.<sup>28</sup> Escrevia sobre geografia e viagens, mas seus interesses eram muito amplos como arqueologia, arte, engenharia, literatura, educação. Sua fluência em diversas línguas colaborou para que participasse da Exposição Universal de Paris (1889) e também da Exposição Universal de Chicago (1893).

---

<sup>23</sup> *Treze de Maio*. Belém, 9 de setembro de 1854.p.4.

<sup>24</sup> BLAKE, Augusto Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Vol 5. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1898.p.386-387.

<sup>25</sup> Ocupou o cargo de Tenente Coronel da Guarda Nacional da Capital. Ver o documento: “Portaria: Nomeando o Major Antonio Facundo de Castro Meneses, para exercer interinamente o cargo de Chefe Maior do Comando Superior da Guarda Nacional da Capital durante o impedimento do Tenente Coronel José Coelho da Gama e Abreu que se acha com licença”. *Gazeta Oficial*. Belém, 24 de abril de 1868.p.1.

<sup>26</sup> *Relatório a respeito da filiação do Barão de Marajó à Academia Real das Ciências de Lisboa*. 14 de dezembro de 1883. Sobre esse assunto, foi publicada uma nota no jornal *Gazeta de Notícias*: “Em sessão da segunda classe da Academia Real das Ciências de Lisboa, foi ontem proposto para sócio correspondente o Barão de Marajó”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1883.p.2.

<sup>27</sup> “Várias comissões foram enviadas para darem execução ao programa; os srs. Barão de Guajará, Barão de Marajó, Dr. João Antonio Luiz Coelho, Dr. Américo Marques de Santa Rosa, Manoel Baena, João Lúcio de Azevedo, Bernardino Pinto Marques, Dr. Emílio Goeldi, Dr. Arthur Lemos, conselheiro Samuel Wallace Mac-Dowell, Dr. Justo Chermont, João Ferreira de Andrade Muniz, Dr. Henrique Santa Rosa e Arthur Vianna receberam a incumbência de promoverem a fundação do Instituto. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. vol. I. Ano 1, 1900.p.2.

<sup>28</sup> Ver: FIGUEIREDO, Aldrin. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA, 2008.

Nesta última, foi expositor da Seção de Arqueologia e Etnologia, substituindo Ladislau Netto, sendo também responsável pela tradução e publicação em língua inglesa do material produzido pela delegação do Pará.<sup>29</sup> Escreveu os livros *Do Amazonas, ao Sena, Nilo, Bosphóro e Danúbio: Apontamentos de viagens* (1874/76), *A Amazonia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil* (1883), *Um Protesto: Respostas ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle* (1884), e *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas* (1896).

A memória de suas obras como presidente da Província e intendente da cidade de Belém é muito pouca (como a Rua Gama Abreu localizada no bairro do Comércio); a imagem de José Coelho da Gama e Abreu é principalmente do estudioso, como nos sugere a fotografia abaixo, na qual vemos a pose séria e centrada, sua barba muito longa, sugerindo experiência, uma idade mais avançada e vestindo um traje elegante.



**Figura 1. José Coelho da Gama e Abreu, Barão do Marajó.**

Fonte: Reprodução de foto do Acervo Victorino Coutinho Chermont de Miranda, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: CRISPINO, L., BASTOS, V., TOLEDO, P. *As origens do Museu Goeldi – Aspectos Históricos e Iconográficos*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

---

<sup>29</sup> “Achando-me em Chicago como membro da comissão brasileira em 1893, e tendo sido dispensado por doente o membro da Comissão Conselheiro Ladislau Netto, a cargo de quem estava a Sessão de Arqueologia e Etnologia, nenhum dos comissários quis encarregar-se dela, e como eu na qualidade de Delegado do Pará remetera muitos objetos referentes a esta sessão, e algumas notas a respeito, exigiram que eu me encarregasse da sessão, mas no caso de minha recusa ficando talvez fechada a sessão, aceitei o encargo, o que me obrigou a ler alguns trabalhos sobre a matéria. Resposta do Sr. Barão de Marajó. Belém do Pará, 17 de janeiro de 1895. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*. vol 1. Pará: Typographia de Alfredo e Silva, 1895. p.86.

Ser retratado em uma mesa de estudo ao lado dos livros revela uma imagem de quem busca distinção pela ilustração e pela elegância. Lembra o imperador D. Pedro II, que buscou para si uma imagem ligada à ciência e à erudição.<sup>30</sup> De acordo com Adeline Daumard,<sup>31</sup> os retratos individuais ou coletivos, além da sensibilidade do artista, expressam a ideia que os modelos faziam de si mesmos. Na França, durante o século XIX, eram recorrentes três temas para os retratos de homens: em primeiro lugar o homem de uma profissão ou função como os oficiais e os magistrados retratados com os trajes do ofício; em segundo o homem de gabinete no seu escritório com seus livros e, por último, o homem de ação discursando, caçando ou praticando esportes.<sup>32</sup> Portanto, a imagem do homem de gabinete é a que pode ser percebida na foto de Gama e Abreu. Não é somente essa fotografia que sugere o intuito de Gama e Abreu de ser lembrado como um erudito, em seus livros existem poucas referências a sua atuação política, mas ocorre uma ênfase na sua atuação intelectual. O primeiro livro que publicou, *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio*, é um exemplo da busca em expor sobre si uma imagem de erudição.

Na sua correspondência com a Academia de Ciências de Lisboa, sua atuação política é mencionada sempre atrelada ao trabalho do intelectual. No documento de 16 de fevereiro de 1884, Gama e Abreu demonstrava efusivamente sua honra de ter sido reconhecido como sócio correspondente desta instituição agradecendo ao presidente. Em 17 de fevereiro de 1884, ele enviou para a biblioteca da Academia Real das Ciências de Lisboa um exemplar da obra *Um Protesto: Respostas ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle* (1884), divulgando a posição brasileira na questão do território contestado franco-brasileiro.<sup>33</sup>

Junto a esse exemplar foram enviadas as obras: *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio; Amazonia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil; Relatório de Governo da Província do Amazonas de 1865; Relatórios de Governo da Província do Pará de 1879, 1880 e 1881 e Folhetim* (impresso em um jornal do Pará). Em 11 de março de 1895, enviou o volume da edição inglesa relativa ao Pará na Exposição de Chicago (1893) e os números da *Revista da Sociedade de Estudos Paraenses*, presidida por ele. Essa correspondência mostra uma preocupação em divulgar

---

<sup>30</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>31</sup> DAUMARD, Adeline. *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>32</sup> DAUMARD, Adeline. *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.p.36-37.

<sup>33</sup> Documentos disponíveis a partir do site da *Academia Real de Ciências de Lisboa* <http://www.acad-ciencias.pt/>

assuntos referentes à Amazônia na sociedade científica e a sua atuação como intelectual e político em prol de sua região.<sup>34</sup>

Essa imagem de Gama e Abreu é recorrente em três textos biográficos que foram escritos sobre ele. Todos os biógrafos estão de alguma forma relacionados à intelectualidade portuguesa, possuíam vínculos pessoais com o biografado e apresentaram uma imagem positiva: o jornal *Diário Illustrado* (1875), a revista *Brasil-Portugal* (1899) e o livro *Factos e Homens do meu tempo – memórias de um jornalista* (1907).

O jornal lisbonense *Diário Illustrado* publicou, em 1875, uma pequena biografia de José Coelho da Gama e Abreu destacando a sua formação em Portugal, a atuação política no Brasil e a promissora carreira de escritor. O articulista João de Souza Amado era amigo da família do biografado, o que leva a uma parcialidade do discurso. Para João de Souza Amado, as qualidades do caráter de Gama e Abreu eram devidas a sua origem portuguesa e a sua educação:

Dizem respeito as linhas que seguem ao comendador José Coelho da Gama e Abreu, brasileiro por nascimento, português pela educação e pela origem, cumulativamente brasileiro e português pelo coração.<sup>35</sup>

No ano de 1849, quando estudava Filosofia e Matemática na conceituada Universidade de Coimbra, Gama e Abreu se autodenominava “um estudante alegre, folgazão e descuidoso do presente e do futuro”,<sup>36</sup> não tanto, porque as aulas tomavam boa parte da manhã iniciando às nove e meia e terminando meio dia e meia.<sup>37</sup> Quando cursava o terceiro ano da Faculdade de Filosofia ele estava matriculado como aluno ordinário nas disciplinas: Química Orgânica, Filosofia, Análise Química, Anatomia e Fisiologia Comparadas e Zoologia, disciplinas que demonstram o currículo abrangente do curso de Filosofia na época.<sup>38</sup> Para este intelectual, a Universidade de Coimbra era um local onde

---

<sup>34</sup>Documentos disponíveis a partir do site da *Academia Real de Ciências de Lisboa* <http://www.acad-ciencias.pt/>: *Carta do Barão de Marajó ao presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa*. 11 de março de 1895; *Carta do Barão de Marajó a Diretoria da Academia Real das Ciências de Lisboa* 17 de fevereiro de 1884; *Ficha de sócio correspondente na Academia Real das Ciências de Lisboa do Barão de Marajó* 10 de janeiro de 1884; *Carta de agradecimento do Barão de Marajó a Diretoria da Academia Real das Ciências de Lisboa* 16 de fevereiro de 1884; e *Apresentação dos exemplares do Barão de Marajó* (sem data).

<sup>35</sup> *Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>36</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.74.

<sup>37</sup> *Livro de Matriculas Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra Terceiro Ano*. p.47. Disponível em: [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt). Acesso em 10/12/2014.

<sup>38</sup> *Livro de Matriculas Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra Terceiro Ano*. p.47. Disponível em: [digitalis.uc.pt](http://digitalis.uc.pt). Acesso em 10/12/2014.

a educação primorosa indicava um futuro promissor para Portugal, visto que “hoje o poder das ideias já ali tem criado raízes como em toda parte, muita coisa ainda há que fazer; aquela instituição ainda forma um mundo a parte”.<sup>39</sup>

Sabemos que a Universidade de Coimbra era um tradicional centro de formação, no qual boa parte dos estudantes pertencentes a famílias da elite brasileira buscavam o curso de Direito, porém devemos destacar o enfoque nas Ciências Naturais, algo importante desde a reforma da Universidade de Coimbra em 1772, quando as tendências iluministas provocam um afastamento acadêmico do domínio da escolástica medieval, trazendo modificações no ensino de Teologia, Cânones, Leis, Medicina, Filosofia e Matemática.

Segundo Geraldo Mártires Coelho, o reformismo ilustrado no ensino e na pesquisa, firmado no governo de D. José I e de seu ministro Marquês de Pombal, era pautado nos conceitos de Progresso e de Civilização, que se convertia numa leitura ilustrada e empírica das potencialidades naturais e econômicas da América portuguesa.<sup>40</sup> Apesar dessas mudanças, havia críticas quanto ao caráter fechado do regime colonial português em relação aos viajantes, como observou o cientista Lineu, que escreveu ao naturalista luso-italiano Domenico Vandelli (um dos agentes da reforma educacional de Coimbra) que os lusitanos desconheciam os bens de sua própria natureza.<sup>41</sup>

Para o historiador José Augusto Pádua, a Universidade de Coimbra e a Academia Real das Ciências de Lisboa serviam como polo de gravitação de intelectuais influenciados pela cultura iluminista e com influxos românticos, sendo muitos deles nascidos no Brasil, que procuraram pesquisar e debater a respeito da potencialidade econômica das diferentes regiões da América portuguesa.<sup>42</sup> Nesse contexto, surgiram obras como: *Ensaio de descrição física e econômica da Comarca de Ilhéus na América* (1789) de Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt e Sá;<sup>43</sup> *Memórias sobre a pesca da*

---

<sup>39</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.66.

<sup>40</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *O Espelho da natureza: o poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil*. Belém: Paka-Tatu, 2009.p.92-93. Sobre o mesmo assunto ler PÁDUA, José Augusto. *Natureza e Sociedade no Brasil monárquico*. Org. GRINBERG, Keila; SALLES Ricardo. *O Brasil Imperial. v.3 1970-1889*. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

<sup>41</sup> VANDELLI, Domingos. *Memória sobre algumas produções naturais deste reino Academia das Ciências de Lisboa, Memórias Econômicas*, v. I, Lisboa, Banco de Portugal 1990. p.135.

<sup>42</sup> PÁDUA, José Augusto. *Natureza e Sociedade no Brasil monárquico*. Org. GRINBERG, Keila; SALLES Ricardo. *O Brasil Imperial. v.3 1970-1889*. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p.318-320.

<sup>43</sup> Formado em direito e filosofia na Universidade de Coimbra e em mineralogia na universidade de Freyberg, foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Durante o período de 1823 a 1835 exerceu os cargos de deputado e senador.

*baleia e extração do seu azeite* (1790) de José Bonifácio de Andrada e Silva<sup>44</sup> e *Memória sobre o melhoramento da província de São Paulo* (1810) de Antônio Veloso de Oliveira.<sup>45</sup> Os títulos dessas obras sugerem o caráter de um conhecimento da natureza voltado para a exploração econômica racional.

No bojo de valorização do empirismo e das ciências naturais da Universidade de Coimbra surgia, em 1779, a Academia Real das Ciências de Lisboa.<sup>46</sup> O grande responsável pela concretização deste projeto acadêmico foi o 2º Duque de Lafões (D. João Carlos de Bragança de Sousa Ligne Tavares Mascarenhas da Silva), auxiliado na elaboração dos estatutos e na definição dos objetivos da Academia por José Francisco Correia da Serra. Outros sócios fundadores da instituição foram: Luís António Furtado do Rio de Mendonça e Faro, 6º Visconde de Barbacena (1754-1830), e de Domingos Vandelli (1735-1816), professor italiano contratado para a Universidade de Coimbra.

As Academias Científicas foram criadas a partir do século XVII, pretendiam impulsionar as pesquisas, divulgar e promover a aplicação de novos conhecimentos científicos e técnicos. Algumas importantes instituições foram a *Accademia dei Lincei* (1603), a *Accademia del Cimento* (1657), a *Royal Society* de Londres (1660), a *Académie des Sciences de Paris* (1666) e a *Academia das Ciências de Berlim* (1700). As Academias favoreciam as redes de contatos entre intelectuais através de eventos, publicações e premiações aos trabalhos mais relevantes.

A Academia Real das Ciências de Lisboa era estruturada em três classes: a das Ciências de Observação, a das Ciências de Cálculo e a terceira era a de Belas Artes. Cada

---

<sup>44</sup> Formado em Matemática e Filosofia na Universidade de Coimbra foi um naturalista, estadista e poeta brasileiro. É conhecido pelo epíteto de "Patriarca da Independência" por ter sido uma pessoa decisiva para a Independência do Brasil. Foi ministro do Reino e dos negócios estrangeiros de janeiro de 1822 a julho de 1823. Organizou a ação militar contra os focos de resistência à separação de Portugal, e comandou uma política centralizadora. Durante os debates da Assembleia Constituinte, deu-se o rompimento dele e de seus irmãos Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva com o imperador. Em 16 de julho de 1823, D. Pedro I demitiu o ministério e José Bonifácio passou à oposição. Após o fechamento da Constituinte, em 11 de novembro de 1823, José Bonifácio foi banido e se exilou na França por seis anos. De volta ao Brasil, e reconciliado com o imperador, assumiu a tutoria de seu filho quando Pedro I abdicou, em 1831. Permaneceu como tutor do futuro imperador até 1833, quando foi demitido pelo governo da Regência.

<sup>45</sup> Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra, indo exercer a magistratura na Ilha da Madeira. No Brasil foi Chanceler da Relação do Maranhão em sua instituição; Desembargador do Paço; Deputado da Mesa de Consciência e Ordens; Juiz Conservador da Nação Britânica em todo o distrito da Casa de Suplicação do Brasil; Primeiro Deputado da Junta da Administração da Fazenda, na Capitania do Maranhão; Deputado à Assembleia Constituinte; Comendador da Ordem de Cristo.

<sup>46</sup> Segundo o artigo 1º do Plano de Estatutos da Academia publicado em 1780, os objetivos da instituição eram: "a glória e felicidade pública, para adiantamento da Instrução Nacional, perfeição das ciências e das Artes e aumento da indústria popular." Para mais informações sobre a Academia Real das Ciências de Lisboa pode-se consultar os seguintes sites: [www.acad-ciencias.pt/](http://www.acad-ciencias.pt/) e <http://cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e31.html>.

classe possuía sócios efetivos, sócios honorários, estrangeiros, correspondentes e supranumerários. Gama e Abreu foi eleito sócio correspondente desta instituição em 10 de janeiro de 1884 na segunda classe (Ciências de Cálculo).<sup>47</sup>

Segundo João Amado de Souza, Gama e Abreu “entretecia (...), com louros que atestavam os seus triunfos intelectuais”<sup>48</sup> a educação aprendida nas escolas lisboetas.<sup>49</sup> Já os excessos da vida afetiva e sua grande vitalidade eram justificados por seu “coração equatorial”<sup>50</sup>: “Saudável, talentoso, abastado, livre, criando por toda parte afeições perduráveis, o ardente filho do equador aplicava não raro, aos mais filantrópicos empreendimentos a sua exuberante vitalidade”.<sup>51</sup> O nascimento na região tropical favoreceria a conquista de inúmeras damas:

não revelara quantas damas sevilhanas, lisboenses e coimbrenses se sentiram alanceadas pelo olhar tropical do moço acadêmico, nem tratará de investigar quantos pedaços daquele coração equatorial ficaram disseminados por entre os laranjais em flor da estremadura portuguesa, a sombra dos salgueiros que se (ilegível) nas águas poéticas do Mondego, ou por sobre as moitas odorantes dos jardins da Andaluzia.<sup>52</sup>

João de Souza Amado destacou a carreira acadêmica e as situações difíceis enfrentadas por Gama e Abreu, narrando uma vida agitada desde a infância fugindo da Cabanagem até a sua viagem para Lisboa em 1875. José Coelho da Gama e Abreu nasceu 12 de abril de 1832, no estado do Pará, filho de Anastácia Micaela da Gama Lobo e do português José Coelho de Abreu<sup>53</sup> que foi um oficial da marinha portuguesa e fez parte de uma comissão delimitadora do rio Amazonas e seus afluentes. Sua família devido à Cabanagem teve que se radicar em Portugal no ano de 1835, só retornando ao Brasil definitivamente em 1845.<sup>54</sup>

---

<sup>47</sup> “Barão de Marajó, brasileiro, eleito sócio correspondente em 10-01-1884 (2ª classe). Foi lido o parecer na seção de 13-12-1883. Foi proposto em 27-11-1883. Chamava-se José Coelho da Gama e Abreu”. *Relatório da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Folha 1486.14 de dezembro de 1883.

<sup>48</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>49</sup> “surgindo nas escolas de Lisboa os primeiros lampejos de seu claro espírito”. *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>50</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>51</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>52</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>53</sup> “José Coelho da Gama e Abreu, filho de José Coelho de Abreu, natural do Pará, Império do Brasil. Rua dos Loios, n. 239. *Livro de Matriculas Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra Terceiro Ano*. p.47. Disponível em: digitalis.uc.pt. Acesso em 10/12/2014.

<sup>54</sup> “Seu pai, conquanto estabelecido naquela cidade, onde casara e onde possuía uma vasta fortuna, preferiu, até o fim de sua longa carreira, a nacionalidade portuguesa às honras e vantagens que a troca dela podia facilmente adquirir, e nunca o bom nome do país que lhe fora berço tivera mais caloroso e convicto defensor. A esta ardente afeição do benemérito português pela terra em que nascera e também aos destinos que ensanguentaram o Pará em 1835, se deveu passar o Sr. Abreu em Portugal a maior parte da infância e da juventude”. *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875. p.1.

Essa escolha pelo exílio deve ter sido comum às famílias de origem portuguesa, pois os principais alvos dos cabanos eram os portugueses e os maçons. Os primeiros simbolizavam a exploração social e os segundos eram considerados homens que contrariavam as leis da justiça divina na terra.<sup>55</sup> A Cabanagem iniciou em 1835 e terminou apenas em 1840, deixou mais de 30.000 mil mortos, sua abrangência chegou às fronteiras da Amazônia internacional e no centro oeste brasileiro. O abalo foi tão intenso que a população do estado só teria começado a crescer em 1860.<sup>56</sup> No primeiro momento da revolução, os cabanos combateram as principais autoridades da província; no segundo muitas casas foram invadidas e os cabanos pretendiam matar ou agredir mulheres ou parentes de portugueses.<sup>57</sup>

João Amado de Souza enfatizou outro movimento social em que seu biografado participou. Trata-se dos conflitos de 1851 que envolveram estudantes da Universidade de Coimbra e a tropa armada, nos quais os estudantes reivindicavam direitos democráticos.<sup>58</sup> Esses conflitos faziam parte do tenso contexto político português, de 1846 a 1851, que foi marcado por diversas revoltas contrárias à política centralizadora.

De acordo com Maria Manuela Ribeiro, havia uma grande insatisfação, devido ao governo do Ministro Antonio Bernardo da Costa Cabral que tornou vigente a carta constitucional de 1826. O governo de Costa Cabral era fundamentado em uma complexa burocracia e no exército, pretendia instaurar a ordem e beneficiar a alta burguesia financeira e os proprietários de terra, sendo que essa política desagradava a muitos.<sup>59</sup> Outra prática polêmica de seu governo era o controle das eleições, sendo o sufrágio censitário e indireto.

Por isso, ocorreram vários movimentos a favor da democracia como a Revolta da Maria da Fonte e a Patuleia. Os setembristas (liberais e constitucionais) iniciaram um movimento contra o governo em 1846, intitulado Revolta da Maria da Fonte, essa

---

<sup>55</sup> RICCI, Magda. Nação e revolução: a Cabanagem e a experiência da “brasilidade” na Amazônia (1820-1840) na coletânea: *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açaí, 2010.p.143.

<sup>56</sup> <sup>56</sup> RICCI, Magda. Nação e revolução: a Cabanagem e a experiência da “brasilidade” na Amazônia (1820-1840) na coletânea: *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açaí, 2010.p.141.

<sup>57</sup> RICCI, Magda. Nação e revolução: a Cabanagem e a experiência da “brasilidade” na Amazônia (1820-1840) na coletânea: *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açaí, 2010.p.143.

<sup>58</sup> “Em 1851, por exemplo, foi ele um dos que mais se esforçaram, com risco de vida para apaziguar as graves desordens que haviam travado em Coimbra entre os estudantes e a tropa”. *.Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>59</sup> RIBEIRO, Maria Manuela de Bastos Tavares. Crise Revolucionária e Ordem Pública (1846-1851). *Revista de História*, v.8. Porto, 1988.p.301-312.

tentativa foi frustrada pelas tropas do Marechal Saldanha que assumiu o poder e deu continuidade à política de Costa Cabral, contando com apoio do governo espanhol. A Patuleia (1846-1847) foi uma guerra civil entre os Cartistas, que apoiavam a Saldanha e a continuidade da carta Constitucional de 1826, e a oposição que propunha reformas políticas, econômicas e no ensino formado pelos Progressistas (mais exaltados e republicanos) e os Legitimistas (que pretendiam o retorno de uma monarquia absolutista).

60

Em 1848, o governo contornava a revolta com medidas ainda mais repressivas e burocráticas que levaram à escassez de alimentos e de objetos de consumo, cujos preços aumentavam bastante. Essa situação levou à formação de grupos liberais radicais como o Triunvirato Republicano, formado pelos jornalistas José Estevão, Rodrigues Sampaio e Oliveira Marreca. Alguns jornais professavam, inclusive, tendências socialistas como demonstravam os jornais *o Eco dos Operários* (1850-1851) e *A Esmeralda* (1850-1851), porém essa tendência socialista diminuiu consideravelmente em 1851 com a Regeneração (vitória dos Cartistas representados por Saldanha) que dava continuidade às medidas repressivas, porém muitos ainda reivindicavam a democracia.<sup>61</sup>

Esse contexto político conturbado fez parte da vivência de Gama e Abreu, que era democrata e moderado, talvez por ter vivido em Coimbra no auge das lutas pela democracia.<sup>62</sup>

O biógrafo João de Souza Amado destacou mais duas situações difíceis, ocorridas no período de sua formação na Universidade. Um incêndio ocorrido na Universidade de Coimbra, em 1852, que contou com a ajuda de vários estudantes para combatê-lo, entre eles Gama e Abreu, que atuou na parte mais complicada do trabalho que era a abertura do telhado de um dos prédios. No mesmo ano, houve uma inundação na parte baixa de Coimbra, segundo o biógrafo, Gama e Abreu prestou “serviços, que lhe custaram, além de algumas contusões, o andar molhado, desde a madrugada até a noite, estando por vezes a pique de se afogar”.<sup>63</sup>

---

<sup>60</sup> RIBEIRO, Maria Manuela de Bastos Tavares. Crise Revolucionária e Ordem Pública (1846-1851). *Revista de História*, v.8. Porto, 1988.p.302-304.

<sup>61</sup> Sobre os republicanos portugueses ver: *Gênese do Movimento Republicano*. Disponível em: [www.infopedia.pt/](http://www.infopedia.pt/). Acesso em: 23 de julho de 2014.

<sup>62</sup> “o entusiasmo com que ele afirmava as suas opiniões rasgadamente democráticas, opiniões que embora moderadas pela experiência do mundo, se pode hoje reputar nunca desmentidas;”. *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>63</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

Em 1854, retornou ao Pará, sendo recebido pela família e amigos, iniciando em 1855 sua carreira como lente de Matemática no Liceu Paraense e diretor das Obras Públicas.<sup>64</sup> Em 1857, casou-se com Maria Pombo Brício<sup>65</sup> “uma compatriota rica de fortuna e mais ainda de virtudes”.<sup>66</sup> A década de 1860 trouxe grandes perdas afetivas: em 1863 seu pai, em 1864 sua mãe e em 1867 sua esposa, que faleceu dando a luz ao 5º filho. Gama e Abreu estava no Rio de Janeiro e soube apenas da notícia da morte da esposa.

Em 1867, iniciou a carreira parlamentar e durante o ano de 1868 foi Presidente da Província do Amazonas; não permaneceu muito tempo no cargo porque não quis acatar a imposição feita pelo governo dos candidatos ao senado, procurando não interferir nas eleições. Articulista do jornal *O Liberal do Pará*, polemizava com políticos do partido conservador representado pelo jornal *Diário do Gram-Pará*, além de se envolver na Questão Religiosa opondo-se ao bispo D. Macedo Costa.<sup>67</sup> Gama e Abreu, então Presidente da Província, se opôs ao Bispo novamente na chamada *Questão Nazarena*, em que D. Macedo exigia que a procissão do Círio de N. S. de Nazaré ocorresse somente de acordo com as diretrizes do bispado e com acompanhamento do clero.<sup>68</sup>

Em 1869, ele presenciou um incêndio em uma oficina pirotécnica do Bairro de Nazaré, em Belém, que atingiu sua residência, ele teria atuado juntamente com três de seus escravos e certo número de pessoas para debelar o incêndio. Muito próximo dele três pessoas foram atingidas mortalmente, um deles era escravo de sua propriedade. Seu biógrafo acreditava que todas essas situações adversas fossem suficientes para que ele fixasse residência na Europa:

---

<sup>64</sup> “As obras públicas, quer gerais, quer provinciais pouco tem progredido pelo estado epidêmico da capital. Havendo seguido para a Corte do Império o Capitão dos Engenheiros Juvencio Manuel Cabral de Menezes, que servia interinamente de diretor da Repartição respectiva, e não existindo aqui outro engenheiro, que o pudesse substituir, nomeei para exercer esse emprego o Dr. em Matemática José Coelho da Gama e Abreu; a quem por certo não falta idoneidade precisa para bem desempenha-lo”. PARÁ, Província do. *Exposição 1855*. Vice Presidente João Maria de Moraes. *Publicado como anexo da Falla 26 de outubro de 1855*. 31 de julho de 1855.

<sup>65</sup> A família Pombo era uma das famílias com muito prestígio desde o período colonial. A respeito das famílias da elite paraense ver: BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará -1850-1870*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

<sup>66</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.

<sup>67</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2. Vários trabalhos discutiram a Questão Religiosa como as teses de: NEVES, Arthur de Freitas. *Solidariedade e Conflito: estado liberal e nação católica no Pará sob o pastorado de Dom Macedo Costa (1862-1889)*. Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. ; e MARTINS, Karla Denise. *Cristóvão e Romanização do Inferno Verde: as propostas de D. Macedo Costa para a civilização da Amazônia (1860-1890)*. Tese de Doutorado em História. UNICAMP, Campinas, 2005.

<sup>68</sup> NEVES, Arthur de Freitas. Instrução pública nos relatórios oficiais e na correspondência do Império: Bispo, Asilo e Ultramontanismo. *Revista HISTEDBR On-line*. Número especial, out. Campinas, 2011. p. 211-223.

D'este modo se enfraqueciam os laços que o haviam prendido ao país natal. Nem país, nem consorte ali o retinham; já a política em cujas aras não quisera sacrificar a rigidez de seus princípios, pagava-lhe em desgostos a desusada ofensa; os filhos em cujo entrado afeto fazia consistir sua única felicidade, não poderiam receber no Pará a educação esmeradíssima que desejava dar-lhes; e por outro lado sentia renascer cada vez mais veementemente o desejo de voltar para esta parte do globo em que se encontram as mais amplas manifestações da civilização e do progresso.<sup>69</sup>

Gama e Abreu matriculou o filho mais velho em uma escola do Rio de Janeiro e mais tarde o enviou para continuar sua formação em uma Universidade de São Paulo; deixou a filha mais nova no Pará, aos cuidados de parentes, libertou os escravos que possuía e levou consigo os outros três filhos para a residência adquirida em Lisboa no ano de 1869.<sup>70</sup>

Quando João de Souza Amado escreveu o artigo, em 1875, já haviam sido publicados os dois primeiros volumes da obra *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de viagem* e conclui que “a merecida aceitação de sua primeira obra deve incitá-lo a retomar dentro de pouco a pena de narrador”.<sup>71</sup>

Gama e Abreu permaneceu um tempo na Europa. Mas, ao contrário das previsões de seu biógrafo de que ele permaneceria em Lisboa, em 1879 estava de volta ao Pará como Presidente da Província (1879-1881). Seu interesse pela região de origem aumentava, pois escreveu na década de 1880 duas obras nesse sentido: *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil* (1883) e *Um Protesto: resposta às pretensões da França a uma parte da Amazonia manifestadas por Mr. Deloncle* (1884).

Observemos uma descrição feita em uma revisa luso-brasileira, publicada em 1899, neste periódico Gama e Abreu é citado como um brasileiro conhecedor da região amazônica:

O Barão de Marajó, um brasileiro proeminente, uma das mais simpáticas individualidades do norte do Brasil, que nos altos cargos exercidos tem uma longa lista de serviços ao seu país, trata n'este número, e n'outros que vão seguir lhe, de um dos mais importantes ramos da riqueza do Brasil: a borracha.

Vivendo habitualmente no Pará, conhecendo profundamente toda a vasta região amazônica, por onde se espalha aquele riquíssimo produto vegetal, que é hoje um dos principais elementos do comercio brasileiro, o Barão de Marajó trata nesses artigos tão proeficientemente do assunto, tão instrutivos são os esclarecimentos que dá, tão nítida a forma de expor, e tão seguros os seus pontos de vista que chamamos particularmente a atenção dos leitores do Brasil-Portugal para as páginas que o ilustre publicista subscreve.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> *Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.

<sup>70</sup> *Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.

<sup>71</sup> *Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.

<sup>72</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal illustrada. Ano 1, n°1, 1 de fevereiro de 1899.p.1.

Trata-se da revista *Brasil-Portugal*, destinada especialmente aos brasileiros que viviam em Portugal, na qual Gama e Abreu, já intitulado Barão de Marajó, colaborava escrevendo, em especial, sobre a Amazônia. O segundo número da revista *Brasil-Portugal*, publicou um pequeno artigo biográfico, no qual dá pouca ênfase ao passado conturbado de Gama e Abreu iniciado “por ocasião da sanguinolenta revolução de 35, fugiu com toda a família para escapar aos horrores dessa época de perigos”.<sup>73</sup>

Tal como a revista, as obras de Gama e Abreu privilegiaram o esquecimento e o “fechamento das feridas” da Cabanagem, o enfoque em suas obras é a Amazônia a partir do ano de 1855, o ano em que ele começa a se envolver com a política tanto no estado do Pará quanto no Amazonas.<sup>74</sup> Nesse contexto, ocorrem aceleradas transformações como o aumento das exportações do látex, a abertura comercial do Rio Amazonas e iniciam os projetos de modernização do espaço urbano. Para Gama e Abreu, o movimento de 1835 foi um “cataclismo revolucionário” e “verdadeira febre de sangue”:

Cataclismo revolucionário, uma verdadeira febre de sangue parecia ter se apoderado das classes mais inferiores, a princípio contra estrangeiros, e depois contra os próprios conterrâneos, pouco a pouco foram fechando as feridas que tão largamente tinham sangrado.<sup>75</sup>

Segundo Magda Ricci, os cabanos e suas lideranças não eram apenas parte de um movimento social típico do período regencial do Império Brasileiro, pois apesar de se intitularem “patriotas”, ser patriota não era sinônimo de ser brasileiro.<sup>76</sup> Surgia no movimento uma identidade comum entre negros, indígenas e mestiços cujo fundamento seria “o ódio ao mandonismo branco e português e na luta por direitos e liberdades”.<sup>77</sup> Se em meados de 1835, ser “patriota” e “brasileiro” tinha uma relação forte com o antilusitanismo, esses significados mudaram com o advento do segundo império.

Nesse sentido, Lilia Schwarcz menciona que a elite da corte buscava o fortalecimento da monarquia e a formação de uma identidade nacional, como é

---

<sup>73</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, nº2, 16 de fevereiro de 1899.p.9.

<sup>74</sup>BLAKE, Augusto Sacramento Vitorino. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

<sup>75</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.10.

<sup>76</sup> Para mais informações sobre a Cabanagem ver o artigo de Magda Ricci. RICCI, Magda. Nação e revolução: a Cabanagem e a experiência da “brasilidade” na Amazônia (1820-1840). In: CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis. (orgs). *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açai, 2010.

<sup>77</sup>RICCI, Magda. Nação e revolução: a Cabanagem e a experiência da “brasilidade” na Amazônia (1820-1840). In: CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis. (orgs). *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açai, 2010. p.142.

demonstrado no debate que ocorreu no IHGB, sendo presidido por D. Pedro II, em 1849, intitulado “O estudo e a imitação dos poetas românticos promovem ou impedem o desenvolvimento da poesia nacional?”.<sup>78</sup>

A partir da década de 1850, o imperador D. Pedro II passou a participar cada vez mais da vida intelectual do império, favorecendo as iniciativas culturais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o estado colaborava com 75% das verbas dessa instituição.<sup>79</sup>

Para o historiador José Augusto Pádua, a consolidação da monarquia estimulou a dominância do romantismo, porém com especificidades. Pois, o romantismo europeu tinha como objeto regiões relativamente pequenas e o Brasil, ao contrário, possuía o território vasto; outro enfoque do romantismo europeu eram comunidades dotadas de forte homogeneidade linguística e cultural (como Galícia e Provença), já o Brasil possuía uma população heterogênea e um grande número de escravos africanos; outra característica desse movimento na Europa era a narrativa livre e identificada com o “espírito do povo” que muitas vezes se chocava com os interesses dos estados. No Brasil, suas características, consideradas difíceis na busca de uma unidade nacional, teriam favorecido a condição de arte semioficial submetida aos arranjos monárquicos.<sup>80</sup> Todas essas especificidades teriam favorecido “um romantismo ambíguo e com pouca base conceitual”.<sup>81</sup>

Coincidência ou não, Gama e Abreu, em 1855, iniciou uma identificação cada vez maior com a pátria de nascimento e mais ainda com a Amazônia, pois retornou para exercer cargos públicos. As relações com Portugal continuaram muito fortes, mas, a forma como ocorre esse contato modifica, e Gama e Abreu se tornará cada vez mais brasileiro e amazônico com o passar do tempo, especialmente após receber o título de barão por bons serviços prestados ao império no ano de 1881.<sup>82</sup>

---

<sup>78</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.126-127.

<sup>79</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.126-127.

<sup>80</sup> PÁDUA, José Augusto. *Natureza e Sociedade no Brasil monárquico*. Org. GRINBERG, Keila; SALLES Ricardo. *O Brasil Imperial. v. III 1970-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p.332-333.

<sup>81</sup> PÁDUA, José Augusto. *Natureza e Sociedade no Brasil monárquico*. Org. GRINBERG, Keila; SALLES Ricardo. *O Brasil Imperial. v. III 1970-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.p.332-333.

<sup>82</sup> “Por decreto de ontem foi agraciado com o título de barão de Marajó o Sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu, ex-presidente da Província do Pará”. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 8 de maio de 1881.p.2.

Em uma carta do ano de 1894, escrita em resposta a um ofício de Emílio Goeldi, Diretor do Museu Paraense de Historia Natural e Etnografia, que pedia apoio na conservação dos sítios arqueológicos, Gama e Abreu se autodefinia como patriota:

Ill.º Sr. Emílio A. Goeldi

Recebi o vosso ofício de 23 de novembro no qual apelando para a minha atividade e boa vontade em servir ao Estado, desejais que vos auxilie em fazer sair o Museu Paraense do estado de abatimento em que por tantos anos tem jazido não vos enganastes em invocar meu patriotismo, pois é ele hoje tão forte quanto o era nos anos já distantes da minha mocidade embora com menos forças.<sup>83</sup>

Possivelmente o patriotismo muito professado de Gama e Abreu o favoreceu na conquista de um título. Eram variados os motivos para a nobreza meritória, com o segundo reinado o número de nobres aumentou muito, D. Pedro II criou 570 novos titulados. Alguns motivos para receber um título eram: o patriotismo, a fidelidade e adesão a S.M.I, serviços prestados, serviços contra a cólera-morbo, serviços na guerra do Paraguai e até trabalhos nas exposições universais. A criação de uma heráldica brasileira ocorreu em 1810, período da regência de D. João VI, a titulação seguia o modelo lusitano tradicional e D. João nomeou 254 nobres. Com a independência o imperador poderia conceder títulos e honras, a cerimônia continuava inspirada no modelo europeu, mas possuía algumas originalidades, no Brasil os títulos por bons serviços não eram hereditários e as cores e representações dos brasões eram inspiradas nos motivos da corte brasileira.<sup>84</sup>

O imperador utilizava os títulos como um instrumento de mediação das relações em períodos de crise da imagem imperial, os títulos compensavam os descontentamentos, a exemplo disso, na década de 1880, foram distribuídas 107 concessões e foi exatamente nesta década, que Gama e Abreu foi agraciado com o título de nobreza.<sup>85</sup>

Ao contrário de seu pai que viveu, casou-se e fez fortuna no Brasil, mas gostava de ostentar a nacionalidade portuguesa; o Barão de Marajó viveu grande parte de sua vida em Portugal, mas definia-se como brasileiro. Em um exemplo dessa autodefinição, quando foi aclamado como presidente de uma reunião de portugueses, acreditava que não deveria ocupar o cargo por ser brasileiro, o que não ocorreu devido a insistência dos presentes que consideravam Gama e Abreu como portugueses:

---

<sup>83</sup>Resposta do Sr. Barão de Marajó. Belém do Pará, 17 de janeiro de 1895. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*.vol 1. Pará: Typographia de Alfredo e Silva, 1895. p.86.

<sup>84</sup> Ver o capítulo “Como ser nobre no Brasil”: SCHWARCZ, Lilia Moritz e COSTA, Angela Marques. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.159-204.

<sup>85</sup>SCHWARCZ, Lilia Moritz e COSTA, Angela Marques. Como ser nobre no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.159-204.

Foi simplesmente esplêndida a reunião dos portugueses, ontem pela manhã, nos salões da Assembleia Paraense. (...). O quem foi àquela reunião é impossível descrever, porque o patriotismo sente-se e não se descreve. Sentimos que por falta de espaço, pois o nosso jornal já estava composto e paginado, não possamos dar a notícia tão desenvolvida, como desejávamos, do que se passou. Às 8:30, achando-se presente o Sr. Barão de Marajó, foi aclamado presidente da reunião. Sua Exc. recusou-se dizendo que o lugar competia a um português, mas não consentiram e S.S. teve de presidir a reunião.<sup>86</sup>

A nacionalidade brasileira foi muito destacada no periódico *Brasil- Portugal* enfatizando a imagem do Barão do Marajó como um bom servidor de sua pátria durante os regimes do Império ou da República, devido às suas qualidades pessoais de competência, caráter, inteligência e prestígio:

É longa a lista de serviços prestados pelo Barão de Marajó, título que lhe foi conferido em 1881, no tempo do Império. E tanta era sua competência em assuntos de administração, tanto o prestígio do seu nome, do seu caráter e da sua inteligência, que o nomearam governador do Amazonas, e depois governador do Pará, sendo mais tarde encarregado de representar o Brasil nas exposições de Paris (89), e de Chicago (93). Proclamada a República, seguindo na onda dos novos ideais, aceitou, instado, o lugar de Intendente Municipal de Belém, que lhe deveu importantes melhoramentos, e pouco depois tomava assento no Senado, de que ainda hoje é um dos mais notáveis membros.<sup>87</sup>

A atuação do Barão de Marajó nas exposições internacionais e os melhoramentos realizados na cidade de Belém durante sua gestão como intendente tiveram destaque. A revista *Brasil- Portugal*, ao lado da imagem do político, ressaltava a imagem do intelectual viajante e conhecedor de sua região destacando duas de suas obras como as de maior relevância:

em grande conta é tida toda a sua bagagem literária, desde as suas interessantes obras de viagens, na Europa, na América e no Oriente, até o curiosíssimo livro, o último que publicou sobre as Regiões Amazônicas – trabalho de fôlego, pacientemente elaborado durante anos.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> *O Democrata*. Belém, 11 de fevereiro de 1890.p.2.

<sup>87</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, n°2, 16 de fevereiro de 1899.p.9.

<sup>88</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, n°2, 16 de fevereiro de 1899.p.9.

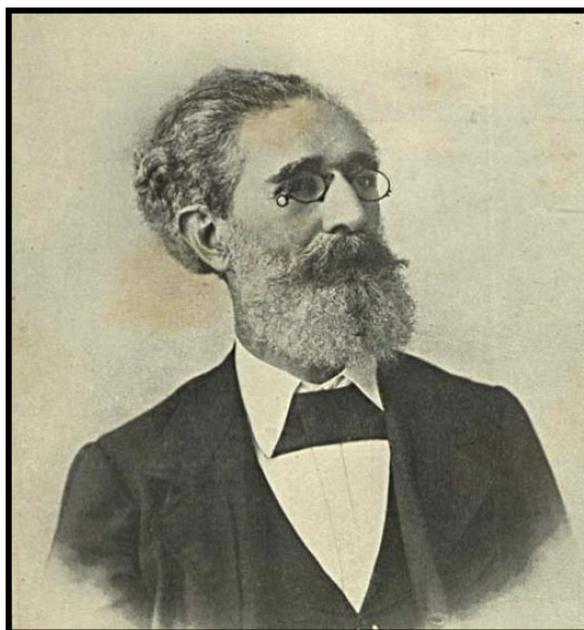


Figura 2. **Barão de Marajó na revista Brasil-Portugal.**

Fonte: *Brasil-Portugal. Revista quinzenal ilustrada*. Ano 1, nº2, 16 de fevereiro de 1899.p.9

O terceiro texto biográfico a respeito de Gama e Abreu foi escrito pelo jornalista português Pedro Wenceslau de Brito Aranha, também colaborador da revista *Brasil-Portugal*.<sup>89</sup> Brito Aranha foi articulista do jornal *O Futuro*, correspondente dos jornais *Diário de Leiria* e *Comércio do Porto*, e redator principal do *Diário de Notícias*. Sócio fundador da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Associação Tipográfica Lisbonense e da Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses.

Brito Aranha foi participante na chamada *Questão Coimbrã* (1865), uma proposta literária e estética que se opunha ao movimento ultrarromântico, denominado por alguns como “teocracia literária” e representado em especial por Antônio Feliciano de Castilho. As críticas feitas pelos “novos poetas” que influenciaram as gerações de 1860 e 1870 enfatizavam uma arte com viés político, voltada para as questões da justiça social, igualdade e liberdade; os principais nomes da nova proposta foram Antero de Quental, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Pinheiro Chagas e Teixeira Vasconcelos.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Brito Aranha escreveu as seguintes obras: *Leituras Populares, Instructivas e Moraes, colligidas para as escolas primarias* (1872), *Memórias Histórico-Estatísticas de Algumas Villas e Povoações de Portugal* (1871), *Subsídios para a Historia do Jornalismo nas Provincias Ultramarinas Portuguesas* (1885) e *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista* (1908).

<sup>90</sup> OLIVEIRA JÚNIOR, Virgílio Coelho. Revolução e imaginação político-literária: o romance *Os Maias* como representação da sociedade portuguesa em face ao liberalismo. *História Unisinos*.n. 18.v.2., Maio/Agosto 2014.p.301-311.

Esse grupo dos novos poetas portugueses da geração de Brito Aranha assemelha-se muito ao grupo de *Bloomsbory*, estudado por Raymond Williams, constituindo-se da mesma forma como uma fração de uma classe abastada, ligada a uma universidade e que propõe mudanças sociais relacionadas ao exercício da intelectualidade.<sup>91</sup> Na época em que ocorriam essas polêmicas, Gama e Abreu fazia suas viagens pela Europa e sendo amigo de Brito Aranha e de Pinheiro Chagas, certamente teve contato com essas ideias.

O texto de Brito Aranha sobre Gama e Abreu está presente na obra *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista* (1908). O livro possui três tomos e narra a respeito de suas memórias sobre a imprensa portuguesa, o mercado editorial, e o círculo intelectual do qual participava. O jornalista escreveu a obra em homenagem a Eduardo Coelho,<sup>92</sup> fundador e diretor do jornal *Diário de Notícias* e um dos fundadores da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Brito Aranha, amigo de longa data de Gama e Abreu, enfatizou em sua biografia as qualidades morais, o círculo intelectual, a produção acadêmica e o gosto pelas viagens, interrompidas pelo trabalho como político:

Ainda que afastado da América, pois que tinha predileção em viajar pela Europa, principalmente em França e permanecer em Lisboa meses seguidos entre seus velhos amigos portugueses, alguns dos quais seriam seus contemporâneos em Coimbra, Gama e Abreu, nas épocas próprias lá se ia a tomar no Pará o seu lugar nas Assembleias legislativas ou onde o chamava o desempenho de funções públicas na sua pátria.<sup>93</sup>

A atuação intelectual era a característica marcante de Gama e Abreu descrito como estudioso, dedicado, viajante curioso e perspicaz.<sup>94</sup> Para Brito Aranha, a grande obra de Gama e Abreu foi *Do Amazonas, ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio* (1874/1876), um livro publicado pela editora Universal, a mesma do *Diário de Notícias*.<sup>95</sup>

No período da produção e publicação do livro, Gama Abreu e Brito Aranha eram assíduos frequentadores da casa do conceituado funcionário do Ministério da Fazenda

---

<sup>91</sup> WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbory. *Plural*. São Paulo, n°6, I sem, 1999.p.139-168.

<sup>92</sup> Eduardo Coelho era irmão do filólogo, escritor e pedagogo Adolfo Coelho e amigo íntimo do escritor Eça de Queirós.

<sup>93</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.132.

<sup>94</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.137.

<sup>95</sup> “deixou alguns livros que lhe abriram as portas de sociedades literárias e científicas, como a Academia Real das Ciências de Lisboa. Entre essas citarei uma, em três tomos, *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio*, Apontamentos de viagem, no qual há páginas interessantes que se leem com deleite”. ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.137.

José Maria dos Passos Valente, que possuía um respeitável salão literário do qual participavam intelectuais, artistas e outros homens ilustres de Portugal.

Faziam parte desse círculo, o advogado Joaquim José Maria de Oliveira Valle, o desenhista Raphael Bordallo Pinheiro, o ator Cesar Polla, o diretor técnico do *Theatro do Gymnasio* e ator Leopoldo de Carvalho entre outros. Passos Valente e Brito Aranha reuniam-se com Gama e Abreu para aconselha-lo acerca da impressão do livro:

Quando acabou de escrever a viagem do Amazonas ao Sena, Nilo, etc, trouxe os quartos do original ao Passos Valente para ouvir sua opinião sensata e ilustrada, e aconselhar-se a cerca da impressão. Acertou, nesse momento estar eu com o amigo de ambos e Passos Valente pedir-me que o encaminhasse na imprensa na tipografia Universal e pouco depois ajustava-se a impressão com o honrado Luiz César, que foi considerado gerente desse importante estabelecimento. As provas das folhas das viagens passavam, alternadamente, das mãos do autor para as nossas, a fim de lhe darmos a revisão técnica, como mais aptos por longo tirocínio nos serviços tipográficos. Ora ai está a história de uns livros. Era curiosíssimo poder saber-se e divulgar-se as voltas que dão certos originais, nas mãos dos autores, antes que os prelos os recebam e imprimam, gozem da luz da publicidade e corram mundo para deleite e instrução dos leitores. Com a impressão desse livro na tipografia Universal vieram a estabelecer-se e estreitar-se as relações mais íntimas do Barão de Marajó com Eduardo Coelho e Thomas Aquino de Antunes (depois conde de São Marçal).<sup>96</sup>

A publicação dessa obra fundamentou a relação de Gama e Abreu com um importante jornal da imprensa portuguesa, o *Diário de Notícias*. Pois, Thomas Aquino de Antunes além de ser proprietário da tipografia Universal era sócio de Eduardo Coelho e Brito Aranha era um dos principais redatores do jornal.

Ainda no contexto da atuação intelectual de Gama e Abreu, Brito Aranha mencionou a participação de seu biografado em uma notável publicação paraense, produzida em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, a obra coletiva *O Pará em 1900*:

O Pará concorreu com um livro notável, não só pelo primor da impressão, em papel superior, acartonado, a cores, com páginas tarjadas com largas vinhetas de fantasia, mas também pela colaboração, na qual vemos nomes vantajosamente conhecidos entre os que tem enriquecido com seus apreciáveis labores a literatura paraense. Entre esses figurou o Barão de Marajó. Este livro intitula-se “O Pará em 1900” e tem 300 páginas *in-folio* pequeno. Coube ao Barão o primeiro capítulo “Geografia Física”, que vai da pagina 5 a 36. A introdução pertenceu a Santa-Anna Nery.<sup>97</sup>

Gama e Abreu se preocupava com o fortalecimento dos laços entre Brasil e Portugal. Nesse sentido, Brito Aranha se refere à criação de um monumento em memória do Almirante Barroso, um dos heróis da batalha de Riachuelo, em um prédio na Rua

---

<sup>96</sup>ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.140-141.

<sup>97</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.142.

Garret, em Lisboa. Brito Aranha e o Barão de Marajó foram os responsáveis em formar uma comissão de brasileiros e portugueses para realizar os trabalhos do memorial.<sup>98</sup>

Outro ponto mencionado por Brito e Aranha foi o bom caráter do biografado, exemplificado pela sua posição contrária à escravatura.<sup>99</sup> Embora Gama e Abreu fosse abolicionista, ele acreditava na inferioridade dos negros, conforme escreveu em suas anotações de viagem:

Não sou escravagista, antes tenho sempre combatido pelas ideias oposta às de escravidão, mas cumpre a bem da verdade que diga que suponho a raça negra inferior á branca. O preto uma vez livre confunde as ideias de liberdade e ociosidade.<sup>100</sup>

Sobre a questão do abolicionismo é importante ressaltar que Gama e Abreu escreveu um texto em resposta ao jornal português *Diário de Notícias*, especificamente ao artigo *Vergonha para o Pará* que denunciou a postura escravagista da Assembleia Legislativa paraense; Gama e Abreu pedia que o povo paraense não fosse julgado escravagista apenas pela opinião de 22 indivíduos que formavam a maioria da Assembleia:

Contra a nódoa que o título do artigo lançaria a todos os paraenses, protesta o fato de diária e gratuitamente serem libertados escravos; protesta o grande número de associações libertárias criadas na Província; protesta a exigência em quase todas as ruas, de caixas libertadoras; protesta a nota estatística, publicada em 1879, na qual se vê que foram libertados na província 76 escravos pelo fundo de emancipação, 906 pelo título oneroso, 1211 por título gratuito; protesta finalmente, o fato de não haver solenidade alguma ou ato de regozijo público, no qual não sejam concedidas numerosas cartas de liberdade, como por ocasião dos centenários de Camões e Pombal.<sup>101</sup>

O elogio de Brito Aranha não era apenas ao abolicionismo de Gama e Abreu, mas se referia também a sua generosidade. Para exemplificar o biógrafo lembrou-se de uma situação ocorrida quando o biografado estava em Lisboa. Ele habitava no segundo andar do prédio e por isso ouvia sem querer as conversas dos vizinhos do 1º andar que passavam por graves problemas financeiros, querendo ajudar, mas temendo ofender a família procurou o criado e enviou por ele uma quantia razoável.<sup>102</sup>

---

<sup>98</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p.143.

<sup>99</sup> “Quando passou a lei do Brasil a abolição da escravatura, ele exultou porque seu animo bondoso estava desde muito propenso a que se restituísse a liberdade ao escravo e que se desse alforria a todos os que trabalhavam acorrentados a gleba por meios que a civilização tinha condenado e que o Brasil, no seu progressivo desenvolvimento, não podia consentir nem conservar”. ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.132.

<sup>100</sup> “ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.50.

<sup>101</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1882.

<sup>102</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.136.

Os três biógrafos ressaltaram aspectos diferentes da formação intelectual de Gama e Abreu, em todos os relatos a imagem do estudioso é mais presente que a do político. João Amado de Souza destacou o estudante esforçado da Universidade de Coimbra; já a revista *Brasil-Portugal* enfatizou a imagem do político e do pesquisador que conhecia profundamente a Amazônia; e Brito Aranha destacava o viajante e intelectual que se fazia presente em importantes círculos intelectuais portugueses.

## 1.2. Breves notas sobre a família

Os biógrafos de Gama e Abreu deram pouca ênfase a sua relação familiar, apenas o jornalista do *Diário Ilustrado*, João Amado de Souza, ofereceu mais detalhamentos a respeito desse tema, ainda que com a ausência de nomes e datas importantes, estes aparecem apenas no texto escrito pelo filho do biografado Jayme Abreu. A revista *Brasil-Portugal* citou poucos dados e o artigo que oferece menos informações é o escrito por Brito Aranha.

Outra observação que se pode fazer é a quase ausência da figura feminina nesses escritos biográficos, mesmo nos jornais a presença feminina é sempre como esposa, mãe, filha ou neta de algum homem que usufruísse de prestígio social. A única figura familiar que se destaca como influência para Gama e Abreu tanto na revista *Brasil-Portugal*, quanto no *Diário Ilustrado* é a do pai, o oficial de artilharia do exército português José Coelho de Abreu (? -1863), um “convicto defensor” de seu país de nascimento que formou uma “vasta fortuna” no Pará, local onde estabeleceu residência e casou-se com Anastácia Micaela da Gama Lobo (? -1864), filha do Tenente Coronel João da Gama Lobo.<sup>103</sup>

A família de Gama e Abreu fugiu para Portugal em 1835 (por ocasião da Cabanagem) retornando ao Pará em 1845. No ano de 1847, José Coelho de Abreu fez em companhia do filho, que tinha então 15 anos, uma viagem ao rio Amazonas para demarcação territorial, essa primeira incursão sobre o rio possivelmente despertou o interesse de Gama e Abreu pelos estudos de geografia.<sup>104</sup> O próprio biografado confirma essa influência no livro *As Regiões Amazonicas*:

---

<sup>103</sup> Informações encontradas no: *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875; e CUNHA BUENO, Antonio Henrique; ALMEIDA BARATA, Carlos Eduardo. *Dicionário das famílias brasileiras: Um livro sem fim. Tomo II*. São Paulo: Tipografia Tucano Ltda., 2000.

<sup>104</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, n°1, 1 de fevereiro de 1899.p.1.

O que vou dizer deste rio não é trabalho meu, antes na sua maior parte será emprestado do trabalho alheio; pouco será devido a mim, a não ser o ter lido muito e examinado memórias, mapas e roteiros que de meu pai obtive assim de suas conversações com que desde menino me acostumei, e levaram aos 15 anos pela primeira vez ao Amazonas com meu pai que me serviu de guia e piloto, indo depois mais quatro vezes ao Rio Negro, ao Solimões e ao Madeira. Este rio foi particular mente visitado por meu pai, que acompanhava os exploradores J.J. Victorio da Costa e Simões, e que, como oficial de marinha, tomava parte nos trabalhos. Dele é um trabalho descritivo que descrevo sobre as cachoeiras.<sup>105</sup>

O enfoque da figura paterna nessas biografias ocorre devido à dominância dessa imagem na vida privada durante o período oitocentista, o poder do pai era justificado por estudos nas áreas do direito, filosofia e política, conforme Michelle Perrot: “De Hegel a Proudhon – do teórico do Estado ao pai do anarquismo- a maioria corrobora seu poderio. É o pai que dá o sobrenome, isto é, quem realmente dá à luz, pois segundo Kant, o nascimento jurídico é o único nascimento verdadeiro”.<sup>106</sup>

Criado em uma família com a forte presença militar do pai, o interesse por matemática, engenharia e geografia física torna-se compreensível. Na esfera familiar, a aliança matrimonial dava continuidade ao círculo de riqueza e poder no qual Gama e Abreu estava inserido; seus pais foram descritos como “extremosíssimos” em suas afeições familiares e pertencente a um círculo de relações composto pelas “pessoas mais notáveis da cidade”, sua futura esposa fazia parte dessa rede, possuindo considerável fortuna e um nome tradicional.<sup>107</sup>

Maria Pombo Brício era filha do Comendador Marcos Antonio Brício, membro de uma importante família advinda do Maranhão, com a filha de Joaquim Clemente Pombo, sendo irmã de Carlota Pombo Brício e Jayme Pombo Brício; os três irmãos tornaram-se herdeiros dos tios Jayme David Brício e Maria do Carmo Pombo Brício que não tiveram filhos.<sup>108</sup> A família Pombo era originária de fidalgos do Reino da Galiza que chegaram ao Pará na segunda metade do século XVIII, um dos descendentes dessa família foi Ambrosio Henriques da Silva Pombo, que recebeu o título de primeiro Barão de

---

<sup>105</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.109-110.

<sup>106</sup> PERROT, Michele. Figuras e papéis. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle.(org) *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.p.107.

<sup>107</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875. p.1.

<sup>108</sup> Essa informação consta no trabalho com inventários feito por Luciana Batista, ver: BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará -1850-1870*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.p.181. Em outras fontes Maria Pombo Brício é citada como filha de Jayme David Brício: ALMEIDA BARATA, Carlos Eduardo. *Dicionário das famílias brasileiras: Um livro sem fim. Tomo II*. São Paulo: Tipografia Tucano Ltda., 2000.

Jaguarari em 1830. Os engenhos de açúcar e as fazendas de criação de gado (que contavam com a utilização de trabalho escravo) eram a base da fortuna dessa família.<sup>109</sup>

Maria participava de alguns importantes eventos na cidade ligados a religião, como o batizado de sete índios da etnia Apinagé, ocorrido em quatro de junho de 1848, na Igreja Matriz de N. S. Santa Ana da Campina; o evento contou com a presença de muitos “cidadãos distintos e muito povo”, além do Batalhão do 3º Batalhão de Artilharia.<sup>110</sup> Os indígenas haviam escolhido seus padrinhos com antecedência no Palácio do Governo, figuravam entre as escolhas pessoas da elite como militares de alta patente, o Presidente da Província Jerônimo Francisco Coelho e membros de famílias tradicionais como Chermont e Pombo Brício. O Comendador e tio de Maria, Jayme David Brício tornou-se padrinho de João Apinagé e a própria Maria Pombo Brício, foi madrinha do índio Manoel, cujo padrinho era o Tenente Coronel Miguel Antonio Nobre.<sup>111</sup>

O batizado dos Apinagés exemplifica os vínculos entre pessoas de condições sociais diferentes através da escolha de testemunhas, padrinhos e madrinhas. Essas relações verticais satisfaziam tanto os membros das elites que ampliavam sua rede de influência quanto os de condição social inferior que almejavam o amparo desses “padrinhos”. Comprovando essa preferência, entre os cinquenta nomes mais frequentes de testemunhas de casamento estavam homens pertencentes à elite da cidade como José da Gama Malcher, Antonio Lacerda Chermont (Visconde de Arari) e José Coelho da Gama e Abreu.<sup>112</sup>

Porém, a escolha dos parceiros para o casamento ocorria, na maioria das vezes, entre pessoas de condição social semelhante; isso era devido às formas de sociabilidade comuns que favoreciam os encontros; existiam poucos desses locais na cidade de Belém do ano de 1847, conforme relata Gama e Abreu: “Havia os bailes da Assembleia Paraense; depois, os do club Terpsychore, onde se dançava muito, e muito se *flirtava*, mas sempre sob os protetores olhos maternos”.<sup>113</sup> Consideravam-se ainda na escolha marital elementos como o nome, a classe, a situação financeira e social.<sup>114</sup>

---

<sup>109</sup> CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém-1870-1920)*. Tese de Doutorado pela Universidade de São Paulo USP: São Paulo, 2006.

<sup>110</sup> *Treze de Maio*. Belém, 10 de Junho de 1848. p.2.

<sup>111</sup> *Treze de Maio*. Belém, 10 de Junho de 1848. p.2.

<sup>112</sup> BARROSO, Daniel Souza. *Casamento e Compadrio em Belém nos meados do Oitocentos*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.p.97.

<sup>113</sup> MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.4.

<sup>114</sup> PERROT, Michele. Figuras e papéis. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle.(org) *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.121-126.

A educação e a profissionalização dos jovens de famílias abastadas permitia certa liberdade na escolha de um par, isso fazia com que a idade dos homens ao procurar um compromisso fosse maior do que das mulheres que em geral se casavam muito cedo, aos trinta anos uma mulher era considerada velha para casar.<sup>115</sup> É importante considerar que Gama e Abreu não dependia financeiramente da família quando decidiu se casar, ocupava o cargo de diretor das Obras Públicas e poderia fazer uma escolha motivada por sentimentos.

Além de pertencer a uma família tradicional, Maria Pombo Brício era instruída e falava francês fluentemente e sendo muito prendada nas artes de costura e bordado, conhecia minuciosamente os tipos de tecido e nenhuma loja famosa, mesmo as de Paris ou Londres, conseguia enganá-la nas compras, pois não aceitava comprar tecidos em que houvesse algodão, considerada uma fibra menos nobre.<sup>116</sup> Gama e Abreu gostava de comprar roupas para sua esposa e para o filho,<sup>117</sup> além de tecidos e objetos decorativos para a casa,<sup>118</sup> escolhidos em lojas luxuosas da França ou da Inglaterra. É modelar esse registro do Barão “ao subir para a carruagem que em Bordeaux devia levar-me e a minha esposa para o cais de embarque dos vapores do Brasil para comprar uns lenços de linho com um certo bordado, mandei seguir para um dos grandes *magasins de blancs*”.<sup>119</sup>

A preocupação com a qualidade dos tecidos demonstrada por Maria Pombo Brício se justifica pela exigência do um mercado internacional de moda que servia como um parâmetro de distinção social; conforme Maria de Nazaré Sarges nas capitais brasileiras, como o Rio de Janeiro e Belém, os tecidos utilizados nos vestidos das grandes damas eram elaborados para ostentar riqueza a preferência era dada aos serafins, sedas e veludos, o algodão era considerado um tecido inferior adequado apenas para gente comum.<sup>120</sup>

---

<sup>115</sup> CANCELA, Cristina Donza. *A família na economia da borracha*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

<sup>116</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.133.

<sup>117</sup> Comprou em um bazar no Cairo um fato de palikar para criança e para a esposa dois pares de babouches, um bournous de lã de camelo, um chambre de seda, dois lenços bordados e uma pulseira de filigrana; em outro bazar egípcio adquiriu xales bordados da Índia, bournous femininos e masculinos, túnicas de seda, jaquetas orientais caftans de lã comum e caxemira, chambre de seda e diversas cintas coloridas ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.143.

<sup>118</sup> Gama e Abreu comprou em um bazar de Constantinopla várias toalhas de mesa coloridas e bordada e um tapete; em um bazar do Cairo um tapete grande e duas xícaras orientais para café; ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.145.

<sup>119</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.133.

<sup>120</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 2ª edição. Belém: Paka-Tatu, 2002.p.29.

A elegância de Maria Pombo Brício aliava-se a uma característica física que fascinou o esposo, ela possuía um pé pequeno e gracioso como das mulheres de Stambul. O fetiche por essa parte do corpo feminino o motivou a comprar sandálias orientais para a esposa:

(...) pequeninas, delicadas de ouro finíssimo de todas as cores, de seda, de veludo, bordadas a seda, a vidrilho, com pérolas, a ouro, a prata ornadas com pedra, e todas tão pequenas que pareciam destinadas a crianças, comprei dois pares, um para minha mulher, cujo pé podia rivalizar com os mais pequenos das Kadines de Stambul, o outro que ainda hoje meus amigos podem ver em minha casa.<sup>121</sup>

Segundo Mary Del Priore, os pés eram uma devoção poética e erótica durante o século XIX, e deveriam ser finos terminando em ponta revelando delicadeza e estirpe nobre:

*Faire petit pied* era uma exigência nos salões franceses; as carnes e ossos dobrados amoldados às dimensões dos sapatos deviam revelar pertencer a um determinado grupo social, do interior do qual as mulheres pouco saíam, pouco caminhavam e, portanto, pouco tinham em comum com escravas ou trabalhadoras do campo ou da cidade, donas de pés grandes e largos. Os pés pequenos, finos e de boa curvatura, eram modelados pela vida de ócio, emblema de “uma raça”, expressão anatômica de sangue puro, sem mancha de raça infecta, como se dizia no século XVIII.<sup>122</sup>

O viajante frequentava bazares orientais do Cairo e de Constantinopla em busca de objetos exóticos e de antiguidades especialmente armas antigas.<sup>123</sup> Para Alain Corbin, após 1850 o valor dos objetos de coleção é definido e o comércio das antiguidades se torna mais estruturado, ocorrendo um aumento considerável no número de colecionadores, que poderiam ambicionar o acúmulo de signos de prestígio social ou mesmo simples lembranças individuais.<sup>124</sup>

Maria Pombo Brício acompanhou o marido em algumas de suas viagens pela Europa, ocorridas no início da década de 1860, e para lugares mais próximos, como Manaus.<sup>125</sup> Viagens como as de Maria não eram incomuns entre as mulheres abastadas, durante no século XIX, algumas mulheres chegaram a escrever e publicar seus diários de viagem como as escritoras Nísia Floresta e Adèle Toussaint- Samson.<sup>126</sup>

---

<sup>121</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.144.

<sup>122</sup> DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p.74.

<sup>123</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.146.

<sup>124</sup> CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.461-463.

<sup>125</sup> *Gazeta Official*. Belém, 18 de abril de 1860.p.4.

<sup>126</sup> MAIA, Ludmila de Souza. Viajantes de saias: escritoras e ideias antiescravistas. *Revista Brasileira de História*, vol. 34, n. 68, São Paulo Jul/Dez. 2014.

Gama e Abreu fez referências à presença da esposa em seus *Apontamentos de Viagem*, assim é através do discurso dele que podemos vislumbrar algumas das características de Maria Pombo Brício. Em uma dessas passagens, Gama e Abreu relatou que ele e Maria estavam em Paris tomando desjejum no *Café Riche* quando encontraram dois grandes amigos; tratavam-se do pesquisador e viajante Mathias de Carvalho<sup>127</sup> e do Visconde de Carvalho,<sup>128</sup> devido a agradável conversação esqueceram-se de pagar a conta, indo alegremente passear no *Bois de Boulogne*; no dia seguinte quando Gama e Abreu retornou ao Café foi cobrado pelo garçom, lembrando da dívida perguntou o porquê de não ter mencionado o esquecimento antes que eles saíssem, o garçom teria respondido que não importunaria jamais um grupo acompanhado de uma senhora.<sup>129</sup>

Maria Pombo Brício da Gama e Abreu era reconhecida mesmo em outro país como uma senhora (dama), esse reconhecimento não se devia apenas aos trajes, mas especialmente à educação. Havia diferenças entre ser uma mulher e ser uma senhora, como podemos perceber em outra situação narrada por Gama e Abreu.

Deixando Maria com o filho em Paris, ele viajou subindo o rio Danúbio para visitar as cidades de Buda, Pesth e Viena.<sup>130</sup> Nessa viagem um homem de meia idade pediu para Gama e Abreu e a outro viajante, de nacionalidade inglesa, para darem atenção a uma senhora que viajaria sozinha; a viajante se chamava Leonnie era bonita, elegante

---

<sup>127</sup> Matias de Carvalho Vasconcelos, formado em Coimbra iniciou suas viagens científicas em 1857, pesquisando na Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Paris, seus objetivos eram: o estudo dos novos métodos de Química prática (em particular os processos metalúrgicos), o desenvolvimentos da Física no estudo do magnetismo terrestre e da meteorologia, e o conhecimento dos modernos aparelhos de medida em uso nos observatórios europeus. Enviou três relatórios das suas viagens. O primeiro abordou o magnetismo e a meteorologia, de acordo com as visitas ao Observatório de Greenwich, perto de Londres, e ao Observatório Real de Bruxelas, onde participou ativamente nos trabalhos de observação do eclipse de solar de 15 de Março de 1858. O segundo relatório incidiu na análise química de ligas metálicas estudada no laboratório da Casa da Moeda em Paris. No último relatório, de 16 de Dezembro de 1858, Matias de Carvalho abordou os novos processos metalúrgicos e a mineralogia. Apesar de só ter regressado a Portugal em 1865, para ocupar o lugar de provedor da Casa da Moeda em Lisboa, não voltou a enviar relatórios. Continuou em representação oficial da Universidade de Coimbra e mediou a aquisição de vários instrumentos e exemplares de História Natural. Foi o único representante português no Congresso Internacional da Química que ocorreu em Karlsruhe, na Alemanha, em 1860, o primeiro congresso científico internacional que foi preponderante no desenvolvimento da Química.

<sup>128</sup> Visconde de Silva Carvalho é um título nobiliárquico criado por D. Luís I de Portugal, por Decreto de 13 de Dezembro de 1865, em favor de João da Silva Carvalho. O filho fez questão da titulação oferecida pelo rei ao seu pai José da Silva Carvalho que recusou por várias vezes títulos de nobreza que lhe encobrissem a sua origem plebeia, em virtude de ser Maçon.

<sup>129</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.181.

<sup>130</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.264.

e espirituosa, mas acabou passando muito mal durante o restante da viagem,<sup>131</sup> Gama e Abreu que estava cuidando da jovem começou a sentir-se atraído:

A francesa adormecera com a cabeça apoiada sobre uma almofada (...); sentado à cabeceira, mesmo sem querer, via uma garganta lindíssima, e parte de um braço do mais belo contorno. Foi só então que avalei devidamente o valor da resistência de Santo Antonio às tentações do demônio, (...). Creio que minha fé no santo, a quem tantos pavios acendi em pequeno, e a vontade de dormir, que ainda restava, triunfaram da tentação, (...).<sup>132</sup>

De manhã os três viajantes desceram em Kustendjié, para pegar um trem para Kezernavoda, local de onde partiria o vapor para o Danúbio. No toldo do vapor estavam famílias inglesas e russas muito ricas, as jovens ostentavam trajes luxuosos: “efetivamente as *toilettes* não desmereceriam aparecendo em *Regent Street* ou nos Campos Elísios”.<sup>133</sup> Leonnie destacava-se como uma das mais belas e elegantes do vapor, porém um pequeno gesto denunciou a sua condição social e mudou a relação com os companheiros de viagem:

A nossa companheira tinha direito a considerar-se não só uma das mais belas que ali se achavam, mas uma das mais elegantes. Era o quanto bastava para chamar as atenções femininas sobre si. Deu algumas voltas pela tolda conosco, e depois tomando do bolso um pequeno estojo, tirou dele uma cigarrilha, que acendeu com o desplante de qualquer soldado ou marujo. O inglês tocou-me no braço, dizendo-me a meia voz: - *Very shocking, indeed!*<sup>134</sup>

O habito de fumar evidenciava que a viajante francesa era uma prostituta, isso atraiu a condenação de todas as mulheres que passaram a ignorá-la, tornando difícil a Gama e Abreu e ao outro viajante inglês continuassem a manter a amizade com ela:

Já vêm os leitores que eu renegara a amizade da pobre francesa, como Pedro renegara a de Cristo, por egoísmo e por medo. (...); observando que todo o sexo feminino de bordo a declarava *hors la loi*, não quis ser votado ao ostracismo. A cigarrilha tinha denunciado a habitante do *quartier Bréda* ou de *Notre Dame de Lorette*. Entretanto não creia o leitor que deixei de falar-lhe; não, logo que estabeleci claramente que viajava só, continuei a conversar com ela, (...).<sup>135</sup>

Para Mary Del Priore alguns detalhes como estar desacompanhada, poderiam revelar a diferença entre uma “mulher”, com quem se podia ter prazer e diversão, e uma

---

<sup>131</sup> “eu fazia de irmã de caridade cuidando da viajante”. ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.264.

<sup>132</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.265.

<sup>133</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.266.

<sup>134</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.266.

<sup>135</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.268.

“senhora”, digna de respeito e amor cortês.<sup>136</sup> Gama e Abreu se viu em uma situação constrangedora em um passeio em Versalhes, quando Maria e Leonnie ficaram frente à frente:

A expressão dos três atores desta cena era bem diferente; Leonnie toda expansão e alegria, minha mulher atenta, mas tomando uma fisionomia zombeteira, eu desejando mostrar-me alegre com o encontro, mas, a meu pesar, sério como um recruta; a minha posição só se podia comparar a um homem que, entre um braseiro e uma cama de gelo, não soubesse qual preferir, ora desejava mostrar-me risonho, ora ficava sério.<sup>137</sup>

Maria olhava de forma escarnekedora para o marido causando-lhe “tonturas”, Leonnie só percebeu que Gama e Abreu era casado e estava intimidado com sua presença, pela forma como Maria segurou-lhe o braço, de um modo que “tinha muito do que se chama desfrute”.<sup>138</sup>

Para não perder a amizade da francesa, ele lhe fez uma visita, convidando-a para almoçarem juntos; na despedida ele avisou que pretendia voltar à França em cinco anos e ela teria dito que não o veria mais, pois morreria jovem e antes de seu retorno, como era de praxe em sua profissão. Quando Gama e Abreu voltou à França, em 1870, soube que Leonnie havia falecido em 1868.

Um ano antes Maria Pombo Brício, não resistiu ao parto do 5º filho<sup>139</sup> e morreu distante do marido que estava no Rio de Janeiro exercendo o cargo de deputado<sup>140</sup>:

#### **Ao corpo eleitoral**

Era para mim um dever grato ao meu coração o dirigir-me a cada um dos honrados eleitores que concorreram para o triunfo da minha candidatura, mas o tempo passa tão veloz que não me é possível fazê-lo; e por isso sirvo-me da imprensa para lhes manifestar minha gratidão, e simultaneamente por à disposição o meu muito pequeno prestígio na corte para onde me retiro, dentro de poucos dias. Belém 12 de abril de 1867.

*J. Coelho da Gama e Abreu.*<sup>141</sup>

Na década de 1860, Gama e Abreu perdeu os pais, a esposa e o melhor amigo, relatou a dor que sentiu, ao refletir sobre uma cena que havia presenciado em uma de suas viagens:

---

<sup>136</sup> DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. p.83-84.

<sup>137</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.269.

<sup>138</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.269.

<sup>139</sup> “(...) minha pobre mulher, que dentre em pouco iria morrer sem ter gozado sequer o doce prazer das lembranças”. ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.72.

<sup>140</sup> “Tendo de seguir para a Corte no próximo vapor, na qualidade de deputado eleito por esta província à Assembleia Geral Legislativa, o Dr. José Coelho da Gama e Abreu, (...)”. *Jornal do Pará*. Belém, 28 de abril de 1867.

<sup>141</sup> *Jornal do Pará*. Belém, 16 de abril de 1867.p.2.

Estávamos ainda gozando da nossa exposição quando chegaram cartas de Paris, cada um procura as suas e as lê avidamente, eis que no meio do silencio soa um grito e logo depois soluços, era um filho que recebia a notícia repentina da morte de seu pai; era nosso pobre companheiro Bernazob que havia pouco comprara curiosidades para presentear aquele seu melhor amigo e que o perdia inesperadamente. Hoje que tenho passado a perda dos meus pais e de minha esposa estando bem longe dela, do meu primeiro amigo sem o ver no último momento, compreendo infelizmente o que aquele pobre rapaz sofria.<sup>142</sup>

Sabemos que Gama e Abreu e Maria Pombo Brício tiveram cinco filhos. A consulta nos jornais nos revela sobre quatro deles: José P. Brício da Gama e Abreu, Jayme P. Brício da Gama e Abreu, Esther P. Brício da Gama e Abreu e Alicia P. Brício da Gama e Abreu.

Temos notícia de outra filha de Gama e Abreu; Julieta Abreu Capper ou Cauppers, esposa de Samuel Capper,<sup>143</sup> que faleceu em 1905 com 31 anos de idade; se o jornal *Gazeta de Notícias* publicou a idade correta, ela nasceu em 1874 e por isso, não poderia ser filha de Maria Pombo Brício:

Faleceu no dia 28 do mês último a Sr<sup>a</sup>. D. Julieta Abreu Caupers, filha do Sr. Barão de Marajó. Contava 31 anos de idade e vitimou-se de uma meningite. O seu corpo ficou depositado no jazigo da família, no Cemitério dos Prazeres.<sup>144</sup>

Mas o jornal pode ter se equivocado com a idade de Julieta Abreu, pois o biógrafo João Amado de Souza, que publicou seu texto em 1875, mencionou que até esse ano Gama e Abreu estaria em Lisboa acompanhado apenas de três dos seus filhos, ficando a filha mais nova no Pará com familiares e o mais velho em São Paulo para terminar os estudos.<sup>145</sup> Entre 1871 e 1874, Gama e Abreu afirmava estar evitando compromisso sério: “(...) eu que tenho cabelos brancos, conto histórias aos leitores, mas procuro já não dar assunto para elas”.<sup>146</sup> É possível que Julieta Abreu Caupers seja a filha mais nova de Maria Pombo Brício e tenha nascido em 1867 e falecido com 38 anos e não com 31.

Gama e Abreu casou-se novamente, encontramos referências sobre essa relação no ano de 1905, em uma nota do jornal *Gazeta de Notícias*. O Barão de Marajó retornava de uma viagem à Europa em companhia da esposa e do senador Marques Braga sendo recepcionados festivamente pelo governador do Pará (Augusto Montenegro): “Chegaram

---

<sup>142</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.150.

<sup>143</sup> “Lisboa. Faleceu esta capital D. Julieta Abreu Capper, filha do Barão de Marajó e esposa do Sr. Samuel Capper”. *A Pacotilha*. Maranhão, 2 de outubro de 1905.p.1

<sup>144</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1905.p.1.

<sup>145</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.1.

<sup>146</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.16.

da Europa os senadores Marques Braga e o Barão de Marajó e **esposa**, (grifo da autora) o governador acompanhado de seu filho Arnaldo, fez a todos festiva recepção”.<sup>147</sup>

Duas das filhas de Gama e Abreu casaram com homens de importantes famílias paraenses ampliando mais a rede de relações sociais. Esther casou-se com Francisco Leite Chermont, um dos filhos do Barão de Arari, e Alicia com João Luís de La Roque, filho do negociante e proprietário Henry de La Roque.<sup>148</sup> A neta Alice, filha de Alicia e de João Luís, casou-se com um funcionário público português em uma cerimônia luxuosa:

**Lisboa, 24**

Nesta capital realizou-se hoje o casamento de D. Alice Abreu de La Roque, neta do Barão de Marajó, do Pará, com o Sr. Armindo Ferreira Couto, guarda-livros naquela praça. A cerimônia esteve extraordinariamente concorrida, sendo crescido o número de famílias paraenses que assistiram ao ato.<sup>149</sup>

Esther Abreu Chermont e Francisco Leite Chermont algumas vezes acompanhavam o Barão de Marajó em viagens de lazer pela Europa, o que mostra as boas relações entre genro e sogro:

Seguiu ontem para a Europa; o ilustre Sr. Barão de Marajó, senador do Estado e seu genro o Sr. Francisco Leite Chermont, também senador estadual, este acompanhado de S. Excm<sup>a</sup> família. Vão em pequena *tournee* de recreio.<sup>150</sup>

O casamento das filhas do Barão de Marajó com membros de famílias de prestígio social no Pará, como os Chermont e os de La Roque, reforçava a posição ocupada por essas famílias na hierarquia social da época facilitando a inserção política e a distinção social pela ampliação das redes de contato.<sup>151</sup>

Os filhos seguiam suas respectivas carreiras, contando com o apoio do pai e de parentes importantes. Como foi o caso da nomeação de Jayme Pombo Brício da Gama e Abreu para o cargo de alferes da Guarda Nacional em 1881,<sup>152</sup> o que foi muito criticado pelo jornal conservador *Diário de Belém*:

Apesar, porém, do que fica exposto é bom declarar que o Sr. Gama e Abreu findou o ano prestando um relevante serviço à sua pátria e à sua província – nomeou duas dúzias de parentes, entre eles um seu filho de menor idade, para oficiais da guarda nacional!

---

<sup>147</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1905.

<sup>148</sup> BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará - 1850-1870*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.p.201.

<sup>149</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 de agosto de 1905.p.1

<sup>150</sup> *Folha do Norte*. Belém, 16 de junho de 1897.p.2.

<sup>151</sup> BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará - 1850-1870*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.p.205.

<sup>152</sup> “Da 3ª dita o guarda qualificado, Jayme Pombo Brício da Gama e Abreu, 21 anos, solteiro, empregado no comércio, 2: 000 \$ réis de renda”. Portaria de 14 de dezembro de 1880. *O Liberal do Pará*. Belém, 31 de dezembro de 1880. p.1.

O fato é sério e consta do liberal do Pará de ontem, na seção do expediente do governo da Província.<sup>153</sup>

Jayme Abreu, posteriormente se tornou um doador do Museu Paraense;<sup>154</sup> colaborava escrevendo artigos para o Instituto Histórico e Geográfico do Pará.<sup>155</sup> Em 1905, era correspondente em Paris do jornal *A Província do Pará*, propriedade do intendente Antônio Lemos.

Organizou, a pedido de Lemos, um enorme banquete para os representantes da imprensa em Lisboa. Estiveram presentes políticos e jornalistas como: Page Bryan (ministro dos Estados Unidos), Robert Winthrop (1º secretário dos Estados Unidos em Madrid), Magalhães Lima (proprietário do jornal *Vanguarda*), Mayer Garção (correspondente da *Província do Pará* em Lisboa), Alberto Torres (encarregado dos negócios do Brasil em Portugal), Santos Tavares (secretário da redação do jornal *O Dia*), Magalhães Fonseca (colaborador do jornal *O século*) e Magalhães Fonseca (da redação do jornal *Notícias de Lisboa*).<sup>156</sup> Esse banquete foi comentado no *Jornal do Brasil*:

Realizou-se no dia 14 no Avenida Palace um banquete oferecido pelo jornalista brasileiro Jayme da Gama e Abreu, correspondente da Província do Pará em Paris, a alguns jornalistas portugueses e amigos seus em nome do senador Antonio Lemos, diretor daquele jornal.<sup>157</sup>

Esse banquete organizado por Jayme Abreu, no restaurante *Avenida Palace*, dava continuidade ao trabalho de divulgação da Amazônia e de inserção de seus intelectuais e políticos no exterior realizado pelo Barão de Marajó ao longo de muitos anos, aliás, o Barão estava presente no evento.

José Pombo Brício da Gama e Abreu, o mais velho, formou-se bacharel em Direito, exerceu o cargo de deputado<sup>158</sup> e de juiz substituto de órfãos na cidade de Belém.<sup>159</sup> José Brício fazia parte de um grupo que convidava os leitores do jornal A

---

<sup>153</sup> *Diário de Belém*. Belém, 1 de janeiro de 1881.p.2

<sup>154</sup> Jayme Abreu constava na lista dos doadores do Museu do ano de 1909. *Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de História Natural e Ethnographia*. Vol.VII, ano 1910. Pará: Typographia Ernesto Lohre e C&, 1913.p.32.

<sup>155</sup> *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. v.8. Ano 1933. Belém: Oficinas Graphics do instituto D. Macedo Costa, 1934. p. 258.

<sup>156</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de janeiro, 5 de maio de 1905.

<sup>157</sup> *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 4 de maio de 1905. p.2.

<sup>158</sup> “1º Que sejam reconhecidos membros da Assembleia Provincial os Srs: Dr.José da Gama Malcher, Dr. José Araújo Roza Danin, Dr. Francisco Accacio Corrêa, Dr. Antonio Domingos Rayol, Dr. Américo Santa Rosa, Dr. Jayme Pombo Brício, Dr. Vicente Chermont de Miranda, Dr. José Brício da Gama e Abreu, (...)”. *O Liberal do Pará*. Belém, 28 de fevereiro de 1880. p.1.

<sup>159</sup> “O Dr. José Brício da Gama e Abreu, juiz substituto de órfãos no exercício pleno nesta cidade de Belém do Grão-Pará, por S. M. o Imperador a quem Deus guarde”. *A Constituição*. Belém, 22 de setembro de 1882.

*República* para uma homenagem póstuma dedicada ao imperador D. Pedro II, que aconteceria na igreja de N.S. de Nazaré às 7 horas da manhã do dia 22 de dezembro de 1891, entre os monarquistas estavam: Tito Franco de Almeida, Jayme Pombo Brício, Barão da Mota Barcelar, Joaquim Victorino de Souza Cabral, Barão de Anajás e Antonio Victor Cardoso Danin.<sup>160</sup>

Entre 1905 e 1906, o Barão de Marajó estava em Lisboa para tratamento de saúde.<sup>161</sup> No ano de 1906, quando faleceu, os jornais da época mencionaram que se tratou de suicídio:

A notícia de falecimento do Barão de Marajó causou profunda impressão da colônia brasileira e nos centros políticos desta capital onde o ilustre Barão gozava de gerais simpatias. Apesar dos jornais nada dizerem sobre o caso, sabe-se que o Barão se suicidou ignorando-se as causas que o levaram a essa desesperada solução.<sup>162</sup>

O Barão de Marajó já estava idoso para os padrões da época. Havia presenciado o falecimento da maior parte de sua geração, inclusive da filha mais nova em outubro de 1905. Não deixava transparecer nenhum sofrimento, esteve presente no banquete organizado por Jayme Abreu, no casamento da neta Alice e visitou o amigo Brito Aranha para lhe entregar um livro. Por isso, seu suicídio tinha apenas uma explicação para a imprensa, o alívio da dor física como uma eutanásia: “Dizem de Lisboa que a morte do Barão de Marajó, foi devida a suicídio, que teve por causa ele sofrer de moléstia incurável”.<sup>163</sup>

De acordo com o historiador Alain Corbain, na França a incidência de suicídios era maior entre os homens, a vulnerabilidade era maior com o aumento da idade e algumas categorias como: intelectuais, *rentiers*, membros do exército e profissionais liberais sucumbiam mais facilmente à tentação de autodestruir-se.<sup>164</sup> O Barão de Marajó possuía um perfil que se encaixava perfeitamente nas características relatadas por Alain Corbain.

Os românticos do século XIX buscavam fugir do presente e de seus problemas, por isso os romances e as poesias dessa estética buscavam evadir no tempo (para a Idade Média precisamente) ou no espaço (por meio de viagens aos lugares exóticos em especial

---

<sup>160</sup> *A República*. Belém, 11 de dezembro de 1891. p.1.

<sup>161</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

<sup>162</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1906. p.4.

<sup>163</sup> *Diário da Tarde*. Curitiba, 1 de dezembro de 1906.p.1.

<sup>164</sup> CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.552.

o Oriente); a morte era a última fuga, o fim do sofrimento intensificado pela intensa competitividade geradora de inúmeras insatisfações:

O caráter competitivo da existência conduz ao esgotamento, aumenta a preocupação profissional. Para o indivíduo formado desde a infância na intimidade com os testes, cresce o temor do fracasso; a necessidade de uma perpétua adaptação, a angústia do abandono podem gerar certo medo de viver. Esses sentimentos determinam a paralisia da vontade e, de maneira mais geral, o mal do século descrito por Musset.

Soma-se ao desaparecimento das certezas a nova consciência de um dever de ser feliz que modifica a relação entre o desejo e o sofrimento. O vazio da alma e do coração, ao manifestar-se, passa a ser sentido como uma infelicidade. A contrariedade que pesa sobre os espíritos mais refinados da época e o *splen* baudelairiano traduzem esse novo sentimento de culpa em relação a si mesmo.<sup>165</sup>

Gama e Abreu utilizava as viagens como uma fuga, uma forma de voltar ao passado e colecionar lembranças, talvez a morte fosse para ele uma viagem para um lugar mais longínquo, que pudesse afastá-lo do sofrimento físico e das memórias dolorosas:

Apenas o que tive em vista foi coligir e ordenar as impressões que em muitas épocas recebi, filha dos fatos que testemunhei e dos países que percorri, e por este meio evocar o passado, viver pelas recordações quando o corpo e o espírito, cansados já não estiverem tão aptos para viajar, observar e sentir.<sup>166</sup>

### 1.3. Partindo do Amazonas ao velho mundo<sup>167</sup>

Em 1874, o escritor português Camilo Castelo Branco<sup>168</sup> publicou um livro em prosa, intitulado *Noites de insomnia, oferecidas a quem não póde dormir*. Em uma das crônicas, mencionou alguns livros que estava lendo para se distrair e enfrentar os pensamentos depressivos,<sup>169</sup> um desses títulos era o primeiro volume do livro *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio*:

---

<sup>165</sup> CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.525-526.

<sup>166</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.27.

<sup>167</sup> Uma

parte da pesquisa a respeito da obra *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio: Apontamentos de viagem* (1874/76) foi publicada em um artigo escrito em parceria com a professora Maria de Nazaré Sarges, orientadora desta tese. Ver: SARGES, Maria de Nazaré; COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Do Rio Amazonas à Península Ibérica – viajando com o Barão de Marajó. Vária História*. vol 30, n 53, mai/ago. 2014.

<sup>168</sup> Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco (1825- 1890) foi romancista, cronista, crítico, dramaturgo, historiador, poeta e tradutor. Autor de uma extensa obra, onde se destacam romances como *Amor de Perdição* (1862) e *Amor de Salvação* (1864). Castelo Branco teve uma vida intensa, sofria de diversos problemas de saúde e de depressão, que o levaram ao suicídio em 1890.

<sup>169</sup> “E, ao mesmo tempo, vou aconchegando os pés do varandim do fogão, e fazendo-me um estio interior de café de Moka. Nesta situação, deixa-se a natureza aos naturalistas; e a gente, que vem ao campo em cata de brisas olorosas, não sai de casa, e lê sempre, a fim de desviar a tentação ao suicídio inglês, que é a congestão fulminante do *tedium vitae*. Tenho, pois, seis livros de escritores brasileiros, a quem devo a fineza de me enviarem a esta região de getas. *Os Idyllios* do snr. doutor Caetano Felgueiras. *As Tetèyas*, em prosa do mesmo poeta. Os *Apontamentos de viagem* do snr. J. C. da Gama e Abreu (1.º tomo). O *Pantheon*

Os Apontamentos de viagem do Snr. Gama e Abreu é um livro muito bem escrito, com ressaltos de humorismo discreto, graça anedótica a interpor-se nos usuais fastios das descrições de viagens; apreciações de Portugal na maior parte benévolas, e, por exceção, reparáveis; a França e as suas recentes desventuras atiladamente compendiadas em poucas páginas, que se revalidam com bem cabidas notícias históricas. É um livro de cunho moderno, com o superior quilate da despreensão, sem desvanecimento, por onde se nos antolha ótima lição, bom discernimento, crítica despreocupada, lhanza de apreciação, e excelentes predicamentos de espírito. Os subsequentes volumes hão de corresponder ao título que amplia as viagens desde o Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio.<sup>170</sup>

As observações de Castelo Branco são um exemplo de como os diários de viagem faziam parte do gosto literário no século XIX. Afinal, as viagens são um tema constante na literatura, e seus significados mudaram de acordo com o contexto social de cada época, desde a literatura clássica de Homero, e Heródoto às viagens científicas nos séculos XVIII e XIX.

Susana Cabete, estudiosa de literatura comparada, ressalta que o termo viagem é polissêmico derivado dos vocábulos latinos *via* (caminho ou estrada), *viator* (viajante) e *viaticu* (provisão para o caminho), o significado remete à ideia de movimento, este implicaria sempre uma aprendizagem do viajante na qual o conhecimento do mundo exterior é concomitante ao autoconhecimento traduzido em escrita:

A escrita torna-se, por conseguinte, a *mimesis* da própria viagem. Em última instancia, mesmo quando a obra não versa especificamente sobre a temática da viagem, ela está sempre implícita, e isto porque enquanto leitores somos transportados pelo escritor e convocados a participar da sua história, pelo que, nesse momento, estamos a empreender uma viagem ao universo romanesco e ideológico do autor.<sup>171</sup>

As narrativas de viagens compreendem relatos de natureza muito diversificada. No período medieval, eram comuns os relatos de peregrinação a Jerusalém, Roma e santuários célebres como o de Santo Epifânio em Chipre, o de São Tiago de Compostela na Espanha, o de São Cipriano na África e de São Martinho na Gália.<sup>172</sup>

---

*maranhense* (1.º tomo), *Ciências e letras, Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brazil* (1.º tomo). As três últimas obras são do mesmo autor, o snr. dr. Antonio Henriques Leal". CASTELO BRANCO, Camilo. *Noites de insomnia, offerecidas a quem não póde dormir. N.º6 (de 12)*. Porto: Typografia de Antonio José da Silva Teixeira, 1874. p.79.

<sup>170</sup> CASTELO BRANCO, Camilo. *Noites de insomnia, offerecidas a quem não póde dormir. N.º6 (de 12)*. Porto: Typografia de Antonio José da Silva Teixeira, 1874. p.81.

<sup>171</sup> CABETE, Susana Margarida Cavalheiro. *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade Nacional*. Tese de Doutoramento em Literatura Comparada. Universidade de Nova Lisboa, Université Paris III: Lisboa, 2010.p.117.

<sup>172</sup>Ver a respeito em: CABETE, Susana Margarida Cavalheiro. *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade Nacional*. Tese de Doutoramento em Literatura Comparada. Universidade de Nova Lisboa, Université Paris III: Lisboa, 2010.p.137. E também artigo de: SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor a cultura. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n.º 44, p. 289-310. 2002.

Já no século XVI, predominaram relatos de descobertas como a *Crónica de feitos da Guiné* (1453) de Gomes Eanes Zurara e a *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil* (1500). Para Serge Gruzinski, no período da monarquia católica, os mais diferentes sujeitos (geógrafos, missionários, funcionários da coroa, exploradores, elites locais mestiças e aventureiros) pensaram e definiram os espaços que lhes interessavam, produzindo uma narrativa permeada por vários pontos de ancoragem de consciência global, especialmente nas Américas e no Oriente.<sup>173</sup>

O século XVIII foi marcado pelas viagens de *grand tour*, cujos viajantes estavam interessados na arte e nas ruínas das civilizações antigas, assim Itália e Grécia eram referências importantes nesse roteiro, que buscava aliar o prazer e a busca por conhecimento.<sup>174</sup> Sendo que alguns viajantes desse período iniciaram uma reflexão dentro dos cânones do iluminismo, como se pode perceber na *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*, realizada por Charles-Marie de La Condamine, entre 1735 e 1744. A perspectiva das luzes permeou também a obra *Viagem Filosófica pela capitania do Rio Negro* de Alexandre Rodrigues Ferreira, cuja análise superou o que havia sido recomendado pelo governo português, produzindo um texto mais abrangente a respeito da natureza e da população observada.

No século XIX, devido à melhoria dos transportes e das condições estruturais, que consequentemente diminuía o tempo gasto para percorrer as localidades, houve uma intensificação das viagens sob inspiração das tendências romântica e científica. Exemplificam os relatos românticos, os livros de Chateaubriand (*Voyages*, de 1827, ou *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, de 1811); de Tocqueville (*La démocratie en Amérique*, de 1835-1840); e de Johann Wolfgang von Goethe (*Viagem à Itália*, de 1786-1788). Podem ser considerados viajantes científicos paradigmáticos o naturalista alemão Alexander Von Humboldt e botânico francês Aimé Bonpland que escreveram juntos *Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799-1804* (1807).

O Brasil era um dos locais mais procurados por pesquisadores estrangeiros, um exemplo foi a tentativa de Bonpland e Humboldt, porém esses estudiosos não conseguiram a permissão da Coroa Portuguesa para desenvolver sua pesquisa, por isso

---

<sup>173</sup> Esse tema pode ser mais aprofundado com a leitura do artigo de: GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.

<sup>174</sup> SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor a cultura. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, p. 289-310. 2002.

centraram seu trabalho na América Espanhola, em especial na floresta amazônica.<sup>175</sup> A partir de 1816, com a elevação do Brasil a Reino Unido, houve tanto uma abertura comercial, quanto a permissão da presença de iniciativas estrangeiras científicas e culturais, como a expedição etnográfica do Príncipe da Baviera, a expedição do botânico Auguste-Saint Hilaire, os naturalistas Johann Natterer, Emmanuel Pohl, Carl Frederich Von Martius e Jean-Batiste Spix e a expedição do Barão Von Langsdorff, os artistas Taunay e Debret e outros.<sup>176</sup>

Para Wilma Peres Costa, os escritores que sucederam a Humboldt e Chateaubriand, estavam interessados em consolidar redes de produção intelectual ligadas a Academias e Universidades, suas experiências individuais cediam paulatinamente espaço para os interesses coletivos nas viagens a serviço de seu país que aumentavam o conhecimento e o poder político.<sup>177</sup> Essa prerrogativa era válida também aos intelectuais brasileiros, cujas sociedades científicas gravitavam em torno do Estado Monárquico.<sup>178</sup>

Um exemplo de intelectual e político em viagem a serviço do país é o historiador e diplomata Francisco Adolfo Varnhagen, que elaborou a narrativa *Grande viagem à vapor* (1867). Esta obra relata uma curta viagem de 14 dias aos Estados Unidos centrando nas características progressistas e ordenadas da sociedade norte-americana. Varnhagen viajou pelas Américas entre 1860 e 1867, também como diplomata defendeu os interesses do Brasil no Paraguai, em Cuba, no Equador, na Colômbia, Chile, na Venezuela e no Peru, sendo o representante da única monarquia no continente americano.<sup>179</sup>

Muitos brasileiros formavam-se no exterior, em especial na Europa, mas não há muitos registros dessas viagens, porém existem alguns exemplos de apontamentos de viagens internacionais: Pereira da Silva, que divulgou suas viagens para a Europa nas obras *Variiedades Literárias* (1862) e *Viagem pela Alemanha em 1837*; Marcos de Macedo que escreveu *Viagem ao Egito e Lugares Santos*; Conselheiro Lisboa autor da

---

<sup>175</sup> COSTA, Wilma Peres. Narrativas de Viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual. (Org.) BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p.33.

<sup>176</sup> Segundo Lilia Schwarcz, Taunay, que já havia viajado para Roma, arcou com os custos de sua viagem ao Brasil. SCHWARCZ, Lilia Moritz. Antropologia e História: Debates em regiões de fronteiras. Minicurso ministrado no Centro de Memória da Amazônia (CMA/UFPA), 2012.

<sup>177</sup> COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. (Org.) BASTOS, Elide; RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais: Sociedade e Política*. São Paulo: Cortez, 2003.p. 65.

<sup>178</sup> COSTA, Wilma Peres. Narrativas de Viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual. (Org.) BASTOS, Elide; RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p.35.

<sup>179</sup> Sobre Francisco A. Varnhagen, ver: GUIMARÃES, Maria Lúcia Paschoal. GLEZER, Raquel. (orgs). *Varnhagen no Caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.

obra *Viagens as Repúblicas do Pacífico*; Nestor Vitor com o livro *Paris*; e Nísia Floresta que publicou na França *Itinéraire d'un Voyage a Allemagne* (1857) e *Trois ans en Italie, suivis d'un Voyage em Grèce* (1864/1872).<sup>180</sup>

Essas viagens eram muito importantes como forma de erudição e conexão com os locais considerados civilizados. O imperador e os que faziam parte do círculo intelectual da corte buscavam referências que associasse nosso jovem império aos grandes governantes protetores das ciências e das artes, conforme se pode observar neste trecho de um discurso proferido no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro:

A proteção às letras é o mais valioso atributo e a joia mais preciosa da coroa dos príncipes; por ela se fizeram grandes Luís XIV em França, e os Médici na Itália, quando acolhiam as ciências e as artes que escapavam das ruínas do império grego.<sup>181</sup>

Algumas vezes, como menciona Ana Maria Daou, as viagens eram subsidiadas pelos estados e os estudantes amazonenses, que faziam parte da elite, mas cuja riqueza da família não permitia tal gasto, recebiam auxílio:

O subsídio à formação dos jovens amazonenses foi prática comum naquela sociedade: a educação era vista como um investimento inquestionável de aprimoramento dos espíritos e construção da diferença social. Sair para estudar – com frequência para obter uma profissão- forneceu as bases sobre as quais a elite se consolidou. Aos que retornavam, após os anos de formação, era garantida a inserção na vida urbana através do exercício de cargos públicos.<sup>182</sup>

Nesse sentido, o próprio Gama e Abreu, um intelectual e político que fazia parte do círculo intelectual da corte brasileira, e que possuía uma boa interlocução com a intelectualidade portuguesa, deixou explícita a importância das viagens na formação das elites, pois acreditava que enviar os jovens estudantes ao exterior traria cultura e conhecimento dos recursos possíveis para desenvolver o país:

a instrução pública acha-se derramada em todo o império, a nossa população tem-se tornado tripla ou quádrupla do que era, todas as províncias tem mandado e mandam um grande número de mancebos para os países mais cultos do mundo, todas as províncias comerciam com os pontos mais longínquos do Universo, as viagens repetidas e fáceis que as linhas férreas e os barcos a vapor nos permitem, nos tem feito conhecer, que se muito nos temos adiantado ainda muito mais nos resta a fazer, pois que a divisa do nosso século se simboliza na palavra-*Progreio*.<sup>183</sup>

---

<sup>180</sup> DUARTE, Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. *Estudos Feministas*. Florianópolis, set/dez, 2008.

<sup>181</sup> *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. v.1, 1840. p.68.

<sup>182</sup> DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História – Ciência – Saúde. Manguinhos*. v.6. Set, 2000. P.867-888.

<sup>183</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.120.

Além das viagens ao exterior, Gama e Abreu acreditava que era fundamental que houvesse o conhecimento das províncias, em especial dos recantos mais longínquos. Pois, isso garantiria a unidade nacional partindo da descentralização e do respeito às especificidades provinciais, por isso eram urgentes as viagens ao próprio país.

O brasileiro viaja mais no estrangeiro do que no seu próprio país, e se envergonha de dizer que ainda não foi a Paris, confessará sem o menor pejo que não conhece província alguma do Império. Dos próprios Presidentes bem poucos visitam as províncias sob sua jurisdição, quando elas são extensas ou não oferecem facilidades para a locomoção; d'aqui resultam informações errôneas que o governo central sem o saber sanciona.<sup>184</sup>

Essa prática foi seguida por alguns intelectuais e políticos do século XIX, que viajaram pelo próprio país, produzindo relatos dessas viagens como o pesquisador Ferreira Penna, que a pedido do vice-presidente da província do Pará Abel Graça, percorreu em 1872 e 1873 o Marajó, Baixo Amazonas, Xingu, Paru, Jari, Macapá, Magazão e Maracá. Outros viajantes foram: Couto de Magalhães na obra *Viagens ao Araguaia* (1863); João Severiano da Fonseca em *Viagem ao redor do Brasil* (1875-1878); Gonçalves de Magalhães em *Memória histórica e documentada da Revolução da Província do Maranhão desde 1839 a 1840* (1848); Filipe Patroni com o relato *A viagem de Patroni pelas províncias brasileiras* (1851) e Dom Romualdo de Seixas em *Memória dos diferentes sucessos de uma viagem do Pará ao Rio de Janeiro* (1814).

O roteiro de viagens, mais completo, tanto no exterior e quanto no país foi exemplificado pelo próprio imperador D. Pedro II. Em 1845, conheceu o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo; em 1847 percorreu a Província Fluminense. Entre 1859 e 1860 visitou os estados da Paraíba, do Espírito Santo, da Bahia, de Pernambuco e de Sergipe; em 1876 antes da viagem aos Estados Unidos, para a Exposição da Filadélfia, esteve no porto de Belém.<sup>185</sup>

O imperador em suas viagens buscava exibir uma imagem de ilustração, essa iniciativa foi elogiada por Gama e Abreu: “Os seus estudos nas viagens que tem feito lhe tem dado na Europa o renome de ilustrado entre os atuais monarcas, e esta ilustração foi adquirida no Brasil, e é por isso que dela nos orgulhamos”.<sup>186</sup> Um jornal italiano elogiou D. Pedro como um grande mecenas que engrandecia o Brasil apoiando dois grandes

---

<sup>184</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.116.

<sup>185</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.357-359.

<sup>186</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.123.

talentos: o maestro Carlos Gomes e o pintor Pedro Américo, a nota foi transcrita pelo jornal *A Constituição*:

Da Revista Italiana extraímos os seguintes trechos, que são grandemente honrosos para nosso país, pela maneira por que naquele jornal são apreciados S.M. o imperador, Carlos Gomes e Pedro Américo.

"O inspirado e cultíssimo autor do *Guarany*, da *Fosca* e de *Salvator Rosa* bem como o valentíssimo pintor da *Batalha do Campo Grande* e da *Batalha de Avahy*, devem a D. Pedro II boa parte de sua fortuna, porque se é certo que o gênio não se impões, não deixará por isso de produzir melhores frutos quando devidamente animado (...)"<sup>187</sup>

A primeira viagem internacional do Imperador ocorreu em 1871, rumo à Europa e ao Oriente, e foi motivada por questões pessoais, pois o imperador teria que se responsabilizar pelos netos devido ao falecimento da princesa Leopoldina de Saxe-Coburgo. Nessa ocasião, D. Pedro II entrou em contato com a intelectualidade portuguesa, conheceu a França, a Alemanha, a Bélgica, a Itália, a Palestina e o Egito. Partiu para sua segunda grande viagem após uma visita oficial à Exposição Universal da Filadélfia (1876), conheceu os Estados Unidos, Canadá, parte da Ásia, parte da África e Europa terminando sua rota em Paris.<sup>188</sup>

Essa viagem foi contada em uma narrativa humorística, de 16 páginas, intitulada *A picaresca viagem do imperador do Rasilb pela Europa* (1872), escrita e desenhada por Raphael Bordallo Pinheiro.<sup>189</sup> Bordallo Pinheiro frequentou a Academia de Belas Artes e iniciou o trabalho de caricaturista em 1870, com a obra *O dente da baronesa*, e tornou-se famoso pela criação do personagem “Zé Povinho”, destaque da revista *Lanterna Mágica* (1875); no Brasil colaborou com os periódicos *O Mosquito*, *Psit!!!* e *O Besouro*.

O livro *A picaresca viagem do imperador do Rasilb pela Europa* menciona a falta de ritual do monarca brasileiro, que abraçado a sua mala e com pouco dinheiro, passeava por várias instituições científicas da Europa despejando conhecimento de “papagaio” e anotando suas observações em rabiscos. Uma das ilustrações de *A picaresca viagem do imperador do Rasilb pela Europa* fala da impossibilidade de ser ao mesmo tempo imperador e democrata, e brinca com a tentativa de erudição do imperador, que buscava

---

<sup>187</sup> *A Constituição*. Belém, 21 de julho de 1876.

<sup>188</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.371-373.

<sup>189</sup> Sobre Raphael Bordallo Pinheiro ver a dissertação de Mestrado: BRITO, Rômulo Ferreira. *O cetro e a mala. As narrativas de Raphael Bordallo Pinheiro, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão sobre a primeira viagem de D. Pedro II a Europa*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 2013. Disponível em: <http://meriva.pucrs.br/dspace/handle/10923/5475>. Acesso em 15 de novembro de 2014.

“falar de tudo o que existe” e conhecer as línguas mortas; enquanto o “acanhado e magro” povo de Rasilb, falava apenas “as coisas que sabe”.<sup>190</sup>

Raphael Bordallo Pinheiro foi o artista que fez as ilustrações para o livro *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio*.<sup>191</sup> Inclusive, desenhou a imagem de Gama e Abreu para a biografia escrita por João de Souza Amado no jornal *Diário Ilustrado*;<sup>192</sup> também desenhou, no mesmo jornal, a imagem do médico Abel Maria Jordão, que foi o melhor amigo e colega de Gama e Abreu nos tempos da Universidade de Coimbra.<sup>193</sup>

Não esqueçamos que Raphael Bordallo e Gama e Abreu frequentaram a casa de Passos Valente, um local de sociabilidade dos intelectuais e artistas portugueses, mencionado pelo jornalista Brito Aranha, assim era possível que Gama e Abreu e Raphael Bordallo fossem amigos.<sup>194</sup> Vejamos o desenho que Bordallo produziu para ilustrar a biografia de Gama e Abreu, utilizado também na obra *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danubio*:

---

<sup>190</sup> “Rasilb é uma nação florescente que se governa a si própria, mas que tem a condescendência de pagar a um imperador, para que este, a bem da administração pública, das finanças e do público desenvolvimento do país, estude hebraico e outras línguas mortas. Um dia S.M. o imperador do Rasilb pressente que seu povo começa a secar-se com ele e ele com seu povo então resolve viajar. Além do que alimentado em Rasilb, desde a infância pelo Manual Enciclopédico do Sr. Monteverde (173 edições) adquiriu o vício inveterado de falar ao mesmo tempo de tudo o que existe. Ora os seus súditos, pessoas acanhadas e magras, só falam das coisas que sabem, o que obriga a uma abstinência que manifestamente lhe perturba as digestões. Resolve procurar pelo mundo:

1º Povos que o achem bem

2º Sábios que lhe digam coisas

E parte, mascarado de imperador-democrata, que é como quem diz: choccos-frescos, preto-branco ou piano-forte”. BORDALLO, Raphael. *Apontamentos da Picaresca viagem do Imperador do Rasilb pela Europa*. Disponível no site: [www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/).

<sup>191</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874/1876.

<sup>192</sup> “Cinco desenhos publicados no Diário Ilustrado: Abel Maria Jordão, n.736, 11-10-74; Jaime José Ribeiro de Carvalho, n.\*\* 439, 26-10-73; J. C. da Gama Abreu, n.º 1078, 18-11-75”. MAGALHÃES, Cruz. *Catálogo do Museu Raphael Bordalo Pinheiro*. Lisboa: Tipografia Universal, 1919.

<sup>193</sup> *Diário Ilustrado*. 18 de novembro de 1875.

<sup>194</sup> “Algumas dessas reuniões duravam, às vezes, até o alvorecer do dia, sempre alegres e amigáveis, principalmente pelos ditos picantes e anedotas variadas em que era pródigo e atraente Raphael Bordallo Pinheiro”. ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908. p.140.



Figura 3. **Desenho de Gama e Abreu por Raphael Bordallo Pinheiro.**

Fonte: *Diário Illustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.

*Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro, e Danúbio* foi publicado entre 1874 e 1876, pela editora Universal em Lisboa, certamente teve boa aceitação no círculo intelectual português, afinal, como vimos anteriormente, foi comentada por Camilo Castelo Branco, Brito Aranha e pelo articulista do *Diário Illustrado*. No Brasil, uma resenha longa e elogiosa sobre o livro foi publicada no jornal carioca *A Reforma*, periódico ligado ao partido liberal, ela destaca a recepção da obra na Europa, a erudição e o nacionalismo do autor:

Este livro que traz o modesto título de “Apontamentos de Viagem”, é um trabalho precioso quer no fundo, quer na forma, e em Portugal mereceu boa aceitação nos círculos dos homens de letras. O ilustre paraense além de bem manejar a língua em que escreve, revela uma vasta erudição histórica, e grande instrução científica, é observador escrupuloso, crítico acertado e judicioso, narrador fiel e exato do que viu. A política entra mais uma vez nos escritos do Sr. Gama e Abreu, e nenhuma vez ele deixa de sustentar a causa da liberdade em todas as suas manifestações (...) no estudo das instituições políticas e civis dos diversos países que visita, tem sempre a condenação do despotismo de qualquer espécie e o entusiasmo pela liberdade, e nunca se esquece o nosso amigo de que é –brasileiro. São muitas as ocasiões em que é forçado a pensar no seu país e no modo pelo qual tudo aqui vai, frequentes vezes faz o paralelo entre as coisas pátrias e as que lhe apresentaram diante dos olhos (...).<sup>195</sup>

O jornal *O Globo*, também publicou um comentário a respeito do livro, escrito por um jornalista que se confessa um conhecido de Gama e Abreu desde os tempos da universidade, elogiando, entre outros pontos, a forma com que o autor apresentou o Brasil, sem pejo do passado como colônia portuguesa:

<sup>195</sup> *A Reforma*. Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1874. p.2.

Acabamos de ler o primeiro volume das viagens do Sr. J. C. da Gama e Abreu, muito distinto escritor brasileiro, natural do Pará, e que no seu país ocupou eminentes cargos públicos. O seu livro, que se intitula “Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de viagem” chega apenas ao Sena e deixa-nos em grande desejo de acompanharmos o amável, espirituoso e erudito autor das viagens aos países orientais. Este livro dá-nos uma larga cópia de notícias políticas, históricas, estatísticas e anedóticas dos países onde passou o autor, a justiça com que aprecia os homens e as coisas avalia-se pelo que diz de Lisboa. O Sr. Gama e Abreu, já nosso conhecido desde os tempos da universidade, é tão português como brasileiro, tem em nós verdadeiros irmãos e amigos, e é dos que não se envergonham que sua querida pátria seja filha de Portugal. Não é como Cã que mostrava as vergonhas de Noé: cobrir-lhas-ia como filho piedoso, se tivesse que cobrir e esconder. Apertamos as mãos do ilustre viajante e esperamos ansiosos a riqueza do Nilo, os esplendores do Bósphoro e as paisagens meditabundas do Danúbio.<sup>196</sup>

*Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro, e Danúbio* é uma obra de erudição, na qual, observamos a prática do que Gama e Abreu preconizava a respeito das viagens: se viajava pela necessidade de se conhecer tanto o próprio país, especialmente os locais considerados longínquos para entender as especificidades de cada espaço; quanto o exterior para obter cultura e instrução.<sup>197</sup>

A outra motivação de Gama e Abreu para a escrita da obra era para externar seus sentimentos e memórias, uma característica romântica, junto à evasão no espaço e no tempo (gosto pelas ruínas gregas, pela arquitetura medieval)<sup>198</sup> e a busca de locais exóticos.<sup>199</sup>

A respeito das viagens no século XIX, o historiador Alain Corbain menciona que os viajantes procuravam expressar a individualidade, enriquecer-se com uma experiência nova do espaço e dos outros, vivida fora do quadro habitual, diferente do viajante do século XVIII que estimulava o turista a ver monumentos e obras de arte.<sup>200</sup>

Na obra de Gama e Abreu ocorrem as características de diversos estilos como o relato intimista (romântico), a ênfase nos espaços urbanos e artísticos (*grand tour*) e especialmente uma finalidade prática de observar para uma posterior atuação política (viagem a serviço do país).

---

<sup>196</sup> *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1874.p.2.

<sup>197</sup> A respeito da importância das viagens para a formação dos intelectuais e artistas é interessante ler a obra de Lilia Schwartz Moritz, *O sol do Brasil*. Ao analisar o pintor francês Taunay, a autora menciona a importância da viagem a Itália para a atuação artística desse mesmo autor. Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

<sup>198</sup> “Não me prezo de arqueólogo ou de historiador, nem porque tenho lido em um ou outro livro, observando estas ou aquelas ruínas, aspiro ao trabalho de antiquário. Encontro certo prazer e uma certa melancolia na observação das antiguidades e de sua história”. ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.133.

<sup>199</sup> “Constantinopla, a odalisca (...) atraí como atraem os costumes orientais à languidez, ao silêncio, ao descanso, à vida sensual”. ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.54.

<sup>200</sup> CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.436.

Na perspectiva intimista, Gama e Abreu mencionou que seu texto era para expor seus sentimentos, e que este possui pouca uniformidade de estilo por ter sido escrito em momentos diferentes, demonstrando a expansão de seus sentimentos:

Há às vezes em nós uma necessidade de expansão, de externar aquilo que sentimos e é obedecendo a ela que faço esta publicação. (...) Escritas, pois estas memórias em épocas diversas e por quem tem sido ora estudante, ora caçador, empregado público, político, jornalista, viajante, ressentir-se-á de pouca uniformidade não só de estilo, mas o que é mais do modo de encarar as coisas, o qual se modificava conforme, seja-me permitido dizê-lo, o meio em que eu habitava (...) e as expressões que meu espírito recebia.<sup>201</sup>

Os escritores românticos, segundo Maria Helena Rouanet, tinham prazer em tornar públicas suas narrativas, sendo que mencionar o caráter fortuito do texto era um clichê dos relatos de viagem.<sup>202</sup> Já o uso de textos de diários escritos em épocas diferentes era, segundo Suzana Cabete, uma das especificidades dos viajantes oitocentistas, pois os diários pessoais e apontamentos de viagem constituíam uma fonte preciosa para o viajante, uma vez que forneciam informações para a posterior organização da escrita, Cabete lembra que os viajantes utilizavam como apoio as opiniões de outros visitantes e de autores locais.<sup>203</sup>

Nesse sentido, Gama e Abreu mencionou como referência para a escrita dos *Apontamentos de Viagem* os autores franceses Joanne, Marmier, A. Guilbert e Audigane.<sup>204</sup> Provavelmente a revista *Revue des Deux Monde*, fazia parte das leituras do Barão de Marajó, pois os autores Xavier Marmier, Adolphe Joanne e Armand Audiganne eram assíduos colaboradores dela.<sup>205</sup>

---

<sup>201</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.6.

<sup>202</sup> Ver: ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991. Neste sentido, temos o exemplo de Filipe Patroni que teria escrito suas viagens apenas para entreter sua esposa Mariquinha: “Tendo sido sempre, Mariquinha, uma regra dos escritores consagrar suas obras aos mecenas e aos grandes, a fim de ganharem protetores eficazes: a Inquisição e a indigência foi muitas vezes a origem deste uso tão antigo. Mas, que tenho eu com o mundo, eu que nada mais aspiro do que a gozar para sempre tua amizade e ternura. Augusto foi bem feliz; outros que o creiam eu não: a troca de ser esposo e pai desgraçado eu não queria ser Deus. A teus rogos e instâncias, e só para teu recreio, me propus a escrever e publicar essa viagem (...)”. PATRONI, Filipe. *A viagem de Patroni pelas Províncias brasileiras*. Lisboa: Typ. Lisboense, 1851.p.5.

<sup>203</sup> CABETE, Susana Margarida Cavalheiro. *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade Nacional*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Universidade de Nova Lisboa, Université Paris III: Lisboa, 2010.p.210.

<sup>204</sup> “o que há de melhor nela é ou resultado da leitura ou mesmo extraída de bons livros que consultei, como as obras de Joanne, Marmier, A. Guilbert e Audiganne, o resto me pertence”. ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p. 6.

<sup>205</sup> A *Revue des Deux Mondes* era um periódico com grande divulgação no Brasil, essa revista contou com a participação de dois brasileiros entre seus publicistas: Émile Adêt, um francês naturalizado brasileiro e redator chefe do *Jornal do Comércio*, e Pereira da Silva, político e homem de letras. Sobre esse periódico ver o artigo de Wilma P. Costa, *Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – formação do estado e trajetória intelectual*, In: Os intelectuais e o estado, org. RIDENTI, Marcelo et al, Belo Horizonte: Ed.

O primeiro citado trata-se do jornalista e homem de letras Adolphe Joanne. Este autor escreveu uma série de guias de viagens, os quais tiveram considerável sucesso, como: *Histoire générale des Voyages de découvertes maritimes et continentales*, (1840-1841), *Histoire de la Grèce ancienne* (1847) e *Voyage illustré dans les cinq parties du monde* (1849).

O segundo autor foi o tradutor e viajante Xavier Marmier. O tradutor colaborou com a *Revue des Deux Mondes* produzindo artigos sobre suas viagens à Rússia, Holanda, Sibéria e Escandinávia, divulgadas também em livros como *Letres sur l'Algérie* (1847) e *Lettres sur le Nord: Danemark, Suède, Norvège, Laponie, Spitzberg* (1857) publicou também vários poemas e estudos literários.

Outro autor mencionado por Gama e Abreu foi Aristide Guilbert que escreveu um artigo no *Journal des Savants* sobre a colonização da Argélia no ano de 1840, tema tratado também na obra *Da colonization du Nord de l'Afrique* (1839). Esse não era o único tema discutido por Guilbert que escreveu a obra de muito fôlego *Histoire des Villes de France* (1844-1853).<sup>206</sup> E finalmente, temos Armand Audiganne um intelectual e viajante francês que escreveu inúmeros artigos na *Revue des Deux Mondes* a respeito dos caminhos de ferro na América e na Europa, tema presente no livro *Les chamins de fer aujourd'hui et dans cent ans* (1862).

A influência dos autores franceses foi marcante no estilo de escrita de Gama e Abreu, despretensioso e de fácil leitura como observou o articulista do jornal *A Reforma*: “Cada capítulo tem ares de folhetim, mas de gênero dos que escrevem os grandes críticos franceses quando em viagens”.<sup>207</sup>

As condições de viagem na época não eram nada confortáveis: “se não fosse o prazer que desde a meninice encontro em viajar, poderia dizer que a minha entrada para a diligência era o primeiro passo que dava na via dolorosa”.<sup>208</sup> Nas viagens marítimas essa situação piorava, devido aos comportamentos pouco civilizados nos vapores, pois: “a maior parte dos passageiros que transitam nestas linhas não são precisamente o que constitui a flor da sociedade”.<sup>209</sup>

---

UFMG, 2006. É possível ler os periódicos digitalizados da *Revue des Deux Mondes* no site da Biblioteca Nacional da França [www.gallica.fr](http://www.gallica.fr), ou no site da própria revista <http://www.revuedesdeuxmondes.fr/>.

<sup>206</sup> A respeito de Aristide Guilbert podemos encontrar algumas informações no *Grand Dictionnaire universel du XIXe siècle*. O dicionário e as obras de Guilbert estão disponíveis no site [www.gallica.fr](http://www.gallica.fr).

<sup>207</sup> *A Reforma*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1874. p.2.

<sup>208</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.87.

<sup>209</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.48.

Um exemplo dessa situação ocorreu em uma de suas viagens do Amazonas ao nordeste, nas quais ele relatou diversas situações surgidas no percurso, algumas muito aborreceram o viajante, como: ter que suportar como companhia políticos vaidosos, que o importunaram com uma conversa pouco inteligente; um casal cearense que passou horas a fio descrevendo suas inúmeras doenças; e uma briga entre duas mulheres: uma tinha um filho pequeno e a outra um cachorro e ambas reclamavam dos barulhos feitos pelos respectivos acompanhantes, fazendo mais estardalhaço que os mesmos.<sup>210</sup>

Gama e Abreu, no período da organização do texto apresentava sentimentos diferentes do estudante, que no passado viajou da “colônia” para a “metrópole” como parte de sua formação. Um exemplo dessa diferença é o relato de seu retorno a Portugal na década de 1860:

Eram passados doze anos depois que deixara a universidade, e voltava agora a Coimbra, casado e com filhos; o estudante d’ outrora alegre, folgazão e descuidoso do presente e do futuro, pois assim mesmo ao avistar aquelas veigas, o Mondego, a torre com a cabra, sentia-me outra vez o que tinha sido, expandia-se alma no peito, assomavam-se as lágrimas aos olhos ao mesmo tempo que as feições sorriam; e a minha mulher, coitada, que nunca me vira em acesso tal de sensibilidade, ria-se para mim.<sup>211</sup>

Ele agora estava casado e estabelecido em sua região, era um viajante rico, político e empregado público. Sua identidade mudava e, de certa forma, o credenciava para analisar e julgar os locais que conhecia, como parte de uma expansão individual. Partindo de uma rota inversa, o rio Amazonas foi escolhido como ponto de partida, uma escolha não casual, pois esse rio já era considerado um ponto geográfico e simbólico, essencial para a formação de uma consciência mundializada desde as narrativas de Vicente Pizon, Pizarro, Orellana, Úrsua e Aguirre.<sup>212</sup>

Para a historiadora Maria Izilda Matos, as narrativas de Carvajal e Acuña sobre o rio Amazonas são integrantes de uma trama multidimensional e híbrida, na qual os mitos europeus (das guerreiras amazonas e do paraíso terrestre) e amazônicos (lenda do Eldorado e das grandes senhoras sem homem) retornavam, circulavam e se interpenetravam.<sup>213</sup>

---

<sup>210</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.48.

<sup>211</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.71.

<sup>212</sup> GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.

<sup>213</sup> MATOS, Maria Izilda. Viagens pelo Rio das Amazonas. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, supl, nov. 2012.p.189-198

Gama e Abreu retomava a globalidade do rio Amazonas ao elencá-lo como sua rota inicial. O estilo do escritor e as descrições da natureza amazônica chamaram a atenção do jornalista João de Souza Amado, que comentou acerca do livro *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio* (1874/76) sugerindo que Gama e Abreu deveria continuar a escrever a respeito da Europa e da Amazônia:

Disse do cidadão e do homem o que me permitiam os acanhados limites deste artigo: do escritor direi apenas que os seus apontamentos de viagem *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bosphoro e Danúbio*, revelam o jornalista há muito versado nas lides da imprensa, e o estilo fácil, fluente, e ameníssimo de um culto e atraente conversador. Nos dois primeiros volumes já publicados sob a citada epígrafe reuniu o Dr. Abreu abundantíssima cópia de notícias históricas e arqueológicas, sem uma vez se tornar fastioso, e conseguiu aliar a erudição à amenidade, a concisão ao interesse, a simpatia despretensiosa à propriedade, e por vezes a elegância e a energia do dizer. O útil e o agradável encontram-se ali reunidos no mais subido grau, e a leitura daquelas páginas é grata e deleitável para todos os paladares. Oxalá que depois de concluída com a publicação do 3º volume a narração de sua viagem ao Oriente, o Dr. Abreu não deixe em completo silêncio as suas numerosas digressões pela Europa e através das florestas gigantes que bordam o não menos gigante rio Amazonas.<sup>214</sup>

No trecho acima, João Amado de Souza mencionou a grandiosidade da floresta e do rio Amazonas, conforme descritas por Gama e Abreu. A ênfase na natureza era uma característica presente em outros textos sobre o Amazonas, como as viagens do Pará ao Rio de Janeiro, feitas por D. Romualdo de Seixas em 1814, nesse relato, a força da natureza chega a assustar e ameaçar as construções humanas:

Ouve-se na distância de duas léguas um estrondo espantoso, anúncio da pororoca, que é o nome, que tem posto os índios aquele terrível fluxo. Cresce mais e mais o ruído à medida que se chega: logo forma um promontório de água cinco para seis varas levantado; que ocupa toda largura do Rio; a este segue outro, depois outro, às vezes quatro; caminha pelo Rio acima com tal violência, que arrasta tudo quanto lhe resiste (...).<sup>215</sup>

Gama e Abreu, da mesma forma que Romualdo de Seixas, destacou a natureza predominante, pouco domínio humano na Amazônia. Em alguns momentos a descrição da floresta ressalta uma natureza intocada: “A província é pouco habitada, pode-se dizer que só o é nos terrenos próximos às margens dos rios, a parte central acha-se apenas habitada pelo índio, selvagem habitador das sombrias solidões das florestas virgens”.<sup>216</sup>

Segundo Keith Thomas, nos fins do século XVIII, podia-se perceber na literatura uma ênfase na descrição da natureza, especialmente a natureza selvagem, que era

---

<sup>214</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.

<sup>215</sup> SEIXAS, Romualdo de. Memória dos diferentes sucessos de uma viagem do Pará até o Rio de Janeiro. *Jornal de Coimbra*. 1814.p.321.

<sup>216</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.7

considerada bela e moralmente benéfica.<sup>217</sup> Os lugares mais longínquos começaram a ser apreciados pela fruição estética, denominada por Keith Thomas de “devoção semi religiosa” pela natureza.<sup>218</sup>

Em alguns trechos da obra de Gama e Abreu ocorre essa perspectiva romântica, que possivelmente fazia parte do gosto dos leitores. Porém, essa mesma natureza, em outros momentos, é percebida com caráter utilitário:

A índole pacífica dos habitantes, a riqueza do solo, a multiplicidade dos produtos naturais asseguram a esta parte do império brasileiro, uma sempre crescente grandeza e, contudo, seu desenvolvimento tem sido menor do que podia e devia ser; a causa desta anomalia, não se pode deixar de atribuir à centralização, vício que se encontra no Brasil.<sup>219</sup>

Para Gama e Abreu, o domínio da natureza na paisagem amazônica era uma característica do presente. O futuro da Amazônia seria de se tornar o centro do poder da América: “mas também o futuro engrandecimento que lhe está reservado, realizando a profecia de Humboldt de que o vale do Amazonas está fadado a ser um dia o centro do poder americano”.<sup>220</sup> O uso dos rios pelas civilizações antigas era citado como um exemplo do que iria ocorrer no Pará:

Criando a natureza estradas já feitas e que, como diz Pascal, se movem por si mesmas, e faz, além disso que, contando apenas cinquenta anos de vida política, possam os sertões do Pará ter meios de comunicações tão fáceis como têm os povos antigos na civilização europeia.<sup>221</sup>

O discurso de comparação do Amazonas aos grandes rios como o Ganges, o Eufrates e o Nilo, em cujos vales surgiram as civilizações antigas, estava presente no artigo sobre comunicação e transporte, escrito por Manuel Odorico Nina Ribeiro para a Exposição de Chicago (1893); um tema que fazia parte do repertório cognitivo da época, surgindo geralmente unido à citação de Humboldt para afirmar o progresso amazônico que ocorreria no futuro:

As grandes transformações econômicas, que dia para dia se operam no mais fecundo dos vales do mundo, vão fazendo da profecia de Humboldt a legenda do ouro na Amazônia “É ali – disse o sábio- que mais cedo ou mais tarde se há de concentrar a civilização do globo”. A predição da ciência, não é mais como outrora uma infundada esperança, o Amazonas á exemplo do Ganges, do Eufrates e do Nilo, já gravou visivelmente as

---

<sup>217</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p. 376.

<sup>218</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p. 376.

<sup>219</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p. 15.

<sup>220</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p. 15.

<sup>221</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p. 8.

primeiras datas de sua futura grandeza: a aplicação do vapor nos transportes de seus variadíssimos produtos.<sup>222</sup>

O futuro promissor do vale do Amazonas estava relacionado à abertura dos portos para a navegação e comércio com a Europa e com os Estados Unidos. Outros grandes defensores desta causa foram Tavares Bastos, Tito Franco e o Barão de Guajará que eram políticos ligados ao partido liberal, o mesmo de Gama e Abreu.

Muito posteriormente, em 1896, o Barão de Marajó descreveu entusiasmado o intenso fluxo comercial no Amazonas: “hoje o rio-mar é sulcado por grande número de vapores que levam nossos produtos aos mercados de todo mundo”.<sup>223</sup> Esse caso é um exemplo do processo de afirmação nacional e regional ligado intrinsecamente ao olhar estrangeiro, pois, à medida que aumentasse a interação mundializada a partir dos rios, ocorreria o fortalecimento econômico e social do vale do Amazonas (e conseqüentemente da nação). Segundo o Barão de Marajó, a Amazônia estava em franco crescimento que prenunciava o progresso futuro:

As linhas transatlânticas unindo por navegação direta com Lisboa, Liverpool e o Havre, as americanas unindo-o aos Estados Unidos, novos elementos de prosperidade vieram dar a aquela terra, onde já a natureza espargira tesouros, elevando a renda e a riqueza pública.<sup>224</sup> (...) O quadro brilhante que tenho desenvolvido, do estado da Província é apenas um prenúncio do engrandecimento que ela viverá.<sup>225</sup>

Esse discurso que enfatiza as possibilidades econômicas da Amazônia no futuro conquistava certa repercussão ainda na década de 1870, um exemplo disso pode ser encontrado no jornal *A Reforma*, o articulista ao comentar os *Apontamentos de Viagem* inicia seu texto com observações das potencialidades naturais do Pará:

É a Província do Pará entre todas as que formam o nosso vasto império, a que tem diante de si um futuro mais auspicioso, de uma área cinco vezes igual a da França, cortada pelo mais volumoso rio do mundo além de outros caudalosos cursos de água, o que lhe dá um admirável sistema de navegação fluvial, adotada pela mão do criador com as mais opulentas riquezas nos gêneros da natureza, é das províncias do norte aquela que o progresso caminha a agigantados passos (...).<sup>226</sup>

Outro ponto enfocado por Gama e Abreu como importante para o progresso amazônico foi a necessidade de investimentos em projetos para a melhoria da educação.

---

<sup>222</sup> PARÁ, Governo do Estado. *Apontamentos para a Exposição de Chicago*, 1892.p.117.

<sup>223</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da silva, 1896.p.6.

<sup>224</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.10.

<sup>225</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.11-12.

<sup>226</sup> *A Reforma*, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1874. p.2.

A esse respeito, Gama e Abreu, mencionou o problema da distância das escolas para a população ribeirinha, narrando as dificuldades que as crianças de uma simpática família marajoara (que o hospedou em uma de suas viagens) tinha para frequentar as aulas, lembrando a importância de facilitar o acesso às escolas. Dessa maneira, o autor elencava as melhorias feitas no período em que participou do governo, e observava o que ainda faltava ser feito para chegar ao modelo europeu.<sup>227</sup>

A cidade de Belém foi representada como uma cidade semelhante às cidades portuguesas especialmente, nos defeitos:

É uma cidade nova, e que desde sua criação herdou muitos dos erros comuns á maior parte das cidades de província em Portugal; conta com alguns edifícios notáveis, entre os quais avulta a catedral, templo grandioso, mas no estilo tão vulgarizado no Brasil das igrejas latinas; foi começada por D. João (...), o incansável construtor de templos.<sup>228</sup>

Gama e Abreu considerava Belém uma cidade com um imenso potencial para desenvolver-se no futuro.<sup>229</sup> Ainda possuía o diferencial da presença marcante da vegetação no espaço: “ruas muito extensas, em linha reta, ornadas em ambos os lados de renques de frondosas árvores, cuja corpulência é inteiramente desconhecida na Europa”.<sup>230</sup> Conforme percebemos na representação de Bordallo Pinheiro, que mostra a forte presença da vegetação nas ruas sem calçamento:

---

<sup>227</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.

<sup>228</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.15.

<sup>229</sup> Sobre as potencialidades do Pará: “Era à pouco a maior província do império, e hoje, mesmo dividida, só há três que tenham área maior do que a sua, sendo por hora a maior em riquezas”. ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.7.

<sup>230</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.16.



Figura 4. **Estrada de São José por Raphael Bordallo Pinheiro.**

Fonte: ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874.

Em uma narrativa muito posterior, Gama e Abreu descreveu suas lembranças da cidade de Belém em 1847, como um espaço que precisava de intervenção devido à pouca estrutura urbana, enfatizando uma perspectiva que estava ausente nos *Apontamentos de viagem*:

Pelo lado material, Belém era apenas formada pela *cidade velha*, que ainda hoje existe, lançando timidamente uns passos para o lado da Sé, do arsenal e do bairro da Campina, que se tem largamente estendido até às estradas de Nazaré, São Jerônimo e bairro do Reduto. A estrada de Nazaré já existia, toda bordada, de um e outro lado, por toijas de mato, cercados, uma ou outra rocinha, cujas habitações obedeciam a um estilo acaçapado, de largura irregular, a começar do largo da Pólvora (Praça da Republica), onde tinha menos do que a atual largura. O largo de Nazaré (Praça Justo Chermont) só tomou a fôrma regular de hoje, depois que Jerônimo Francisco Coelho lhe traçou o quadro; até então era um espaço mais ou menos quadrangular, cercado de barracas cobertas de palha.<sup>231</sup>

Nesse mesmo texto, ele continuava com a descrição da precariedade da cidade de Belém antes da abertura do Amazonas para a navegação e do início do aumento das exportações da borracha na década de 1850. Esta situação revelava-se na dificuldade de transporte, na falta de luz e nas poucas atividades culturais. Ir ao teatro Providencia, em 1847, era uma atividade que certamente diferia da ida ao teatro em países europeus. O público ia a pé e em grupo, ajudado por um moleque que à frente com uma lanterna iluminava o caminho, para poderem desviar dos charcos e covas do terreno. Chegando ao

---

<sup>231</sup> MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.3.

teatro Providencia eram as atrizes que deveriam estar atentas aos ataques de feijões provocados pelos rapazes da *jeunesse dorée* da província:

Falei em teatro. O único que aqui existia era o antigo Providencia, ao largo das Mercês (Praça Visconde do Rio Branco), construído de madeira, acanhado, mal pintado; não me recorde se tinha iluminação de azeite da terra ou de andiroba. Por aí, podemos calcular das companhias que ali trabalhavam. A primeira de que tenho lembrança, foi uma chamada *lyrica*, composta de quatro cantores: a Margarida Lemos, o Carlos Ricci, o Guisepe Calleti, e um outro cujo nome me foge á memória. O Pará inteiro concorria, naquela época, ao teatro, sendo para notar que a trupe, com aquelas quatro figuras, levava á cena o *Barbeiro de Sevilha*, o *Elixir do Amor* e outras peças, cujas audições muito me deliciavam e aos avós de quem me ler. A condução para o « Providencia » era verdadeiramente típica: havia apenas em Belém seis ou sete carros de diferentes formas, desde o *cabriolet* até o *omnibus* do Serra, de modo que a grande maioria dos frequentadores ia a pé para o teatro. Como na maior parte das ruas não havia calçamento nem passeio, os *habitues* do “Providencia” lá iam em caravana, levando á frente um moleque com uma lanterna na mão, para desviá-los dos charcos e covas do terreno. Atrás seguia uma preta ou mulata, trazendo uma bilha de água e um copo, porque no teatro não havia dessas coisas, e, quando houve um botequim, foi para vender somente gengibirra da terra. As senhoras só iam de camarote. Uma mulher na plateia?! Que heresia! (...). A plateia tinha também das suas originalidades. Havia ao lado esquerdo do proscênio um grande camarote formado pela junção de dois, que pertencia *jeunesse dorée* daqueles tempos. Ali se reuniam os terríveis, os leões irresistíveis e perigosos, que tomavam a si a tarefa de dirigir as apoteoses ou as pateadas ás *divas* recalcitrantes. Houve vezes em que chegaram a atirar até feijões; por meio de tubos de vidro, a cara das atrizes, tornando-se tão turbulentos que um chefe de polícia, menos sofredor, conduziu a todos para a prisão.<sup>232</sup>

Após a descrição de Belém ele analisou a estrutura urbana de algumas cidades do nordeste brasileiro. São Luís se destacava pela arquitetura de belas casas, por possuir uma sociabilidade mais intensa do que o Pará e pelo bom desenvolvimento da instrução pública; a natureza maranhense, no entanto, possuía um ponto muito negativo: os longos e extensos lençóis de areia de “aspecto altamente monótono”.<sup>233</sup>

A cidade de Fortaleza foi destacada pela descrição da agradável aventura de um passeio de jangada e pelo bom gosto no aspecto exterior dos edifícios. Natal, a capital do Rio Grande do Norte, deixava a desejar pela “perspectiva triste e sombria” e pelo “calçamento horrível”.<sup>234</sup> Recife, em Pernambuco, estava destinada a ser a “futura Liverpool brasileira” devido a atuação notável das obras de engenharia no porto; no entanto, os hotéis eram péssimos; tanto que Gama e Abreu não conseguiu ficar hospedado

---

<sup>232</sup> MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.4-5

<sup>233</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.20.

<sup>234</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.30.

no Hotel do Universo (indicado como um dos melhores) devido as condições péssimas de salubridade do local, por isso foi acolhido na casa de um amigo.<sup>235</sup>

Além da perspectiva romântica, o olhar de Gama e Abreu era muito prático para as cidades, analisando as condições do espaço urbano, o calçamento das ruas, os jardins, bosques, se havia abastecimento de água, se existiam locais para divertimento e cultura, e observava também as condições das instituições públicas de ensino ou de outros serviços públicos. Gama e Abreu acreditava que era necessário ser crítico, ter um olhar aguçado:

Não se julgue pelo que vou dizer que sou d'aqueles que desdenham de tudo quanto é nacional, elogiando o que é estrangeiro, não: há muitas coisas em que prefiro o Brasil posto que mais atrasado à civilizada Europa, mas nem o amor do pátrio solo, nem mal entendida vanglória me farão deixar de censurar aquilo que no meu país achar digno de crítica.<sup>236</sup>

Olhar do viajante oitocentista para os grandes centros urbanos era, muitas vezes, um olhar crítico, como observou Keith Thomas, mencionando que, a partir do século XIX, várias narrativas de viajantes quando descreviam as cidades criticavam a qualidade do ar e os odores fétidos encontrados, especialmente em Londres.<sup>237</sup>

A narrativa das viagens de Gama e Abreu na Europa inicia com a Península Ibérica, um roteiro de viagens recorrente na intelectualidade portuguesa em meados do século XIX, como demonstram as obras de Antonio Augusto Teixeira de Vasconcelos (*Viagens a terra alheia. De Paris a Madrid*, de 1863), Júlio César Machado (*Em Hespanha. Scenas de Viagem*, de 1865) e Pinheiro Chagas (*Madrid*, de 1875).

Não somente esses intelectuais se aventuraram por Portugal e Espanha. Outros viajantes que registraram suas viagens foram: o fotógrafo Francis Frith, que produziu imagens românticas com predomínio da natureza em cidades europeias, como Valladolid, Madrid, Barcelona, Toledo e Granada; e o escritor dinamarquês Hans Christian Anderson, que visitou Portugal em 1866, publicando posteriormente suas cartas intituladas *Viagens em Portugal*, na imprensa dinamarquesa, antes de serem reunidas num livro.<sup>238</sup>

---

<sup>235</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.33.

<sup>236</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p. 38.

<sup>237</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 346.

<sup>238</sup> Para uma análise da obra do fotografo Frith, ver o artigo de: SERÉN, Maria do Carmo. *A doença de Viajar: Portugal no roteiro das Excursões fotográficas dos anos 60 do século XIX*. CEM/Cultura Espaço e Memória. nº1 ou A Fotografia em Portugal. In: *Col. Arte Portuguesa*. Lisboa: Ubu Editores, 2009.

Vale também lembrar os viajantes ingleses William Beckford, com o livro *Recollections of an excursion of the monasteries of Alcobaça and Batalha* (1792), e William Dalrymple com a obra *Travels Through Spain and Portugal in 1774*. Entre os franceses destacaram-se: César de Saussure com *Lettres de Voyages de Monsieur César de Saussure en Allemagne, en Hollande et en Angleterre 1725-1729*;<sup>239</sup> o militar Charles François Dumouriez que na obra *État Présent du Royaume de Portugal en l'année MDCCLXVI* relatou o estado caótico da cidade de Lisboa após o terremoto de 1755; Alexandre Laborde com *Voyage historique et pittoresque de l'Espagne*, em (quatro volumes publicada de 1806 a 1820); o relato do Barão Taylor *Voyage pittoresque em Espagne, au Portugal sur la côté d'Afrique* (1832); e a obra emblemática de Gautier *Le Voyage en Espagne*, uma obra que alcançou grande sucesso, sendo publicada em dez edições (entre 1843 e 1875).

De acordo Suzana Cabete os livros de Taylor, Gautier e Laborde popularizaram a moda da viagem à Península Ibérica competindo com o roteiro da viagem à Itália, devido a aventura e o imprevisto proporcionados por esta viagem. A Península Ibérica era vista, de certa forma, como um lugar menos industrializado, mais bucólico e, talvez por isso, como uma rota comum em narrativas de viagens.<sup>240</sup> Para Fátima Outeirinho, o caminho de ferro (que a partir de 1863 fez a ligação entre as cidades Lisboa e Badajoz) foi responsável pela diminuição das dificuldades, tornando as viagens mais fáceis.<sup>241</sup>

Eram características comuns no texto dos viajantes: o destaque da especificidade da cultura hispânica diante dos outros países europeus e a preocupação dos narradores em variar a linguagem, tornando a leitura agradável.<sup>242</sup> Nesse sentido, Gama e Abreu fez questão de enfatizar as diferenças entre Portugal e Espanha. Porque “nas fronteiras mapeadas pelo evadiana, junto a Elvas e Badajoz, terminam os dois reinos física e moralmente”.<sup>243</sup>

Ressaltar a especificidade das populações de ambos os países demonstrava essa diferença, o que de certa forma ressaltava o nacionalismo de cada um. Para o Barão de

---

<sup>239</sup> Obra editada e publicada pelo historiador suíço Berthold Van Muyden.

<sup>240</sup> CABETE, Susana Margarida Cavalheiro. *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade Nacional*. Tese de Doutoramento em Literatura Comparada. Universidade de Nova Lisboa, Université Paris III: Lisboa, 2010.p.253.

<sup>241</sup> Ver o artigo: OUTERINHO. Fátima. A viagem à Espanha – em torno de alguns relatos de viagem oitocentista. In: *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. Porto: XIX, 2002. p.287-300.

<sup>242</sup> OUTERINHO. Fátima. A viagem à Espanha – em torno de alguns relatos de viagem oitocentista. In: *Revista da Faculdade de Letras Línguas e Literaturas*. Porto: XIX, 2002. p.287-300.

<sup>243</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.76.

Marajó, os homens portugueses eram mais agradáveis e fortes; o oposto dos homens espanhóis que usavam roupas de cores berrantes e estavam acostumados à gritaria. Se os homens portugueses possuíam uma melhor aparência, as mulheres portuguesas não, pois eram muito corpulentas e possuíam um rosto excessivamente redondo; já a maioria das espanholas possuía um delicado rosto oval emoldurado por cabelos escuros.<sup>244</sup>

Segundo Gama e Abreu, Portugal se empenhava em ser um país moderno, um exemplo disso foi o empenho da Exposição do Porto, cidade que possuía a virtude da “ousadia de tentar”, ao fazer sua exposição internacional. Esse esforço era admirável, mesmo que, para ele, não houvesse paralelo entre a estrutura arquitetônica da Exposição do Porto e a Exposição do Cristal Palace de Londres ou a da Indústria de Paris. Esses eventos internacionais tinham uma grande importância, serviam como uma exibição de uma imagem positiva das nações, visando uma melhora nas relações comerciais.<sup>245</sup>

Considerava Coimbra, Porto, Lisboa e Braga como as mais importantes cidades portuguesas. Coimbra, por ser um importante centro da intelectualidade; Porto por suas atividades comerciais; Lisboa<sup>246</sup> por ser o centro da vida política e pelos costumes afrancesados e Braga por sua peculiaridade, de ser: “uma cidade dos fidalgos e dos frades”. Porém chegando a Lisboa, a capital lusitana, o viajante não teria a melhor das impressões, sendo recepcionado por uma grande quantidade de pedintes:

Logo que desembarquei, para um hotel, à saída da alfândega, tanto eu como os demais passageiros fomos cercados por um bom número de mendigos de todas as idades, solicitando obstinadamente esmola, é em verdade um feio quadro para ser o primeiro logo que desembarca na capital do reino.<sup>247</sup>

Outro grande problema era que “quase toda *fashion* de Lisboa é um extremo pequena, e pouca variedade nela se encontra, não só nas coisas como nas pessoas”<sup>248</sup>, dessa forma, ocorria uma diminuição, no viajante, do intenso prazer de olhar e comprar:

---

<sup>244</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.

<sup>245</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.

<sup>246</sup> “Lisboa rivaliza em asseio e beleza com qualquer cidade que mereça o nome de civilizada”. ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p.57.

<sup>247</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874 p.65.

<sup>248</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.59.

“não há nas frontarias das lojas o luxo que se nota nas de Paris, Londres e mesmo Madrid, (...) a verdade é que isso (...) tira ao *flaneur* o seu máximo prazer, o de flanar”.<sup>249</sup>

As observações de Gama e Abreu sobre o *flaneur* remetem as considerações do cronista João do Rio sobre esse hábito tão comum durante meados do século XIX e início do XX:

Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flaneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no *Homem da Multidões*, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes.<sup>250</sup>

Se não se podia flanar porque Lisboa dormia às dez horas da noite, então o melhor era observar os belos campos de trigo e a arquitetura de seus templos; afinal os campos de trigo nos meses de abril e maio: “se esmaltam de papoulas e malmequeres, em que suas quintas com seus arredores mais escuros pareciam um oásis de verdura mais carregada”.<sup>251</sup> A arquitetura dos templos religiosos do período manuelino era “uma feliz combinação do estilo gótico com algumas ornamentações e formas usadas na arquitetura oriental”; e o Mosteiro dos Jeronimos “um capricho, um sonho realizado em pedra, e ao mesmo tempo um modelo da arquitetura gótica”.<sup>252</sup>

Gama e Abreu observou que os passeios públicos de Lisboa poderiam melhorar muito com a adoção do sistema de paralelepípedos e do asfalto, “cujo emprego torna tão fácil a construção de largos passeios”. Mesmo com essas falhas, ele acreditava que Lisboa estava se modernizando, e isso se demonstrava no aumento do número de teatros e pela reforma dos jardins, que eram agora “*squares* à moda inglesa”:

Parece ávida de colher todos os melhoramentos, de apropriar-se de tudo quanto nas outras nações vê de melhor; o número de teatros subiu de três a oito ou nove; os jardins estão reformados, além de muitos novos que se tem criado em várias praças; têm se feito *squares* à moda inglesa.<sup>253</sup>

Outras cidades da Península Ibérica enfrentavam problemas maiores do que Lisboa, um exemplo era cidade de Badajoz, na fronteira entre Espanha e Portugal, o único

---

<sup>249</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.59.

<sup>250</sup> RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, s.d.

<sup>251</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.54

<sup>252</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.66.

<sup>253</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.56.

hotel possuía “a parcimônia das celas dos trapistas” e não havia abastecimento de água corrente e nem fontes públicas; a arquitetura das casas não era interessante: “misturam o gosto árabe com o que há de pior no gosto europeu”.<sup>254</sup> Badajos tinha a qualidade de ser uma cidade limpa, porém existiam fábricas e curtumes que poluíam o ar, tornando-a “essencialmente desagradável ao olfato, por causa das fábricas de sabão e de curtumes”.<sup>255</sup>

A cidade de Madri, ao contrário, foi muito ressaltada por ser uma cidade bela, com história, e com opções de muitos locais agradáveis para passeios. Um dos melhores era a *Puerta Del Sol*, praça localizada no centro e que era na época um “extremo de vida e animação”, destacava também a Praça do Oriente, cheia de aias e crianças. O viajante ressaltava os melhoramentos urbanos ocorridos na cidade:

Nestes últimos anos Madrid tem aumentado consideravelmente, o governo mandou traçar um novo plano da cidade, que lhe dá talvez o dobro da superfície que tinha; os bairros que, por este plano, tem de se edificar de novo serão os mais regulares possíveis, com ruas largas e arborizadas; e onde decerto tornará esta parte a mais bela de Madrid.<sup>256</sup>

A respeito dos parques paisagísticos, Raymond Williams observou que na Inglaterra, a partir do século XVIII, houve uma mudança de gosto onde se admirava a natureza em “estado primevo”, por isso nos parques paisagísticos eram utilizados todos os recursos para produzir efeitos naturais, assim montanhas e florestas tornavam-se objetos de consumo estético e conhecer lugares famosos e comparar as experiências de viagem e de contemplação de paisagens era comum em uma sociedade elegante.<sup>257</sup>

O gosto de Gama e Abreu pelos jardins, bosque e caminhos públicos foi uma característica marcante em sua carreira pública e as viagens tornaram-se uma referência importante para a sua atuação política.<sup>258</sup> Nesse sentido, Nelson Sanjad, mencionou o seu empenho como diretor da Repartição das Obras Públicas, desde o ano de 1855, em cuidar pessoalmente do horto de São José e da arborização das grandes “estradas” da cidade.<sup>259</sup>

---

<sup>254</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.80.

<sup>255</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.81.

<sup>256</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.94.

<sup>257</sup> WILLIAMS, Raymond. *O Campo e A Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.p.215-116.

<sup>258</sup> Gama e Abreu atuava junto ao chefe dos jardineiros, o francês Louis Arsène Onessim Baraquin.

<sup>259</sup> SANJAD, Nelson Rodrigues. *Nos jardins de São José: uma história do Jardim Botânico do Grão-Pará (1796-1873)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 2001.p.158-162.

Além das paisagens agradáveis, os teatros eram lugares de sociabilidade, especialmente das elites.<sup>260</sup> Para Paulo Cezar G. Marins, a Ópera de Paris, conhecida como *Palais Garnier*, em homenagem ao arquiteto que a projetou, foi um dos mais importantes monumentos do projeto urbanístico de Haussmann, pois substituiu as antigas residências monárquicas como local de apresentações artísticas e projeção social. O impacto da Ópera de Paris teria dado uma projeção maior aos teatros neoclássicos como o *La Scala*, de Milão e o *San Carlo*, de Nápoles, e estimulando a criação de novos teatros ou a reforma dos antigos.<sup>261</sup>

Em Portugal Gama e Abreu mencionou o Teatro de São Carlos, que tinha o problema da falta de renovação dos artistas do coro e do corpo de baile, que pela sua idade deviam “figurar no Museu de Cluny”, essa situação não ocorria na Ópera de Viena que oferecia um grande espetáculo com renovação constante dos artistas.<sup>262</sup>

Na cidade de Madrid, se destacava o Teatro Real do Oriente, que unia de forma elegante os estilos árabe e europeu, primando pelo conforto e com esmero nos detalhes, assim observou o autor: “as magníficas poltronas da plateia, forradas de veludo carmesim fazendo sobressair o vestuário das senhoras que como em Paris ocupam grande parte da plateia, os camarotes suntuosamente adornados (...)”.<sup>263</sup>



Figura 5. Teatro Real do Oriente em Madrid

Fonte: imagem disponível no site <http://pt.wikipedia.org/>. Acesso em 06/03/2014.

---

<sup>260</sup> Um exemplo dessa sociabilidade são os círculos literários e científicos que reuniam a intelectualidade argentina. Ver: BRUNO, Paula. *Sociabilidades y vida cultural em Buenos Aires, 1860-1930*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quimeles, 2014.

<sup>261</sup> MARINS, Paulo César Garcez. Prefácio. In: SILVEIRA, Rose. *Histórias Invisíveis do Teatro da Paz*. Belém: Paka-Tatu, 2010.

<sup>262</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p. 273.

<sup>263</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p. 97.

Gama e Abreu amava as óperas, em suas viagens sempre procurava assistir aos espetáculos que estavam em cartaz. Para ele uma das noites mais intensas e marcantes foi ter assistido à interpretação pela soprano Adelina Patti,<sup>264</sup> a “mimosa ave que chamam Patti”, de um trecho da ópera *O Barbeiro de Sevilha*.<sup>265</sup> Ele descreveu: “o entusiasmo subiu ao mais alto grau, que foi excedido quando ela, cedendo ao pedido geral, o repetiu”.<sup>266</sup>

Ele que já havia assistido a encenação desta ópera inúmeras vezes no Teatro Providência (em Belém),<sup>267</sup> certamente imaginava a construção de um teatro mais elegante, tanto que, quando foi diretor das obras públicas destacou a união entre teatro e civilização “Hoje nas Províncias do império tais como a Bahia e o Maranhão procuraram ter belos teatros, pois os teatros marcham sempre de par com a civilização (...)”, logo foi iniciada a construção, ainda no período imperial, do Teatro da Paz.<sup>268</sup>

As mulheres indo aos divertimentos eram algo que chamava a atenção de Gama e Abreu, que fez uma descrição das belas senhoras que estavam na plateia do Teatro Real em Madri: “A beleza notável das mulheres espanholas, ostentando seus alvíssimos colos entre rendas (...) subjugando com seus olhares profundos cujo brilho só tem rival no das mulheres orientais”.<sup>269</sup> O autor viveu suas primeiras aventuras amorosas com as mulheres andaluzas, que em viagens posteriores o faziam “estremecer pelas lembranças”, por isso, para ele as espanholas só eram comparáveis às mulheres orientais em sensualidade.

O gosto pela descrição das mulheres é muito constante na obra de Gama e Abreu, como nessa descrição das vestimentas das belenenses no ano de 1847, que ocorreu em uma narrativa posterior:

---

<sup>264</sup> Adelina Patti nasceu em Madri em 1843 e faleceu em 1919, foi aclamada uma das maiores cantoras líricas do século XIX, sendo exaltada nas maiores capitais musicais da Europa e das Américas. No auge da sua carreira, juntamente com seus contemporâneos Jenny Lind e Thérèse Tietjens, Patti tornou-se uma das mais famosas sopranos da história da música erudita, tanto pela pureza e beleza da sua voz lírica, como também pela sua técnica do bel canto.

<sup>265</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.97.

<sup>266</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.97.

<sup>267</sup> MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

<sup>268</sup> PARÁ. *Relatório apresentado pelo diretor da Repartição de Obras Públicas, José Coelho da Gama e Abreu, ao vice-presidente da Província Miguel Antonio de Pinto Guimarães, Belém, Pará*. 15 de outubro de 1855.

<sup>269</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.97.

(...) as senhoras com os seus ricos vestidos de seda preta, lisa ou lavrada, ou mesmo de *morim*, com elegantes véus pretos, tinham um tic de suprema elegância e garridice. Naqueles tempos não haviam ainda aparecido os chapéus barracas, nem tinham passaporte as mangas presuntos, nem tão pouco as mangas balões. O que chamava a atenção era o piquete que seguia cada família, piquete composto de mulatas escolhidas entre as mais bonitas e guapas, vestindo, à moda da terra e da época, uma saia preta, camisa branca toda bordada de entremeios e rendas, deixando ver o que deu para se ver a natureza. O colo ia todo coberto de rosários de contas, corais e do celebre *quebra cangote*, colar de pesadas contas de ouro lavrado. A saia não era bem fechada; tinha uma abertura atrás - uns quatro ou cinco dedos, deixando ver um pano todo bordado, a que chamavam *acolchoado*. A cabeça levavam as mulatas um ramo de jasmim ou um *general*; isto é, uma gardênia.<sup>270</sup>

Retornando para a Península Ibérica, os museus eram algo que chamava a atenção de Gama e Abreu. São por ele elencados vários museus relevantes em Madrid como o Museu de Artilharia, o Museu Naval e o Museu de História Natural. Em Portugal ele mencionou o Museu de História Natural da Escola Politécnica, que integrava três núcleos: o Museu e Jardim Botânico, o Museu Mineralógico e Geológico e o Museu Zoológico e Antropológico.

O destaque da narrativa foi o Museu do Prado, em Madrid, cuja coleção de arte era comparável a do Louvre, o viajante ficou encantado com a coleção de quadros: “nenhum me causou igual animação, tamanho é o número e a beleza de seus quadros”.<sup>271</sup> Alguns dos quadros que mais lhe interessaram foram os quadros de Rafael Sanzio *A sacra família*, *A virgem com o peixe* e *A queda de Cristo na Via dolorosa*; as pinturas *A glória* e *Venus e Adônis* de Ticiano; e os quadros que retratavam o pôr do sol pelas tintas de Claude Lorrain.

As cidades históricas eram outro gosto do viajante. Por isso, as ruínas do Império Romano tornavam Mérida, na Espanha, uma cidade muito interessante. Gama e Abreu considerava que essa cidade possuía muitos atrativos “destaca-se o arco de Trajano, esplêndido resto das belas construções romanas”, essa beleza histórica só não era mais bem aproveitada devido às ruas da cidade serem estreitas e mal calçadas.<sup>272</sup> Já Valladolid possuía uma belíssima catedral gótica do século XII. As descrições históricas detalhadas são constantes nas cidades francesas de Marselha e Versalhes.

Uma diversão, não muito civilizada, eram as touradas. Gama e Abreu se confessava um apaixonado pelas touradas “sem lhe negar a crueza”, estas eram vistas por

---

<sup>270</sup> MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.6.

<sup>271</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.160.

<sup>272</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.88.

muitas pessoas da época de forma muito negativa: “Este gênero de divertimento tem sido taxado por muitos como prova irrecusável de atraso em civilização”.<sup>273</sup>

O Barão fez questão de observar que embora muitos considerassem as touradas uma “crueldade” e “uma prova de atraso”, o papel da religião católica foi muito positivo na Espanha por ter deixado a caridade como um legado em algumas instituições. Um exemplo seria a Sociedade do Pecado Mortal que acolhia as mulheres que cederam à “ilusão dos sentidos”, ou seja, que tivessem tido uma conduta reprovável no passado. A associação apoiava também os presos, facilitando para que tivessem uma ocupação depois de libertados. Ele observava que na França, por exemplo, a falta de uma cultura de caridade não permitia a recuperação das pessoas.<sup>274</sup>

Da Península Ibérica ele viajou para a França depois ao Oriente, voltou para a Europa finalizando sua rota em Viena. Havia uma razoável produção de narrativas de viagem, publicadas por intelectuais portugueses contemporâneos a Gama e Abreu, dentre eles poucos tiveram uma rota de viagem tão extensa quanto a dele, talvez, apenas o escritor Eça de Queiroz e o diplomata Ricardo Guimarães que viajaram pela Europa e Oriente.

Já as viagens a Paris eram constantes entre os intelectuais portugueses. Para Suzana Cabete, a influência francesa era notória tanto no cultivo de hábitos quanto na publicação das anotações de viagem sobre Paris como as de: Francisco Maria Bordalo, que escreveu *Um Passeio de sete mil léguas. Cartas a um amigo* (1854); Julio César Machado com as *Recordações de Paris e Londres* (1863); e Ramalho Ortigão com *Notas de viagem: Paris e a Exposição Universal* (1878-1879) e *Em Paris* (1868).<sup>275</sup>

Segundo Gama e Abreu, a arquitetura das grandes cidades europeias possuía muitas semelhanças, Roma era a única cidade diferente e Paris servia como referência para análise das outras cidades, mesmo para Londres, uma Paris grande e sombria:

Lisboa e Madrid dão ideia uma da outra, tirando a uma o Tejo, e a outra o Prado, Viena, Berlim e Paris são o desenvolvimento uma das outras; Londres é uma Paris muito grande e muito mais triste e sombria, com mais gás durante a noite (...) há grande seriedade durante o reinado do sol, e um grande número de prostitutas, bêbados e criminosos,

---

<sup>273</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.19.

<sup>274</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.

<sup>275</sup> CABETE, Susana Margarida Cavalheiro. *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade Nacional*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Universidade de Nova Lisboa, Université Paris III: Lisboa, 2010.

passeando livremente, enquanto reina a lua, enfim todas as cidades europeias, excetuando Roma, parecem entre si (...).<sup>276</sup>

Paris foi estudada minuciosamente por Gama e Abreu, pois cada um dos bairros possuía, segundo o viajante, uma característica própria, há em seu texto uma grande quantidade de informações históricas. A cidade de Paris possuía uma dualidade inerente formada pelos aspectos brilhante e mesquinho.<sup>277</sup>

Iniciando com a parte “brilhante” de Paris, o viajante destacava a arquitetura das ruas, a perfeição dos produtos, os divertimentos e a moda. Para Gama e Abreu a Avenida dos Campos Elísios era a mais bela do mundo, e junto ao Arco do Triunfo tornava-se algo digno de admiração dos naturais e estrangeiros.

Em relação ao comércio os produtos chamados “artigos de Paris” se distinguem “pelo cuidado de elegância, de delicadeza e de perfeição”.<sup>278</sup> A moda parisiense era um assunto constante nos locais de sociabilidade, Gama e Abreu notava não apenas o uso de peças elegantes, mas especialmente a adequação da roupa às horas. Além do gosto pelas compras, o viajante era um assíduo frequentador dos cafés que “ocupam uma parte notável na vida parisiense”, aliás, Paris era para ele: “a única cidade em que se come bem”.<sup>279</sup>

Sua grande inspiração para os espaços públicos vinha das cidades europeias, em especial, Paris e Londres: “Tudo é movimento, vida e animação, em que os cafés e restaurantes estão cheios de consumidores e *flaneur*, jazem no silêncio, dormindo o sono dos justos Lisboa e Rio de Janeiro”.<sup>280</sup> Paris era uma cidade especial, pois simbolizava o ecletismo, a globalidade: “Paris não tem fisionomia própria, ou antes, todas lhe são próprias”.<sup>281</sup>

A respeito do *flaneur*, Alain Corbain mencionou que este novo transeunte da paisagem urbana, já comentado por Victor Hugo e por Baudelaire, apreciava o espaço

---

<sup>276</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.99.

<sup>277</sup> “esta cidade apresenta um aspecto brilhante ou um aspecto mesquinho”. ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.162.

<sup>278</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.156.

<sup>279</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.255.

<sup>280</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.37.

<sup>281</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.37.

reconstituindo as condições da vida privada nas ruas, nos cafés, na gare e nas lojas de departamento; estes espaços se tornavam um refúgio do *flaneur*, sendo a rua semelhante ao seu apartamento.<sup>282</sup>

Mas, se a arquitetura da cidade e os monumentos encantavam, o elitismo dos espaços incomodava profundamente o viajante, este era o lado mesquinho da cidade. Esse sentimento dual (mesquinho/brilhante) relaciona-se com um lugar em especial: o *Bois de Boulogne*, considerado “o ponto mais agradável para os passeios e folgares do artista, do poeta e do trabalhador, mas também o mais propício para a exposição do luxo e fausto da classe rica da grande cidade”.<sup>283</sup>

Esse bosque podia ser frequentado por todos, porém as horas demarcavam o uso por trabalhadores que iam pela manhã e pelos burgueses ou aristocratas que iam das quatro às seis da tarde, apenas por ser moda ir nesse local, que era essencialmente um lugar para expor hábitos de luxo.<sup>284</sup> Em Viena ele notou um local semelhante ao bosque parisiense, o Prater, que não se igualava em beleza, mas possuía muitos divertimentos destinados aos menos favorecidos:

Julgo-o um belo passeio: não tem as belezas dos Campos Elísios, ou do Bosque de Bologne, mas estes tem uma feição *high-life*, aristocrática, que parece mostrar que só se pensou nos ricos, a arraia miúda ali nada acha para si, nada que mostre que se pensou nela, a não ser as ruas, o ar, a luz que não podem negar: no Prater não é assim, há uma alameda popular com uma imensidade de barracas de saltimbancos, com jogos diversos, com teatros baratos, a que fluem as classes menos ricas.<sup>285</sup>

Julio Cesar Machado, da mesma forma que Gama e Abreu notou o elitismo presente no *Bois de Boulogne*, mas não esboçou nenhuma crítica:

*Ao bois de boulogne* vai o mundo elegante, grandes senhoras, e grandes lorettes, dar uma volta de carruagem das cinco às seis, ao que ali simplesmente chamam *faire la course*. Ali se avistam em roda do lago as celebridades da época, que não dispensam aquela meia hora para se mostrarem.<sup>286</sup>

---

<sup>282</sup> CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.438.

<sup>283</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.239.

<sup>284</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.239.

<sup>285</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.269.

<sup>286</sup> MACHADO, Júlio César. *Recordações de Paris e Londres*. Lisboa: Editor José Maria Correa Seabra, 1863.p. 107.

Localizado no *boulevard* periférico da cidade de Paris, o *Bois de Boulogne* é um espaço natural para passeios e contemplação com caminhos entre a vegetação cercado por lagos e pequenos rios:

A natureza pouco ou nada fez em favor deste local, a arte tudo; bosque, ruas, atalhos, carreiros, grutas, quedas de água, lagos que se governam com uma torneira, chalets, casas de bebidas, restaurantes espalhados pela área de oito quilômetros quadrados, barcos e vapores para percorrer os lagos, velocípedes, tudo ali se acha reunido para chamar concorrência.<sup>287</sup>

Esse espaço tornou-se uma paisagem significativa para a cidade de Paris, tanto que o escritor francês, do final do século XIX, Guy de Maupassant escolheu o *Bois* como um dos cenários para o lazer dos personagens principais de um de seus romances: o jornalista Duroy e a intelectual Madelaine.<sup>288</sup>

Muito posteriormente quando foi intendente da cidade de Belém, Gama e Abreu inaugurou o Bosque Municipal, no Marco da Légua, bairro periférico da cidade, um local certamente inspirado no *Bois de Boulogne* e no Prater. Demonstrando que as viagens a Europa feitas por Gama e Abreu tinham uma perspectiva prática que se refletia em sua atuação política.



Figura 6. **Passeio no Bois de Boulogne**

Fonte: imagem disponível no site <http://www.attelage-patrimoine.com/article-evolution-des-equipages-au-bois-de-boulogne-120260474.html>. Acesso em 06/03/2014.

<sup>287</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.239.

<sup>288</sup> Guy de Maupassant escreveu diversos contos e romances com estética realista, Bel Ami conta a história de um rapaz de origem camponesa que ingressa no jornalismo e alcança um lugar na alta sociedade parisiense. Esta obra descreve a cidade de Paris minuciosamente, apartamentos, boulevards, igrejas, parques, cortiços, salões da alta sociedade, jornais, o *Folies Bergere* e é claro o *Bois de Boulogne*. Pode-se consultar a obra através do site <http://pt.scribd.com/doc/25259515/Bel-Ami-by-Guy-de-Maupassant>.

Paris possuía também tentações, locais de prazeres ocultos, como o *Boulevard Montmartre* onde “a moderna Babilônia desenvolve as suas riquezas, as suas seduções, as suas tentações”.<sup>289</sup> Nesse sentido, o *Boulevard Bonne-nouvelle* se destacava pelas prostitutas “A culpa não é minha, (...) antes da natureza que me faz perder momentaneamente a cabeça, quando avisto um pé breve, um corpo airoso e uma cara formosa”.<sup>290</sup> Elas eram tentadoras, apesar de Gama e Abreu não considerar as parisienses muito bonitas. Entre as mulheres europeias perdiam para as inglesas “clássicas” e “ideais”, para as apaixonantes italianas, para as “opulentas” alemãs, para as meigas húngaras e para as espanholas que se aproximavam das orientais. Assim, as parisienses eram mais elegantes que belas:

vi as suas belezas de convenções, pois que ali não há beleza real, a beleza é filha da moda, (...), mas, beleza clássica, ou seja, como a entendia a escultura grega, ou como entendem os poetas modernos não há em Paris.<sup>291</sup>

Outras localidades europeias descritas por Gama e Abreu foram as cidades próximas ao rio Danúbio: Belgrado, Pesth, Buda e Viena.<sup>292</sup> Chegando ao Danúbio, notou a presença de muitos grupos de ciganos, ele os considerava apenas um povo infeliz e desprezado, que por isso tinha hábitos de rapina.

Viena era uma cidade moderna e aprazível, e tornava-se especial por estar às margens do Danúbio, que aliás, ele considerava um rio de terceira ordem, em comparação com a América, mas que pela baixa poluição poderia ser chamado de rio ao contrário do Sena que não merecia esse título devido às águas imundas:

Novos bairros (...), novos palácios em tudo semelhantes aos modernos *boulevards* de Paris; com a diferença que enquanto Paris se ensoberbece de um rio que não é rio que se pode tomar a sério, e cujas águas turvas e imundas que não refletem a imagem, Viena tem o Danúbio que sendo para a América um rio de terceira ordem, é um dos poucos na Europa que tal nome merece.<sup>293</sup>

---

<sup>289</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.175.

<sup>290</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.175.

<sup>291</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III. Lisboa: Typographia Universal, 1876.p.255-256.

<sup>292</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876.

<sup>293</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.263.

Nesse trecho pode-se perceber que ao analisar as cidades próximas dos rios ele procura referências para as cidades amazônicas, compara o Danúbio aos rios da América e ao poluído Sena. Lembramos que ele acreditava que a natureza fornecia um potencial para o desenvolvimento das cidades da Amazônia, que comparadas às outras cidades não pareciam desagradáveis, pois descreveu Belém do Pará à semelhança de cidades portuguesas, porém com um futuro mais promissor.

Dessa forma, entende-se que, se Viena, possuindo um rio de terceira grandeza, se desenvolveu tanto quanto Paris, então faltava a Belém um projeto urbanístico (a exemplo do que havia sido feito nas cidades europeias). Esse projeto é algo que ele se empenhou bastante em realizar em sua vida pública.

Mas, voltemos a Viena, cidade que marca um retorno ao conforto e à “civilização” para o viajante, que retornava de sua jornada ao oriente: “Acabava de fazer uma viagem (...) cheia de incômodos, fora da vida europeia e suas comodidades, achava-me em uma cidade opulenta, e em um hotel magnífico”.<sup>294</sup>

Gama e Abreu destacava as diversões como a ópera de Viena que “nos mis *en scéne* deixa quase todas, ou todas atrás de si”; os restaurantes: “é a única cidade da Alemanha onde se come razoavelmente”; a única coisa irritante era a presença militar ostensiva na cidade.<sup>295</sup> Viena destacava-se na arte religiosa e possuía a igreja de Santo Estevão, um belo templo comparado à Notre Dame em Paris, e São Pedro em Roma:

Eu que estou bem longe de ser o que se chama, um beato ou carola, quando entro em um vasto templo como a mesquita de Córdoba, a catedral de Sevilha, São Pedro em Roma, Notre Dame em Paris, Santo Estevão em Viena, domina-me o espírito uma vaga tristeza.<sup>296</sup>

Outras cidades interessantes eram Buda e Pesth, ligadas por “uma ponte de ferro, esplendida, a última que encanta quem desce o Danúbio”, Buda encantava por ser uma cidade histórica e Pesth pelo crescimento e urbanização. Pesth possuía uma boa universidade e o autor destacava como diversão masculina as termas “dois pontos de vista, o de estabelecimento hidroterápico, e de estabelecimento de prazer”.<sup>297</sup>

---

<sup>294</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.271.

<sup>295</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.264-265.

<sup>296</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.275.

<sup>297</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.259.

Nem todas as cidades da Europa eram agradáveis com Viena e Pesth. Nesse sentido, Belgrado, que apresentava ao mesmo tempo os aspectos ocidental e oriental, emocionou o escritor com sua aparência arruinada: “Esta pobre cidade é uma dessas cidades mártires das ambições humanas”. As ruas e as casas transmitiam desolação:

As ruas não eram calçadas, covas, lama no inverno, poeira no verão, muito cascalho espalhado pelas ruas o que vos dá o prazer de dez a doze topadas por hora, as casas com fisionomia arruinadas, eis o que é Belgrado.<sup>298</sup>

Após essa imagem de Belgrado, vamos para as viagens de Gama e Abreu pelo Oriente, uma rota que sugere uma busca do intelectual por erudição. A respeito do conhecimento sobre o Oriente, Eduard Said observa que:

Sob o título geral de conhecimento do Oriente, a partir do fim do século XVIII, surgiu um Oriente complexo, adequado para o estudo na academia, para exibição no museu, para ilustração teórica em teses de antropológicas, biológicas, linguísticas, raciais e históricas sobre a humanidade e o universo, para exemplo de teorias econômicas e sociológicas de desenvolvimento, revolução, personalidade cultural, caráter nacional ou religioso.<sup>299</sup>

#### 1.4. Descrevendo o Oriente

Os *Apontamentos de viagem*, de Gama e Abreu, guardam muitas semelhanças com a produção de autores europeus e de alguns brasileiros. Os locais escolhidos pertenciam a uma tradição da escrita das viagens iluministas para pesquisa ou pelo prazer cultural (*grand tour*), algumas eram rotas da evasão tempo e espaço (conforme gosto romântico); ao lado dessas características, ocorre a perspectiva prática das viagens a serviço do país (costumeiras no século XIX).

Uma boa parte da obra de Gama e Abreu destina-se ao Oriente, em destaque as partes do segundo e do terceiro volume. Devemos considerar também sob essa perspectiva uma parte do primeiro volume que corresponde à Península Ibérica, já que a noção de oriental era ampla e muitas vezes compreendia essa região. Como menciona

---

<sup>298</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.249.

<sup>299</sup>SAID, Edward W. *O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. P.35.

Eduard Said, havia a persistência da imagem de um “Oriente ameaçador” na memória europeia, deixada pelo longo domínio árabe na região ibérica.<sup>300</sup>

Gama e Abreu, em sua viagem no oriente utiliza os mesmos critérios de julgamento já utilizados para as cidades europeias e para o Brasil. Ele não deprecia esses locais de nenhuma forma, mas ao lado dessa perspectiva urbana há lugar para o exótico e para a busca ou um retorno ao passado através da história e dos monumentos, como era característica dos escritores românticos:

Nas viagens ao Oriente, á Grécia e Roma a vida é dupla, tem ela lugar no passado e no presente, aqui onde me acho é Homero quem é o guia, vivo com Priamo, Aquiles, Heitor, ouço a sombra da língua vivo no passado quase que se pode dizer que o sinto.<sup>301</sup>

Viver e sentir o passado guiado por Homero, essa percepção do retorno no tempo tornou-se mais forte com as viagens de Flaubert, Gautier e Nerval, que desenvolveram a ideia de buscar um oriente cada vez mais autêntico como observou Vera Chacham:

Contudo, a noção de uma temporalidade linear e irreversível, ao abrir as portas do futuro, abre igualmente a possibilidade da compreensão e da identidade em relação ao passado. A filosofia histórica do romantismo também nasce com a quebra do tempo explicitada pela Revolução Francesa, mas, ao invés de uma atitude otimista em relação ao presente e ao futuro, o romântico foge em direção ao passado (embora escolha muitas vezes a via utópica do futuro). O Oriente, além da fuga exótica, permite ainda uma fuga no tempo, através da experiência sincrônica do passado. É, sobretudo com as viagens de Nerval (1843), de Gautier (1852), de Flaubert (1850) que se desenvolve a ideia e a busca de um Oriente autêntico, histórico, verdadeiro, apropriado a uma verdadeira evasão.<sup>302</sup>

Ao lado do amor ao passado, pode ser percebido, certo fascínio por coisas consideradas exóticas como roupas e tipos físicos, como na descrição da beleza das mulheres do Oriente, cujo encanto aumenta pelo uso dos trajes próprios das mulheres árabes:

As orientais possuem quatro perfeições que decidem a beleza da mulher, as quais são; os cabelos, os olhos, a forma do rosto e as extremidades. Estas perfeições raras vezes se encontram reunidas nas europeias, (...) são frequentes em seu conjunto, e quando se acham envoltas nos trajes daqueles países o encanto aumenta, o paralelo se torna impossível, e a comparação cessa.<sup>303</sup>

Ele não teve aproximação com essas mulheres, ao contrário de Gustave Flaubert, cuja experiência com a dançarina e cortesã egípcia Kuchuk Hanem possivelmente

---

<sup>300</sup> SAID, Edward W. *O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>301</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.99.

<sup>302</sup> CHACHAM, Vera. Passado e Natureza nas narrativas de viagem do Brasil ao Oriente (século XIX). *Em Tese – Belo Horizonte*. v. 7, dez. 2003. p.93.

<sup>303</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.86.

influenciou suas personagens orientais Salomé e Salammbô: “eu pensava nela, na sua dança na sua voz enquanto cantava as canções que para mim não tinham nenhum significado, nem mesmo as palavras distinguíveis”.<sup>304</sup>

O fascínio pelas mulheres orientais aparece também na ópera *Aída* de Verdi. Segundo Edward Said, devido ao gosto pelas exposições de erotismo feminino oriental na arte e nos entretenimentos europeus, Verdi adaptou os estudos de Ricordi sobre religião egípcia, para conferir uma posição central das mulheres orientais em situações exóticas; assim os rituais religiosos que eram originalmente praticados por homens, na ópera alguns são exercidos pelas sacerdotisas.<sup>305</sup>

Outra característica da época gosto era a descrição das casas de banho, especialmente as femininas. No Cairo essas casas eram utilizadas em horários diferentes por homens e mulheres, mas devido ao aspecto pouco higiênico dos locais o viajante não os experimentou. Em Constantinopla os locais eram exclusivos para os homens ou mulheres, sendo impossível aos homens descrevê-lo, por isso Gama e Abreu recorreu a uma referência feminina, transcrevendo um capítulo da obra *Turkish Embassy Letters* (1817), da escritora inglesa Mary Montagu, considerado uma das primeiras obras escritas por uma mulher sobre o oriente, e que se tornou referência entre os estudiosos orientalistas.<sup>306</sup>

As banhistas eram um tema recorrente na arte, inspirando pintores como Jean Auguste Dominique Ingres que pintou a tela *A banhista* (1808). Para Paulo Maués Corrêa, esse tema inspirou o escritor paraense Marques de Carvalho,<sup>307</sup> no conto *O banho da Tapuia*, uma narrativa com diversas referências clássicas que dialoga com o quadro *O nascimento de Vênus*, de Botticelli (1445-1510).<sup>308</sup>

---

<sup>304</sup> FLAUBERT, Gustave. Les lettres d' Égypte. In: STEEGMULLER, Francis. *Flaubert in Egypt: a sensibility on tour*. Boston: Little, Brown e Co, 1973.p.220. FLAUBERT, Gustave. *Cinq lettres d'Égypte*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2002.

<sup>305</sup> SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.p.202.

<sup>306</sup> Mary Wortley Montagu (1689-1762) era uma aristocrata e escritora inglesa, que acompanhou seu esposo Edward Wortley Montagu, que era embaixador, em várias viagens ao império Turco-Otomano, suas observações da cultura árabe foram importantes para a divulgar o processo de inoculação da varíola no ocidente, método que era utilizado com eficácia na Turquia. Mais detalhes sobre Lady Montagu e seu livro *Turkish Embassy Letters* ver: SECOR, Anna. Orientalism, gender and class in Lady Mary Wortley Montagu's Turkish Embassy Letters: to persons of distinctions, men of letters & C. *Cultural Geographies*. v.6, n.4. 1999. p.375-398.

<sup>307</sup> Jornalista e escritor, autor dos livros *Hortênsia* e *Contos do Norte*. O conto *O banho da Tapuia* pode ser encontrado em: CARVALHO, João Marques de Carvalho. *Contos do Norte*. 2ªed. Belém: Alzeviriana, 1907.

<sup>308</sup> CORRÊA, Paulo Maués. Leitura mítico-simbólica d'O banho da Tapuia, de Marques de Carvalho. In: FERNANDES, José Guilherme; CORRÊA, Paulo Maués. *Estudos de Literatura da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu/EDUFPA, 2007. p.44.

Gama e Abreu experimentou o banho turco, um processo estranho para o viajante, que recebeu massagens vigorosas que o deixaram com medo de lhe quebrarem os ossos. Depois da massagem se tomava banho com água quente, quando ele começava a relaxar, foi colocado na água fria, depois besuntado de argila, ele sentiu muito fraco e notou que muitos adormeciam na casa de banho. Outros banhistas relaxavam conversando, as casas de banho eram um importante local de sociabilidade em Constantinopla:

As casas de banho são lugares de reunião e de conversação, e não poucos são os indivíduos que ali passam partes do dia falando em política, e como em todo o resto do mundo, (...), falando mal do próximo.<sup>309</sup>

Já o teatro grego de marionetes chamado karagneuz era uma atração exótica desagradável por sua indecência.<sup>310</sup> Outra experiência exótica era o consumo de café e lattakie em Tripoli, na Grécia, uma cidade lânguida e tipicamente oriental:

Tripoli é uma cidade verdadeiramente oriental, a certas horas há nela completo sossego, a verdura que com as águas correntes a refrescam, lhe dá uma certa languidez a qual não admira que cedam os habitantes a quem por outro lado o lattakie e o café convidam ao estado de entorpecimento que se observa nos frequentadores dos estabelecimentos públicos.<sup>311</sup>

Esmirna era um local perfeito para se comprar itens exóticos, pois objetos muito caros em Paris eram adquiridos facilmente, como o tapete comprado por Gama e Abreu: “se ele estivesse em Paris faziam-no objeto de uma exposição especial, enquanto que em Esmirna o mercador os tinha ali dobrado em pilha em uma casa sombria e humilde”.<sup>312</sup>

Produtos orientais com bons preços eram vendidos também nos bazares em Constantinopla, por isso Gama e Abreu comprou muitos tecidos, toalhas de mesa, essência, joias e roupas. Um dos objetos que mais atraíram o viajante foi o cachimbo turco, usado para fumar narguilé: “O cachimbo turco é para mim um deleite puramente sensual, e se é fumado em rico nargilé, então ajunta-se mais o pecado da vaidade”.<sup>313</sup>

Em relação às cidades orientais, Gama e Abreu visitou Cairo no Egito, pois veio assistir, junto a sua esposa, em 1865, a abertura do Canal de Suez, nessa ocasião Gama e

---

<sup>309</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.174.

<sup>310</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.121.

<sup>311</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.55.

<sup>312</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.94.

<sup>313</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.13.

Abreu era representante da Associação Comercial de Lisboa.<sup>314</sup> Não sabemos se ele esteve no Egito, em 1869, quando houve uma grande comemoração da abertura do Canal de Suez e inauguração do Teatro de Ópera do Cairo, nessa ocasião houve a apresentação da ópera *Rigolletto*.<sup>315</sup>

Jerusalém era uma cidade histórica, na qual visitou os locais sagrados dos cristãos e judeus e refez a rota da *via crucis*. Beirut, na Síria, foi a cidade que mais recebeu elogios do viajante, ela chamou a atenção por seu crescimento econômico a partir da indústria e comércio, isso era fascinante em uma cidade histórica com vários monumentos romanos:

Das cidades orientais esta é uma que merece menção pelo papel notável que tem desempenhado na vida política daquelas regiões. Favorecida por Agripa, que a dotou com vários edifícios sendo os mais notáveis um teatro e um circo. (...) e está prosperando, não porque ali exista a corte de algum emir, mas porque a indústria e o comércio têm tido desenvolvimento, começam a ser abertas estradas para o interior, e a indústria da seda, já em casulos, já em rama, tem tido grande expansão; estabelecimentos notáveis aplicados à sericultura abundam nas vizinhanças da cidade.<sup>316</sup>

Algumas cidades possuíam péssima urbanização, Gama e Abreu destacou duas em especial Damasco e Constantinopla. Damasco, na Grécia, tinha uma das ruas principais tomada por cães sem dono:

(...) é a chamada Es-sultana pelos mulçumanos, e rua direita pelos cristãos, a qual, para não mentir é o mais torta possível, quando chove é lamacenta, e quando tem brilhado o sol, a mais empoeirada do mundo. Não são estes os únicos obstáculos ao trânsito dos viajantes que oferecem esta rua, as legiões de cães sem dono que nela dormem sossegadamente, banhando-se com voluptuosidade nos raios de sol e nas ondas de poeira.<sup>317</sup>

Semelhante a Damasco, Constantinopla foi descrita por Gama e Abreu como uma cidade muito suja e com a paisagem urbana pouco ordenada:

Esta ladeira é feita, ora em planos inclinados, ora em degraus, as casas que formam os lados são mesquinhas e pouco limpas, as ruas que vou contando são estreitas, tortuosas e de péssimo aspecto, espalhados entre as casas, alguns espaços vazios que notei, servem de depósito de lixo.<sup>318</sup>

Essa imagem negativa de Constantinopla, que era relacionada à feiura e à sujeira conforme se percebe no relato de Gama e Abreu, esteve presente nas crônicas jornalísticas

---

<sup>314</sup> *Diário Ilustrado*. Lisboa, 18 de novembro de 1875.p.2.

<sup>315</sup> SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.193.

<sup>316</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.6-7.

<sup>317</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.20.

<sup>318</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.109.

paraenses, uma delas considerava a cidade de Belém “porca como Constantinopla”, como observou a historiadora Franciane Lacerda.<sup>319</sup>

Mas a crítica de Gama e Abreu não se centrou nas cidades do Oriente. Ao contrário, vimos que o viajante não poupou as grandes capitais e criticou: Lisboa, pela falta de vida social e pela grande quantidade de mendigos; Paris pelo elitismo; Londres pelo ar sombrio e pelos ladrões e Viena pelo excesso de militares nas ruas.

O texto de Gama e Abreu é uma narrativa que exemplifica a circulação de pessoas, ideias, produtos, animais, plantas, alimentos e objetos entre várias partes do mundo, referentes ao processo de mundialização<sup>320</sup> que durante o século XIX possibilitou o desenvolvimento de novos potenciais energéticos como a eletricidade e os derivados de petróleo.

Sabendo o quanto era corrente a literatura sobre viagens, o que torna o livro *Apontamentos de Viagem* ainda mais interessante são as duas perspectivas que diferenciam esse livro de outras obras com essa temática. A primeira é que o olhar para a Europa e o Oriente é de um autor que, mesmo participando ativamente de círculos intelectuais portugueses, assume-se como um intelectual brasileiro, e mais especificamente da longínqua Amazônia. Ao lado de suas incursões pelos rios europeus e orientais ele descreve Belém e também as capitais nordestinas, e não a capital da corte, sugerindo dessa forma uma rota inversa. O Barão de Marajó é um intelectual que publica uma obra vultosa para afirmar-se como erudito e ao mesmo tempo divulga um discurso de interesse de seu país e de sua região de origem, no exterior.

Ele pretendia continuar a escrever sobre viagens, pela América Central e Roma,<sup>321</sup> mas seus livros escritos posteriores são todos sobre a Amazônia, neles assina como o Barão de Marajó. Inferimos que o texto de Gama e Abreu pode ser relacionado com as análises feitas por Edward Said a respeito da literatura das áreas colonizadas. Uma das características dessa literatura era a resistência, percebida por Said como um modo alternativo de concepção da história, um esforço para ingressar no discurso da Europa, de se misturar e fazer com que reconheçam histórias marginalizadas, suprimidas ou

---

<sup>319</sup> LACERDA, Franciane Gama. “No limiar de tantas feiuras”: representações de Belém em finais do século XIX, início do século XX. In: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. (Orgs.). Antonio Lemos: revisitando o mito (1913-2013). Belém: Açáí, 2014.

<sup>320</sup> GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.

<sup>321</sup> “ocupar a atenção de meus ouvintes, com a narração de alguma viagem pela Itália ou pelas matas virgens da America Central”. ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo III Lisboa: Typographia Universal, 1876. p.281.

esquecidas.<sup>322</sup> Essa semelhança com esse tipo de literatura não significa que Gama e Abreu concebesse a Amazônia como um lugar marginal, ao contrário procurava divulgar uma imagem positiva ressaltando as potencialidades, inseria a Amazônia numa rota mundializada. Pensava a sua região como um centro de poder no tempo futuro.

A segunda perspectiva é a influência das viagens feitas para a escrita da obra *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem* na atuação política de Gama e Abreu como diretor das Obras Públicas e Presidente de Província durante o Império e Intendente de Belém durante a República. Tema que será discutido posteriormente.

A carreira de Gama e Abreu prosseguiu na busca de inserção nos círculos intelectuais europeus e da divulgação da Amazônia. Esse processo foi intensificado devido as polêmicas com a Sociedade de Geografia Comercial de Paris, relacionadas à questão franco-brasileira, e com a sua participação em exposições universais como veremos no capítulo seguinte.

---

<sup>322</sup> SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.332.

## CAPÍTULO II

### Em busca de inserção nos Círculos Intelectuais Europeus

O distrito de Cametá, nesse ponto, parece uma verdadeira Itália. Pode escassear o alimento, mas não há quase casa alguma em cuja frente ou lado não se veja um jardim.<sup>323</sup>

#### 2.1. Teias discursivas – Amazônia e Europa

Sabe-se que no final do século XIX e início do XX, eram comuns as comparações entre a Amazônia e a Europa como registrou Ignácio Moura<sup>324</sup> ao comparar a pequena cidade de Cametá, situada no vale do rio Tocantins, com a Itália. Vale lembrar as referências à cidade de Belém como a “francesinha do norte”.<sup>325</sup> Acerca das relações entre a Amazônia e a Europa, David Pennington produziu um estudo comparativo entre as cidades de Manaus e Liverpool; nessa obra, as “pontes” entre essas duas cidades seriam econômico-financeiras e também de encenação cotidiana; seriam “pontes” consubstanciadas nas representações escritas, orais e iconográficas.<sup>326</sup>

Voltando ao engenheiro Ignácio Moura, percebemos que esteve ligado à divulgação da Amazônia em eventos internacionais como o Congresso Internacional de Americanistas (1908) que ocorreu na cidade de Viena; o mesmo ocorreu em 1893, quando esteve com o Barão de Marajó e outros intelectuais para representar o Pará na Exposição de Chicago.<sup>327</sup>

Moura tinha admiração por Gama e Abreu, o Barão de Marajó, tanto que na obra *De Belém a São João do Araguaia*, ele transcreveu um artigo de sua autoria, intitulado *1847-1897*:

Para não enfadar o leitor com a imperfeição de um estudo comparativo nesse sentido, dou aqui a estampa um belo artigo do Sr. Barão de Marajó, já falecido e notável escritor

---

<sup>323</sup> MOURA, Ignácio Baptista de. *De Belém a São João do Araguaia*. Rio de Janeiro/Paris: H.Garnier livreiro-editor, 1910.p.59.

<sup>324</sup> Em 1926, Ignácio Moura tornou-se presidente de honra do Instituto Histórico e Geográfico do Pará.

<sup>325</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010. p.159.

<sup>326</sup> PENNINGTON, David. *Manaus e Liverpool: uma ponte marítima centenária*. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2009.p.29.

<sup>327</sup> A tradução deste material da língua portuguesa para a inglesa foi feita pelo Barão de Marajó. Ver: *The State of Pará notes for Exposition de Chicago*. New York: G.Putman's, 1893. Ver também o artigo de Jorge Nassar Fleury da Fonseca: Artes do progresso: uma história da visualidade da Exposição de Chicago de 1893. *19&20*, Rio de Janeiro, v.IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/expo\\_1893\\_chicago.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/expo_1893_chicago.htm). Acesso em 15 de janeiro de 2014.

paraense, que como testemunha de todos os fatos deste meio século, com a bizzarria da sua pena e com a competência que ninguém lhe negava assim escreveu(...).<sup>328</sup>

No artigo *1847-1897*, o Barão de Marajó contava as suas lembranças da cidade de Belém,<sup>329</sup> observando as mudanças na paisagem urbana, ocorridas de entre as datas, enfatizando os melhoramentos urbanos e prevendo o progresso do Pará:

Eis em resumido quadro a comparação das duas épocas, 1847 e 1897, no Pará. Preza ao destino, ainda para nós fechado em seus arcanos, que na segunda metade do século, o progresso da pátria paraense ainda seja muito maior, fazendo resplandecer o seu nome em uma auréola de glória e de luz.<sup>330</sup>

Como vimos no primeiro capítulo, para o Barão de Marajó as transformações ocorridas na cidade de Belém se relacionavam diretamente ao desenvolvimento da navegação do rio Amazonas iniciado pelo Barão de Mauá.<sup>331</sup> As linhas de navegação a vapor por ligarem rapidamente a Amazônia com a América e a Europa impulsionavam o desenvolvimento econômico:

O gênio do Barão de Mauá, criando a navegação a vapor do Amazonas, marcou meta gloriosa ao desenvolvimento do Pará, granjeando para sua memória direito imperecível à nossa gratidão, dívida que ainda não foi saudada e que aos poderes públicos cumpre pagar. A par do desenvolvimento da navegação, e com ela o do comércio, as instituições bancárias se multiplicam, o valor dos imóveis aumentam, novos produtos se descobrem, novas aplicações são estudadas e os renditos públicos, que em 1847 mal chagavam a mil contos, em 1897 ascendem a quatorze mil.<sup>332</sup>

Sendo um entusiasta da navegabilidade internacional do Amazonas, quando ocupava o cargo de senador, em 1896, elaborou uma proposta de lei estadual que visava a navegação para o mar mediterrâneo.<sup>333</sup> Em 1890, o Barão de Marajó ofereceu um

---

<sup>328</sup> MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.2.

<sup>329</sup> “Dos que, em 1847, já tinham idade bastante para julgar e apreciar as coisas, bem poucos existem; a maioria repousa no silêncio da Soledade ou no terreno ermo de Santa Izabel. Somos daqueles poucos que ainda não resolveram fazer a derradeira peregrinação; por isso, lembrando-nos de 1847, poderemos orientar o leitor do quanto tem mudado Belém até o presente”. MARAJÓ. Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.2-3.

<sup>330</sup> MARAJÓ. Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.9.

<sup>331</sup> O Barão de Mauá conquistou a exclusividade da navegação do rio Amazonas em 1852, inicialmente com as linhas: Belém - Manaus, Manaus – Tabatinga e Belém – Cameté. Devido aos anseios particulares, aspirações locais e pressões internacionais dos E.U.A e da Inglaterra, aproximadamente em 1867, já havia uma internacionalização das empresas de navegação fluvial. Ver: PENNINGTON, David. *Manaus e Liverpool: uma ponte marítima centenária*. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2009. P.148-151.

<sup>332</sup> MARAJÓ. Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.8.

<sup>333</sup> *Folha do Norte*. Belém, 30 de abril de 1896.p.2.

banquete à *Amazon Company*,<sup>334</sup> uma importante empresa de navegação, para comemorar o lançamento ao mar dos vapores *América* e *Marajó*, batizados por sua filha Esther Chermont.<sup>335</sup> O discurso do Barão foi em homenagem a Mauá o precursor da navegação do Amazonas, que foi comentado dessa forma pelo jornal *O Democrata*:

O banquete foi presidido pelo Exm<sup>o</sup> Sr. Barão de Marajó que ocupara a cabeceira da mesa de centro. Ao *dessert*, S. Ex<sup>a</sup>. rememorando quarenta anos esquecidos pelo tempo, ao visconde de Mauá, que com seu gênio empreendedor, iniciou a navegação a vapor nas águas da Amazônia.<sup>336</sup>

Voltemos para o artigo do Barão de Marajó. Após fazer a transcrição do artigo, Moura observa a continuidade das obras de melhoramento da cidade, iniciadas em 1850, e continua a narração a partir de 1897, o período em que a cidade de Belém começa a ser administrada pelo intendente Antônio Lemos (1897-1911), época em que a cidade teria crescido ainda mais:

Muitos melhoramentos apontados pelo ilustre escritor como projetos, hoje são brilhantes realidades. O monumento da República já se acha erigido à praça do mesmo nome; os palácios do Instituto Gentil Bittencourt para meninas órfãs, e do Instituto Lauro Sodré para o ensino de artes e ofícios de meninos pobres já se acham esplendidamente concluídos. Belém está quase toda calçada de paralelepípedos de granito e passeios de cimento ou cantaria; é iluminada por eletricidade, fornecida por duas companhias, e por gás carbônico; tramwáys elétricos circulam em todos os pontos dos 68 quilômetros quadrados da área urbana; comunica-se com os seus arrabaldes e com as cidades próximas ou por uma estrada de ferro, com diversos ramais, ou por lanchas ou barcos a vapor. A cidade possui muitas empresas de carruagens, com 358 carros de luxo e 96 automóveis. No teatro da Paz, iluminado por eletricidade, têm trabalhado as principais companhias líricas italianas ou dramáticas portuguesas e brasileiras. Há, ainda, dois pequenos teatros, o Polyttéama e o Apollo. Há diversas associações de música, de danças e de esportes, com uma raia para corridas de cavalos. As suas praças são ajardinadas à *inglesa*, devido ao impulso que, para completa transformação da cidade, tem dado o intendente senador Antônio Lemos.<sup>337</sup>

Para Ignácio de Moura, após o ano de 1897, os projetos do Barão de Marajó e de outros políticos que o antecederam tornavam-se realidade. Para este autor haveria um grande progresso em Belém relacionado à construção de teatros, de praças jardinadas à inglesa, da educação para um número cada vez maior de pessoas, o calçamento das ruas, a inauguração da luz elétrica e uma diversidade de meios de transportes. Essa observação de Ignácio Moura nos leva a pensar que mesmo com as rivalidades políticas, existentes entre os membros das elites na Amazônia (como as que existiram no período imperial

---

<sup>334</sup> O jornal *O Democrata* descreve os brindes após a sobremesa, os do Barão de Marajó são ao gerente da *Amazon Company* (Edmund Compton) e à Rainha Vitória. *O Democrata*. Belém, 25 de março de 1890.p.2.

<sup>335</sup> Esther P. da Gama e Abreu, casou-se com Francisco Leite Chermont, filho de Antônio Lacerda de Chermont, o Visconde de Arari.

<sup>336</sup> *O Democrata*. Belém, 25 de março de 1890.p.2.

<sup>337</sup> MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia*: Valle do Tocantins. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.p.9-10.

entre Conservadores e Liberais ou as disputas e cisões entre os grupos de republicanos), havia durante o período entre meados do século XIX e início do XX uma continuidade no projeto modernizador da urbe com uma forte inspiração europeia.

Os discursos do Barão de Marajó e Ignácio de Moura apresentam duas importantes características desse processo modernizador. Em primeiro lugar, a valorização da educação, das artes e de associações culturais e científicas; em segundo lugar, o ideal da cidade higiênica e planejada. Era um período, no qual o futuro era pensado de forma promissora.

A busca por uma ampliação das ligações com os locais considerados centros de civilidade, em meados do século XIX e início do XX, não eram apenas movidos por interesses comerciais, mas ocorriam em âmbito intelectual. Segundo Emília Viotti da Costa, os intelectuais brasileiros buscavam nas teorias europeias explicações para a realidade brasileira, e as respostas que buscavam significavam menos uma resposta às necessidades estruturais e mais o desejo de criar no Brasil condições para elevá-lo à condição de uma nação civilizada.<sup>338</sup> Conforme apresentamos no primeiro capítulo, muitos dos envolvidos nesses projetos eram bacharéis educados no Brasil e no exterior que viajavam tanto a serviço do país, quanto para educar-se e interagir em diversos círculos intelectuais.

Esse comentário de Emília Viotti, a respeito da importância do contato com a Europa para os intelectuais brasileiros, lembra-nos as observações de Raymond Williams a respeito da importância das metrópoles para a produção intelectual na segunda metade do século XIX e início do XX:

A metrópole acolheu as grandes academias e museus tradicionais e suas ortodoxias, cuja proximidade e poder de controle eram tanto um modelo quanto um desafio. Mas dentro do novo tipo de sociedade aberta, complexa e móvel, pequenos grupos com alguma forma de divergência ou de dissidência poderiam encontrar o apoio que não seria possível se os artistas e pensadores que compunham esses grupos estivessem espalhados em sociedades mais tradicionais e fechadas.<sup>339</sup>

A preocupação com a modernização do país foi um dos principais temas da chamada “geração de 1870”;<sup>340</sup> caracterizada por um panorama intelectual mais

---

<sup>338</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. 9ªed. São Paulo: Unesp, 2010.p.264-265.

<sup>339</sup> WILLIAMS, Raymond. Percepções metropolitanas e a emergência do modernismo. In: *A Política do Modernismo*. São Paulo: Unesp, 2011.p. 21

<sup>340</sup> A respeito da década de 1870, Sílvio Romero comentou: *um bando de ideias novas esvoaçava-se sobre nós de todos os pontos do horizonte*. Ver: ROMERO, Sílvio. Explicações indispensáveis. In: *Vários Escritos*. BARRETO, Tobias. Sergipe: Ed. Do Estado do Sergipe, 1926.p. 23-24.

diversificado com a criação de faculdades, centros de pesquisas, institutos históricos e geográficos, mas essa ânsia modernizadora e a discussão da nacionalidade entre os intelectuais podem ser percebidas antes da década de 1870, um exemplo é a revista *Niterói* (1836),<sup>341</sup> publicada por jovens brasileiros residentes na França e que faziam parte do *Institut Historique de Paris*.<sup>342</sup>

Para Wilma Peres Costa, essa busca por legitimidade diante do olhar estrangeiro, está muito relacionada à formação da identidade nacional brasileira, já que três dos principais documentos de identidade do Brasil são narrativas de viagens: a carta de Pero Vaz de Caminha, as narrativas de viagens de Hans Staden e Jean de Léry, e *História Geral do Brasil*, o primeiro livro de história nacional, de Adolpho Varnhagen, que foi construído através do diálogo com documentos e opiniões produzidas pelos viajantes ingleses, prussianos e franceses que visitaram o Brasil durante o reinado de D. João VI.<sup>343</sup>

Segundo o historiador Aldrin Figueiredo, os intelectuais amazônicos do final do século XIX e início do XX estavam inseridos na busca por modernização e discutiram a respeito da identidade nacional, especialmente por meio da literatura. Neste contexto, os intercâmbios entre os grupos de intelectuais locais e outros circuitos brasileiros são fundamentais para o processo de constituição do campo de saber sobre a Amazônia.<sup>344</sup>

Um exemplo desses intercâmbios eram as associações como o Grêmio de Letras e Artes, com sede no Rio de Janeiro, que buscavam conectar intelectuais brasileiros que viviam em vários estados ou no exterior, além de estrangeiros. Na listagem dos sócios correspondentes aceitos constavam cidades e países, como: Paris, Portugal, Londres, Liverpool, Roma, Turin, Nápoles, Florença, Milão, Buenos Aires, Montevidéo, Chile, Guyana Francesa, Baltimore e Boston.<sup>345</sup>

O estado do Pará era representado por D. Antônio de Macedo Costa, Cônego Antônio de Macedo Costa Sobrinho, José Veríssimo, Tito Franco de Almeida, João Marques de Carvalho, Barão de Guajará e Barão de Marajó; enquanto o estado do

---

<sup>341</sup> A revista *Niterói* era marcada pela discussão a respeito da formação nacional, faziam parte da organização da revista Manuel Araújo Porto Alegre, Domingos José Gonçalves de Magalhães e Francisco Sales Torres Homem.

<sup>342</sup> Ver o artigo de Maria Orlanda Pinassi sobre o assunto. PINASSI, Maria Orlanda. Os brasileiros e o Instituto Histórico de Paris – 1834-1856. (orgs) BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI; ROLLAND, Denis. *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo; Cortez, 2003.p.31-47.

<sup>343</sup> COSTA, Wilma Peres. Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual. (org). RIDENTI, Marcelo; BASTOS; Elide Rugai; ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p.31-32.

<sup>344</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA, 2008. p.36-37

<sup>345</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro. 25 de fevereiro de 1887.p.2.

Amazonas tinha como interlocutores internacionais o Dr. Álvares Afonso, José Barbosa Rodrigues, Aprígio de Menezes e Adelino do Nascimento. O correspondente paraense em Paris era o intelectual Santa-Anna Nery.<sup>346</sup>

Outro exemplo de sociabilidade entre intelectuais foi a efeméride ocorrida em 1897, uma homenagem portuguesa às marinhas brasileira e espanhola, da qual o Barão de Marajó foi um dos convidados.<sup>347</sup> Foram produzidos diversos eventos performances em teatros, banquetes e festividades organizados tanto por círculos aristocráticos quanto em bairros populares, conforme esta nota publicada na revista francesa *La Diplomatie*:

A natureza mais específica de intimidade ainda marcou estas celebrações, afirmando de uma maneira impressionante a simpatia de Portugal pela Espanha e Brasil. Unidas, nações latinas, nações irmãs, devemos caminhar de mãos dadas na mão na vanguarda do progresso e civilização. De todas as manifestações entusiasmadas que foram pródigas, (...) devem ser mencionados a representação ocorrida no Royal Colisée, o banquete oferecido no Hotel Avenida Palace e o almoço ocorrido em Cintra oferecido pelo rei D. Carlos, manifestações que certamente possuem uma certa importância, mesmo do ponto de vista político.<sup>348</sup>

Além desses intercâmbios, muitos intelectuais amazônicos forjavam teias discursivas que ligavam a Amazônia à Europa. O folclore era um desses meios, pois era corrente a teoria de Andrew Lang, na qual “o elemento irracional que se encontra nos mitos é tão somente a sobrevivência dum estado do pensamento que foi outrora muito comum, para não dizer universal”.<sup>349</sup> Essa percepção dos estudos de folclore como forma de buscar as origens comuns da humanidade pode ser notada nos estudos dos intelectuais Santa-Anna Nery e Pádua de Carvalho.

Pádua de Carvalho era jornalista e estudioso de folclore, e foi um grande colaborador de Santa-Anna Nery, e lhe cedeu várias narrativas posteriormente publicadas em Paris na obra *Folclore Brasileiro* (1889). A obra de Santa-Anna Nery possui muitas referências ao que havia de semelhante nas culturas de diferentes localidades; para Nery, a força dos ventos ao sacudir as árvores e as sombras das folhas projetadas sobre a terra teria sido interpretada como a imagem de seres míticos habitantes das florestas, como o

---

<sup>346</sup> *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro. 25 de fevereiro de 1887.p.2.

<sup>347</sup> Alguns dos convidados para o banquete oferecido pelo representante do Brasil em Lisboa, Assis Brasil, no navio Almirante Barroso: “À mesa de honra, sr. Assis Brasil tinha à sua direita o comandante do navio Almirante Barroso e à sua esquerda o marquês de Franco. Os outros convidados foram: MM. Vieira da Silva, o cônsul do Brasil em Lisboa, Barão de Marajó, Henrique Sisson, D 'Costa Motta, Dr. Raymundo Correia, Manuel Martins da Hora, Alfredo Cordovil Petit, Oscar Short, Alfredo Cesar, Augusto de Mello, Luiz Teixeira Octavio, Dr. Julião Freitas do Amaral, Fabiano Martins da Cruz, José Luiz Sant'Anna, Dr. Américo de Campos Sobrinho”. *La Diplomatie. Revue Bi-mensuelle internationale*. Paris 5 de outubro de 1897.p.14.

<sup>348</sup> *La Diplomatie. Revue Bi-mensuelle internationale*. Paris 5 de outubro de 1897.p.13-14.

<sup>349</sup> Andrew Lang é citado pelo etnólogo Roland Bonaparte na introdução a obra *Folclore Brasileiro* de Santa-Anna Nery. Ver em: NERY, F.J. de Santa-Anna. *Folclore Brasileiro*. Recife: Massangana, 1992.p.28.

Curupira, na Amazônia, o Liechi, na Rússia e os Rakasasás, demônios dos bosques indianos.<sup>350</sup> Outra narrativa era a dos marinheiros enfeitiçados com o canto de uma bela mulher, esse texto ligava a Iara, do rio Amazonas, a Lorelai, do Reno.<sup>351</sup>

Aldrin Figueiredo, que analisou a obra do intelectual amazônico Pádua de Carvalho, observou as referências da cultura clássica nos textos deste autor a respeito da princesa da encantada ilha de Mayandeuá, essas, significavam uma busca de definição do povo e da nação, que procurava ligar a história do Brasil à civilização europeia:

A ideia era contar uma história da Amazônia que pudesse colocar a região e o país numa das etapas da evolução histórica rumo à civilização. A destruição das práticas supersticiosas dos habitantes de Mayandeuá e sua preservação apenas como registro do folclore enfatizavam que a nação estava no caminho certo, vivendo e, ao mesmo tempo apreciando o acaso de uma tradição autenticamente popular, mas primitiva e selvagem. Era como se os pajés da Amazônia representassem o passado mítico e lendário das grandes nações do velho mundo, daí o porquê da incorporação, por parte do literato, do imaginário cultural clássico ao fabulário amazônico.<sup>352</sup>

Ao lado do folclore, a história e a geografia eram formas de inserção da Amazônia em rumo à civilização. Um bom exemplo é a obra *Abertura do Amazonas* (1867) de Domingos Antônio Raiol, o Barão de Guajará, que estudou as possibilidades de crescimento na região norte, buscando pautar seu discurso em exemplos históricos de diversas sociedades para justificar a importância da abertura do Amazonas à navegação internacional, um dos acontecimentos lembrados foram as conquistas de Alexandre, rei da Macedônia.<sup>353</sup>

Estudos geográficos compartilhavam concepções semelhantes, Henrique Santa Rosa escreveu um artigo a respeito da corografia do Estado do Pará, esse texto era parte de um compêndio organizado para a Exposição Universal de Chicago (1893). Nele, Henrique Santa Rosa faz uma série de citações de viajantes e pesquisadores estrangeiros que manifestassem uma visão positiva da Amazônia, ressaltando as possibilidades naturais para o progresso no futuro.<sup>354</sup> Para convencer sobre a salubridade do clima paraense cita a opinião de viajantes estrangeiros:

---

<sup>350</sup> NERY, F.J. de Santa-Anna. *Folclore Brasileiro*. Recife: Massangana, 1992.p.229.

<sup>351</sup> NERY, F.J. de Santa-Anna. *Folclore Brasileiro*. Recife: Massangana, 1992.p.233.

<sup>352</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Letras Insulares: Literaturas e Formas de História no Modernismo Brasileiro*. (orgs) CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo. *A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.p.306.

<sup>353</sup> RAIOL, Domingos Antônio. *Abertura do Amazonas*. Tip. Do Jornal do Amazonas, Belém, 1867. A respeito do Barão de Guajará e sua experiência como historiador e político, ver o artigo de Magda Ricci e Luciano Lima: RICCI, Magda; LIMA, Luciano D. B. Historiador político ou político historiador? – Interações entre experiências intelectuais e institucionais do Barão de Guajará. *OP SIS*, Catalão. v.13,nº2, Jul/Dez, 2013. p. 395-418.

<sup>354</sup> A respeito do clima, Henrique Santa Rosa cita Wallace, Batters e H. Smith. PARÁ. Governo do Estado do. *Apontamentos para a Exposição de Chicago*. Belém: 1892.p.18-19.

Profundo era o preconceito vulgarizado contra o clima desta região, por muitos considerada o foco das febres palustres. Hoje, felizmente, se acha suficientemente reformado tal juízo e para isso têm contribuído, mais do que tudo as insuspeitas opiniões dos estrangeiros ilustres que tem-na percorrido, mesmo através das paragens mais inóspitas.<sup>355</sup>

São importantes estas referências, onde a modernização e a busca de reconhecimento no país e no exterior eram valores que uniam intelectuais com trajetórias diferentes, embora algumas vezes, estes participassem das mesmas instituições ou sociedades. Esses valores conectavam esses letrados em uma cultura comum, no sentido de um padrão dominante no qual pessoas de um determinado grupo partilhavam de significados e valores, conforme o conceituou Raymond Williams.<sup>356</sup> Este sociólogo ao analisar o Círculo de *Bloomsbory*,<sup>357</sup> formado por intelectuais ingleses das primeiras décadas do século XX, mencionou que o grupo cultural e o “mundo externo” devem ser rastreados até uma posição social precisa: “Mas, o plano que importa não é o das ideias abstratas, mas o das relações genuínas do grupo com o sistema social como um todo”.<sup>358</sup>

No sentido da interação do grupo com o sistema social, procuraremos perceber a busca de inserção dos intelectuais amazônicos nos círculos europeus a partir do Barão de Marajó, que dedicou muito tempo à sua formação na Europa e à busca por reconhecimento no exterior. Na trajetória política e intelectual do Barão de Marajó, o projeto de “euro-Amazônia”, perpassa pela definição geográfica, pela divulgação no exterior e pelas ações voltadas para o desenvolvimento econômico e urbanístico.

---

<sup>355</sup> PARÁ. Governo do Estado do. *Apontamentos para a Exposição de Chicago*. Belém: 1892.p.18.

<sup>356</sup> WILLIAMS, Raymond. The Idea of a Common Culture (1968). In: *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. New York: Verso, 1989.

<sup>357</sup> O Círculo de Bloomsbory era um grupo de amigos cuja maior parte havia estudado na Universidade de Cambríge como Leonard Woolf, Virgínia Wolf, Maynard Keynes entre outros. Ver: WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbory. *Plural*. São Paulo, n°6, I sem, 1999.p.139-168.

<sup>358</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo:Unesp, 2011.p.215.

## 2.2. Os círculos de um barão intelectual - viagens, geografia e polêmicas entre a Amazônia e a França.

O historiador Benedict Anderson conceituou as nações como uma comunidade política essencialmente imaginada e limitada.<sup>359</sup> Seria uma comunidade imaginada porque uma boa parte de seus membros, mesmo não se conhecendo possuiriam uma comunhão mental de reconhecimento como nação e seria limitada por suas fronteiras finitas, ainda que flexíveis. Esse processo de definição do espaço e da identidade das nações foi intensificado no século XIX.

No Brasil, especialmente durante o segundo reinado, os intelectuais tiveram considerável relevância na formação da identidade e do território nacional. Nesse sentido, Lilia Moritz Schwarcz menciona a importância do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia de Belas Artes, instituições que contavam com o apoio do imperador D. Pedro II e se empenhavam no fortalecimento da monarquia e da unificação nacional.<sup>360</sup>

Outra instituição importante nos estudos de geografia foi a Seção Filial da Sociedade de Geografia de Lisboa, que desenvolveu suas atividades de 1878 a 1888 no Rio de Janeiro, e representava, propagava e defendia os interesses de Portugal e da matriz em Lisboa.<sup>361</sup> Os sócios da instituição eram boa parte da elite fluminense como o Visconde de Rio Vez, o Visconde de Matosinhos, o Barão de Teffé, o Barão da Ponte Ribeiro, Ladislau Netto e Emílio Zaluar. Em 1881, ocorreu uma cisão entre os sócios, pois havia um grupo que pretendia nacionalizar a instituição, enquanto outros defendiam a fidelidade aos planos expansionistas portugueses. O grupo dissidente fundou a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.<sup>362</sup>

O Barão de Marajó era sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro,<sup>363</sup> sendo que outros intelectuais atuantes na Amazônia participaram dessa

---

<sup>359</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.p.31-34

<sup>360</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>361</sup> A respeito da Seção Filial da Sociedade de Geografia de Lisboa ver: MARY, Cristina Pessanha. O Brasil para o mundo português 1875-1889. *Geo UERJ*, Ano 12, N°21,v.2, 2° semestre de 2010.

<sup>362</sup> Sobre a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro ver: CARDOSO, Luciene Pereira Carris. Notas sobre o papel da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e sua contribuição para o desenvolvimento do saber geográfico no Brasil. *Revista de História e Estudos Culturais Fênix*. Mai/jun/jul/ago, 2010, v.7. Ano VII, n°2.

<sup>363</sup> “Foram inscritos sócios correspondentes, os Srs. Miguel Borges de Carvalho Castelo Branco; Barão de Marajó; João Barbosa Rodrigues, Alexandre Haag, Frank Vicente Junior, Dr. Benjamin Franklin de Albuquerque Lima, Domingos Soares Ferreira Penna, Barão de Guajará, Visconde de Maracajú, Barão de

instituição como o Barão de Guajará<sup>364</sup> e Ferreira Penna<sup>365</sup>. O núcleo organizava congressos e conferências. Um dos mais importantes eventos foi a *Exposição Geográfica Sul Americana* que contou com a participação do Chile, da Bolívia, do Paraguai, do Uruguai, da Argentina e da Venezuela. As instituições que apoiaram a Exposição foram: o Museu Nacional, o IHGB, o Arquivo Militar, a Repartição Hidrográfica e o Arquivo Público do Império.

Essa instituição pretendia o intercâmbio com outras instituições ligadas à geografia, fossem nacionais ou estrangeiras.<sup>366</sup> Algumas estratégias eram tomadas para atingir essa finalidade, como incentivar o pertencimento dos sócios a outras instituições e receber pesquisadores estrangeiros, entre eles, o geógrafo e anarquista Élisée Reclus, que fez uma palestra sobre os resultados preliminares de suas observações e, em 1894, publicou na França o 19º volume da *Nouvelle géographie universelle*.

O estudo relativo ao Brasil foi publicado com o título: *Estados Unidos do Brasil: geografia, etnografia e estatística* (1899), traduzido por Ramiz Galvão e com notas do Barão de Rio Branco. Outro exemplo desse intercâmbio eram as leituras de periódicos estrangeiros feitas nas sessões, como reflete o trecho de uma Ata transcrita abaixo:

Lida e aprovada a ata da sessão antecedente, foi lido o que o expediente contou:  
De uma carta do 1º tenente Campos da Paz, pedindo dispensa de sócio.  
Do n.8 do boletim da Sociedade de Geografia Comercial de Bordeaux.  
Do n. 102 Revista de Geografia Internacional de Bordeaux.<sup>367</sup>

A geografia era utilizada especialmente na definição territorial e havia um debate marcante entre estudiosos de diversos países que faziam descrições minuciosas do território e dos limites naturais de modo a servir de instrumento de legitimação da

---

Grajaú, Desembargador José Manuel de Freitas”. Seção em 20 de maio de 1884. *Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 1884.p.378-379.

<sup>364</sup> Domingos Antônio Rayol, o Barão de Guajará, foi um político ligado ao partido liberal e um importante intelectual autor da obra historiográfica *Motins políticos*. Formou-se advogado na Faculdade de Direito de Olinda, a mesma que formou Silvio Romero e Tobias Barreto. Sobre o Barão de Guajará ver o artigo de Magda Ricci e Luciano Demetrius: Fazendo política, contando história: Experiências sócio-literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos - 1865-1890. *Revista de Estudos Amazônicos*. Vol.VI, nº1, 2011.p.41-68.

<sup>365</sup> Domingos Soares Ferreira Penna, nasceu em Minas Gerais e cedo radicou-se no Pará, foi um dos fundadores da Sociedade Filomática que deu origem ao Museu Paraense de História Natural, pesquisou especialmente nos sítios arqueológicos do Marajó. Ver: SANJAD, Nelson. “Ciência de potes quebrados” Nação e Região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*. V.19, nº1, Jan-jun, 2011. p.133-163.

<sup>366</sup> Um exemplo dessa conexão neste documento: “O Sr. Brito e Cunha comunicou que por ser sócio fundador da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro foi nomeado sócio correspondente da Sociedade de Geografia Comercial de Paris”. *Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 1884.p.378.

<sup>367</sup> Seção em 20 de maio de 1884. *Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, 1884.p.379.

nacionalidade.<sup>368</sup> No Brasil, durante o Segundo Reinado, um tema recorrente era o das disputas sobre o território entre o Amapá e a Guiana, que envolveu intelectuais brasileiros e franceses; além desse debate, estudos foram realizados para a definição de fronteiras, tanto que neste período foram assinados tratados de limites com: o Uruguai (1851), o Peru (1851 e 1874), a Colômbia (1853), a Venezuela (1859), a Bolívia (1867) e com o Paraguai (1872). Nesse sentido, a geografia, a cartografia e o mapa são instrumentos simbólicos da formação da unidade nacional.<sup>369</sup>

De acordo com Demétrio Magnoli, as nações, durante o século XIX, para justificar os limites de seus territórios, baseavam-se na doutrina das fronteiras naturais de Carl Ritter<sup>370</sup>; teoria na qual o relevo, o curso dos rios e os desenhos das redes hidrográficas obedeceriam às “leis telúricas”.<sup>371</sup> No caso do Brasil, uma das teorias utilizadas pelas elites imperiais era o mito da “Ilha-Brasil”, que consistia na atribuição de um território natural para o Brasil definido pelo curso dos rios Uruguai, Paraguai, Guaporé, Mamoré e pelo vale drenado pelos afluentes do rio Amazonas. As primeiras utilizações desta teoria surgiram na revista do IHGB e na obra do historiador Varnhagen.<sup>372</sup>

Para Demétrio Magnoli, esses discursos ressaltam que a colonização portuguesa afirmava a posse de um território prévio definido pela natureza:

A narrativa nacional brasileira entalha a pátria na natureza, produzindo um território prévio, anterior à própria colonização, definido pelo desenho premonitório dos rios. Toda a colonização portuguesa torna-se, assim, um vasto resgate do Brasil natural, que se completa através do Tratado de Madri. O Estado independente surge como depositário dessa unidade ancestral, que deve ser defendida. Essa narrativa foi elaborada a partir da transferência da Corte para o Rio de Janeiro e desempenhou funções de legitimação cruciais após a independência.<sup>373</sup>

---

<sup>368</sup> A esse respeito ver: MAGNOLI, Demétrio. *O corpo da pátria, imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: UNESP, 1997.

<sup>369</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.226-255. Essa obra foi publicada em 1983 e na segunda edição em 1991 o autor fez modificações e acréscimos como o capítulo 9, “Censo, mapa e museu”, que aborda a importância dessas instituições para a formação das nações no sudeste asiático.

<sup>370</sup> Geógrafo alemão, nascido em Quedlinburg, então pertencente à Prússia, descobridor do *raio ultravioleta* (1801), junto com o geógrafo e naturalista alemão Alexander von Humboldt, um dos precursores da *geografia moderna*. Foi educado na Instituição Schnepfenthal e entrou para a universidade (1798) onde estudou Ciências Naturais, História e Teologia por cinco anos. Esteve em Göttingen (1814-1819) e depois de ensinar História em Frankfurt (1819), assumiu a cátedra de História da Universidade de Berlim (1820), na qual se manteve até o fim da vida. Professor, na Universidade de Berlim, publicou seu primeiro trabalho sobre geografia, uma série de seis mapas sobre a Europa, talvez o primeiro atlas físico da história (1806), que seria atualizado em 1811. Sua obra máxima foi *Die Erdkunde im Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen*, em 19 volumes (1817-1859).

<sup>371</sup> MAGNOLI, Demétrio. Por uma arqueologia da narrativa nacional. *Revista USP*, São Paulo, n.49, p. 134-142, mar/mai, 2001. p.134-142.

<sup>372</sup> VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

<sup>373</sup> MAGNOLI, Demétrio. Por uma arqueologia da narrativa nacional. *Revista USP*, São Paulo, n.49, p. 134-142, mar/mai, 2001. p.141.

Essa tese da unidade brasileira, na qual os lusitanos seriam responsáveis pelo “resgate do Brasil natural e pela civilização”, pode ser percebida no discurso do engenheiro Henrique Santa Rosa feito em comemoração ao quarto centenário do descobrimento do Brasil, data escolhida para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Pará:

Nada mais justo, portanto, do que o cumprimento do dever cívico que nos leva à evocação dos grandes tipos que passaram, e nesta data solene à veneração da memória do grande navegador a quem devemos o descobrimento de nossa pátria. Quatro séculos! Hão decorrido desde o dia faustoso em que em terras brasileiras era plantada a primeira semente da civilização.<sup>374</sup>

O mesmo Henrique Santa Rosa entendia que rememorar a data do descobrimento do Brasil era visualizar um caminho glorioso caminhado pela nação nas trilhas do progresso iniciado com as navegações marítimas:

(...) abranger ao mesmo tempo e em um só golpe de vista, a marcha gloriosa que temos trilhado na senda do progresso, e encarar a faixa luminosa que se entreabre no futuro indefinido que se alarga. Senhores – As empresas de navegação a que se arrojaram os povos ibéricos no fim do século XV e que maior brilhantismo revestiram no princípio do século XVI, e as quais devemos o descobrimento que glorifica o nome de Cabral, constituem fatos de tal modo elevados para o progresso da civilização, que páginas mais luzentes não se contará, por certo, na história dos feitos humanos. Lançai os olhos por sobre a Europa na época em que D. Henrique de Vizeu resolveu-se a iniciar os descobrimentos que vieram a cobrir de glórias a pequenina nação que já empunhava os louros de Aljubarrota.<sup>375</sup>

Esses discursos do IHGP mostram o esforço em validar essa pretensa unidade nacional. Isso era uma tarefa árdua, complexa e que envolvia tanto a questão das fronteiras internacionais, quanto os conflitos e a divergência entre as províncias brasileiras.<sup>376</sup>

Essa temática da territorialidade e da formação nacional é encontrada nas obras do Barão de Marajó. Preocupado com a integração da Amazônia no estado imperial e com a questão dos limites do Brasil com a França, escreveu três importantes obras *A Amazonia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil* (1883), *Um Protesto: Respostas ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por*

---

<sup>374</sup> IV Centenário do descobrimento do Brasil. Discurso pronunciado pelo Dr. Henrique Américo Santa Rosa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*: 1900.p. 7.

<sup>375</sup> IV Centenário do descobrimento do Brasil. Discurso pronunciado pelo Dr. Henrique Américo Santa Rosa. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*: 1900.p. 8.

<sup>376</sup> É importante ressaltar que haviam outras teorias a respeito dos territórios nacionais. Uma teoria importante que circulava nesse momento buscava fundamentação das delimitações de território através de estudos geológicos sendo defendida por Rèclus e Coudreau.

*Mr. Deloncle* (1884) e *As Regiões Amazonicas - estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*.

A primeira delas, *A Amazonia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil* (1883) trata brevemente o assunto das fronteiras abordando o contraste entre as potencialidades da Amazônia que contrastavam sua imagem negativa no império e no exterior.

Em 1883, o Barão de Marajó escreveu no jornal *Diário do Brasil* diversos artigos sobre o assunto, que foram posteriormente organizados sob a forma do livro *Um Protesto: Respostas ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle* (1884), publicado na Tipografia Matos Moreira, em Lisboa. A tese a respeito do território contestado franco-brasileiro, esboçada em 1884, se tornou mais completa no livro *As Regiões Amazonicas - estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*, publicado em 1896.

Essas obras tiveram repercussão no exterior, sendo comentadas por Henry Coudreau e Romanet de Caillaud intelectuais ligados à Sociedade de Geografia Comercial de Paris.

O interesse da França pela Amazônia pode ser percebido por meio da Sociedade de Geografia de Paris, fundada em 1821, possui um acervo considerável sobre a Amazônia. Acredita-se que seja a Sociedade Geográfica mais antiga existente servindo de inspiração para outras associações, como a Sociedade de Geografia de Londres, fundada em 1830, a de Berlim em 1828, a de Viena em 1856 e a de Nova York em 1852.

377

No dia de sua fundação, estavam presentes cerca de 200 intelectuais ilustres como o físico e matemático Pierre Simon La Place, o naturalista alemão Alexander Von Humboldt, o matemático Gaspar Monge, o escritor François René de Chateaubriand, o egiptólogo e linguista Jean François Chapollion e o naturalista Georges Curvier. Dois de seus fundadores foram Edme Francis (engenheiro geógrafo da expedição ao Egito e primeiro diretor do acervo de geografia da *Bibliothèque du Roi*) e Louis-Mathieu Langles

---

<sup>377</sup> A Respeito da Sociedade de Geografia ver: NUNES, Jussara. La presence du Brèsil dans le fonds historique de La collection de photographies de La Sociète de Geographie. *Passages de Paris*, vol.1, 2005.p. 71-90. Disponível em [www.apebfr.org/passagesdeparis](http://www.apebfr.org/passagesdeparis); também: LEJEUNE, Dominique. *Les societés de Geographie em France et l' expansion coloniale au XIX siècle*. Paris: Albin Michel, 1993.

(curador dos manuscritos orientais da *Bibliothèque du Roi* e especialista em línguas orientais).<sup>378</sup>



Figura 7. Prédio da Sociedade de Geografia, Boulevard Saint-Germain em Paris.

Fonte: *Le Magasin Pittoresque*, 1885.p.334. Ilustração para o artigo La Société de géographie de Paris, 1863.

De acordo com Jussara Nunes, a missão da Sociedade de Geografia era atuar para desenvolver o progresso da geografia e estabelecer correspondência entre as sociedades científicas, viajantes e geógrafos. Fizeram parte desta associação: o imperador do Brasil, D. Pedro II e os reis de Portugal, Bélgica, Espanha e Suécia.<sup>379</sup>

Há um grande acervo fotográfico na Sociedade de Geografia de Paris, doado por viajantes e naturalistas, cerca de 40.000 documentos, a maioria referente à Europa e à África: retratos, viagens, grandes realizações, fotografias antropométricas e de exploração. Parte do acervo é proveniente da coleção particular do príncipe e etnólogo Roland Bonaparte<sup>380</sup> que possuía aproximadamente 17000 fotografias. Este mesmo

---

<sup>378</sup> Detalhes a respeito da fundação da Sociedade de Geografia de Paris em um artigo do periódico *Le Magasin Pittoresque*, 1885.p.334. Disponível em: <http://expositions.bnf.fr>. Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>379</sup> NUNES, Jussara. La presence du Brésil dans le fonds historique de La collection de photographies de La Société de Géographie. *Passages de Paris*, vol.1, 2005.p.71-90. Disponível em [www.apebfr.org/passagesdeparis](http://www.apebfr.org/passagesdeparis). Acesso em 02 de dezembro de 2013.

<sup>380</sup> Segundo o artigo de Antonio Alexandre Bispo “Brasileiros em Paris na década de 80 do século XIX” disponível em: <http://www.brasil-europa.eu>, Roland Bonaparte era um dos filhos de Pierre-Napoléon Bonaparte (1815-1881), neto pelo lado do pai de Lucien Bonaparte, irmão mais novo de Napoleão, casado com Marie-Félix Blanc (1859-1882), filha de um banqueiro e proprietário de cassino. Com os meios possibilitados pela sua mulher, cedo falecida, Roland Bonaparte pôde financiar várias expedições e viagens

intelectual prefaciou o livro *Le Folk-lore Bresilien* (1889), do escritor paraense Frederico José de Santa-Anna Nery.<sup>381</sup>

De acordo com o inventário das fotografias brasileiras presentes na Sociedade de Geografia de Paris, feito por Jussara Nunes, o acervo possui 1367 fotografias referentes ao Brasil; sobre a Amazônia constam 120 fotos da cidade de Manaus feitas por A. Findanza (que faziam parte do *Álbum do Amazonas* de 1901, uma versão luxuosa da obra *O País das Amazonas* de Santa-Anna Nery), 2 fotografias de Manaus doadas por Marcel Monier, 87 fotografias da Missão de Coudreau no Pará, 87 fotografias (de paisagens e índios de Içá e Japurá) de Eugène Robucho e Thomas Willian Whipper.<sup>382</sup>

Esse interesse pela Amazônia nos fins do século XIX e início do XX pode estar relacionado ao expansionismo comercial. Nesse período, os artigos dos boletins de geografia, pensavam nesta disciplina como um meio de explorar economicamente e cientificamente o planeta, ocorrendo uma multiplicação de instituições ligadas a essa questão como a Sociedade de Geografia Comercial de Paris.

Nesse sentido, ocorreram diversas viagens de exploradores franceses na Amazônia, especialmente a partir de 1814, quando foi assinado o Tratado de Paris que resolveu a questão guianense; assim foi permitido aos franceses viajar mais livremente pelo Brasil. Muitos relatos dessas viagens foram publicados pelos Boletins das Sociedades de Geografia, vejamos uma pequena relação de artigos de viajantes franceses a respeito da Amazônia:

---

de pesquisa à África, Ásia e ao continente americano e criar grandes coleções na sua residência em Paris, entre elas o então maior *herbarium* do mundo. Publicou obras a respeito do Suriname (1884), da Nova Guiné (1885), das Ilhas Maurício (1890) e para a Exposição Colonial de Amsterdam em 1883.

<sup>381</sup> É possível ler um acurado estudo a respeito da biblioteca de Roland Bonaparte no periódico *La Nature*, V.II, 1896.p.262-265. Disponível em: <http://expositions.bnf.fr>. Acesso em 11 de junho de 2014.

<sup>382</sup> NUNES, Jussara. La presence du Brésil dans le fonds historique de La collection de photographies de La Société de Geographie. *Passages de Paris*, vol.1, 2005. PP. 88-90. Disponível em [www.apebfr.org/passagesdeparis](http://www.apebfr.org/passagesdeparis).

Tabela 1: Viajantes e Exploradores da Amazônia com artigos publicados em Sociedades Geográficas da França.

Viajante/explorador	Formação	Objetivo	Artigo Publicado
<b>Adam Bauve</b>	<b>Agente do governo da França em Caiena</b>	<b>Viajar para a região de litígio entre Brasil e França</b>	<b>Voyage dans l'intérieur de La Guyane. <i>Bulletin de La Société de Géographie.</i> Paris: 1833.</b>
<b>Théodore Bagot</b>	<b>Comerciante</b>	<b>Trocar com povos indígenas bebidas alcoólicas por produtos florestais</b>	<b>Notice sur um Voyage dans l'intérieur de la Guyane. <i>Bulletin de La Société de Géographie.</i> Paris: 1841</b>
<b>M.Reynaud</b>	<b>Oficial da marinha francesa</b>	<b>Viajar à região de litígio entre Brasil e França</b>	<b>Mémoire sur La partie de La Guyane qui s'étende ente l'Oyapock et sur La communication de l'Amazonie au lac Mapa par La rivière Saint Hilaire. <i>Bulletin de La Société de Géographie.</i> Paris: 1838</b>
<b>Edouard Durand</b>	<b>Missionário na África e no Brasil. Arquivista e bibliotecário da Sociedade de Geografia de Paris.</b>	<b>Atuar como missionário nas regiões do Amazonas, rio Negro, Solimões e Madeira.</b>	<b>Le Solimões au haut Amazone brésilien. <i>Bulletin de La Société de Géographie.</i> Paris: 1873.</b>

Fonte: BROU, Numa. *Dictionnaire illustré des explorateurs et grand voyageurs français du XIX siècle.* vol. 3 Amérique. Paris: Ed. CTHS, 1999. Os artigos citados estão disponíveis na Biblioteca Nacional da França através do site: [www.gallica.fr](http://www.gallica.fr)

**Tabela 2: Viajantes e Exploradores da Amazônia com artigos publicados em Sociedades Geográficas da França  
(Continuação)**

Viajante/explorador	Formação	Objetivo	Artigo publicado
Jules Crevaux	Medico da Marinha francesa. Recebeu medalha de ouro da Sociedade de Geografia de Paris	Servir na Guiana.	L'Exploration des fleuves Yari, Parou, Iça et Yapura. <i>Bulletin de La Société de Géographie</i> . Paris: 1882.
Henri-Anatole Coudreau	Professor de História e Geografia formado em Reims.	Estudar a região contestada franco-brasileira.	Le territoire contesté entre la France e le Brésil. <i>Conférence faite à la Société de Géographie de Lille, le 22 novembre 1885</i> . Lille: Imp. de L. Danel, 1885.
Georges Brousseau	Explorador viajou pela África e pela Guiana. Poeta e romancista.	Viajar à região de litígio entre Brasil e França	Les Richesses de la Guyane Française et l'ancien contesté franco-brésilien, onze ans d'exploration. <i>Société d'editions scientifiques</i> . Paris. 1901.
Paul le Cointe	Engenheiro	Explorar a bacia do rio Trombetas , onde desenvolveu trabalhos de agrimensura para os fazendeiros da região	Le bas Amazone. <i>Annales de géographie</i> . Paris, 1903.
Albert Vieilleirobe	Viajante encarregado do ministério das relações exteriores na França	Pesquisar uma nova comunicação para introduzir produtos europeus no norte da Bolívia.	Hautes régions des Amazones. Mission A. Vieillerobe. In <i>Bulletin de la Société de Géographie</i> . 1899

Fonte: BROU, Numa. *Dictionnaire illustré des explorateurs et grand voyageurs français du XIX siècle*. vol.3 Amérique. Paris: Ed. CTHS, 1999. Os artigos citados estão disponíveis na Biblioteca Nacional da França através do site: [WWW.gallica.bnf.fr](http://WWW.gallica.bnf.fr).

Dos artigos mencionados nas tabelas, alguns se relacionam com o território contestado franco-brasileiro, outros a questões comerciais; podemos observar que a geografia estava relacionada à expansão e apropriação dos recursos naturais. Essa tendência pode ser observada no relato do economista e jornalista Jules Duval que se empenhou muito na colonização francesa da Argélia:

A terra nos parece agora sob cores menos sombrias que em outras épocas: ela é para nós, o teatro de nossa atividade e o instrumento de nossa potência. (...). Três etapas compõe esta marcha laboriosa e tendem para o cumprimento de nosso destino; três atos de um grande drama: a exploração do planeta, o aproveitamento de seus recursos e a sua colonização. A exploração do planeta é a obra própria da geografia; pelos roteiros de seus viajantes e pelas mediações de seus cientistas.<sup>383</sup>

Neste relato de Jules Duval, a função dos geógrafos e viajantes era traçar roteiros e mediar a exploração do planeta, descrito como o “teatro de nossa atividade e instrumento de nossa potência”. Esta descrição de Jules Duval faz lembrar a observação de Alfred Crosby, de que a “vantagem” dos europeus nas suas conquistas coloniais não se relacionava a uma melhor tecnologia ou ciência e sim por sua forma de reflexão quantitativa do tempo e do espaço, os quais passaram a ser mensurados desde o século XII para finalidades utilitárias; essa quantificação pode ser observada no contínuo aprimoramento dos relógios e da cartografia.<sup>384</sup>

Essa perspectiva prática e utilitária da natureza exposta por Jules Duval, pode ser encontrada em uma resenha a respeito da obra *As Regiões Amazonicas*, do Barão de Marajó, escrita pelo viajante, comerciante e associado à Sociedade de Geografia Comercial de Paris, Romanet du Caillaud (1847-1919).<sup>385</sup>

De acordo com Romanet de Caillaud, o estudo da bacia amazônica era “por assim dizer uma tradição de família” para o Barão de Marajó,<sup>386</sup> pois seu pai era um oficial da marinha portuguesa e foi membro de uma comissão delimitadora do rio Amazonas e seus afluentes; o Barão em sua corografia das regiões amazônicas, de certa forma, dava continuidade a esse trabalho.

Romanet de Caillaud, em seu discurso, demonstra muito interesse em adquirir conhecimento dos aspectos geográficos e naturais da Amazônia e o livro do Barão de Marajó era considerado completo e metódico por suas informações. Esse interesse tinha uma perspectiva prática de exploração econômica, pois Caillaud observou que o governo francês deveria tirar proveito da navegabilidade do rio Amazonas e dos produtos naturais da região como borracha, cacau, baunilha, salsaparrilha e peles:

O livro do Barão de Marajó é metódico. O primeiro capítulo é dedicado especialmente para a Amazônia, por assim dizer os dois estados brasileiros do Amazonas e do Pará; ele discorre sobre a posição astronômica, seus limites, seu clima, o estudo do relevo, as comunicações do Amazonas com seus afluentes e os países vizinhos, a extensão da riqueza da bacia do grande rio. O segundo capítulo descreve um a um os afluentes do Amazonas da margem direita; e no terceiro capítulo os da margem esquerda. O quarto capítulo trata das ilhas e dos lagos da região; o quinto, dos progressos da civilização e do comércio efetuado nos dois estados após 1852. O livro do Barão de Marajó é muito completo, ele compreende os nomes dos estabelecimentos comerciais, localização detalhada do curso de certos afluentes, localização da união da Amazônia, dos dois estados do Pará e do Amazonas, um mapa da ilha do Marajó. Ele contém ainda indicações dos centros de exploração dos principais produtos naturais: borracha, salsaparrilha, índigo, cacau, baunilha, copaíba, peles etc. A descrição das riquezas naturais nos faz lamentar que a França não aproveite da liberdade de navegação que, desde 1867 o governo brasileiro concede sobre o Amazonas. Os ingleses não mostram a mesma indiferença que nós: duas linhas de vapores regulares partem de Liverpool, servindo-se dos portos da bacia amazônica.<sup>387</sup>

A possibilidade perdida pela França, de empreender mais negócios na Amazônia, aproveitando a navegabilidade do rio Amazonas como faziam os ingleses, foi mencionada por Henri Castonne des Fosses,<sup>388</sup> na época presidente da Sociedade de Geografia Comercial de Paris, instituição à qual prestou inúmeros serviços recebendo bolsa de viagens e duas medalhas por suas obras. Formado em direito, nunca exerceu a profissão, dedicando-se especialmente à geografia econômica e histórica da colonização, prestou inúmeros serviços para a expansão francesa em colônias estrangeiras. Suas principais obras publicadas foram *L'inde française ao XVII siècle* e *L'Absine et les italiens*.

Castonne des Fosses relatou no *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris* que por ocasião da Exposição Universal de Paris em 1889, teria conversado com o Barão de Marajó, que estava encarregado da sessão amazônica.<sup>389</sup> Nessa oportunidade, o Barão de Marajó teria discursado a respeito das facilidades da navegação comercial no rio Amazonas, já aproveitadas pela Inglaterra e pela Alemanha, sugerindo que uma

---

<sup>383</sup>DUVAL, Jules. *Geographie et colonisation – Um Toast. Annales des Voyages, de la Geographie, de l' Histoire et de l' Archéologie, avec cartes et planches. Tome Premier*, Paris: Challamel aîné Libraire-éditeur, 1869.p.365-368.

<sup>384</sup> CROSBY, Alfred. *A mensuração da realidade – a quantificação e a sociedade ocidental 1250-1600*. São Paulo: UNESP, 1999.p.11-13.

<sup>385</sup> As principais obras de Caillaud são *Le Nouvel-Ontario (Canada)* (1906) e *Essai sur les origines du cristianisme au Tonkin et dans les autres pays annamites* (1915).

<sup>386</sup> Apesar de sua formação em Filosofia e Matemática, o Barão de Marajó tinha muito interesse pela geografia, talvez por acompanhar o pai em algumas viagens, seu primeiro trabalho publicado foi *Mapa demonstrativo da divisão da província do Pará em distritos e colégios conforme o decreto n.1790 de junho de 1856*.

<sup>387</sup> CAILLAUD, Romanet du. *Bibliographie: Las régions de l' Amazone, par le Baron de Marajó. Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris*. 1896. p.232-233.

<sup>388</sup>Sobre este autor ver: LEYMARIE, L. Preface. in: CASTONNET DES FOSSES, Henri. *L'Inde Française*. Paris: Sociète de Geographie Commerciale,s.d.

<sup>389</sup> FOSSES, Castonet des. *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris*. Proces-verbaux,1889.p.711.

ligação da Amazônia brasileira com a linha de vapor já existente em Caiena seria vantajosa para ambos os países e ressaltando a simpatia dos brasileiros pelos franceses e a quantidade de produtos florestais disponíveis para a exploração comercial:

Os produtos da região consistem em látex, cacau, algodão, salsaparrilha, castanha-do-pará, essências vegetais, riz, mandioca, rícino, tabaco, cana-de-açúcar, gado, fibras têxteis e legumes. A região é rica em bosques, onde encontram-se mais de 242 espécies, sendo que 86 próprias a construção, 54 à ebanisteria. Além de 75 espécies de frutos. M. de Marajó lamenta que a França não possua linhas de vapores para a Amazônia enquanto que a Inglaterra possui duas e a Alemanha uma.<sup>390</sup>

Se a navegabilidade no rio Amazonas e as potencialidades econômicas da região eram fontes de interesse dos franceses, havia pretensões imperialistas e na resenha de Romanet Caillaud, podemos observar melhor essa característica. Para Caillaud, toda a região amazônica deveria ser uma possessão francesa, e só não o era, devido a um erro ocorrido no século XVII, pois a França não se manteve firme em suas possessões e o território passou a ser português, restaria para a França apenas o direito ao território entre o Yapoque e o Araguaia, justamente o território contestado franco-brasileiro. Segundo Romanet Caillaud, esse direito era negado pelo Barão de Marajó, apenas por ele ser brasileiro e, certamente, por cuidar dos interesses de seu país. Segue a crítica à demarcação dos territórios exposta pelo Barão de Marajó:

Eu diria que se a corte da França, no início do século XVII, houvesse sustentado os empreendimentos dos franceses no Brasil e não os houvesse abandonado aos golpes portugueses, então sujeitos a casa da Áustria-Espanha, a fim de conceder um favor a esta casa e assim obter a mão de Anna da Áustria para o rei Luis XIII – a bacia amazônica seria atualmente francesa! Dos direitos sobre a bacia amazônica, não nos resta mais que nossas pretensões sobre o território contestado franco-brasileiro, território compreendido entre o Yapoque ao norte e o Araguaia ao sul, que se estende do Atlântico ao Rio Branco. Naturalmente, é um bom brasileiro o Barão de Marajó, e nega os direitos da França sobre o território contestado franco-brasileiro. Autor de “Um Protesto” (1884), ele revê intensamente esta tese no primeiro capítulo de seu livro.<sup>391</sup>

A questão territorial entre o Brasil e a França arrastava-se há duzentos anos, o Brasil defendia a fronteira desde o rio Yapoque e a França pretendia estender suas possessões até o rio Araguay; durante o século XIX, a polêmica estendia-se em livros e jornais. O Barão de Marajó afirmava a esse respeito que: “seria uma tarefa interminável se eu quisesse aqui tratar dos nossos limites com a França, é esta creio eu a mais antiga das que existem sem solução definitiva e sobre a qual muito se tem escrito”.<sup>392</sup>

---

<sup>390</sup> FOSSES, Castonet des. *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris*. Procès-verbaux, 1889. p.711.

<sup>391</sup> CAILLAUD, Romanet du. Bibliographie: Las régions de l' Amazone, par le Baron de Marajó. *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris*. 1896. p.232-233.

<sup>392</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da silva, 1896. p.19-20.

Intelectuais de ambos os lados não perdiam a oportunidade gerada pela polêmica diplomática para impulsionar sua carreira, o nacionalismo parecia ser uma característica desejável entre os intelectuais. O Barão, por exemplo, enviou um exemplar da obra *Um Protesto* para a Academia das Ciências de Lisboa.<sup>393</sup>

Na produção de trabalhos de pesquisadores brasileiros a respeito do território contestado franco-brasileiro se destacou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O IHGB organizou uma missão que foi fundamental para a organização de provas documentais que validassem os direitos do Brasil sobre a área em litígio enviando o geógrafo Joaquim Caetano da Silva que pesquisou durante dez anos em arquivos franceses e holandeses para escrever a obra *L'Oyapoque et L'Amazone*, publicado em 1861, antecedendo os trabalhos de Henry Coudreau (*Voyages à travers les Guyanes et Amazonie* e *La France Equinocial* publicados em 1887) e de Jules Crevaux (*Le mediant de l'Eldorado: de Cayenne aux Andes* publicado em 1876-79).

*L'Oyapoque et L'Amazone* foi a base argumentativa da diplomacia brasileira representada pelo Barão de Rio Branco diante do tribunal de Berna na Suíça. O Barão de Rio Branco contou com a assessoria do pesquisador suíço Emílio Goeldi que escreveu os relatórios de duas expedições feitas no território das Guianas brasileiras realizadas em outubro e novembro de 1895 e em julho e setembro de 1896. Goeldi além de atuar como conselheiro do governo do Pará e da diplomacia brasileira foi um assessor informal do governo suíço, árbitro da questão.<sup>394</sup> É importante mencionar que o livro *As Regiões Amazonicas*, do Barão de Marajó, foi citado pela documentação francesa ao lado de *L'Oyapoque et l'Amazone*.<sup>395</sup>

Quem defendeu os interesses franceses sob a arbitragem da Suíça foi o geógrafo Paul Vidal de la Blanche<sup>396</sup> com base em sua obra *Le contéste franco-brésilien em*

---

<sup>393</sup> “Tendo publicado o folheto intitulado “Um Protesto”, que tem por fim responder as pretensões manifestadas pelos franceses á posse da margem esquerda do Amazonas conquistada (ilegível) assim como a região amazônica pelos portugueses”. *Carta do Barão de Marajó a Diretoria da Academia Real das Ciências de Lisboa*. 17 de fevereiro de 1884.

<sup>394</sup> SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: fundação Oswaldo Cruz, 2010.p.309-311.

<sup>395</sup> FRANÇA. Governo da França. *Reponse du gouvernement de la République française ao mémoire des Etats-Unis du Brésil su la question de frontiere, sumisse à arbitrag du gouvernement da Confederation Suisse*. Paris : Impr. Nationale, 1899.

<sup>396</sup> Paul Vidal de la Blanche frequentou a *École Normale Supérieure*, que terminou em 1863 e recebeu o certificado de formação em história e geografia em 1866. Foi indicado para a *Ecole Francaise d'Athens*, com oportunidade de trabalhar na Itália, Palestina e Egito (esteve presente na inauguração do Canal de

Guyana (1898).<sup>397</sup> A defesa da França teve o suporte de duas obras *A França Equinocial*, de Henri Coudreau, e *La nouvelle Géographie Universalle*, de Elisée Reclus, especialmente, o anexo em que o geógrafo analisava a área em litígio intitulado *Território Contestado Franco-Brasileiro*.<sup>398</sup>

Retornando às polêmicas sobre a região contestada franco-brasileiras ocorridas durante o século XIX e ao livro do Barão de Marajó *Um Protesto: resposta as pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle* (1884); esta obra, segundo o próprio autor, é uma compilação das melhores obras brasileiras sobre o assunto, como *L'Oyapoque et l'Amazone* de J. Caetano da Silva. Enfatizava o autor sua motivação patriótica de divulgar esse estudo de Caetano da Silva: “sendo que quase tudo quanto nele se encontra extraído da obra do Sr. Caetano da Silva. Julguei-me obrigado a ele, não só por ser brasileiro e mais ainda amazonense, nascido no Pará”.<sup>399</sup>

Em 1896, quando publicou a corografia *As Regiões Amazonicas* mencionou ter lido o artigo *Limites do Brasil com a Guiana Francesa*<sup>400</sup> do advogado Tito Franco de

---

Suez). Estudou arqueologia grega por três anos. Ao retornar à França, em 1870 casou com Laure Marie Elizabeth Mondot, com quem teve 5 filhos. Teve várias colocações como professor, entre elas o *Lycee d'Angers e a Ecole Preparatoire de l'Enseignement Superieur des Lettres et des Sciences*. La Blache recebeu seu doutorado na Sorbonne em 1872 com a dissertação em história antiga. Começou a trabalhar na Nancy Université. Vidal de la Blache voltou à *École Normale Supérieure* em 1877, como Professor de Geografia e ali permaneceu por 21 anos. Transferiu-se para a Universidade de Paris, onde continuou ensinando até a aposentadoria, em 1909, aos 64 anos. Fundador da *École française de géographie* (em português: "Escola Francesa de Geografia") e também fundou, juntamente com Lucien Gallois, a *Annales de Géographie* (1893), da qual La Blache foi editor até sua morte. "Annales de Géographie" se tornaram um influente periódico acadêmico, promovendo o conceito de geografia humana como o estudo do homem e sua relação com o meio ambiente. Foi influenciado pelas ideias da Geografia Alemã, principalmente por Friedrich Ratzel. Vidal de la Blache produziu um grande número de publicações, tendo escrito 21 livros. Para La Blache, um Estado deve planejar a apropriação de espaço geográfico considerando e conhecendo todas as características naturais e humanas de seu território. Defendia que o homem pode modificar a natureza e vencer os obstáculos impostos pelas condições naturais em determinadas regiões. Para maior detalhamento da argumentação francesa em relação à questão franco-brasileira ver: FRANÇA. Governo da França. *Reponse du gouvernement de la République française au mémoire des Etats-Unis du Brésil su la question de frontiere, sumisse à arbitrag du gouvernement da Confederation Suisse*, 1890.

<sup>397</sup> ROMANI, Carlo. Algumas geografias sobre a fronteira franco-brasileira. *Ateliê Geográfico*. Goiânia-GO v. 2, n. 1 maio, 2008.

<sup>398</sup> SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro; fundação Oswaldo Cruz, 2010.p.309-311.

<sup>399</sup> *Diário do Brazil*. Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1883.

<sup>400</sup> FRANCO, Tito. Limites do Brazil com a Goyana Francesa. Pará: *Revista Amazonica*, 1884.p.101.

Almeida<sup>401</sup> na *Revista Amazonica*<sup>402</sup> para ter uma visão mais acurada do tema, sem o calor do momento,<sup>403</sup> reconhecendo assim o furor nacionalista de 1883-1884. Essa característica foi percebida por Tito Franco que fez observações sobre as manifestações “apaixonadas e até violentas da imprensa” e colocou uma discreta nota de rodapé para especificar que se referia ao Barão de Marajó, à Deloncle e aos artigos do *Petit Journal*:

(...) muito embora as manifestações apaixonadas e até violentas da imprensa de um e de outro país (3). Cremos, no bem entendido interesse dos dois governos acusados, que ambos preferem estudar bem seu direito e acolherem a solução justa (...) nunca trocar o exame pela paixão, a força do direito pela fraqueza da ambição.<sup>404</sup>

---

<sup>401</sup> Franco de Almeida (Belém, 4 de janeiro de 1829 — Belém, 17 de fevereiro de 1899) foi um advogado, professor, escritor e político brasileiro. Filho de Joaquim Inácio de Almeida, bacharel português, e de Dona Maria Romana de Almeida, recebeu sua primeira educação em Lisboa. Voltou ao Brasil 1844. cursou o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Academia de Olinda, onde se graduou em 1851. Foi professor catedrático de Filosofia Racional e Moral no Liceu Paraense. Foi deputado provincial no Pará em diversas legislaturas. Não aderiu à República, declarando-se monarquista. Pertenceu ao Instituto dos Advogados do Brasil e foi presidente (1883 e 1885) do Club da Amazônia, organização abolicionista.

<sup>402</sup> Dirigida pelo jornalista, pesquisador, professor, crítico literário José Veríssimo. Este intelectual foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e publicou importantes obras como: *Cenas da Vida Amazônica* (1899) e *História da Literatura Brasileira* (1916).

<sup>403</sup> “A obra do Sr. J. Caetano da Silva é o fecundíssimo material em que tudo se encontra com a maior clareza e amplitude tudo quanto a respeito se tem avançado ou escrito, mas não podendo estender-se muito, será a memória escrita pelo conselheiro Tito Franco de Almeida em 1884, que é mais concisa onde irei mais especialmente buscar o resumo que em seguida faço dos direitos do Brasil aos limites que sustenta, de preferência ao que eu mesmo escrevi sobre a matéria em resposta a Mr. Deloncle, por me parecer que o trabalho do Sr. Tito Franco é mais completo e metódico do que o meu que foi escrito á pressa dia a dia para responder aos artigos do citado autor, e sem ter livros que consultasse.” ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da silva, 1896.p.20-21.

<sup>404</sup> FRANCO, Tito. Limites do Brazil com a Goyana Francesa. *Revista Amazonica*, 1884.p.102.

A mesma *Revista Amazônica* publicou uma crítica ao livro do Barão, sem a assinatura, possivelmente escrita pelo diretor do periódico José Veríssimo, o comentário se refere ao trabalho como um protesto platônico:

Para nós o folheto do Sr. Barão de Marajó reproduzindo o que se acha em Caetano da Silva, Baena, e outros, apenas tem o mérito de condensar em poucas páginas a questão que convém ser conhecida por todos que nela tem interesse. E é só, porque essa mesma questão não se resolve com protestos platônicos e sim por meios diplomáticos – o que para nós é grande coisa, pois não temos os meios a que se referia Bismark para garantir o protesto que no caso de uma solução desfavorável seríamos obrigados a fazer – sempre em virtude da lei do atavismo. Além de tudo que, talvez, não nos deixa apreciar com justiça o patriótico sentimento que inspirou ao Sr. Barão de Marajó o seu protesto, entendemos que o discurso de mero amator de geografia política do Sr. Deloncle não valia a pena que se deu nosso ilustre conterrâneo.<sup>405</sup>

Ao contrário da crítica publicada na *Revista Amazônica*, o jornal *Diário do Brazil* publicou uma nota elogiosa a respeito do livro *Um protesto* (1884). Nos dois casos as críticas desmerecem totalmente Mr. Deloncle, pois na *Revista Amazonica* o seu discurso foi considerado como o de um amator em geografia política, e o jornal *Diário do Brasil* considerou suas pretensões risíveis:

Recebemos do Sr. barão de Marajó uma excelente brochura com o título “Um protesto – resposta ás pretensões francesas a uma parte do Amazonas”

A França, no acesso de febre conquistadora e colonial de que tem sido acometida nestes últimos tempos, sem mais nem menos declarou-se com direito a uma grande parte de nosso Amazonas. O fato por demais estranho, *maximé* partindo de uma nação amiga, não causou entre nós a sensação esperada. A maior parte da nossa população riu-se a bom rir, e era isso o que merecia o admirável pretendente.

O Sr. Barão de Marajó não entendeu assim, e em boa hora pulverizou a estulta pretensão. No seu *Protesto* alia-se o mais elevado patriotismo aos princípios mais rigorosos e mais verdadeiros. De nossa parte cumprimentamos o nosso distinto patriota e lamentamos sinceramente que a nação que protesta com vigor e com justiça contra a espoliação de Alsacia e da Lorena, queira fazer-nos a mesma violência que sofreu do vizinho alemão. Até lá temos que ver.<sup>406</sup>

E Deloncle? Será que era tão desprezível como comentaram o *Diário do Brasil* e a *Revista Amazônica*? Ao contrário, as críticas demonstram que a imprensa dos dois países era bastante nacionalista por isso desqualificava o trabalho dos intelectuais contrários aos interesses de seu país. Henrique Deloncle era um jornalista polêmico e contribuía com artigos para a Sociedade de Geografia Comercial de Paris a mesma associação que mantinha uma interlocução com o trabalho do Barão de Marajó.<sup>407</sup> A conferência de Deloncle ganhou repercussão no Brasil após sua publicação no *Petit Journal* com comentário do jornalista Thomaz Grimm:

---

<sup>405</sup> Publicações Recebidas. *Revista Amazonica*, Pará: 1884.p. 97-98.

<sup>406</sup> *Diário do Brazil*. Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1884.p.1.

<sup>407</sup> Informações sobre a Sociedade de Geografia Comercial de Paris na Biblioteca Nacional da França. Disponível em: [www.gallica.fr](http://www.gallica.fr) . Acesso em 10 de janeiro de 2014.

O curso do Amazonas com seus rodeios, sua grandeza e o infinito de seus afluentes, é como uma penetração interior, como um mediterrâneo, e só a prática nos conduzirá ao mais profundo dessas regiões opulentas.  
Thomaz Grimm<sup>408</sup>

O tema circulava, especialmente devido a um artigo de Pedro Lamas, na *Révue Sud Americaine*, que arguia sobre as pretensões francesas, expostas por Henrique Deloncle, incitando uma resposta dos brasileiros sobre a questão.<sup>409</sup> O alcance da conferência na Sociedade de Geografia Comercial de Paris motivou o Barão de Marajó a escrever o livro *Um Protesto*, publicado inicialmente em 1883 sob a forma de artigos no *Diário do Brasil* e depois em 1884 pela tipografia Matos Moreira (Lisboa).<sup>410</sup>

O artigo de Deloncle foi comentado muito posteriormente em uma obra a respeito das fronteiras nacionais em 1922, escrita pelo advogado José Maria Mac-Dowell,<sup>411</sup> que transcreveu um discurso proferido em 1883, pelo deputado Samuel Wallace Mac-Dowell, explicando a polêmica originada pelo artigo de Deloncle publicado nos periódicos da Sociedade de Geografia Comercial de Paris:

Está na lembrança da câmara e do país uma publicação feita em dias do mês passado, si não me falha a memória, no jornal de maior circulação desta corte, relativa a uma comunicação feita pelo Sr. Henrique Deloncle à Sociedade de Geographia Commercial de Paris, na qual aquele cidadão aventou uma ideia nova, relativamente á questão de limites entre a Guiana francesa e a brasileira ou á questão do território neutro do Amapá. Esta ideia, que pela publicação feita e que foi acompanhada de comentários, por um ex diplomata argentino, Sr. Pedra Lamas, consistia na tradução que á palavra *Oyapock*, do dialeto dos caraíbas, atribui o escritor francês, como resultado de suas investigações sobre antigos documentos, afirmando que o aventureiro espanhol Francisco Orellana descendo os rios Napa e Amazonas, viera sair no canal ou braço ocidental do mesmo rio, conhecido comumente por canal de *Bragança*. Compreendo, Sr. presidente, o que há de *delicado* no assunto de que me estou perfunctoriamente ocupando, por isso não quero de modo algum, a respeito dele, entrar em discussão de pormenores. Este assunto está de muitos anos afeto á *diplomacia*, e depois de interrompidas as negociações que terminaram em 1856, terá ainda de voltar a ser tratado por ela. Direi, pois, apenas pelo conhecimento que tenho do lugar e do estatutário do Amazonas, que a ideia aventada é sobremodo inaceitável pelas consequências que daí se seguirão e importarão para nós em maior dificuldade de chegar a um acordo, porquanto mais exagerada será a pretensão, do que aquela, aliás já injusta, que durante séculos tem sustentado o governo francês.<sup>412</sup>

---

<sup>408</sup> Citação do *Petit Journal* pelo Barão de Marajó, ver: MARAJÓ, Barão de. *Um Protesto – resposta ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira, 1884.p.9.

<sup>409</sup> MARAJÓ, Barão de. *Um Protesto – resposta ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira, 1884.p.9.

<sup>410</sup> MARAJÓ, Barão de. *Um Protesto – resposta ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle*. Lisboa: Typographia Mattos Moreira, 1884.p.8-9.

<sup>411</sup> MAC-DOWELL, José Maria. *Fronteiras Nacionaes*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922.

<sup>412</sup> MAC-DOWELL, Samuel. Discurso da Sessão em 26 de julho de 1883. in: MAC-DOWELL, José Maria. *Fronteiras Nacionaes*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922. p.118-119.

Escrever uma resposta ao político e intelectual francês Deloncle era uma forma do Barão de Marajó divulgar os interesses de sua região no exterior e ter uma aceitação de sua obra entre a elite intelectual da corte. Não podemos esquecer que as obras sobre a Amazônia são posteriores ao título de Barão recebido em 1881, a partir desse momento seu patriotismo fica mais evidente.

Na opinião do Barão, as ações francesas estariam fadadas a serem malsucedidas por quatro motivos principais.<sup>413</sup> Em primeiro lugar, os argumentos brasileiros estavam pautados em farta documentação, existente em arquivos espanhóis, portugueses e brasileiros, que havia sido organizada por J. Caetano da Silva. Em segundo...

porque o Brasil não é o Congo ou Madagascar, mas uma nação organizada que marcha em muitos assuntos a par das mais adiantadas (...) e o Brasil não receia o submeter a questão a qualquer arbitragem.<sup>414</sup>

Em terceiro, por sermos americanos a América Inglesa não veria com bons olhos a presença francesa, devido nossas estreitas relações com os ingleses. Para o Barão de Marajó, se a Amazônia na última das hipóteses tivesse que se tornar uma colônia deveria ser uma colônia inglesa devido à proximidade das relações comerciais.<sup>415</sup> É interessante no discurso do Barão de Marajó, o domínio do império inglês surgir como uma possibilidade mais aceitável do que a dominação francesa, essa opinião devia-se à análise feita por ele das colônias francesas que considerava os franceses bons conquistadores, mas que não demonstravam habilidade administrativa em suas colônias:

Os nomes dos seus heróis são tantos que impossível me seria enumera-los as suas vitórias que já a memória humana não pode conservar: nas ciências, nas letras, nas artes, na política quem pode chamar para lhe dar uma auréola de gloria são os nomes de: Laplace, Cavier, Voltaire, Lamartine, Victor Hugo, (ilegível), Gambetta, tem larga partilha na parte brilhante da história do gênero humano, do qual com bom direito a França nos tempos modernos tem sido redentora, mas guerreira, navegadora, distinta nas artes e nas letras falta-lhe o espírito colonizador.<sup>416</sup>

Essa observação do Barão de Marajó faz lembrar Edward Said,<sup>417</sup> este autor ressalta os fatos imperiais como uma presença constante em quase todas as partes da cultura inglesa e francesa, especialmente na literatura, que constituíam uma estrutura de atitudes e referências, no entanto havia especificidades:

A situação da França era diferente, na medida em que a vocação imperial francesa durante o começo do século XIX era diferente da inglesa, a qual se alicerçava na continuidade e estabilidade da própria política inglesa. Os reveses políticos, as perdas coloniais, a

<sup>413</sup> *Diário do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1883.p.1.

<sup>414</sup> *Diário do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1883.p.1.

<sup>415</sup> *Diário do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1883.p.1.

<sup>416</sup> *Diário do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1883.p.1.

<sup>417</sup> SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.117.

insegurança das possessões e as mudanças filosóficas que a França sofreu durante a Revolução e à época napoleônica significavam que seu império tinha uma identidade menos sólida na cultura francesa. Em Chateaubriand e Lamartine ouvimos a retórica da grandeza imperial; na pintura, na filologia e na historiografia, na música e no teatro, encontramos uma visão quase sempre vívida das possessões francesas ultramarinas. Mas, na cultura em geral – até depois da metade do século - raramente se encontra aquele sentido forte, quase filosófico de missão imperial que há na Inglaterra.<sup>418</sup>

Retornemos ao auge do conflito territorial franco-brasileiro. A situação ficou ainda mais tensa no ano de 1888, quando um grupo de aproximadamente 600 pessoas residentes no território contestado franco-brasileiro, decidiu formar uma pequena república, sob os auspícios da França, o “Counani”, sendo aclamado presidente o homem de letras e explorador Sr. Jules Gross, que inclusive foi presidente da Sociedade de Geografia Comercial e era muito amigo do viajante Henry Coudreau.<sup>419</sup>

Outro amigo de Coudreau era Santa-Anna Nery, que escreveu o prefácio do livro *La France Equinocial*. Em um artigo para o *Jornal do Comércio*, Nery fez uma interessante descrição da área em litígio, de ambiente um exótico, quase “infernai”, ressaltando as dificuldades de colonizar a área e a inépcia brasileira em oferecer uma condição digna aos moradores:

Imagine o leitor uma zona em que lagos e terras alagadas são a regra e terra firme a exceção, uns desertos em que “a montaria” navega dias inteiros por entre juncos e plantas marinhas, sem aportar, sem enxergar uma árvore, acompanhada por “puins” e “carapanãs”, despertados pelo movimento da embarcação através das ervas aquáticas, por baixo de um sol ardente contra o qual não existe abrigo possível nas horas de ardor equatorial; imagine

---

<sup>418</sup> SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p.118.

<sup>419</sup> Henri Anatole Coudreau (Sonnac, 1859 - Amazonas, novembro de 1899) foi professor no Colégio de Caiena, na Guiana Francesa. Em 1895, contratado pelo governo do Pará, passou a fazer uma série de explorações pelos rios da Amazônia, tendo falecido às margens do Rio Trombetas. Escreveu *Viagem ao Tapajós*: 28 de julho de 1895 – 7 de janeiro de 1896 e *Viagem ao Xingu*: 30 de maio de 1896 – 26 de outubro de 1896. Professor de História e de Geografia foi, em 1881, com a idade de 21 anos, enviado à América do Sul, como professor no Liceu de Caiena, tendo antes exercido por pouco tempo o magistério em Reims. Na Guiana Francesa iniciou, nos períodos de férias, explorações nos arredores de Caiena, dilatando pouco a pouco suas viagens de estudos e observações até regiões mais afastadas, colhendo o material para o trabalho, publicado em 1883, denominado *Richesses de la Guyenne Française*, trabalho que obteve medalha na Exposição de Amsterdam. A serviço do Ministério da Marinha e das Colônias estudou, numa primeira missão, e nos anos de 1883, 84 e 85, os imensos territórios, então contestados, entre a Guiana Francesa e o Brasil. Partindo da Aldeia de Counani, passou depois ao Rio Branco indo até o Rio Negro permanecendo, nessa viagem de estudos, dois anos cheios de aventuras, sozinho entre os naturais da região. Os resultados dessa primeira missão exploradora valeram-lhe uma segunda, desta vez sob os auspícios do Ministério da Instrução Pública e do Ministério da Marinha e das Colônias. Sua segunda missão durou ainda dois anos (Maio de 1887 a Abril de 1889) e, do ponto vista geográfico, foi particularmente rica, pois, além de percorrer um itinerário de 4.000 quilômetros levantados na escala de 1:100.000, realizou levantamentos considerados completos do Rio Oiapoque, do Maroni e do Moronini, da embocadura à nascente. Em 1895, Henri Anatole Coudreau inaugurou um serviço de exploração no Estado do Pará, tendo sucessivamente explorado o Tapajós, o Xingu, o Tocantins, o Araguaia, o Itaboca, o Itacaiuna, bem assim a zona compreendida entre o Tocantins e o Xingu, o Jamundá e o Trombetas, em cujas margens faleceu. Para saber mais sobre este viajante ver a dissertação de mestrado de Durval Filho intitulada *Os retratos de Coudreau: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal que percorreu a Amazônia em busca do “bom selvagem” (188-1899)*. Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém: 2008.

esses pântanos solitários e silenciosos, povoados sem o receio do homem, como na época terciária, por peixes gigantescos, como o peixe-boi e o pirarucu, por serpentes monstruosas, como a cobra sucuriú, que chega a ter 15 metros de comprimentos, por sáurios colossais, jacarés de 8 metros; deite o leitor sobre toda essa exótica natureza a cor local dos trópicos, e terá uma ideia do que é essa região. Coudreau ali encontrou, em mocambos ou quilombos, uma população brasileira fugitiva, composta de escravos fugitivos e soldados desertores, a qual ali vive da pesca e de comércio, sem chefes, sem leis e sem governo, realizando a “ditosa condição, ditosa gente!” de Camões.<sup>420</sup>

Ao contrário de Santa-Anna Nery, que evidencia o descaso do governo brasileiro com essa população, dando a entender o porquê da população em litígio preferir a França à condição de “ditosa gente de Camões”, o Barão de Marajó considerava que o “Counani” não pretendia ser governado nem pela França e nem pelo Brasil, seu habitantes seriam grupos de ex-escravos, de fugitivos, pequenos comerciantes, criminosos e desertores que buscavam seus próprios interesses e que, na verdade, era Coudreau que pressupunha o interesse das pessoas do Counani em serem governadas pela França.<sup>421</sup> Coudreau considerava que os habitantes do Cunani não queriam pertencer ao Brasil preferindo: “ser franceses, ou permanecer cunaninenses”.<sup>422</sup>

De acordo com Nelson Sanjad, a tese de Coudeau a respeito do Counani era de uma região que reunia todas as condições de ser transformada pelos franceses em uma “escola de aplicação do socialismo futuro” fazendo parte do futuro glorioso da Guiana Francesa de se tornar a nova França e, evidentemente, defendendo a posse francesa do território contestado.<sup>423</sup> Coudreau construiu os seus argumentos em duas bases a primeira era referente à ocupação da área pelos franceses durante o século XVI e a segunda era o próprio estado anárquico da população que não se identificava com qualquer nação, mas que simpatizava com os franceses.<sup>424</sup>

---

<sup>420</sup> NERY, Santa-Anna. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1885.

<sup>421</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da silva, 1896.p.27-28.

<sup>422</sup> COUDREAU, Henri. *La France Équinoxiale. Études sur les Guyanes et l' Amazonie*. Paris:Challamel Ainé, 1886.p.415.

<sup>423</sup> SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro; fundação Oswaldo Cruz, 2010.p.304-305.

<sup>424</sup> SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro; fundação Oswaldo Cruz, 2010.p.304-305.

Já o Barão de Marajó percebia que a zona neutra do território contestado, possibilitava a essas pessoas uma oportunidade de realizar seus projetos pessoais, aderindo ao jogo político dos franceses e não um desejo efetivo de nacionalidade francesa.

425

Sobre o episódio do Counani, o historiador José Maia Bezerra Neto observou que esse povoado, formado em sua maior parte por escravos fugidos, fazia parte de uma zona de fronteira que se caracterizava pelos espaços abertos: ao movimento de fuga escrava, a constituição de mocambos e a formação de uma rede de contatos com etnias indígenas e escravos de outras áreas coloniais como os *bush-negroes* do Suriname.<sup>426</sup>

Retornando às reflexões sobre o território contestado entre Brasil e França, lembramos que Coudreau apresenta uma argumentação pautada na busca de um acordo benéfico entre os países envolvidos na questão. Afirma que sendo as fronteiras definitivamente limitadas, uma colônia francesa de povoamento, no Counani, seria mais produtiva do que uma “tribo de condenados à força” e ressalta o quanto era importante para a França manter a amizade, os negócios e ampliar a influência francesa na América latina “para os latinos o mundo latino”:

A fronteira, uma vez delimitada, se formará no futuro, no Oyapock, ao invés de uma tribo de fugitivos, uma colônia francesa de povoamento, cujo sucesso de seu desenvolvimento é assegurado pela excelência do clima e a facilidade de trabalhar nas savanas, e onde a presença na embocadura do Amazonas não será sem interesse para a pátria francesa. Esta vantagem nós argumentamos, à embocadura do Amazonas, um belo território de colonização nacional que seria, por sua vez, a mais excelente seleção de todas as colônias penais, não somente apresentamos a solução da disputa franco-brasileira. Vimos recentemente, em 1883-1884, a proposta de uma pacífica exploração pacífica da região contestada, como era delicado o patriotismo brasileiro. Será sábio e prudente para sempre a união entre duas nações amigas este eterno fermento da discórdia. Na verdade, é óbvio que o interesse maior da França ter apenas amigos leais entre os jovens povos latinos que estão entre os nossos melhores clientes. Aos latinos o mundo latino.<sup>427</sup>

---

<sup>425</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.27-28.

<sup>426</sup> BEZERRA NETO, José Maia. Nas terras do Cabo Norte: fugas escravas e histórias de liberdade nas fronteiras da Amazônia setentrional (século XIX). CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis. (orgs). In: *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açáí, 2010.

<sup>427</sup> COUDREAU, Henri. *Les Français em Amazonie*. Paris : Alcide Picard, 1887.p.154.

Coudreau, em sua obra *Les Françaises en Amazonie*, apresentou um discurso que ressaltava a forte presença da cultura francesa em Belém e Manaus, citando a quantidade de obras da literatura francesa presentes na biblioteca de Manaus e enfatizando o número de pessoas nas duas capitais da Amazônia que tinham conhecimento francófono.<sup>428</sup>

Outro ponto favorável à influência francesa na Amazônia pode ser notado, ainda que indiretamente, na obra de Coudreau no capítulo intitulado *Les idées séparatistes*, no qual transcreve as duras críticas feitas pelo Barão de Marajó à política centralizadora do governo imperial, que prejudicava especialmente as questões da educação pública, a representação parlamentar e a imigração.<sup>429</sup> Estes problemas estariam originando várias ideias separatistas no Pará e no Amazonas.

Coudreau, em seu discurso, evidenciou ainda mais as críticas do Barão de Marajó, autor que havia citado anteriormente no livro *La France Équinoxiale* (1886), utilizando a mesma informação da insatisfação dos amazônidas, no entanto o texto do viajante francês é ainda mais contundente ao afirmar que a Amazônia era uma nova nação e um novo mercado.<sup>430</sup>

Pensamos que as definições de fronteira eram algo essencial para as elites do período imperial e essas definições faziam parte de uma busca da formação da identidade nacional. Considerava-se importante manter diálogo com a imprensa a respeito das relações entre Brasil e Europa, Wilma Peres Costa lembra que o estado monárquico teria de desenvolver uma complicada artesanaria política para formar um grupo de intelectuais que operassem na linguagem das nações europeias, assim o estado brasileiro na segunda metade do século XIX estabeleceu uma locução privilegiada com a cultura francesa, segundo ela aos poucos a rota para Paris substituíra a antiga ida à Coimbra.<sup>431</sup>

E se era importante para os intelectuais brasileiros obter reconhecimento diante do olhar estrangeiro, essa questão tornava-se ainda mais complicada para os intelectuais amazônicos porque pretendiam também um reconhecimento dentro do império brasileiro. O texto do Barão de Marajó expressa muito bem esse intento, no caso, estamos falando da obra que foi comentada por Henri Coudreau intitulada *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*.

---

<sup>428</sup> COUDREAU, Henri. *Les Français em Amazonie*. Paris : Alcide Picard, 1887.p.78.

<sup>429</sup> COUDREAU, Henri. *Les Français em Amazonie*. Paris: Alcide Picard, 1887.p.79-86

<sup>430</sup> COUDREAU, Henri. *La France Équinoxiale. Études sur les Guyanes et l' Amazonie*. Paris:Challamel Ainé, 1886.311.

<sup>431</sup> COSTA, Wilma Peres, Viagens e Peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. *Intelectuais: Sociedade e Política, Brasil e França*. (orgs.) RIDENTI, Marcelo et al, São Paulo: Ed. Cortez, 2003.p.79

O livro, publicado em Lisboa no ano de 1883, pretendia ser um meio de divulgação, de exposição de problemas e sugestão de propostas que favorecessem a união do estado nacional. A obra *A Amazonia* se divide em quatro capítulos: o primeiro trata da importância da Amazônia, o segundo aborda as características e riquezas da região, o terceiro exprime as principais queixas do Pará e Amazonas e o quarto questiona os inconvenientes causados pela extrema centralização do país. Nos capítulos 1 e 2 há uma ênfase quanto ao uso utilitário da natureza (rios, floresta e minérios). Os capítulos 3 e 4 tratam das “queixas” relacionadas principalmente a questões agrícolas como, a da falta de imigrantes, de recursos para as colônias agrícolas, a dificuldade do uso do trabalho indígena que era dependente do trabalho dos missionários e a dificuldade da aplicação da lei de terras.

O jornalista José Gualdino, colaborador da *Revista Amazonica*, escreveu uma resenha ressaltando a descentralização como uma influência dos trabalhos de Tocqueville e de Stuart Mill na obra *Amazônia* do Barão de Marajó:

São talvez das mais formosas páginas do livro do Sr. Barão de Marajó, as que ele consagra aos assuntos políticos. Se o governo não sabe ou não quer honrar-se reconhecendo no direito, no interesse comum alguma coisa mais poderosa que o próprio governo, o ilustre acadêmico demonstra com as lições da história, que o governo do Brasil, no seu regime centralizador, não pode ser a lei viva, não pode ter por si a consciência nacional, que é a força dos governos, e que portanto, ameaça a integridade da nação. São moldadas suas concepções por Simiot, por Tocqueville, discute a centralização política e a centralização administrativa, preconizando o problema da sociabilidade humana que consiste em diminuir, sem destruir, a vida central em proveito da vida geral.<sup>432</sup>

Tavares Bastos, da mesma forma que Gama e Abreu foi um intelectual e político liberal influenciado pelas obras *A democracia na América* de Alexis Tocqueville e *Considerações sobre o governo representativo* de Stuart Mill. Autor de *Os males do presente e as esperanças do futuro*, Tavares Bastos acreditava na educação como veículo de cidadania e expansão da produtividade do trabalho e inspirado por Tocqueville, pensava que o poder local (as províncias) deveria ser dotado de autonomia e de uma teia de instituições livres que ensinariam as liberdades públicas.<sup>433</sup>

Para Gama e Abreu, existia um abismo entre as leis e decretos do Império e o contexto da Amazônia, esse desencontro era devido ao desconhecimento da região amazônica (Pará e Amazonas) e ao favorecimento das regiões do sul e sudeste nas verbas,

---

<sup>432</sup> GUALDINO, José. *A Amazonia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil pelo Barão de M.* *Revista Amazonica*. Tomo II. n.8 e n.9. Pará: Escritório da Revista Amazonica, 1884.p.92.

<sup>433</sup> RÊGO, Walquiria Domingues. *Federalismo e fundação da nação*. orgs. RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.p. 23.

nos projetos relacionados à imigração e à pouca representatividade parlamentar, a despeito do valor dos impostos pagos pelas províncias do norte.<sup>434</sup>

Por isso, a proposta do livro era o federalismo, ou seja, um fortalecimento do poder das províncias, que certamente implicaria no aumento do poder político das elites regionais. Outras províncias concordavam com essa posição como é demonstrado no jornal *Pharol*, da cidade de Juiz de Fora:

São dignas de leitura as seguintes linhas extraídas de um trabalho do sr. Barão de Marajó sobre a Amazônia e se aplicam a todas as províncias: a centralização de todos os poderes nas mãos do governo geral, tem sido no Brasil a causa de perversão no sistema representativo. As nomeações para os diferentes empregos, eis a grande alavanca com que o governo tudo alcança; desde o mais elevado cargo até o escuro lugar do carcereiro de qualquer cadeia, todos dependem do governo geral; desde o chefe da polícia até o suplente do subdelegado, desde o bispo até o capelão de regimento; (...).<sup>435</sup>

Questão também comentada no jornal *Diário do Brasil*, da cidade do Rio de Janeiro, cujo articulista menciona sempre buscar dar atenção aos problemas da Amazônia, concordando com os inúmeros inconvenientes trazidos pela centralização:

Uma das queixas mais graves e fundadas que o ilustre Sr. Barão de Marajó articula em nome da Amazônia se refere à excessiva centralização, da qual são vítimas não só essas duas províncias como também todas as suas irmãs. “O Brasil vive, e cresce”, diz o distinto escritor, “tem-se feito conhecido, é hoje a segunda nação da América, mas crescerá ele tanto quanto lhe permitem suas riquezas naturais e a sua população? Não, decerto: pois a par da unidade e desenvolvimento nacional, a iniciativa provincial é pequena, porque a centralização demasiada a mata sem a substituir”.<sup>436</sup>

A obra *A Amazonia* teria sido motivada pela circulação de ideias separatistas surgidas devido ao tratamento dado por algumas autoridades, no caso, os conselheiros e ministros de “províncias do sul”, que segundo o Barão de Marajó, tratavam as províncias da Amazônia como um lugar ligado à natureza e a um estado primitivo:

A maneira pouco benévola, direi mesmo, agressiva, porque foi tratada a população Paraense por um presidente do Conselho de ministros, a quem a longa prática parlamentar não pode ainda acostumar a delicadeza da frase, quando no Senado se tratou do aumento da deputação, e alguns artigos menos refletidos publicados nos jornais do Sul, tudo tem concorrido para fazer crer a população do extremo norte do império, que o governo, e mesmo alguns representantes das províncias meridionais olham a população amazônica como composta de párias da sociedade brasileira só utilizável para produzir renda.<sup>437</sup>

O tom agressivo da obra do Barão de Marajó era justificado por uma recente polêmica na imprensa, originada por discussões a respeito da representação parlamentar.

---

<sup>434</sup>ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.

<sup>435</sup> *Pharol*. Juiz de Fora, 16 de fevereiro de 1884.p.1.

<sup>436</sup> *Diário do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1883.p.1.

<sup>437</sup>ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.4-5.

A situação ficou pior em razão da frase do deputado Martinho de Campos<sup>438</sup> que se referiu às “pretensões audaciosas dos cidadãos do arco e flecha” de aumentar a sua participação política. A frase ligava as elites amazônicas à representação indígena, era algo que muito desagradava, como podemos perceber no comentário do Barão de Marajó “não estamos como assevera o Sr. Martinho de Campos, no estado primitivo em que Adão estava no Paraíso, tendo deixado de usar o arco e a flecha assim como a folha da parra”.<sup>439</sup> É importante lembrar que o deputado Martinho de Campos pertencia ao partido Liberal, o mesmo de Gama e Abreu, demonstrando que muitas vezes existiam discordâncias dentro dos próprios partidos.

Essa frase polêmica de Martinho de Campos também foi mencionada e rememorada por outro intelectual, mesmo que indiretamente, trata-se de Frederico José de Santa-Anna Nery<sup>440</sup> que escreveu um artigo na obra comemorativa *O Pará em 1900*,<sup>441</sup> logo no capítulo introdutório ele discute a respeito de como era a imagem dos paraenses na nascente república, e surge novamente a expressão “cidadãos do arco e flecha”:

Para o nosso patricio do sul, nós, os paraenses, somos ainda, por mais estrondosos que tenham sido os nossos recentes progressos, os ‘cidadãos do arco e flecha’, ludibriados por um estadista galhofeiro do tempo do império – os seringueiros <matutos> e endinheirados, de quem a opereta está prestes a fazer troça – os caboclos anêmicos e um tanto beribéricos que vivem, ou melhor, vegetam em estufa vegetal.<sup>442</sup>

A polêmica frase desagradava imensamente, tanto que este comentário estava logo no artigo introdutório da obra *O Pará em 1900*. Para Santa-Anna Nery e para o Barão de Marajó a tessitura da integridade nacional dependia do desprendimento da forte imagem

---

<sup>438</sup> Martinho de Campos, nascido em Minas Gerais em 1816, estudou medicina na faculdade da corte e representou as províncias de Minas Gerais e Rio de Janeiro com algumas interrupções de 1860 a 1882, era do Conselho de Sua Majestade, o Imperador D. Pedro II, Oficial da Ordem da Rosa e Cavaleiro de Cristo. Aceitando o convite do Imperador D. Pedro II, foi presidente do Conselho de Ministros (29º Gabinete), ocupando a Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda no período de 21 de janeiro de 1882 a 2 de julho de 1882. Foi Presidente da Província do Rio de Janeiro no período de 15 de março de 1881 a 15 de março de 1882 e senador no período de 4 de fevereiro de 1882 a 29 de março de 1887. Informações disponíveis no dicionário biográfico Sacramento Blake e também no site da câmara legislativa <http://www2.camara.leg.br/>.

<sup>439</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.4-5.

<sup>440</sup> Sobre Santa-Anna Nery ver: SARGES, Maria de Nazaré, COELHO, Anna Carolina de A. “Divulgando a Amazônia em Paris: Santa-Anna Nery e sua missão”. *Revista de Estudos Amazônicos*. v.II, nº1, 2007

<sup>441</sup> A obra *O Pará em 1900* foi organizada com o apoio do governador José Paes de Carvalho. Contém vários artigos da intelectualidade do final do século XIX sobre o Estado em relação à política, saneamento, imprensa, medicina, formação étnica da população, geografia e climatologia e visava à comemoração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, aproveitando a ocasião para fazer propaganda do estado do Pará, visando atrair imigrantes estrangeiros.

<sup>442</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil. p.5.

indígena que ligava intrinsecamente a Amazônia ao primitivo e ao passado de certa forma marcava uma diferença e uma exclusão.<sup>443</sup>

Na Europa, essa imagem do primitivo associada à Amazônia também era forte. Os problemas apontados eram os extremos que iam da “ignóbil maledicência” à “benevolência exagerada”, conforme ressaltava o Barão de Marajó: “Na Europa não poucas e inexatas apreciações têm sido publicadas, como provam as obras de Emile Carrey e de Biard”.<sup>444</sup>

Essa situação já havia sido notada pelo Barão de Marajó em seus *Apontamentos de Viagem*, eram alvo de críticas as obras dos franceses Emile Carrey e Elisée Reclus:

No Brasil, as associações de caridade, ou seja, as casa de misericórdia, os hospitais das diferentes ordens, ou as sociedades de franco-maçons, tem todas pleno direito de formar-se e administrar-se; a liberdade de reunião e de associação é um fato entre nós, ao passo que em França na pátria desses críticos, que como Elisée Reclus e outros, deturpam a verdade para criticar, a liberdade de associação, de reunião, de ensino, a da prática da caridade não existe, tudo são ramos da administração oficial. Posso, pois responder a esses críticos: sois injustos para conosco, não tendes o direito de censurar o nosso atraso e as nossas imperfeições, porque são filhas da nossa pouca idade, ao passo que aos vossos defeitos, só podem ser assinadas como causas a corrupção, ou a decrepitude.<sup>445</sup>

O escritor e político Emile Carrey (1820-1880),<sup>446</sup> enviado para a Amazônia pelo Ministério de Assuntos Exteriores da Marinha e da França, tinha como objetivo fornecer informações políticas e comerciais ao governo da França. Passou três anos no Peru e em 1855 desceu o rio Amazonas até Belém, explorou a região, indo de canoa até a cidade de Cayena e escreveu sobre essa viagem as obras: *L'Amazone : Les métis de la savane* (1857), *L'Amazone : Huit jours sous l'Équateur* (1856) e *L'Amazone : Les révoltés du Para* (1857). Segundo o Barão de Marajó, Carrey narra tradições e episódios mal observados e sem comprovação.<sup>447</sup>

Elisée Reclus era geógrafo de formação, escreveu em 1869 o livro *L'histoire de um ruiseeau*, em que acompanha um curso de água desde a nascente até o desaguar no mar, sua obra mais importante foi *Novelle Geographie Universalle*; semelhante a

---

<sup>443</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazônia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.4-5.

<sup>444</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.5-6

<sup>445</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.137.

<sup>446</sup> *Grand Larousse do XIX siècle*. p. 451 Disponível em <http://gallica.bnf.fr>.

<sup>447</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.66.

Coudreau, Reclus tinha orientação anarquista.<sup>448</sup> Mas, possivelmente, o Barão de Marajó criticava o geógrafo devido aos diferentes posicionamentos na questão do território contestado Franco-Brasileiro.

O outro alvo da crítica do Barão de Marajó foi o pintor, viajante e professor de desenho da marinha francesa François Biard (1798-1882),<sup>449</sup> que esteve no Brasil em 1858, a convite do Cônsul Taunay e desenvolveu trabalhos para a Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Viajou para a Amazônia em 1859, visitando Belém, Manaus e as aldeias indígenas Munduruku, Cerano, Arara e Maués. Pintou as telas: *A fabricação do Curare na floresta amazônica* (1859), *Os Mundurucu às margens de um afluente do rio Madeira* (1862) e *Índios da Amazônia adorando o Deus-sol* (1860).

Biard escreveu algumas obras relatando as suas viagens *Deux années au Brésil* (1862) e *Les Pèlerin de l'enfer vert: rio Amazonie 1858-1859* nessas narrativas com linguagem bastante sarcástica e humorística, os índios são descritos como sujeitos corrompidos, pagos para posar para os retratos com dinheiro ou bebidas, ele procurava encontrar indígenas que se encaixassem no exotismo que ele havia imaginado. A natureza foi elogiada, mas criticava as pessoas da Amazônia por serem “feias” e “pálidas” além de produzirem uma “imitação” dos hábitos da Europa.<sup>450</sup>

Para o Barão de Marajó, estas imagens negativas poderiam ser advindas também da leitura de romances e contos como *A Jangada* (1881) de Júlio Verne, no qual a jangada era puxada por jacarés.<sup>451</sup> Apesar de alguns viajantes estrangeiros escreverem obras baseadas em pesquisas científicas, a imagem fantástica do Brasil como uma terra oposta à civilização era muito marcante no exterior, portanto tornava-se o cenário perfeito tanto para a subliteratura de pequenos romances e operetas como também exercia influência sobre os grandes literatos da época.<sup>452</sup> Havia, contudo os autores que revelavam a “verdade” sobre a Amazônia:

---

<sup>448</sup> MORAES, Tarcisio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, modernidade e historiografia na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

<sup>449</sup> Mais informações sobre viajantes franceses ver o artigo de Paulo Jeannine disponível em: <http://enhpgee.files.wordpress.com/2009/10/joao-paulo-jeannine.pdf> e também o *Grand Larousse do XIX siècle*. Disponível em <http://gallica.bnf.fr>.

<sup>450</sup> BIARD, François. *Deux Années au Brésil*. Paris: Librairie Hachette, 1862.

<sup>451</sup> A despeito das críticas por escrever uma obra sem de fato visitar a região estudada, Julio Verne procurou dar verossimilhança a seu romance, por isso estudou diversas obras de exploradores e naturalistas que viajaram pela Amazônia. Ver: RIAUDEL, Michael. O rio palimpsesto – o Amazonas de Júlio Verne das fontes a ficção. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/13/09-michel.pdf>

<sup>452</sup> Santa-Anna Nery se refere às operetas em: PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil. p.5-6. Gama e Abreu, O Barão de Marajó

e este serviço é quase que exclusivamente devido aos que tem publicado nos jornais e nos livros aquilo que tem visto e estudado em suas viagens n'estas regiões distantes como são Humboldt, Baenna, Wallace, Bates, Chandlles, Brow & Lidstone, Maury, Castelnau, H.Smith, E.D. Mathews, Tavares Bastos, Agassiz, S.Coutinho, Ferreira Penna, Spix e Martius, Edward, Wiener e outros da imprensa paraense.<sup>453</sup>

O que o autor valorizava era especialmente a observação prática e científica pautada em viagens, feita por intelectuais brasileiros e estrangeiros. As críticas ao Brasil não eram bem vistas, porém as narrativas sobre a Amazônia não poderiam ser apenas elogiosas, mas com método e cientificidade, por isso ele critica a falta de método em Biard, e a falta de comprovação dos dados de Carrey.

Para o Barão de Marajó, o período das viagens era insuficiente para que os estrangeiros fizessem julgamentos, sendo importante que os pesquisadores brasileiros se empenhassem em divulgar os fatores positivos:

Fazer conhecer o que já entre nós existe de bom, pois que para nos desacreditar existem os Lallements, os Biards e os Carrès e tantos outros escritores, principalmente franceses, que sem estudarem nossa sociedade, se julgam aptos com uma viagem que demora horas ou dias em nossas províncias a clamarem contra os nossos costumes e as nossas instituições.<sup>454</sup>

Essa interlocução com diversos viajantes, percebida na obra do Barão de Marajó, era uma característica comum entre as elites do império. Nesse sentido, a historiadora Wilma Peres Costa, comenta que o viajante seria uma espécie de auditor que traria a imagem desejada pelas elites imperiais, havendo sempre uma interlocução com os viajantes “bons”, que teriam seus trabalhos publicados, comentados e traduzidos, os viajantes “maus” que apontavam as mazelas do país ou contestavam as pretensões territoriais da monarquia, esses eram silenciados ou suas críticas eram respondidas e neutralizadas em periódicos de larga divulgação.<sup>455</sup>

A postura patriótica do Barão de Marajó na defesa do território brasileiro era também uma forma de se conectar aos círculos intelectuais franceses. Porém, o Barão procurou manter os vínculos com a intelectualidade portuguesa desde a sua formação em Coimbra. Tanto que, já no período republicano, colaborou com a revista *Brasil-Portugal*

---

menção o romance *A Jangada* de Julio Verne em: ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.73.

<sup>453</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.6.

<sup>454</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.113.

<sup>455</sup> COSTA, Wilma Peres. “Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual”. (orgs). RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p.80-81.

escrevendo artigos sobre a Amazônia, cuja missão era “tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil”.<sup>456</sup>

O periódico tratava de diversos assuntos como atualidades, ciência, viagens, biografias de homens ilustres, literatura, teatro, finanças e comércio; e possuía como colunistas efetivos: o tenente-coronel e escritor Abel Botelho articulista da seção “teatros”, o erudito e publicista Anselmo de Andrade que escrevia sobre finanças, a direção artística era de Celso Hermínio desenhista e colaborador do *Jornal do Brasil*, os artigos sobre as relações comerciais entre o Brasil e Portugal ficavam ao cargo do professor e jornalista Matoso dos Santos, a seção de humor era escrita pelo publicista Moura Cabral e a direção do periódico e os artigos sobre as colônias portuguesas e sobre o Brasil eram tarefa de Augusto de Castilho.<sup>457</sup>

Entre os vários colaboradores eventuais figuravam: Paes de Carvalho médico, político e membro da *Sociedade Philomatica*, o poeta Olavo Bilac, o escritor Machado de Assis, o jornalista Brito Aranha, o professor e gramático Paulino de Brito, os artistas Raphael Bordallo Pinheiro e Manuel Bordallo Pinheiro entre outros.<sup>458</sup>

Uma coluna de muito destaque no periódico eram as notícias da França, que eram escritas pelo jornalista Silva Lisboa, articulista dos jornais portugueses *Diário de Notícias* e *Folha do Povo* e autor de uma coluna do *Jornal do Brasil* intitulada “Crônicas de Paris”. No documento abaixo, o diretor da revista fala sobre a importância da conexão Portugal-Brasil-França para os seus leitores:

O Brasil-Portugal pode garantir aos seus leitores que publicará em todos os seus números, a começar do dia 16 do mês corrente, uma carta de Paris, firmada pelo nome d’aquêle illustrado jornalista que trará os leitores d’esta revista o corrente dos acontecimentos palpitantes que vão ocorrendo em França, e especialmente dos que de mais perto se relacionem com a vida brasileira na grande capital. Depois de Lisboa e do Porto é Paris a cidade europeia, onde vive o maior número de brasileiros, pertencendo grande parte d’eles á primeira sociedade da grande República americana. Os acontecimentos que mais se prendam com a vida que fazem em Paris, e que possam pertencer ao domínio público, interessam ao Brasil e a Portugal, e por isso procuramos não descurar esta parte importante da vida brasileira na Europa, confiando-a a um dos escritores mais considerados nos dois países.<sup>459</sup>

As revistas, jornais e outros periódicos testemunharam esse intenso trânsito de ideias, de pessoas e produtos da cultura mundializada dos fins do século XIX e início do XX. Nesse contexto, a divulgação de uma imagem positiva é uma constante na obra A

---

<sup>456</sup> Um exemplo é o artigo do Barão de Marajó: Marajó, Barão de. A borracha ou goma elástica. *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal illustrada. Ano 1, nº1, 1 de fevereiro de 1899.p.14.

<sup>457</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal illustrada. Ano 1, nº1, 1 de fevereiro de 1899.p.1.

<sup>458</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal illustrada. Ano 1, nº1, 1 de fevereiro de 1899.p.1-2.

<sup>459</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal illustrada. Ano 1, nº1, 1 de fevereiro de 1899.p.2.

*Amazônia*. As intenções do autor dizem respeito a um sentimento tanto de unidade (integridade) de pertencer ao Brasil, quanto de diferença e respeito aos interesses e especificidades da sua região de nascimento. Porém existe uma ordem nessas intenções: primeiramente ele menciona “os assuntos da região em que nasci” e depois o “desejo que o Brasil continue a existir e crescer unido”.<sup>460</sup>

Entende-se que primeiramente viriam os interesses da Amazônia e depois do restante do Brasil; a nacionalidade e a integração só existiriam a partir de um entendimento do governo central do império e de outros países do que era a Amazônia, se não fosse possível o entendimento e se algum infortúnio promovesse a vitória francesa na questão do território contestado seria melhor a separação:

Tenho bem fundada esperança, não digo bem, tenho certeza que meu país há de agora, como sempre, defender os direitos do Brasil a esta parte de seu território que lhe é disputada, mas se por desgraça as circunstâncias ou a fraqueza do governo der ganho de causa á França, concedendo-lhe uma parte da Amazônia, tenho fé em Deus que seus filhos a reivindicarão, ainda que para isso seja necessário separar-se do resto do império.<sup>461</sup>

O Barão de Marajó em suas obras definiu como região amazônica, ou Amazônia, o território dos estados do Pará e do Amazonas:

(...) digo Amazônia porque as duas províncias que a compõe, embora separadas por uma divisão política administrativa continuam a ser irmãs pela identidade de suas vias fluviais que são a grandeza de ambas, pelos mesmos produtos, porque têm os mesmos mercados consumidores, e porque Manaus e Pará, centros de grande circulação amazônica ligados e alimentados juntos e pela mesma forma, são destinados a crescerem ou sofrerem juntos.<sup>462</sup>

Segundo Durval Albuquerque, o termo região está relacionado ao poder, desde sua origem etimológica em três vocábulos: *regione* (área sob o comando de uma legião romana); *vincere* (que dá origem à palavra província significa território vencido ou habitado pelos vencidos) e *regio* (aquele que rege, governa ou comanda), por isso, a formação de uma identidade regional passaria pelo engajamento de grupos sociais e elites intelectuais atuantes nesse processo, pois esses grupos exerciam o poder nas esferas públicas.<sup>463</sup>

Barão de Marajó, Santa-Anna Nery, Tito Franco, Ignácio de Moura e outros intelectuais amazônicos podiam divergir nas ideias, mas partilhavam a identificação com

---

<sup>460</sup> José Coelho da Gama e. *A Amazônia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.4-5.

<sup>461</sup> *Diário do Brazil*. Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1883.p.1

<sup>462</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.18-19.

<sup>463</sup> Ver o artigo de: ALBUQUERQUE, Durval. Objeto em fuga: algumas reflexões sobre o conceito de região. *Fronteiras*, vol.10, nº17, 2008.

a Amazônia e a crença em um projeto de civilização inspirado na Europa. Pertencer a essa elite intelectual era delicado, pois se de um lado havia um grande reconhecimento na sua região, para outros locais ser amazônico estava ligado à imagem do selvagem e por isso havia uma luta para contrapor essa identificação e se afirmar como civilizado no governo central brasileiro e no exterior.

Utilizando os conceitos de Norbert Elias, podemos dizer que esses intelectuais amazônicos eram estabelecidos em sua região por ocupar papéis de destaque, mas sua identidade amazônica os tornava *outsiders* diante das elites dos estados do sul e sudeste. Ter visibilidade no exterior era uma forma de conseguir obter reconhecimento nas capitais brasileiras, caminho tomado especialmente pelo Barão de Marajó e Santa-Anna Nery.<sup>464</sup>

### **2.3. O passado e o futuro: divulgando a Amazônia em Paris – Barão de Marajó e Santa-Anna Nery<sup>465</sup>**

As exposições internacionais eram um lugar social privilegiado para a confecção de teias de relacionamento entre as elites de diversos países, breves momentos de festividade onde ocorriam trocas simbólicas e materiais, e eram essenciais para a projeção de um futuro de boas relações. Em algumas exposições era montado um pavilhão, no qual se expunham os produtos considerados mais significativos, como amostra da riqueza do país, era comum a elaboração de material bibliográfico com informações variadas sobre

---

<sup>464</sup> ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jhon L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

<sup>465</sup> Este subcapítulo foi publicado, ver: COELHO, Anna Carolina de Abreu. O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889: Um lugar na retrospectiva das habitações humanas. *Revista Eletrônica - Expedições História e Historiografia*, v.3, p.85 - 97, 2013. Sobre Santa-Anna Nery ver: SARGES, Maria de Nazaré, COELHO, Anna Carolina de Abreu. Divulgando a Amazônia em Paris: Santa Anna Nery e sua Missão. *Revista de Estudos Amazônicos*. V.II, n1. Julho/Dezembro, 2007.

geologia, história, economia, produção artística, população e muitos outros temas. A respeito desses pavilhões Heloisa Barbuy, comenta que as exposições internacionais representavam a mundialização e as redes de trocas entre os países:

O próprio fato de se fazer este tipo de representação correspondia a que, em função da expansão capitalista, o mundo estava, agora, todo ligado em redes de interdependência econômica. Tornava-se um só e assim era representado nas exposições universais, apenas que totalmente edulcorado, é claro, como um mundo ideal. E estas representações eram feitas o mais materialmente possível, isto é, fisicamente construídas, tridimensionais, palpáveis e visíveis, em forma de exposições.<sup>466</sup>

Essa característica das exposições universais como representação de um mundo interligado, pode ser notada no discurso do Barão do Marajó, delegado do estado do Pará na Exposição Universal de Paris em 1889; no relatório expunha que “a indústria em todos os seus ramos, precisa de ar e luz, que por conquista da civilização moderna são dados nas exposições universais, pontos de reunião de todos os povos”.<sup>467</sup>

As exposições surgem nessa narrativa como um espaço de encontro da civilidade, de certa forma uma “representação do mundo”, onde a indústria mundial se nutria dos elementos essenciais. Já o tempo, mencionado no relatório, era o do acontecimento efêmero a “festa do progresso”, a intenção da comissão era a de “conseguir que o Pará fosse dignamente apresentado na grande festa do progresso e civilização do mundo, a Exposição Universal de Paris”.<sup>468</sup>

O contato entre os expositores de diversos países continuava em festas e banquetes, como foi comentado pelo jornal *Le Figaro*, que descreveu um banquete ocorrido em 1889, organizado para homenagear o antigo ministro da marinha e escritor português Pinheiro Chagas.<sup>469</sup>

Nesse evento compareceram vários políticos e intelectuais brasileiros, portugueses e franceses, o jornal brasileiro *Gazeta de Notícias* destacou os expositores brasileiros entre eles os intelectuais paraenses Barão de Marajó e Santa Anna-Nery; o artista português Bordallo Pinheiro; Visconde de Azevedo Ferreira um comerciante de origem portuguesa que enriqueceu no Brasil e depois fixou residência em Paris, tornando-a um local muito frequentado por artistas e outros intelectuais; Eduardo Prado advogado, jornalista, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, monarquista convicto e

---

<sup>466</sup> BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris: Um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996. p. 211 e 212.

<sup>467</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.8.

<sup>468</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.1.

<sup>469</sup> *Le Figaro*. Paris, 14 de outubro de 1889.p.1.

amicíssimo do escritor português Eça de Queiroz; Barão de Estrela um rico latifundiário e comendador da Ordem de Vila-Viçosa. Eduardo Prado fez um discurso elogioso à França:

Transcrevemos também o brinde do Sr. Eduardo Prado: “que elogio se pode fazer de um país que se revela ao estrangeiro por homens como o senhor Pinheiro Chagas! Para os brasileiros vindos a Paris, um dos lados mais tocantes da exposição universal foi o encontro. Já um grande número de portugueses, que já conheciam e a quem muito estimam, atraídos como vós à França pela irradiação luminosa de Paris e da torre Eiffel. Vimos e festejamos em Paris os operários portugueses.”<sup>470</sup>

Após a sobremesa o Barão de Marajó e Santa-Anna Nery brindaram em nome de seu país e do fiel amigo Pinheiro Chagas, saudando improvisadamente Brasil, Portugal e França. O articulista do *Le Figaro* cita os três: Nery, Marajó e Pinheiro Chagas como “os três irmãos de sangue latino”.<sup>471</sup>

Este evento foi noticiado com destaque no jornal *Gazeta de Notícias* com o artigo *Pinheiro Chagas em Paris* que transcreve o emocionado discurso do homenageado, que veio a Paris por ocasião da Exposição Universal de 1889:

Foi com a divisa francesa que nós alargamos o mundo, foi com as ideias francesas que nós conquistamos a liberdade (aplausos). Como poderei chamar a França de terra estrangeira? (aplausos) Estou sob o encanto quase sobrenatural d’esta exposição e d’esta cidade. Vi a torre Eiffel, esta catedral do gênio e da paz, a galeria das máquinas, esta basílica imensa do trabalho, e movidos como eu pela admiração que nos causa a grandeza sublime de vossa pátria, todos nós, os meus compatriotas e os meus irmãos brasileiros, não podemos exprimir melhor os nossos sentimentos n’este momento do que elevando um novo e caloroso brinde á França. (Aplausos prolongados).<sup>472</sup>

Além do contato com os representantes de diversas nacionalidades, a participação do Brasil na Exposição de 1889 teve um significado especial por ser um momento onde a elite monarquista vivia uma grave crise e, talvez, para minimizar as críticas, procurava apresentar no exterior uma imagem dos avanços conquistados durante o segundo reinado. Para Sandra Pesavento, as exposições funcionavam como:

síntese e exteriorização da modernidade dos “novos tempos” e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram o caráter pedagógico de “efeito demonstração” das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica.<sup>473</sup>

---

<sup>470</sup> Pinheiro Chagas em Paris. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1889.p.2.

<sup>471</sup> *Le Figaro*. Paris. 14 de outubro de 1889. p.1

<sup>472</sup> Pinheiro Chagas em Paris. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1889.p.2.

<sup>473</sup> PESAVENTO, S. J. *Exposições universais: espetáculos da modernidade*. São Paulo: Hucitec, 1997.p.14.

Essas “vitrines” funcionavam como uma simulação do mundo, os pavilhões dos países eram uma representação do melhor de si para o outro, sendo sua expectativa sempre o futuro, o progresso. Mas essa projeção de si, num futuro de progresso, encontrava-se muitas vezes envolvida em uma complexa significação das memórias temporais ao pretender a “demonstração do tempo útil” como exteriorização do moderno.

O grupo que pretendia o futuro também estava ligado a uma noção de continuidade e memória, pois tanto o Sindicato do Comitê Franco-Brasileiro, quanto a comissão responsável pela exposição brasileira, buscavam manter e defender o império, tencionando apresentar uma imagem adequada às perspectivas de progresso e civilidade presentes na Exposição Universal. É muito relevante mencionar que a exposição de 1889 era uma festividade que rememorava nada menos do que um século da revolução francesa.

Segundo Le Goff, o tempo das festas é um tempo cíclico (de retorno a um acontecimento) sendo que o século seria um marco desses ciclos.<sup>474</sup> Assim o simbolismo do centenário é algo muito significativo, porém essa memória, esse retorno à Revolução Francesa, era delicado para o império brasileiro, pois evocava a derrubada da monarquia absolutista sendo antes de tudo um símbolo de liberdade.

Não podemos esquecer que, coincidentemente, o ano de 1889 foi o ano do fim da monarquia brasileira, sendo justamente a Revolução Francesa a maior inspiração simbólica para os republicanos brasileiros. O governo brasileiro não foi o organizador da exposição, apenas apoiou o Sindicato Franco Brasileiro na organização do evento, isso poderia, entre outras coisas, estar relacionado com um “mal estar” diante da simbologia da Revolução. No momento da exposição, houve o lançamento de obras como *Le Brésil em 1889* e *Guide de l'Émigrant ao Brésil*, organizadas pelo jornalista paraense Frederico José de Santa-Anna Nery, especialmente para o evento.

Nery era um intelectual muito engajado no projeto de atração de imigrantes durante o final do século XIX, buscando sempre divulgar uma imagem positiva do Brasil e especialmente da Amazônia, um bom exemplo é o livro *O país das Amazonas*, de 1883, que foi financiado pelo governo do Amazonas. Nery participava ativamente de diversas associações na França como a “Sociedade de Homens de Letras”, foi um dos fundadores e vice-presidente da “Associação Literária Internacional” (cujo presidente era Victor Hugo), e fundador da “Sociedade de Estudos Brasileiros”. Foi também, oficial da

---

<sup>474</sup> LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.

Academia da França e Cavaleiro da Legião de Honra e dirigiu a *Revue du Monde Latin*, de 1885 a 1893, estando apto a organizar as obras para representar o Brasil na Exposição Universal de Paris, em 1889.

Nesse momento de fragilidade política, esses livros procuram ressaltar uma imagem positiva e atraente tanto a investidores quanto a futuros imigrantes, assim ele explicava os objetivos do Brasil na Exposição Universal:

O Brasil não quis apresentar-se em Paris, no momento do centenário da Revolução Francesa, sem trazer uma prova evidente de seu respeito verdadeiro pelos Direitos do Homem e de seus progressos na liberdade [...] Em 1889, ele vem mostrando sua bandeira verde e ouro de onde desapareceu a mancha negra da escravidão. Ele traz uma Bastilha destruída, e a libertação de mais de um milhão de homens. Ele traz uma Revolução feita ontem, e que não derramou senão lágrimas de reconhecimento.<sup>475</sup>

O futuro de inclusão econômica e social entre as grandes nações estaria fundamentado, conforme o trecho da obra acima, nos diversos progressos conquistados pelo país, em especial a libertação dos escravos, esse fato pautaria a participação do Brasil na Exposição Universal. A escravidão era percebida por Santa-Anna Nery como uma “mancha” na bandeira brasileira, por isso as transformações trazidas pela lei Áurea de 1888, seriam profundas e uma prova incontestável do respeito que o governo brasileiro aos Direitos do Homem e à liberdade.

É relevante mencionar que a escravidão era um ponto extremamente negativo à imagem do Brasil no exterior. Conforme Marie-Jo Ferreira, na França, durante o fim do século XIX, circulavam em periódicos diversas críticas ao Brasil que se concentravam em dois eixos: a persistência da escravidão e a manutenção do regime monárquico.<sup>476</sup>

Por isso, o Brasil exibiria aos países presentes na Exposição a sua “queda da Bastilha” e Santa-Anna Nery tecia em seu discurso um elo entre o império brasileiro e a memória da Revolução, onde desapareciam os conflitos e as divergências relacionados ao fim da escravidão. Por isso, escolheu a Revolução Francesa de 1889, que teve participação da Monarquia e da Nobreza, para associar à “Revolução Brasileira” de 1888, que seria a lei Áurea, não mencionando o período mais radical da Revolução francesa em 1892/1893 (terror). A comissão do Pará compartilhava desse discurso de Santa-Anna Nery levando para o evento um quadro alegórico da Lei Áurea.

---

<sup>475</sup> NERY, Santa-Anna F.J. *Le Brésil en 1889, avec une carte le empire en chromolitographie*. Paris: Librairie Charles Delagrave. 1889.p.10-11.

<sup>476</sup> FERREIRA, Marie-Jo. “Testemunho da presença intelectual do Brasil na França: A Revue Du Monde Latin e o Brasil (1883-1893)” In: BASTOS, Elide; RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. (orgs.) *Intelectuais: Sociedade e Política*. São Paulo: Cortez, 2003.p.50.

Em relação ao espaço do Brasil na Exposição Universal, o arquiteto que idealizou o projeto foi escolhido por meio de concurso. Esta seleção possuía critérios bem livres: o prédio deveria ressaltar as riquezas vegetais e minerais do império. O vencedor foi o arquiteto francês Louis Dauvergne,<sup>477</sup> que se tornou um dos membros do comitê Franco-Brasileiro para a exposição. O Pavilhão Brasileiro foi construído em estilo espanhol com estrutura quadrada e profusão de arcos com uma estufa, lago e quiosque para degustação de bebidas. Esse Pavilhão foi descrito dessa forma em *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*:

A exposição brasileira compunha-se de um pavilhão cobrindo uma superfície de 4000 metros quadrados, divididos em três pavimentos, conforme os planos de Louiz Dauvergne, uma galeria aberta que ligava o pavilhão com a estufa que era formada por um pavilhão octogonal de ferro e vidro e três espaços formando nichos cobertos por cúpulas. Com o fim de estender quanto o possível nosso comércio do café, foi crido um anexo destinado à degustação o qual foi oferecido ao público por 10 centimos. (...) Um pequeno lago, contíguo a estas construções, entre outras plantas mostrava o esplendor da Victória Régia (do Amazonas) e uma gruta imitando uma abóboda natural.<sup>478</sup>

De acordo com Barbuy, os maiores destaques do pavilhão brasileiro teriam sido a estufa e uma bela vitória-régia cultivada no *Champ de Mars*, a planta amazônica teria provocado comentários entusiasmados de diversos cronistas. Próximo ao lagunho com a vitória-régia havia um quiosque para degustação de café, cachaça e diversos licores de frutas.<sup>479</sup>

---

<sup>477</sup> Nascido em 1854 na cidade de *Châteauroux*, estudou arquitetura na Escola de Belas Artes de Paris e era membro da Sociedade Central dos Arquitetos Franceses. Projetou vários edifícios na rua *l'Alboni*, localizada no 16º arrondissement, reformou e transformou o castelo medieval de *Dangu*, que pertencia ao duque *Pozzo di Borgo* e idealizou o prédio da prefeitura de *Maisons-Laffitte*.

<sup>478</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.16-17.

<sup>479</sup> BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris: Um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.



**Figura 8. Entrada da estufa do Pavilhão Brasileiro, com plantas tropicais e duas esculturas de jacarés elaboradas por A. Guilbert.**

Fonte: Fotografia de H. Blancard, 1889. Arquivo da Bibliothèque Historique de la Ville de Paris.

Percebemos que a natureza foi um dos trunfos da exposição brasileira, um exemplo disso são esculturas de dois jacarés bem próximos a entrada da estufa, cercada de plantas tropicais. A exposição procurava seduzir os olhares estrangeiros pelo exotismo da “selva em miniatura”, sendo a natureza “domesticada” para deleite dos visitantes da exposição. A pretensão do progresso, que deveria vir no futuro, se daria também pelo uso e controle dos recursos naturais.

Usava-se a floresta como um chamariz para um dos grandes projetos de civilização do império: a imigração estrangeira. Afinal não seria por nada, que o lançamento do “Guia do Imigrante” ocorresse no momento dessa exposição, a estufa e o laguinho eram uma espécie de “discurso visual” de controle dos recursos naturais que poderiam estimular o interesse dos estrangeiros pelo país.

O Brasil durante o império participou de diversas exposições, como a de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Viena), 1876 (Filadélfia) e 1889 (Paris). Nesses

momentos, os estados brasileiros organizavam-se bastante para afirmar-se em âmbito nacional e internacional, os amazônicos encontravam mais dificuldades nesse processo, pois o seu território era para a “geração de 1870”, segundo Aldrin Figueiredo, uma região distante do meio intelectual, mas muito avultada para ser esquecida por completo, sendo um território incluído e excluído a todo o momento nas ideias desses literatos, percebido como um território etnicamente degenerado devido às misturas raciais com uma grande predominância indígena e uma minoria negra.<sup>480</sup>

Mesmo assim, talvez como uma forma de contrapor essas dificuldades, os estados do Pará e Amazonas participaram de diversas exposições internacionais no intuito de forjarem uma boa imagem no mercado nacional e internacional. Um desses eventos importantes foi a Exposição Universal de Paris de 1889. Buscaremos refletir um pouco a respeito da participação do estado do Pará nesta “festa do progresso”. Primeiramente, o lugar que coube ao Pará não estava localizado no Pavilhão Brasileiro, e sim...

(...) Além d’estas construções e bem distante d’elas, na parte ocupada pelos monumentos históricos da habitação humana se encontrava a habitação amazônica, primitivamente destinada a um Pavilhão dos Incas, depois aproveitada para uma exposição de ídolos, monumentos, vestuários e utensílios dos nossos selvagens do Amazonas.<sup>481</sup>

Mas, porque o estado do Pará estava tão distante do Pavilhão Brasileiro? A existência de um pavilhão ou *Palais de l’Amazone* foi inicialmente destinado a um pavilhão dos incas e toda a exposição foi montada de forma improvisada, pois não havia uma quantidade suficiente de objetos para a montagem da exposição inca. Gama Abreu descreve a situação dessa forma:

Resta-me falar do Pavilhão ou Casa Amazônica, que só na última hora tomou esse nome, pois em princípio era o nome do Templo dos Incas que lhe fora dado, mas não tendo podido alcançar monumentos relativos ao domínio inca com que fosse dada uma ideia de sua civilização e costumes, na exposição da habitação humana tentada por Mr. Garnier foi solicitado (.....) aquela construção n’ela expor os objetos que possuía o conselheiro Ladislau Netto aceitou essa tarefa, e com os objetos colhidos em diversas Províncias e alguns do Museu do Rio de Janeiro, outros mandados por Sant’Anna Nery, e finalmente pela comissão do Pará foi possível executar uma exposição Pré-histórica e também da atualidade que ofereceu grande interesse aos antropologistas e os apaixonados das etnografias.<sup>482</sup>

O espaço da Amazônia localizava-se na exposição organizada pelo arquiteto Charles Garnier (1825-1898), que estudou na *École Royale des Beux-Arts* de Paris e

---

<sup>480</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA, 2008.p.35.

<sup>481</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.17.

<sup>482</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.28.

recebeu o prêmio *Prix de Rome*, em 1848. Tornou-se famoso por seu projeto da Ópera de Paris, conhecida também como *Palais Garnier*, um importante monumento do projeto haussmaniano de modernização da cidade. Garnier para a Exposição Universal de 1889 projetou um espaço intitulado “Exposição Retrospectiva da Habitação Humana”, na qual buscava retratar os tipos de habitações humanas da pré-história ao Renascimento, em sua exposição havia uma caminhada natural das habitações em direção à luz e ao conforto, para tal finalidade foram construídos modelos em tamanho quase natural que totalizavam quarenta e quatro construções, organizados em três grupos: Período Pré-histórico, Período Histórico e Civilizações Isoladas.

O primeiro problema para os participantes da comissão do Pará foi o fato de não “ter um espaço”, *a priori*, isso poderia ser até mais grave para a comissão do Amazonas diante do investimento de 150 mil francos para estar na exposição. Essa situação foi de certa forma resolvida por meio dos contatos da Comissão Brasileira em Paris, que conseguiu um espaço na exposição de um prestigiado arquiteto. A Amazônia passou de um lugar escondido no pavilhão brasileiro e algumas plantas exóticas no jardim à conquista de um espaço exclusivo para expor seus produtos no simulacro espaço-tempo, se a Amazônia era uma “margem” do Brasil, tinha, não obstante, um lugar no mundo.

Segundo o relatório de Gama Abreu, o jornalista Santa-Anna Nery teve bastante influência na organização dessa exposição inclusive doando diversos itens de sua coleção. Nesse trecho, Gama Abreu se refere aos serviços prestados pelo intelectual especificamente ao Pará e ao Amazonas:

Pede a justiça que entre os membros do comissariado distinga um pelos seus serviços prestados ao Brasil, e especialmente ao Pará e Amazonas; refiro-me ao sr. Sant’Anna Nery, que pelo seu trabalho incessante já na imprensa, publicando o seu jornal América, para o que não poucos sacrifícios se impõe, já por diversas publicações como o “Guia do Emigrante”, escrito em totalidade por ele, e o belo livro “O Brasil em 1889”.<sup>483</sup>

O intelectual paraense, atuante na construção de uma identidade nacional por meio da organização de obras de propaganda como *Le Brésil*, demonstrava uma preocupação também com a imagem da sua própria região em momentos de encontros internacionais. Essa particularidade era comum no processo de formação de uma identidade nacional e muitos intelectuais criavam conceitos para explicar o Brasil, fundamentados em características inerentes às regiões em que viviam. José Veríssimo, Nina Rodrigues e Silvio Romero ao escreverem sobre o país acabaram por ressaltar características de suas

---

<sup>483</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.22.

regiões de origem, isso ocorreu com Santa-Anna Nery, que na sua obra sobre folclore brasileiro discorreu muito mais sobre a região amazônica do que as outras.

Ainda não sabendo que lugar lhes estaria destinado neste “simulacro do espaço-tempo” da Exposição Universal de 1889, a comissão paraense via com grande expectativa a participação num evento desse porte. O Pará iniciou os preparativos para a exposição no ano de 1888 e o material foi enviado para a França no vapor “Amazonense nº 2”, constava principalmente de produtos extraídos diretamente da floresta como: guaraná, louro, miriti, sementes diversas, látex, aturiá, cupuaçu e fibras vegetais. Havia também produtos beneficiados como o vinho, aguardente de caju e farinha e peças relacionadas a cultura do estado como ídolos produzidos por indígenas (cerâmica marajoara), cuias pintadas e dois quadros um produzido com folhas douradas e prateadas e o outro sobre a lei áurea (mencionado anteriormente).

O Pará e o Amazonas compartilhavam uma “Casa Amazônica”, improvisada e localizada no grupo das Civilizações Isoladas, em um subgrupo que possuía três modelos de habitações das Populações Indígenas da América dividida em três habitações: a dos "peles-vermelhas", a dos astecas e a dos incas. A Casa Inca foi o local onde foi organizada a exposição que era composta principalmente por

(...) produtos cerâmicos dos nossos indígenas da ilha de Marajó; o grupamento fora feito pelo sr. Ladislau Netto que reuniu o que possuía ao que por outros brasileiros lhe foi facultado, especialmente pelo Sr. Sant’Anna Nery, era neste pavilhão que chamou a atenção dos estudiosos a cabeça mumificada de um índio do Alto Amazonas que me fora mandada.<sup>484</sup>

Segundo Barbuy, em toda a documentação brasileira, inclusive no catálogo oficial do Brasil *L’Empire du Brésil 1889* denomina-se o prédio da Casa Inca como "Pavilhão da Amazônia". Entretanto, a autora comenta que na documentação francesa inexistente esta nomenclatura, à parte o *Guide bleu* (1889: 173L) menciona entre aspas um *palais de l’Amazonie*.<sup>485</sup>

**Figura 9. A Casa Inca, parte da Exposição Retrospectiva das Habitações Humanas.**

Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Pavillon Amazone, 1889. Fotografia desconhecido. In: SCHUSTER, Sven. The 'Brazilian Native' on Display: Indianist Artwork and Ethnographic Exhibits at the World's Fairs, 1862-1889. *RIHA Journal* 0127 (1 September 2015).

---

<sup>484</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.12.

<sup>485</sup> BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris: Um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.



A exposição de Ladislau Netto era citada sempre como uma exibição organizada na Casa Inca da Exposição Retrospectiva da Habitação Humana. As possibilidades elencadas por Heloisa Barbuy para que os brasileiros chamassem a exposição de “Pavilhão da Amazônia” seriam: os 150 mil francos destinados pelo governo do Amazonas para ter um lugar especial na Exposição de Paris em 1889; a Casa Inca ser um espaço inapropriado para uma exposição sobre os índios da Amazônia; o ufanismo ou mesmo para atribuir mais importância à exposição.<sup>486</sup>

Solucionado o problema do espaço, com a criação de um pavilhão amazônico em uma importante exposição organizada por Garnier; talvez tenha sido um pouco problemático o fato das comissões do Pará e Amazonas terem de compartilhar o mesmo pavilhão. As exposições mostravam-se um palco perfeito para intrigas e competições

---

<sup>486</sup> BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris: Um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.4 p.211-61 jan./dez. 1996.

entre os estados e entre países, porém a elite intelectual amazônica acabou se “unindo” nesse momento, talvez por compartilhar os mesmos valores, afinal, seus problemas eram próximos e ambas pretendiam fazer uma boa apresentação em Paris.

O principal problema relacionado a essas intrigas, apontado por Gama Abreu era entre a Amazônia e os membros da comissão brasileira. Algumas das situações elencadas pelo Barão foram: 1- os “vinhos” amazônicos foram considerados de baixa qualidade diante dos outros estados do país; 2- um quadro feito com folhas prateadas e douradas levado pela comissão do Pará não teria sido bem recebido. Segundo o Barão de Marajó o quadro ficou escondido durante quase toda a exposição tendo somente no final do evento recebido uma menção honrosa, assim o delegado do Pará expôs sua insatisfação:

esforcei-me para obter para ele uma distinção maior do que aquela que alcançou, mas os produtos das regiões amazônicas acharam fracos defensores da maioria dos membros brasileiros do comissariado, exceção feita do Dr. Sant’Anna Nery.<sup>487</sup>

O organizador da exposição na Casa Inca foi Ladislau Netto, experiente como diretor do Museu Nacional, organizou a exposição sobre as sociedades indígenas da Amazônia sendo que a intenção era fazer uma exposição “Pré-histórica e também da atualidade que ofereceu grande interesse aos antropologistas e os apaixonados das etnografias”.<sup>488</sup> A exposição foi bem recebida pelo público conforme este comentário de um periódico francês sobre o *Palais des Amazones*, que deu ênfase as cerâmicas marajoaras, as armas e as vestimentas indígenas:

O Palácio da Amazônia foi inaugurado em 20 de junho pelo comissário geral do Brasil. O Palácio representa o antigo monumento dos Incas, da série de História das Habitações Humanas. O diretor do Museu nacional do Rio de Janeiro, M.L. Netto, expôs a cerâmica dos antigos índios da Ilha de Marajó, na embocadura do Amazonas, junto aos belos artefatos de armas, ornamentos e vestimentas dos índios atuais.<sup>489</sup>

A partir do século XIX foram criados museus de história natural que entre outras atribuições se dedicavam à coleção, preservação, exibição, estudo e interpretação de objetos materiais provenientes principalmente do “Novo Mundo” e do “Oriente”. O objetivo era salvar da extinção os vestígios do passado preservando-os nos museus, estes eram considerados os locais mais adequados para tal finalidade. O Museu Nacional teria

---

<sup>487</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.22.

<sup>488</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.22.

<sup>489</sup> FIGUIER, Louis. *L'Année scientifique et industrielle : ou Exposé annuel des travaux scientifiques, des inventions et des principales applications de la science à l'industrie et aux arts, qui ont attiré l'attention publique en France et à l'étranger*. Paris: Hachette, 1889.p.529.

tido um desenvolvimento de uma estrutura semelhante ao dos museus estrangeiros com as administrações de Ladislau Netto e Batista Lacerda.<sup>490</sup>

Um espaço foi conquistado, mas ele estava no passado humano ou de sociedades que de tão isoladas ainda viviam como se houvessem “congelado no tempo”. Resumidamente, a Amazônia estava na Pré-história e a sua representação era a indígena. Os intelectuais paraenses encontraram a imagem a qual eram percebidos, ou seja, a imagem do selvagem.<sup>491</sup>

Para os estados da Amazônia o índio e o caboclo eram imagens a serem evitadas diante de outros estados e também de outros países, a imagem que se pretendia era a da civilidade (futuro) e não o do selvagem (passado). Conforme o relatório a intenção da comissão do Pará era a de “conseguir que o Pará fosse dignamente apresentado na grande festa do progresso e civilização do mundo, a Exposição Universal de Paris”, ou seja, a intenção era o progresso e a civilidade e não o passado da “Retrospectiva das Habitações Humanas”.

Mesmo assim, a imagem indígena era uma das mais importantes representações relacionada ao Pará e ao Amazonas, isto é possível de se perceber nos objetos que foram o principal destaque da exposição: “Os objetos que mais chamavam a atenção eram, pelo valor científico, o vaso pintado achado em Marajó, e pela variedade e perfeição da execução a cabeça mumificada que viera do Pará, pertencendo a uma tribo amazônica”.<sup>492</sup> Abaixo uma imagem de uma cabeça mumificada Mundurucu que pertenceu a José Coelho da Gama e Abreu e doada por ele, para a Universidade de Coimbra e que foi emprestada para a exposição.

---

<sup>490</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.p.68-71.

<sup>491</sup> A imagem do índio foi muito usada pelos intelectuais brasileiros que seguiam a estética do romantismo como um símbolo da nação, lembrando a gênese de pureza e de nobreza do encontro das raças. Contudo, nos fins do XIX há uma mudança nessa imagética devido as vigentes teorias raciais que consideravam em geral duas explicações para a origem da humanidade: o poligenismo (que considerava vários pontos de origem racial que teve grande influência nos estudos antropológicos); e o monogenismo (que considerava uma única origem para a humanidade, porém com graus diferentes de evolução, essa teoria influenciou muito os estudos etnográficos).

<sup>492</sup> PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.p.22.

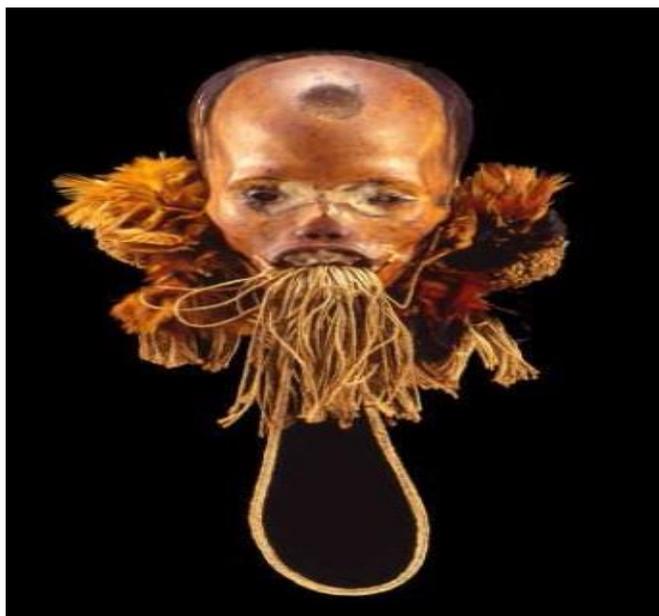


Figura10. Cabeça mumificada de um índio Mundurucu, doada em 1855, por José Coelho da Gama e Abreu para o Museu da Universidade de Coimbra. Fonte: Fotógrafo Carlos Barata. Disponível em: [www.museudaciencia.org](http://www.museudaciencia.org). Acesso em 10 de março de 2013.

A ênfase nas representações indígenas na exposição do Pavilhão Amazônico relaciona-se com o que Michel de Certeau, Dominique Julia e Jaques Revel comentaram a respeito do interesse dos letrados pela cultura popular durante a *belle époque* do folclore francês (período da III República):

Os estudos desde então consagrados a essa literatura tornaram-se possíveis pelo gesto que a retira do povo e a reserva aos letrados ou amadores. Do mesmo modo, não surpreendem que a julguem “em vias de extinção”, que se dediquem agora a preservar as ruínas, ou que vejam a tranquilidade de um aquém da história, o horizonte de uma natureza ou de um paraíso perdido.<sup>493</sup>

No final do século XIX enquanto a França representava para o Brasil um “modelo” de civilidade e modernidade, o imaginário francês sobre o Brasil estava ligado intrinsecamente à floresta, aos seus habitantes, a sua distância e ao enriquecimento fácil conforme os diversos livros e operetas. Essa imagem exótica e fabulosa do Brasil tem ainda atualidade, um exemplo disso foi a grande aceitabilidade de obras sobre as regiões amazônica e nordestina nos salões do livro em 2004, em Paris. É possível que a intenção da exposição da retrospectiva das habitações humanas fosse baseada na ideia de preservar algo em vias de extinção e, de certa forma, era uma imagem do passado humano, talvez a Amazônia figurasse como um “paraíso perdido” que atraía pelo exotismo e distância.

A importância de se fazer do improvisado Pavilhão Amazônico um museu, revelava uma grande estratégia das comissões, pela qual se conquistava um espaço de

---

<sup>493</sup> CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.p.56

visibilidade mundial, contornando os problemas o tempo (passado) e o espaço (longínquo) impostos à Amazônia que destoavam com os projetos de modernidade que as elites formularam para a região.

Com o museu, as sociedades indígenas (fonte da imagem negativa) teriam sua “morte anunciada” em nível internacional. Assim, os intelectuais amazônicos e o organizador Ladislau Netto colocavam estas sociedades como algo que estava realmente no passado ou que brevemente estaria. Com os índios visíveis apenas nas coleções de museus, conservava-se morto o passado e se abria espaço às novas possibilidades do futuro. A exposição na Retrospectiva das Habitações Humanas tornava-se uma grande oportunidade para expor uma imagem de civilidade amazônica diante dos outros estados e também de outros países, agradando também aos que apreciavam o exótico.



Figura11: Palais de l' Amazone.

Fonte: Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Pavillon Amazone, 1889. Fotógrafo desconhecido. In: SCHUSTER, Sven. The 'Brazilian Native' on Display: Indianist Artwork and Ethnographic Exhibits at the World's Fairs, 1862-1889. *RIHA Journal* 0127 (1 September 2015).

A cultura indígena tornava-se algo de interesse apenas científico e talvez a cabeça do índio mumificado fosse uma imagem forte e simbólica daquilo que se pretendia morto. O futuro que se pretendia pode ser vislumbrado em *Le Brésil em 1889*, na introdução escrita por Santa-Anna Nery, onde estados do Pará e Amazonas são citados pelo rápido crescimento de sua economia impulsionada pela exportação da borracha, esses estados são sugeridos como promissores à imigração e à modernidade.

Pudemos observar as representações de paisagens produzidas com a intenção de serem “vitrines” comerciais integradas no simulacro de mundialidade, afinal da Torre Eiffel em 1889 podia-se avistar um mundo em miniatura. E, apesar da estrutura da exposição brasileira de certa forma minimizar a participação dos estados amazônicos, dando visibilidade a alguns produtos em exposição como a borracha e uma vitória régia no jardim do Pavilhão Brasileiro, os intelectuais participantes das comissões dos estados amazônicos procuraram estratégias para se apresentar na Exposição Universal de Paris de 1889, conforme suas intenções iniciais de progresso e civilidade. Nessa simulação de mundo ocorreram embates, buscas de afirmação e de tessitura política e imagética de espaços regionais, nacionais e mundiais, sendo todos esses aspectos interconectados.

Mesmo um acontecimento efêmero como uma exposição internacional, onde havia uma preocupação com velocidade, e onde os espaços eram rapidamente desfeitos para que uma nova exposição fosse iniciada em outro local, podemos encontrar certa complexidade nas representações temporais. Conforme Michel Vovelle, mesmo no tempo curto dos acontecimentos poderia haver “uma multiplicação e um entrelaçamento de tempos”.<sup>494</sup>

O *Palais des Amazones* na Exposição Universal de Paris foi exemplo de uma grande complexidade de “temporalidades interconectadas” no mesmo evento: o tempo curto da exposição, o tempo de continuidade do império, o tempo cíclico de rememorar a Revolução Francesa, o tempo passado (representado na exposição das retrospectivas humanas imposto aos estados do Pará e Amazonas), o tempo “congelado” dos Museus (usados como estratégia das comissões da Amazônia para negar o passado indígena), o tempo de afirmar-se no presente com uma expectativa de progresso e civilidade no porvir.

---

<sup>494</sup> VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.p.208.

## CAPÍTULO III

### O Barão e sua Cidade

É preciso que aformoseemos a capital da Província. De acordo. Mas o grau de prosperidade de toda a província é que deve servir de base para esse aformoseamento, para que ninguém se iluda de todo por essa pequena parte. Construir, porém obras de luxo, custosas, que absorvam as rendas da província deixando-se o interior em abandono, é, a meu ver, um mal gravíssimo.<sup>495</sup>

#### 3.1. Tecendo a modernidade nos trópicos - engenharia e política

O comentário da epígrafe foi feito por João José Pedrosa, o Presidente da Província do Pará que sucedeu a José Coelho da Gama e Abreu em 1882, o político observou as desproporcionais despesas com as obras públicas na capital em detrimento do interior do Estado.

---

<sup>495</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Falla com que o Exm. Sr. Dr. João José Pedrosa abriu a 1ª sessão da 23ª legislatura da Assembléa legislativa da Província do Pará em 23 de abril de 1882*. Pará: typ. de Francisco da Costa Junior, 1882.

A preocupação com a urbanização da cidade foi uma característica marcante dos governos provinciais que pode ser notada desde o fim da Cabanagem, como percebemos na atuação do Presidente da Província Bernardo de Souza Franco (1839-1842), que visava o reestabelecimento comercial do estado do Pará, realizando alguns beneficiamentos na parte central da cidade como a limpeza dos canais e a reestruturação dos portos.<sup>496</sup>

Ainda em 1838, o Presidente Soares Andréa tentou organizar os serviços públicos, tentando trazer alguns artífices europeus para formarem aprendizes de artes e ofícios. No entanto a tentativa não deu certo, pelo fato desses profissionais não terem vindo. Nesse trecho, o Presidente discursa sobre o quanto era preciso organizar os serviços de construções públicas:

Precisamos enfim, de muitas outras obras, que devem correr pela despesa geral; mas que por terem esta qualidade, não carecem menos de mestres, e artistas que se entendam com seus misteres. Para se poder intentar sucessivamente tantos trabalho úteis, é conveniente formar uma corporação que tenha Mestres dos principais ofícios, dar-lhes quartel comum aos que precisarem, e em lugar que facilite as conduções, para construir junto a eles armazéns de depósito de todas as máquinas que se forem comprando, destinadas aos diversos trabalhos.<sup>497</sup>

O presidente Jerônimo Francisco Coelho<sup>498</sup> (1848-1850) procurou traçar um planejamento para a cidade de Belém.<sup>499</sup> Esse presidente demonstrou preocupação com a falta de rendas para investir na urbanização da Província: “é penoso, mas é necessário dizer-vos que a respeito de obras provinciais nada ou quase nada se fez no último ano financeiro”,<sup>500</sup> procurando estabelecer um código de posturas no município de Belém.

Haviam produzido documentos normativos desde 1831, mas a legislação de 1848 se relacionava com a organização e higienização dos espaços centrais. Multava-se quem edificasse ou reedificasse casas que não fossem sobrados nas ruas centrais como do Imperador, das Mercês e do Passinho (atuais Presidente Vargas, Campos Salles e Padre Eutíquio) e derrubar-se-iam casas feitas de tábuas. Estava proibido corar, enxugar ou

---

<sup>496</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Discurso recitado pelo Exc. Dr. Bernardo de Souza Franco, Presidente da Província do Pará, quando abriu a Assembléa Legislativa Provincial, no dia 15 de agosto de 1839.* Belém, typ. Santos & Menor, 1839.

<sup>497</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Presidente Soares de Andréa - Discurso de 2 de março de 1838.* p.28.

<sup>498</sup> Engenheiro militar e um dos parlamentares que defendeu a criação do estado do Amazonas quando deputado no ano de 1843.

<sup>499</sup> MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins.* Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

<sup>500</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Falla dirigida pelo Exm. Sr. Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, Presidente da Província do Grão-Pará, á Assembléa Legislativa Provincial na abertura da sessão ordinária da sexta legislatura no dia 10 de outubro de 1848.* Pará typ. Santos & Filhos, 1848. p.69.

estender as roupas em público e estava sujeito à multa e quatro dias de prisão quem tocasse bumbo mascarado anunciando espetáculos públicos.<sup>501</sup>

Algumas vezes, códigos relacionados à salubridade provocavam polêmicas e chocavam sensibilidades. Como pode ser percebido em uma situação, relacionada a um dos regulamentos do código de posturas vigente em 1853, determinado item do código exigia a morte de cavalos infectados com uma peste denominada “quebra-bunda”.<sup>502</sup> Um leitor do jornal *Treze de Maio*, enviou uma carta reclamando de um homem<sup>503</sup> que se posicionava contra esse regulamento por considerar a vida dos animais tão preciosa quanto de um ser humano e que se fosse pela higiene deviam eliminar as pessoas contaminadas por bexigas e febre amarela.<sup>504</sup>

A urbanização das cidades durante o século XIX foi fundamentada na necessidade de um ambiente urbano saneado que combatesse as habitações precárias e priorizasse a construção de sistemas de limpeza, iluminação, esgoto e fornecimento de água; as cidades que foram referência nesse processo foram Londres e Paris, conforme David Pennington:

Na Inglaterra a Health of Towns Act, de 1868, deu poderes aos municípios para estabelecerem legislação sanitária e poderes para o fechamento de habitações consideradas inadequadas para o uso; além disso, o Public Health Act, de 1875, permitia às cidades estabelecerem regulamentos para novas construções, e obrigava-as à construção de sistemas de água, esgotos e coleta de lixo. O caso mais conhecido é o da cidade de Paris, que sob o comando do Barão Eugène Haussmann, em 1848, foi alvo de um ambicioso plano de reforma urbana em que quase a metade do casario da cidade foi substituída por novas edificações. Largas avenidas foram abertas, distritos na periferia da cidade foram criados, e grande quantidade de parques e jardins implantados. Essa obra na Cidade Luz serviu de modelo para o embelezamento de cidades no mundo inteiro.<sup>505</sup>

De acordo com Sandra Pesavento, as intervenções de Haussmann buscavam racionalizar o espaço e ocorreram em três etapas. A primeira consistiu no processo da construção de *boulevards* (que causava a demolição de casas, expropriação de terrenos seguida de uma mudança forçada para a periferia) e organização de espaços de lazer para a burguesia como o *Bois de Boulogne*. A segunda ampliava esse processo estendendo as demolições para as áreas menos favorecidas. A terceira foi dedicada ao paisagismo

---

<sup>501</sup> CRUZ, Ernesto. *A procissão dos séculos: vultos e episódios da História do Pará*. Belém: Imprensa do Estado do Pará, 1952.p.123-124.

<sup>502</sup> *Treze de maio*. Belém, 26 de outubro de 1853.p.4

<sup>503</sup> O leitor do jornal chamou o defensor dos cavalos contaminados de “nulidade” e “entulho que obstrui as vias do progresso”. *Treze de maio*. Belém, 26 de outubro de 1853.p.4

<sup>504</sup> *Treze de maio*. Belém, 26 de outubro de 1853.p.4

<sup>505</sup> PENNINGTON, David. *Manaus e Liverpool: uma ponte marítima centenária*. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2009.p.35.

criando parques e jardins públicos com cascatas, montanhas, pontes, lagos e bosques introduzidos artificialmente.<sup>506</sup>

Na Amazônia as transformações ocorridas, especialmente nas duas principais capitais, a partir da década de 1850<sup>507</sup>, favoreceram uma versão amazônica da *belle-époque*. Para Mártires Coelho, eram características dessa nova cultura mundializada:

As artes, a literatura, a cena lírica, a indumentária e o gestual, a exaltação do bom-gosto, o ideal da cidade planejada, limpa e higiênica, o encobrimento da pobreza e da mendicância, a sociabilidade mundana, as aspirações estéticas e literárias presentes nas agremiações e associações lítero-musicais. Essa forma e esse modelo de um novo viver transformam-se no ideário da cultura do homem civil do final do século XIX. Sepultadas as revoluções e superadas as descontinuidades produzidas pelos processos revolucionários na Europa contemporânea, retomava-se à historicidade do tempo histórico, diacrônico, historicista, finalista e utópico. Todo esse grande cenário é, em síntese, o caleidoscópio dos signos e dos ritos que alimentaram o mito da *belle époque* como representação da Idade de Ouro do Progresso e da Civilização, um estado de construção do sujeito histórico que se realizaria universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos processos civilizacionais mundializados.<sup>508</sup>

Podemos considerar o intenso investimento dos Presidentes da Província nas obras públicas nesse bojo das novas perspectivas de realinhamento urbano e sanitário, aliado à busca de restaurar o Estado, que ainda exibía as marcas da Revolução Cabana, utilizando as rendas recebidas com a exportação do látex e com outros produtos exportados.

A variedade produtiva da região é demonstrada no relatório da Comissão de 1867; nesse documento foram descritas 248 espécies vegetais, as mais significativas: algodão, o anil, a baunilha, a cana de açúcar, a castanha, o óleo de copaíba, o cravo, o cumaru, o óleo de rícino, a salsaparrilha, o guaraná, o gergelim, o tabaco, a estopa, a piaçaba, a

---

<sup>506</sup> PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.p.95-97.

<sup>507</sup> Para Maria de Nazaré Sarges o processo de modernização da cidade de Belém só foi possível devido o enriquecimento de certos setores sociais da Amazônia, advindas com a economia do látex a partir da segunda metade do século XIX, ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 3ª ed. Belém: Paka-Tatu, 2010.p.159. É ressaltada por Ana Maria Daou a introdução da navegação a vapor e o conseqüente aumento das relações comerciais internacionais na Amazônia década de 1850, ver: DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História – Ciência – Saúde. Manguinhos*, v.6. Set, 2000.p.867-888. Pere Petit menciona três períodos principais para a economia paraense o ciclo da borracha (1850-1912), fase de declínio de crescimento (1912-1965) e período das grandes transformações socioeconômicas (de 1965 aos dias atuais) ver: PETIT, Pere. *Chão de Promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.p.49. Rogério Malheiros e Genylton Rocha escreveram um artigo a respeito das transformações econômicas, políticas e sociais ocorridas na província do Pará entre as décadas de 1840 e 1870. Ver: MALHEIROS, Rogério; ROCHA, Genylton. A Província do Grão-Pará um período de aceleradas transformações (1840-1870). *Revista Territórios & Fronteiras*, v. 6, n. 1, jan/jun, 2013.p.120-144.

<sup>508</sup> COELHO, Geraldo M. *Vida intelectual e sociabilidade urbana na Belém da belle époque da borracha (1890-1910)*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007.p.3.

sumaúma, as fibras vegetais e é claro a goma elástica.<sup>509</sup> Durante a segunda metade do século XIX, houve um crescimento de indústrias e manufaturas na cidade de Belém, tanto que no ano de 1862 havia 99 manufaturas e no período de 1890 a 1900 surgiram 25 novas fábricas.<sup>510</sup>

Segundo Ana Maria Daou, a sociedade amazônica ganhou contorno e visibilidade na segunda metade do século XIX devido aos acontecimentos políticos e administrativos como: a criação da Província do Amazonas, a introdução da navegação a vapor e a abertura dos portos do Amazonas à navegação internacional; sendo que as alterações mais profundas no espaço urbano surgiram com os governos republicanos.<sup>511</sup>

A ênfase nos projetos de transformação da *urbe* era intensificada pela presença dos engenheiros em cargos públicos que davam prioridade orçamentária às Obras Públicas.<sup>512</sup> As obras demoravam porque alguns governantes não concordavam com esses gastos devido às insuficientes verbas recebidas:

Infelizmente pouco tenho a dizer-vos acerca das obras públicas, termômetro invariável do progresso dos povos, e da solicitude dos governos. Por mais bem demonstrada que seja a necessidade de certas obras na Província, e por melhores disposições que tenha a presidência para empreendê-las, é impossível fazê-lo com os recursos atuais do tesouro, os quais vão se tornando tão minguados que não sei mesmo se permitirão daqui a pouco, que continuemos as poucas obras que temos nas mãos.<sup>513</sup>

A Repartição de Obras Públicas entrou em funcionamento, de fato, no ano de 1854, durante o governo do Presidente Sebastião do Rego Barros que encomendou os instrumentos para o trabalho geodésico e contratou profissionais, entre eles um engenheiro e operários vindos da Europa<sup>514</sup> e da Província do Ceará<sup>515</sup>:

Em virtude da autorização que me destes pelo artigo 1º da lei nº236 de 26 de dezembro do ano passado, montei novamente a Repartição de Obras Públicas desta capital, pelo regulamento que expedi em 15 de junho último, que pus logo em execução na forma do mesmo artigo. (...) O seu pessoal acha-se em parte nomeado e ela funcionando. Creio que com sua criação muito melhorará este ramo de serviço público; era, porém preciso

---

<sup>509</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazônia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.

<sup>510</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 2ª Edição. Belém: Paka-Tatu, 2000.p.20-21.

<sup>511</sup> DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História – Ciência – Saúde. Manguinhos*. v.6. Set, 2000. p.867-888.

<sup>512</sup> A respeito da atuação dos engenheiros em prol de um projeto de modernidade ver: MORAES, Tarcisio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, modernidade e historiografia na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

<sup>513</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Vice-presidente Leitão da Cunha, Relatório de 15 de agosto de 1858*. p.45.

<sup>514</sup> Um engenheiro francês e 60 trabalhadores portugueses sendo vinte operários qualificados e 40 serventes.

<sup>515</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Falla que o exm. snr. conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente desta provincia, dirigiu á Assembleia Legislativa provincial na abertura da mesma Assembleia no dia 15 de agosto de 1854*. Pará, Typ. da Aurora Paraense, 1854.p.44.

fornecer-lhe os instrumentos matemáticos necessários para os seus trabalhos geodésicos, e por isso mandei vir da França e do Rio de Janeiro os que constam da relação junta, com os quais se acha provido o seu gabinete. Tratei igualmente de engajar na Europa, sob as condições apenas o engenheiro e operários (...).<sup>516</sup>

Nesse mesmo ano, José Coelho da Gama e Abreu, então com 22 anos, retornava da Europa e dava início, em 1855, à sua carreira política, no cargo de diretor das Obras Públicas. Contratado por Rego Barros, ele iniciou sua gestão com o enfrentamento de dificuldades como uma epidemia, um rigoroso inverno e outras situações:

As obras públicas quer gerais quer provinciais caminham lentamente pelas razões conhecidas – epidemia e inverno rigoroso -: não tratarei de todas porque V. Ex.<sup>a</sup> à vista do relatório último do diligente e probo diretor dessa repartição, o doutor José Coelho da Gama e Abreu, terá delas conhecimento, mas unicamente de algumas pela sua importância.<sup>517</sup>

Gama e Abreu nos seus *Apontamentos de Viagem* buscava um olhar neutro para as cidades de diferentes países. Ele não poupava críticas e elogios a qualquer local, acreditava que os problemas citadinos não ocorriam pela falta de civilização e pelo atraso das pessoas, mas pela falta de planejamento; assim, o projeto urbanístico poderia tornar semelhantes todas as cidades:

Tal é o aspecto que apresentam os bairros inferiores de Alexandria a quem desembarca; o espetáculo não é belo, mas não deixa de ser curioso para quem o vê pela primeira vez. Dizem muitos que tudo isto mostra atraso e falta de civilização, mas esquecem estes críticos levianos, que nestes bairros menos opulentos, faltam as ruas arborizadas e os passeios asfaltados, outros há em que estes melhoramentos se encontram, tornando-os em nada inferiores aos bons bairros de muitas cidades europeias de segunda ordem.<sup>518</sup>

Voltando para 1855, observamos que mesmo com os entraves, causados pela chuva e pelas epidemias, houve avanço nos projetos urbanísticos. O Presidente Sebastião do Rego Barros elogiou o método, a clareza e o conhecimento de Gama e Abreu demonstrado no exercício do cargo de diretor das Obras Públicas. O mesmo Presidente mencionou em seu Relatório a importância da qualificação e organização do corpo de trabalhadores desta repartição.<sup>519</sup>

---

<sup>516</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Falla que o exm. snr. conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente desta província, dirigiu á Assembleia Legislativa provincial na abertura da mesma Assembleia no dia 15 de agosto de 1854. Pará, Typ. da Aurora Paraense, 1854.*p.43.

<sup>517</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Exposição pelo exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros, Presidente da província do Gram-Pará ao exm. sr. Tenente-coronel d'Engenheiros Henrique Beaurepaire Rohan, no dia 29 de maio de 1856, por ocasião de passar-lhe a administração da mesma Província. Pará typ. Santos & Filhos, 1856.*p.19.

<sup>518</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem. Tomo II. Lisboa: Typographia Universal, 1874.*p.103.

<sup>519</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Exposição pelo exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros, Presidente da província do Gram-Pará ao exm. sr. Tenente-coronel d'Engenheiros Henrique Beaurepaire Rohan, no dia 29 de maio de 1856, por ocasião de passar-lhe a administração da mesma Província. Pará typ. Santos & Filhos, 1856.*p.15.

Alguns projetos estavam em andamento, como o plano e o orçamento para o cais de Cameté, elaborados pelo engenheiro Marcos Pereira Sales, e a abertura da estrada Belém-Bragança, cujo encarregado era o Capitão Antonio Theodoro da Roza Gama. Para os melhoramentos e drenagem dos rios e igarapés foi adquirida uma barca de escavação importada dos Estados Unidos. Outras obras, como o encanamento das águas potáveis estava suspenso devido aos problemas de saúde do engenheiro Gustavo Ode, responsável pela obra.<sup>520</sup>

Em 1857, sob o governo do também engenheiro Henrique Beaupaire Rohan, muitos planos estavam em curso. Para dinamizar os trabalhos Gama e Abreu, despediu o engenheiro francês Gustavo Ode, contratando em seu lugar dois engenheiros Carlos Bless e David Polemann que recebiam juntos quase o mesmo que Ode.<sup>521</sup> O número de obras iniciadas durante a gestão de Henrique B. Rohan é realmente impressionante: concerto do antigo cais da Marinha, doca do igarapé do Reduto, obra no Largo de Santo Antônio, alpendre da Ponta de Pedras, melhoramentos no Colégio Nossa Senhora do Amparo, reparos na Estrada de Nazaré, obras nas igrejas das cidades de Vigia, Faro, Santarém e Óbidos e continuava o projeto do mercado público.<sup>522</sup>

O andamento dos projetos de obras públicas variava conforme os interesses dos Presidentes de Província e da Assembleia Legislativa Provincial. O calçamento da Estrada de Nazaré foi interrompido pela falta de verbas no ano de 1858, porém alguns serviços foram realizados como a instalação de doze chafarizes para combater incêndios e serem utilizados para abastecer hospitais e casas beneficentes; houve a substituição de lampiões em azeite pelos de gás para melhorar a iluminação pública.<sup>523</sup>

O Relatório de Governo do ano de 1861 apresentou a realização de três serviços importantes que tiveram a colaboração de Gama e Abreu. O primeiro foi a desapropriação dos terrenos nos quais se situava a fonte denominada Pau d'Água e de outros que pudessem ser utilizados como fontes públicas, a regularização de uma taxa para o uso da

---

<sup>520</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Exposição pelo exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros, Presidente da província do Gram-Pará ao exm. sr. Tenente-coronel d'Engenheiros Henrique Beaupaire Rohan, no dia 29 de maio de 1856, por ocasião de passar-lhe a administração da mesma Província.* Pará typ. Santos & Filhos, 1856.p.19-20.

<sup>521</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1857, pelo Presidente Henrique Beaupaire Rohan.* Pará: typ. Santos & Filhos, 1857.p.19-22.

<sup>522</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Relatório apresentado à Assembléa Legislativa Provincial do Pará no dia 15 de agosto de 1857, pelo Presidente Henrique Beaupaire Rohan.* Pará: typ. Santos & Filhos, 1857.p.19-22.

<sup>523</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Vice-presidente Leitão da Cunha, Relatório de 15 de agosto de 1858.* p.45.

fonte, contratação de um funcionário responsável pela guarda e asseio da fonte; esses serviços seriam fiscalizados por uma comissão formada por Gama e Abreu, José Félix Soares e José Ferreira Cantão.

O segundo foi a contratação do naturalista francês Brunet para formar coleções de história natural que ficariam sob a guarda do diretor das Obras Públicas, essa coleção posteriormente faria parte do acervo do Museu Paraense. O terceiro foi a participação de Gama e Abreu em uma comissão encarregada de estudar o processo de beneficiamento da borracha descoberto por Henrique Antonio Strauss.<sup>524</sup>

Em 1868, iniciava no Pará o governo de Raymundo de Lamare. A Repartição de Obras Públicas prosseguia com intervenções na cidade, mas entre os anos de 1867 e 1868 o cargo de diretor foi ocupado por um engenheiro interino enquanto Gama e Abreu assumia o governo da Província do Amazonas. O relatório do presidente aponta que se deveria substituir o material utilizado para a iluminação a gás, à base do carvão de pedra para o azeite, que era mais puro e produzia uma luz mais brilhante.<sup>525</sup> Lamare acreditava que se devia multar a Companhia de Luz pela pouca intensidade emitida pelos lampiões, por isso foi feita a compra de um fotômetro para medir a intensidade da luz.<sup>526</sup>

Foram autorizados os editais para contratar uma empresa para executar o serviço de encanamento de água potável; outro ponto importante na fala deste governante foi o pedido de rapidez na autorização dos serviços de esgoto: “É uma das maiores urgências para o melhoramento da higiene pública”.<sup>527</sup>

A salubridade pública era um assunto que alertava os administradores da Corte, tanto que para conter as epidemias ocorridas na década de 1850 (como as de febre amarela e cólera, que causaram uma alta taxa de mortalidade) foi criada a Junta Central de Higiene para tratar das questões de saúde e regulamentar as habitações coletivas (cortiços).<sup>528</sup>

Sarampo, varíola e febre amarela eram epidemias que ainda assolavam a população em 1879. Uma das medidas sugeridas tanto pelo Inspetor da Saúde Pública

---

<sup>524</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Relatorio do Exm. Snr. Angelo Thomás do Amaral Presidente da Província do Gram-Pará ao Exm. Vice-presidente Olyntho José Meira por ocasião de passar-lhe a administração da mesma*. Pará: Typ. Santos & irmãos, 1861.p.15-16.

<sup>525</sup> PARÁ, Relatório de Governo da Província do. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868*.p.39.

<sup>526</sup> PARÁ, Relatório de Governo da Província do. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868*.p.39.

<sup>527</sup> PARÁ, Relatório de Governo da Província do. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868*.p.40.

<sup>528</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.p.29-30.

quanto por Gama e Abreu, que agora ocupava o cargo de presidente da Província, foi o fechamento do cemitério da Soledade.

Os resíduos do cemitério contaminavam as fontes públicas, por isso era urgente melhorar o abastecimento de água, isso motivou Gama e Abreu na sugestão de quatro pontos que deviam ser apresentados por empresas que se interessassem em prestar o serviço de canalização e distribuição de água. O primeiro era produzir uma planta da capital que fosse prolongada até os mananciais que deveriam ser aproveitados (Marituba e Ananindeua). O segundo constava na elaboração de diversos projetos como: de canalização, de obras e do uso de aparelhos e máquinas para a elevação e distribuição das águas. O terceiro era uma indicação de planos de concessão de águas aos particulares e o quarto seria os orçamentos geral e parcial das obras.<sup>529</sup>

Retornando a 1868, Raymundo de Lamare relatou as dificuldades da organização dos trabalhos na Repartição. Entre os desafios, urgia a descentralização dos serviços, para que o interior da Província pudesse ser beneficiado com as ações do governo.<sup>530</sup> Outro problema, era o acúmulo de funções exercidas pelo diretor que eram de cunho administrativo (expediente, escrituração e contabilidade) e técnico (estudo das obras, dos planos e de inspeção). A sugestão do diretor interino para reformar a repartição constava na divisão da Província em quatro distritos, na contratação de um inspetor de obras (para auxiliar o diretor), de três engenheiros e de cinco condutores. O aumento da equipe das obras públicas visava o acesso de todos os locais da Província à urbanização.<sup>531</sup>

O relatório do vice-presidente Miguel Antonio Pinto Guimarães especificava a forma como deveriam ocorrer as alterações na Repartição, conforme o desejava o diretor da instituição. Essas modificações acarretariam o aumento do poder do diretor, que prestaria contas diretamente ao presidente, além de uma eficácia na administração e um aumento de salário para os engenheiros:

Propõe o diretor respectivo que o artigo 42 do regulamento de 15 de junho de 1854, que regula as obras de menos valor, seja ampliado até a quantia de 4:000\$000 réis, assim como o aumento de vencimentos para os engenheiros da mesma repartição; a distinção das funções de diretor, entendendo-se com a presidência e tendo a seu cargo a

---

<sup>529</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879. Pará, 1879.p.14.

<sup>530</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868*.p.35.

<sup>531</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868*.p.35.

escrituração, contas, etc. e de diretor de trabalhos, e a supressão dos feitores, reduzindo-se a dois feitores efetivos e dois supranumerários.<sup>532</sup>

Em 1869, a Repartição de Obras Públicas era formada pelo diretor Gama e Abreu pelos engenheiros efetivos José Félix Soares<sup>533</sup> e Julião Honorato Corrêa de Miranda<sup>534</sup>. Como engenheiro auxiliar, estava lotado o matemático Antônio Joaquim de Oliveira Campos, que no ano de 1892 projetou o bairro de Cachoeirinha na cidade de Manaus. Como engenheiros interinos, Antonio Augusto Calandrini de Chermont<sup>535</sup> e Guilherme Francisco Cruz<sup>536</sup>. Alguns desses homens estudaram na Europa como Gama e Abreu (Portugal), José Felix (França) e Guilherme Cruz (Belgica) o que demonstra o acesso que tinham aos planos de arquitetura e engenharia de diversos lugares. Projetos que circulavam e eram adaptados conforme as circunstâncias locais.<sup>537</sup>

O engenheiro José Felix Soares estava no cargo de diretor interino da Repartição de Obras Públicas quando deu a ideia da reforma do regulamento: "o diretor interino das Obras Públicas, acha conveniente que se reforme o regulamento dessa repartição, que foi dado em 1854. Pensando com ele sou de parecer que autorizeis a presidência, para que a reforma tenha lugar".<sup>538</sup>

Mudando as disposições feitas por Rego Barros em 1854, o Presidente Abel Graça promoveu a reforma de um modo diferente do proposto em 1868 e 1869, causando o fim da Repartição em 1872; estando os dois engenheiros titulares livres de prestar conta dos

---

<sup>532</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio que o excellentissimo senhor coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães, segundo vice-presidente da provincia, dirige á Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1869 por ocasião da abertura da segunda sessão da 16.a legislatura da mesma Assembléa.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1869.p.10.

<sup>533</sup> Formado na França, recebeu subsidio do governo provincial para os estudos.

<sup>534</sup> Pertencia a uma família de grandes pecuaristas no Marajó.

<sup>535</sup> Pertencia a uma família muito influente, era sobrinho de Antonio Lacerda Chermont (Visconde de Arari).

<sup>536</sup> Estudou engenharia na Bélgica recebendo subsidio do governo provincial, era membro do partido conservador.

<sup>537</sup> "A Repartição das Obras Públicas continua a prestar bons serviços sob a direção ilustrada e ativa do Dr. José Coelho da Gama e Abreu. Conta em seu pessoal efetivo os engenheiros José Felix Soares e Julião Honorato Corrêa de Miranda, e um ajudante de engenheiros Antonio Joaquim de Oliveira Campos. A requisição do chefe daquela repartição e por nomeação interina desta presidência, acham-se também servindo os engenheiros Antonio Augusto Calandrini Chermont e Guilherme Francisco Cruz". PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio que o excellentissimo senhor coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães, segundo vice-presidente da provincia, dirige á Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1869 por ocasião da abertura da segunda sessão da 16ª legislatura da mesma Assembléa.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1869.p.10.

<sup>538</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na primeira sessão da 17.a legislatura pelo quarto vice-presidente, Dr. Abel Graça.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1870.p.40.

seus atos para o diretor (que foi exonerado). A justificativa dada por Abel Graça foi a redução de gastos:

Assumindo a administração procurei a lei orgânica, que regia este assunto na Província. Li e vi que não era possível a continuação de um tal regime e convenci-me da necessidade de reformá-lo de modo a obterem-se melhores resultados, reparando as lacunas, corrigindo faltas, ampliando atribuições, simplificando o sistema, e dando uma nova direção no modo de execução e fiscalização das obras públicas provinciais, e procurando, ao mesmo tempo, reduzir a avultada quantia que despendia o cofre provincial, sem que, com essa medida, prejudicasse o bom êxito na execução das obras. Intimamente convencido da necessidade de uma tal reforma, lancei mão da lei n° 638 de 19 de outubro do ano próximo findo, e usando da autorização que ela me concedia, resolvi, por portaria de 30 de dezembro do mesmo ano, extinguir a repartição de obras públicas provinciais, que fora definitivamente criada pela lei n°449 de 6 de outubro de 1864 e era regida pelo regulamento de 15 de junho de 1854.<sup>539</sup>

Abel Graça além de extinguir a Repartição, foi de encontro à posição dos engenheiros em outro ponto muito importante: a questão do abastecimento de água. Em um relatório, enviado no ano de 1868 para o Presidente Raymundo de Lamare, a Repartição de Obras Públicas sugeria que a água deveria ser dada gratuitamente, da mesma forma como ocorria com a iluminação pública. O diretor interino sugeria que deveriam colocar fontes em diversos lugares da capital para refrescar o ar e torná-lo mais suportável; o governo deveria fornecer subsídios para as companhias devendo elas instalar duzentas a trezentas bicas em diversos locais; a água dos chafarizes, pertencendo ao governo, não deveria ser cobrada da população, apenas dos industriais, das casas de banho e lavanderias.<sup>540</sup>

Nos fins de 1869, Gama e Abreu ainda diretor das Obras Públicas, demonstrava estar atento para a questão do abastecimento de água e lançou um orçamento dos materiais necessários para as reformas nos poços do manancial Pau d'água, o valor da obra era de oito contos quinhentos e setenta e um mil oitocentos e setenta e três réis (8:571\$873:s), os arrematantes das obras deviam se dirigir ao inspetor do tesouro; esse orçamento pretendia iniciar o contrato conforme foi planejado pelo diretor interino José Felix Soares.<sup>541</sup>

Abel Graça alterou propostas pelos engenheiros das Obras Públicas sobre o tempo e as condições de concessões para as empresas. O valor da água em 80 réis por hectolitro

---

<sup>539</sup> PARÁ, Relatório de Governo da Província do. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na primeira sessão da 18.a legislatura em 15 de fevereiro de 1872 pelo presidente da provincia, dr. Abel Graça*. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1872.

<sup>540</sup> PARÁ, Relatório de Governo da Província do. *Relatório da Repartição de Obras Públicas. Annexos ao relatorio com que o excellentissimo senhor vice-almirante e conselheiro de guerra, Joaquim Raymundo de Lamare, passou a administração da provincia do Gram-Pará ao excellentissimo senhor visconde de Arary, 1º vice-presidente, em 6 de agosto de 1868*. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, [n.d.].

<sup>541</sup> *Jornal do Pará*. Belém, 1 de janeiro de 1870.p.2.

foi uma das primeiras coisas decididas; outra mudança, as obras pertenceriam às empresas e após o prazo de 90 anos fariam parte do patrimônio provincial. Em compensação, o Presidente estabeleceu multas para a demora da entrega de obras e para as falhas no abastecimento. O valor da multa para um dia de interrupção no fornecimento de água era de um conto de réis, para as interrupções parciais o valor era duzentos mil réis.<sup>542</sup>

Certamente, o fim da Repartição de Obras Pública teve relação com as divergências políticas entre o Presidente da Província e o diretor da instituição. A vida política durante o período imperial foi marcada por diversas contendas entre o partido Liberal e o Conservador, além de disputas dentro dos próprios partidos. Nota-se, com a leitura dos relatórios de governo, uma preocupação com a estrutura urbana por parte dos governantes, porém a continuidade das obras ou aceitação dos projetos está ligada a essas divergências partidárias, por isso podemos acompanhar por longos períodos o andamento de obras importantes.

Os jornais testemunharam as intrigas políticas, conforme Gama e Abreu, a política durante o período imperial era marcada por eleições tumultuadas e os jornais eram o “esgoto” dos ódios políticos:

A mesma vida política era, podemos bem dizer, bárbara; os jornais eram o esgoto em que os ódios políticos e os particulares eram lançados de envolta; a discussão raras vezes escapava ao azedume da invectiva, da injúria e até do insulto. As nossas eleições eram tumultuárias, e digamo-lo francamente, (...): a reunião de mil ou duas mil pessoas em estreito local, a demora que havia no processo eleitoral, tudo exaltava os ânimos, determinando frequentes lutas, e autorizando a intervenção de forças armadas.<sup>543</sup>

Um exemplo do contexto caótico em que ocorriam as eleições pode ser percebido nesse relato do jornal *Diário de Belém*, que descreveu o processo eleitoral do ano de 1868, caracterizado por fraudes, cacetadas e tentativas de assassinato:

A invasão da igreja de Santa-Anna pelos escravos do tenente-coronel Danin armados de cacete, o ferimento na mesma igreja feito no capitão Menezes, apesar de muito leve, o fato de ter pela soberania do cacete votado os mesmos escravos do tenente-coronel Danin, o milagre com que escapou de ser assassinado na igreja da freguesia da Trindade o Dr. Camilo, os desafios feitos pelos Drs. Danin e Brício para que aparecesse o Dr. chefe da polícia se disto fosse capaz, as cacetadas, que além de outros levou o próprio Dr. Abreu por seus próprios correligionários, (...) a cabeça quebrada do suplente do delegado de Caraparú João Gregório de Senna por ocasião de livrar o cônego Siqueira Mendes de ser assassinado.<sup>544</sup>

---

<sup>542</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na primeira sessão da 17ª legislatura pelo quarto vice-presidente, Dr. Abel Graça*. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1870.p.36.

<sup>543</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.386.

<sup>544</sup> *Diário de Belém*. Belém, 24 de setembro de 1868.

O jornal *Diário de Belém* tinha uma vertente claramente favorável aos conservadores, o texto discorre enfatizando a violência dos liberais empenhados na tentativa de assassinato de Siqueira Mendes, uma liderança do partido conservador. O partido liberal aparece demonizado nessa narrativa, Danin e Brício, correligionários do partido liberal, são descritos como fraudulentos (por levarem escravos para votar) e truculentos por não pouparem ninguém das “cacetadas”, nem mesmo um colega do próprio partido (Gama e Abreu).

Questões que pareciam não ter nenhuma relevância política tornavam-se polêmica nos jornais. O caso de defloração de uma menina órfã por Leopoldino José Alves Ferreira e respectiva fuga do culpado, foi denunciado pelo jornal conservador *A Constituição* de forma a sugerir que tanto o Presidente da Província (Gama e Abreu), quanto o chefe de polícia não deram a devida dimensão ao caso sendo complacentes com a fuga do acusado, os articulistas de *A Constituição* viam a atitude destas autoridades como incompatível com o papel de “pais de família”. O jornal *O Liberal do Pará*, não tardaria em responder acusando o jornal *A Constituição* de ferir a integridade moral de Gama e Abreu.<sup>545</sup>

Outro caso que ganhou repercussão na imprensa foi a questão dos aluguéis de imóveis utilizados para o funcionamento de repartições públicas. Na falta de prédios públicos para o funcionamento das instituições, seus dirigentes faziam acordos e alugavam suas próprias casas uns para os outros, como fizeram os “três luzeiros” do partido Liberal, conforme o jornal *A Epocha*:

Os Srs. Leitão, Malcher e Gama e Abreu são três luzeiros do partido liberal, equilibristas da província; o Sr. Leitão é o 1º Vice-Presidente desta; o Sr. Malcher o presidente da Câmara Municipal da capital e o Sr. Gama e Abreu o diretor das Obras Públicas Provinciais. São, portanto três luzes nas quais deve estar simbolizado o equilíbrio, que se contém nos princípios e nas ideias do partido. Entretanto não acontecia assim, porque em certa relação dava-se entre esses três um verdadeiro desequilíbrio que coube ao Dr. Frias destruir, como nos fez saber pela publicação do expediente da gazeta oficial. Sabe-se que a casa que o Sr. Leitão tem no Largo do Carmo estava, como ainda está, alugada para o passo da dita câmara que é a repartição do Dr. Malcher; a deste Sr. também estava, como ainda está, alugada para a repartição de obras que é a do Sr. Abreu; só este não tinha casa alguma alugada, e por cuja via houvesse também ainda mais outra renda dos cofres, era um desequilíbrio incompatível com a política professada, mas que enfim está sanado com o arrendamento que o governo fez de uma casa de S.S. Foi um justo restabelecimento do equilíbrio reclamado pelos princípios da política professada.<sup>546</sup>

---

<sup>545</sup> *A Constituição*. Belém, 30 de novembro de 1879.

<sup>546</sup> *A Epocha*. Belém, 26 de maio de 1859.p.1.

Gama e Abreu enviou uma carta aos redatores do jornal para se defender, colocando à disposição dos redatores o contrato que se achava em suas mãos.<sup>547</sup> E por falar em casas, Gama e Abreu possuía muitas propriedades em Belém, as quais alugava, aumentando ainda mais a sua riqueza: um sobrado na Rua Nova de Santana n.º50, um sobrado no Largo do Palácio n.º8, um dito na Travessa da Misericórdia n.8, um sobrado na Rua São Boaventura n.10, dois sobrados na Rua do Açogue (n.º10 e n.º8), um telheiro na Rua dos Mercadores (s.n), uma residência na Travessa do Passinho, um dito na Travessa São Matheus e um Travessa das Mercês n.º94.<sup>548</sup> Além dos imóveis era proprietário da fábrica de chocolate e extração de óleos vegetais José Coelho da Gama e Abreu & Companhia.<sup>549</sup>

O jornal *Diário do Comércio* fez a defesa dos liberais expondo três razões. A primeira era devido aos três acusados pertencerem à família “Franco Gama Malcher”, a qual o jornal *A Epocha* nutriria inimizade, desejando-lhes o ostracismo.<sup>550</sup> A segunda era que os prédios alugados ofereciam boas condições a um valor razoável ao governo, não sendo “escândalo” ou “mamata”.<sup>551</sup> A última razão se referia ao prédio de Gama e Abreu que se achava alugado ao Lyceu, segundo o artigo, o aluguel anterior tinha sido firmado com o Sr. Magalhães, conservador e um dos aliados do jornal *A Epocha*, e a casa dele, onde funcionava o Lyceu, possuía apenas duas salas, um quarto pequeno e uma varanda sendo alugado pela quantia de 600\$000: já a casa de Gama e Abreu oferecia mais conforto aos professores e alunos por oferecer oito salas, alguns gabinetes e uma varanda alugada por 720\$000: s.<sup>552</sup>

O mesmo jornal continuava, acusando os aliados do jornal *A Epocha* de obterem contratos mais vantajosos do que o dos “luzeiros liberais”, como a compra de uma casa em estado de ruína do Dr. Cantão, para estabelecer o Colégio de N. S. do Amparo e da subvenção para estudos concedida aos descendentes do coronel Costa: “Fazei ainda, esquecer a subvenção hereditária por vós concedida aos filhos, netos e bisnetos do

---

<sup>547</sup> *A Epocha*. Belém, 16 de junho de 1859.p.2.

<sup>548</sup> As propriedades de Gama e Abreu aparecem no *Jornal do Pará* devido ao lançamento de imposto da décima urbana. Ver: *Jornal do Pará*. Belém 18 de abril de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 18 de abril de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 27 de março de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 23 de março de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 13 de abril de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 12 de abril de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 21 de abril de 1867; *Jornal do Pará*. Belém 16 de abril de 1867.

<sup>549</sup> BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará - 1850-1870*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.p.206.

<sup>550</sup> *Diário do Comércio*. Belém, 31 de maio de 1859.p.2.

<sup>551</sup> *Diário do Comércio*. Belém, 31 de maio de 1859.p.2.

<sup>552</sup> *Diário do Comércio*. Belém, 31 de maio de 1859.p.2.

tenente-coronel Costa, para irem estudar qualquer coisa, à Europa, no Brasil, na China ou em qualquer lugar”.<sup>553</sup>

Em outra ocorrência, o jornal *A Epocha* foi contratado pela câmara legislativa para publicação dos trabalhos da casa. Certamente, muitos dos que eram alvo das acusações do *A Epocha*, como Gama e Abreu, foram contra, justificando o voto contrário pelo valor oneroso do contrato e pelo fato de muitos membros da câmara serem proprietários do jornal.<sup>554</sup> Tanto conservadores quanto liberais eram responsáveis por ações de prevaricação, viam o erro apenas no outro e não nas suas próprias atitudes.

Prática comum entre os políticos, de ontem e de hoje, era a isenção de impostos para algumas empresas, como a lei nº356 do ano de 1861, que isentava por dez anos de qualquer imposto provincial as fábricas a vapor para beneficiamento de chocolate e extração de óleos vegetais de propriedade de Gama e Abreu.<sup>555</sup>

Uma situação bastante significativa para a demora das obras, além das divergências partidárias, era a centralização excessiva do governo imperial e o pouco investimento da corte nas províncias afastadas. Os membros do partido Liberal destacavam essa conjuntura no jornal que expressava as ideias desse partido, um exemplo era a ponte da alfândega, que sendo uma obra muito desejada desde 1853, teve diversos projetos iniciados e não concluídos. Esse processo chegou até 1865, quando o diretor Gama e Abreu, deixou claro que não pretendia esboçar mais nenhum projeto.<sup>556</sup>

Mesmo com esse conturbado contexto político, o enfoque no embelezamento da cidade e nos serviços públicos pode ser percebido durante a segunda metade do século XIX, especialmente na atuação política de Gama e Abreu. E, se alguns, como o Presidente da Província João José Pedrosa,<sup>557</sup> criticavam essa postura devido às enormes despesas e o esquecimento do interior, outros elogiavam as ações de Gama e Abreu, como fez um articulista do jornal *Gazeta da Tarde*, da cidade do Rio de Janeiro, que o considerava o melhor Presidente de Província que havia governado o Pará.<sup>558</sup>

---

<sup>553</sup> *Diário do Comércio*. Belém, 31 de maio de 1859.p.2.

<sup>554</sup> *A Epocha*. Belém, 14 de novembro de 1859.p.3.

<sup>555</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Relatorio do Exm. Snr. Angelo Thomás do Amaral Presidente da Província do Gram-Pará ao Exm. Vice-presidente Olyntho José Meira por ocasião de passar-lhe a administração da mesma*. Pará: typ. Santos & irmãos, 1861.p.15.

<sup>556</sup> *O Liberal do Pará*. Belém, 31 de janeiro de 1869.p.2.

<sup>557</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm. Sr. Dr. João José Pedrosa abriu a 1ª sessão da 23ª legislatura da Assembleia legislativa da Província do Pará em 23 de abril de 1882. Pará: typ. de Francisco da Costa Junior, 1882.

<sup>558</sup> “Foi assim que o melhor presidente do Pará nos últimos anos foi o Barão de Marajó”. In: *Gazeta da Tarde*. Rio de Janeiro, 18 de junho de 1889.p.1.

Durante o regime republicano houve a continuidade das ações voltadas para a reestruturação urbana. Mesmo com a mudança de regime permanecia a tênue limitação entre o público e o privado na administração pública como podemos observar na participação do Barão de Marajó (quando ocupava o cargo de intendente de Belém) na sociedade anônima denominada Empresa Industrial do Grão-Pará,

Essa sociedade tinha o capital de 20.000:000\$000 dividido em 100.000 ações de 200\$000 cada. Sua sede era no Rio de Janeiro e seu presidente o senador José Paes de Carvalho; o Barão de Marajó fazia parte do conselho fiscal juntamente com Carlos Augusto de Carvalho e Antonio Teixeira Belfort Roxo; as atribuições iniciais da instituição eram:

- 1- (...) a execução do contrato de calçamento da cidade de Belém, firmado entre o Banco Emissor do Norte e a Intendência Municipal da mesma cidade. Este contrato vigorará por vinte anos, e compreende o calçamento de toda cidade, a paralelepípedos de granito ou madeira, ou a *Mac-dam*, e a construção de passeios de cantaria ou concreto;
- 2- (...) a montagem de uma grande fábrica de paralelepípedos de madeira, creosotados não só para serem empregados nos calçamentos e outras cidades, como principalmente para exportação.
- 3- (...) exploração de serviço telefônico da cidade de Manaus e outras, nos termos das respectivas concessões;
- 4- (...) execução de importantes obras públicas no Norte do Brasil. <sup>559</sup>

Ou seja, quando exerceu o cargo de intendente de Belém o Barão de Marajó contratava para os serviços públicos a empresa em que estava associado. Porém como as arbitrariedades políticas da gestão do Barão de Marajó não são o enfoque deste trabalho, e sim a preocupação com a modernização da cidade segundo referências europeias, é importante notar a ampliação dos serviços públicos durante a sua gestão como intendente.

Nesse sentido, o Barão de Marajó assinou um contrato para o fornecimento de luz elétrica, em maio de 1894, um serviço prestado pela Companhia Urbana da Estrada de Ferro, que também era responsável pelo sistema de bondes com tração animal que circulavam em Belém. <sup>560</sup> É importante mencionar que desde 1863, já havia iluminação pública por meio de candeeiros a gás e o transporte urbano puxado por mulas; já a água encanada era fornecida pela Companhia das Águas desde 1880; o contrato foi assinado pelo Barão de Marajó quando foi Presidente da Província (1879-1881). Como essas ações eram insuficientes para suprir as necessidades da cidade, Antonio Lemos contratou em

---

<sup>559</sup> *Diário do Comércio*. Belém, 14 de janeiro de 1891.p.8.

<sup>560</sup> CRUZ, Ernesto. *Procissão dos Séculos: Vultos e Episódios da História do Pará*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1952. P.118.

1905 a *Pará Electric Railways and Lighting Company* para introduzir os bondes elétricos.

561

A luz elétrica tinha um aspecto mágico, tanto que na Exposição Universal de Paris, em 1900 o símbolo era a “fada eletricidade”, uma alegoria feminina com diversas varinhas simbolizando raios e luz.<sup>562</sup> Havia neste mesmo evento o Pavilhão da Eletricidade, iluminado por 12 mil lâmpadas e decorado por uma imensa estrela no topo do pavilhão, que celebrava os progressos da ciência e da tecnologia.<sup>563</sup>

Apesar dessa simbologia ligada ao progresso, poucos realmente se beneficiavam desses serviços. As pessoas com poucos recursos financeiros não poderiam dispor de energia elétrica em suas residências por dois motivos. Em primeiro lugar, o preço das lâmpadas correspondia a aproximadamente 33% da diária da maior parte dos trabalhadores da época; em segundo lugar, as lâmpadas tinham pouca durabilidade, em uma hora podiam-se queimar rapidamente dez lâmpadas. Quanto aos bondes movidos à tração animal havia o problema da quantidade de fezes de animais; por sua vez os bondes elétricos eram dispendiosos e seu funcionamento era falho devido ao fornecimento irregular da energia.<sup>564</sup>

Afinal, essas reformas modernizadoras não eram uma unanimidade e, juntos, no mesmo projeto urbano, os intendentess Barão de Marajó e Antonio Lemos tiveram um adversário político em comum: o jornalista, republicano influenciado pelas ideias socialistas, Bento Aranha. Esse jornalista entrou em uma grande polêmica com o Barão de Marajó devido aos serviços prestados pela Companhia das Águas.

Segundo o historiador Vicente Salles, a atuação desse jornalista estava relacionada a uma profunda decepção com o regime republicano, e com as vantagens pessoais que políticos como o Barão de Marajó e Antonio Lemos obtinham com a escolha de empresas para os serviços públicos:

Não era evidentemente a República sonhada pelos patriotas; era a República dos escândalos dos magnatas do império. Logo se colocariam a questão dos bondes, da carne verde (interesse de Antonio Lemos) da navegação privilegiada e muitas outras. De tão amplo leque, uma só pessoa se lançou no contra-ataque: o vingativo e rancoroso barão de Marajó, José Coelho da Gama e Abreu, político e principalmente capitalista.

---

<sup>561</sup> Sobre as companhias de serviços públicos que foram contratadas por Lemos ver: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>562</sup> A respeito da luz elétrica e do gás, consultar: SILVA, João Luiz Máximo da. *O impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo: USP, 2002.

<sup>563</sup> Exposition Universelle. Le montage de l'étoile qui surmonte le palais de l'Electricité. In : *L'Illustration*. Paris, 58° : année, n°2982. 21/04/1900.

<sup>564</sup> CANCELA, Cristina Donza. *A família na economia da borracha*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

O velho fidalgo, a esse tempo intendente de Belém, com seus privilégios ratificados pela República, nem levantou a voz. A resposta, silenciosa e eficiente, foi dada via tribunais. O jornalista foi processado pelo “crime de injúria impressa”.<sup>565</sup>

Bento Aranha, teve uma trajetória ligada aos embates políticos. Em 1865, foi deportado para o Amazonas, por criticar o militar Couto Magalhães<sup>566</sup> e a forma como ocorria o recrutamento para a Guerra do Paraguai. As críticas foram feitas e artigos do jornal *Diário do Grão-Pará* concorreram para a penalidade do proprietário do jornal que foi desterrado para Portugal.<sup>567</sup>

No Amazonas, Bento Aranha conseguiu adaptar-se e começou a colaborar com o jornal *O Amazonas*, porém em 1870, elaborou um artigo a respeito do retorno dos voluntários da Guerra do Paraguai que foi considerado subversivo e ofensivo à monarquia, por isso foi preso e recambiado ao Pará, e em terra paraense escreveu para o jornal *A Tribuna*, que propagava ideias socialistas e republicanas. A França era uma inspiração muito diferente para o Barão de Marajó e para Bento Aranha, pois se um buscava inspiração nos espaços públicos modernos, o outro se inspirava nos movimentos sociais.<sup>568</sup>

Proclamada a República, ele trabalhou como redator do jornal *Diário de Notícias* e lançou o periódico *O Correio Paraense*, em 1892. Nesse mesmo ano, publicou denúncias às irregularidades do governo do intendente Barão de Marajó, especialmente ao contrato das águas.<sup>569</sup> O contrato para o fornecimento de água, para a cidade de Belém, foi assinado em fevereiro de 1880, pelo Presidente da Província, na época o próprio Barão de Marajó, e pelo empresário da Companhia das Águas do Gram-Pará, Edmund Compton, o mesmo que participou de um banquete organizado pelo Barão de Marajó, mencionado no capítulo anterior.<sup>570</sup>

Foram gratuitamente dados os mananciais e os terrenos para empreender as obras da companhia, além da dispensa dos direitos de importação de materiais, o problema maior é que mesmo contando com todas essas vantagens, a água era considerada muito cara, vendida na razão de um real para cada litro. O estado do Maranhão, que teria vendido

---

<sup>565</sup> SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.p.120-121.

<sup>566</sup> A respeito de Couto de Magalhães ver: HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Rio Janeiro: Ed. UERJ, 2009.

<sup>567</sup> SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

<sup>568</sup> SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

<sup>569</sup> *Correio Paraense*. Belém, 25 de agosto de 1892.p.2.

<sup>570</sup> *Correio Paraense*. Belém, 25 de agosto de 1892.p.2.

os terrenos para a Companhia das Águas, e que contava com uma maior dificuldade com os mananciais, cobrava apenas 26 litros por real.<sup>571</sup>

No momento da denúncia do jornalista, o Barão de Marajó era o intendente de Belém (1890-1894) e também sócio da Companhia das Águas, fazendo, inclusive, parte da diretoria da empresa ao lado de João Gualberto da Costa e Cunha e Antonio Braule Freire da Silva. Como defesa, a Companhia das Águas, justificou o valor do serviço fazendo analogias às cidades de Paris, Madrid e Rio de Janeiro.

-a diretoria composta dos Srs. barão de Marajó, João Gualberto da Costa e Cunha e Antonio Braule Freire da Silva – declara em peça oficial datada de 6 de março de 1891, que a água fornecida é a mais cara que a vendida nas cidades da Europa e em todas as outras capitães do Brasil. Para atenuar o mau efeito, lembrou da densidade da população de Madrid e de Paris, onde muitas famílias habitam o mesmo edifício, e recordou as despesas feitas pela municipalidade do Rio de Janeiro no sentido de facilitar a canalização d' água. Disto concluiu que, paralelando o Pará com o Rio, tínhamos a vantagem de só dar gratuitamente os mananciais e os terrenos, o que no entender da Companhia incorporada, justifica a carestia da água.<sup>572</sup>

Para a Companhia o processo de canalização da água na cidade de Belém tinha um custo alto devido a distância entre as moradias, o que justificava o valor da água. A Companhia das Águas do Estado do Pará buscou se justificar para a população publicando artigos no jornal *A República*, em um deles, apresenta a situação da distribuição de água na cidade durante o período da assinatura do contrato, e mesmo antes disso, para que as falhas atuais fossem consideradas irrelevantes.

O abastecimento era feito até 1883 pelos mananciais do Pau d'água, nessa época havia muitos problemas como as greves dos aguadeiros, mas o que apresentava maior gravidade era a péssima qualidade da água, contaminada pelas substâncias orgânicas provenientes do cemitério da Soledade. O discurso de defesa da Companhia das águas ressalta o número de cadáveres que estavam contaminando o manancial descrevendo minuciosamente seus resíduos:

Em 1879 a 1880, estando na presidência o Barão de Marajó (atual presidente desta diretoria) que por muitos anos fora diretor das obras públicas da então Província do Pará, recordando-se que pouco tempo antes, quando fora ampliado o tanque que recebia as águas do Pau d'água, e quando se deu entrada as águas no novo tanque, estas apresentaram por muito tempo uma espessa camada oleosa, que tratada quimicamente apresentara todas as reações próprias às substâncias orgânicas, fez estudar as camadas dos terrenos entre o cemitério da Soledade, que já contava 65.000 cadáveres, e o pequeno vale formado pelo Pau d'água, reconhecendo-se nessa ocasião que os terrenos apresentavam na estratificação de suas camadas alguma inclinação para o Pau, e que a certa profundidade havia uma espessa camada de argila, que como sabe é impermeável. A consequência era fácil de tirar dessas circunstâncias, e era que as camadas dos terrenos superiores à argila, estando como se verificou já saturadas de substâncias orgânicas ao

---

<sup>571</sup> *Correio Paraense*. Belém, 25 de agosto de 1892.p.2.

<sup>572</sup> *Correio Paraense*. Belém, 28 de julho de 1892.p.2.

ponto de não consumirem os corpos, estas substâncias, que cada vez mais iam impregnando o solo, corriam sobre a camada impermeável da argila, indo inquinare as águas dos poços e dos mananciais do Pau d'água. Em vista disso, resolveu a presidência o imediato fechamento do cemitério, e procurar ainda mesmo com sacrifício alimentar a cidade com melhores águas.<sup>573</sup>

Mesmo que o Barão de Marajó houvesse determinado o fechamento do cemitério da Soledade, existiam outras formas de contaminação por detritos provindos de latrinas e vacarias. Todas essas substâncias tornavam o Pau d'água impróprio para abastecer a cidade o que motivou a abertura de uma licitação; o contrato proposto pelo Sr. Edmund Compton foi aceito nesse contexto. O texto de defesa da Companhia é bastante convincente, até mesmo sinestésico na descrição das impurezas presentes no solo e nas águas:

(...)

No Pará, porém as condições eram as piores possíveis: - cerca de 5000 latrinas do sistema de poço, iam infiltrar no solo, impregnando-o suas dejeções e também as de numerosas vacarias e cavalariças correspondentes a uma população de 80000 habitantes pouco mais ou menos. As chuvas tão abundantes iam servir de veículo, para que estas infiltrações fossem inquinare o lençol de água que existe sob a cidade, em uma profundidade que varia geralmente entre 6 a 12 metros.

O inconveniente deste estado de coisas tem sido objeto dos estudos de todos os higienistas, e seus fatais efeitos de sobre a epidemia há anos desenvolvida em Buenos Aires, atribuída à idênticas causas pelos que a estudaram.

A consequência foi a resolução assentada de, por todos os meios, tirar a população de semelhante risco, e tendo se apresentado um proponente o Sr. Edmundo Compton, em condições aceitáveis, com ele foi feito o contrato.<sup>574</sup>

A despeito do contexto em que o contrato com a Companhia foi assinado, o jornal *O Correio Paraense* publicou diversos artigos expondo a situação da população com falta da água. Essa necessidade impedia a higiene dos moradores e da cidade, uma contradição com o discurso higienista e modernizador, cuja realização era desejada e exigida pela população:

Em Belém não pode haver asseio, não temos água. O proletário não pode arrostar com exorbitantes pagamentos, e não querer arriscar-se à prisão, banhando-se em trajos paradisíacos, do litoral da cidade, tem forçosamente de renunciar à limpeza, princípio fundamental da higiene, da saúde.<sup>575</sup>

Outra polêmica envolvendo a questão das águas que movimentou a imprensa foi a possível presença de um cadáver na caixa d'água. Para analisar a questão foram chamados os peritos Cypriano Santos e Lyra Castro, o delegado de polícia acompanhado pelo escrivão, os representantes da Companhia das Águas, Brício Abreu advogado da

---

<sup>573</sup> *A República*. Belém, 11 de outubro de 1890.p.1

<sup>574</sup> *A República*. Belém, 11 de outubro de 1890.p.1

<sup>575</sup> *Correio Paraense*. Belém, 25 de agosto de 1892.p.2.

Companhia das Águas<sup>576</sup> e a imprensa (representada pelos jornais *O Democrata*, *A República* e *A Província do Pará*); não estiveram presentes os jornalistas do *Correio Paraense*, que faziam oposição ao governo. Os peritos da Junta de Higiene examinaram o tanque esvaziado concluindo que “nada encontramos dentro do tanque que denotasse existir ou haver existido ali cadáver.”<sup>577</sup>

Talvez a repercussão da resposta da Companhia das Águas, feita ao jornalista Brito Aranha, possa ter sugerido um temor da contaminação das águas por cadáveres, já que a matéria foi publicada outubro de 1890, muito próximo do boato de um cadáver na caixa d’água que circulou em meados de janeiro de 1891 entre a população da cidade.

Crítico do intendente, Bento Aranha denunciou a acumulação de cargos públicos pelo Barão de Marajó que, estando de licença do exercício de cargo público, por problemas de saúde, apresentou-se como expositor em um evento internacional na cidade de Chicago acumulando, dessa forma, dois cargos. Possivelmente, essa crítica deva ter rendido o processo do Barão de Marajó contra Bento Aranha e não o caso das águas. Vejamos o ácido artigo publicado por Brito Aranha que põe em xeque o intendente e o governador Lauro Sodré:

Assim é que o Sr. Barão de Marajó que foi eleito, não sabemos como, nem porque meios Intendente desta capital, por não ser da nossa conta, já sendo empregado aposentado por invalidez de cegueira, portanto impossibilitado de prestar seus serviços em um cargo tão espinhoso, deixou temporariamente o exercício do cargo eletivo naturalmente por haver participado que se acha doente. Até aí parece isto muito natural, ao seu patriotismo e gratidão pelos que o elegeram inibindo-lhe de recuar o lugar que além da gorda remuneração que traz para suas algibeiras, investe-o de um poder absoluto na administração do município. O que faz, porém, pasmar, e que nós não acreditamos, se não estivéssemos presenciado, é que declarando-se o mesmo Barão, por motivo de moléstia, na impossibilidade de continuar no exercício do cargo de Intendente do qual recebe 600\$000 anualmente se ache capaz, e de perfeita saúde para ir representar este estado na Exposição de Chicago com um ordenado de 1:000\$300 mensais o mais uma grossa verba para representação. Não compreendemos como possa o Barão estar doente para não continuar no exercício de intendente e se ache bom para seguir em comissão e representar-nos no *certamen* americano.(...) E o Sr. Lauro Sodré, o patriota intemerato, o dileto discípulo de Benjamin Constant, à quem os seus co-estadanos confiaram a alta gestão dos negócios do Estado; o moço filósofo filiado à escola positivista, que tem por lema e por princípio abnegação até do seu próprio –eu- ; consentirá que durante seu governo um ato altamente reprovável se pratique? Não acreditamos.<sup>578</sup>

---

<sup>576</sup> José Brício Pombo da Gama e Abreu, o advogado da Companhia das Águas, era filho do Barão de Marajó, tinha personalidade agressiva e defendia ferozmente o pai. Em 1883, envolveu-se em uma briga com o principal redator do jornal *Diário de Belém* Antonio Francisco Pinheiro, devido o jornalista ter escrito uma nota na qual acusava o Barão de Marajó de incapaz, ignorante e prevaricador. A confusão foi noticiada nos jornais *Diário do Brasil* e *Gazeta de Notícias* ver: *Diário do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 de junho de 1883; *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1883.

<sup>577</sup> *O Democrata*. Belém, 16 de janeiro de 1891.

<sup>578</sup> *Correio Paraense*. Belém, 20 de setembro de 1892.p.2

Mesmo que o jornalista republicano não acreditasse, a escolha dos membros da comissão para representar o Estado do Pará na Exposição de Chicago<sup>579</sup> foi feita pelo governador Lauro Sodré. O governador considerou que não devia poupar despesas para uma apresentação digna em um evento tão importante e mencionou que os critérios para a escolha dos representantes foram a inteligência e o conhecimento sobre o Estado:

Para tratar de todos os negócios relativos à representação do Pará na Exposição de Chicago, resolvi após a conferência, nomear uma comissão composta dos cidadãos Emílio de Castro Martins, Ernesto Acton, Barão de Marajó, Domingos José Dias, José Joaquim R. Martins, Aureliano de Lima Pinto Guedes, João Gualberto da Costa e Cunha, João Lúcio de Azevedo, dr. Antonio Passos de Miranda, Dr. Odorico Nina Ribeiro, e Jonh Hudson. Julgo que o Estado não deve poupar despesas para dignamente concorrer a essa festa de progresso e da civilização, enviando para ali todos os produtos da sua indústria e do comércio e os espécimes de sua riquíssima fauna e flora, a fim de torná-los conhecidos. Vós com a vossa inteligência e conhecimento perfeito que tendes sobre o assunto, suprireis as providencias por mim iniciadas, em cumprimento das recomendações do governo federal, e que não puderam ser ultimadas por falta de tempo.<sup>580</sup>

As mudanças exigidas pela intendência do Barão de Marajó iam, muitas vezes, de encontro às práticas tradicionais dos trabalhadores visando em primeiro lugar o ordenamento do espaço, além de beneficiar determinadas empresas, como foi o caso da obrigatoriedade para os lavradores de colocar seus produtos em exposição para venda no trapiche da empresa *Loyde Brasileiro*:

O Sr. Barão de Marajó não há muito tempo estabeleceu uma obrigação para os lavradores que trouxessem farinha, para vender a recolhessem do trapiche do Loyde Brasileiro e ali ser exposta a venda.

Reconhecendo e julgando os agricultores que tal medida era opressora, opuseram-se a cumpri-la e declararam que preferiam voltar com o seu gênero e recolhê-lo ali. (...) Esta medida, favorecendo somente os alugadores, prejudica os interesses gerais, não trazendo nem mesmo vantagens para a receita municipal.<sup>581</sup>

Caso semelhante foi o das lavadeiras da Pratinha, cujo trabalho passou a ser fiscalizado por representantes da Intendência, uma delas Joanna Procópia foi conduzida à polícia para assinar um termo de bem viver:

Falamos em lavadeiras da Pratinha. Pobres mulheres que ganham o pão com rude trabalho da lavagem de roupa, expostas a um sol ardente e às consequências de perigosas constipações: a pneumonia e o pleurir. Parece que há um instinto de perseguir. A abundância de dinheiro extorquido do povo permite ter uma multidão de desocupados fiscais, que, não tendo trabalho em que gastem o tempo, já foram impedir o trabalho das infelizes mulheres! Nem as mulheres são poupadas....

Prisões iníquas, perseguições inqualificáveis, uma multidão de termos de bem viver, cuja verdadeira causa a decência proíbe de dizer!...

---

<sup>579</sup> O livro *O Estado do Pará – Notas para a exposição de Chicago* foi publicado em inglês, português e francês.

<sup>580</sup> PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez.* Belém: Typ.do Diário Official, 189.p.56.

<sup>581</sup> *Correio Paraense*. Belém, 12 de julho de 1892.p.2.

Temos um fato de ontem:

- Chama-se Joanna Izidora Procópio, mora na Rua da Indústria, entre as travessas da Princesa e Glória.

Segundo declarações feitas ontem por ela em presença de muitas pessoas, negou-se a satisfazer certas exigências...

Foi tocada a porta, presa, conduzida à Santo Antonio e depois levada a assinar termo de bom viver!

Miséria e opressão!<sup>582</sup>

O jornal *Correio Paraense*, de propriedade de Bento Aranha, procurava mostrar sua indignação com a outra face desse projeto modernizador que contrariava as práticas e experiências da população, causando decepção profunda com a “república de cogumelos” que não mudava em nada as políticas imperiais, mantendo, inclusive, os mesmos sujeitos em cargos públicos.<sup>583</sup> De acordo com Vicente Sales, o jornalista Brito Aranha se opunha aos políticos de grande relevância no estado como o Antonio Lemos e Lauro Sodré:

O jornalista, portanto abriu várias frentes de luta. Opôs-se tanto a Antonio Lemos, representante das poderosas oligarquias conservadoras, quanto a Lauro Sodré, o liberal, que vinha montado airoso no cavalo branco republicano.<sup>584</sup>

Sendo a referência europeia muito presente nesses projetos urbanísticos, não custa lembrar que as cidades que tanto inspiravam as elites amazônicas eram excludentes e com graves problemas sociais.<sup>585</sup> Paris, por exemplo, possuía uma estrutura urbana adequada apenas nos bairros centrais, reformados por Haussmann durante o Segundo Império, os *arrondissements* populares como o XI, o XIII, o XIX e o XX, estavam cheios de cortiços. Habitações descritas por Zola como “miseráveis construções feitas de barro, velhas tábuas e velhas chapas de zinco, semelhantes a amontoados de refugos de demolições arrumados em torno do pátio interior”; a cidade era assolada por epidemias como as de febre tifoide (1873 e 1882) e as de cólera (1884 e 1896).<sup>586</sup>

Nesse sentido, o historiador Sidney Chalhoub comentou que ao ler a respeito do interesse de Lemos em divulgar seus atos administrativos nas cidades do hemisfério norte,

---

<sup>582</sup> *Correio Paraense*. Belém, 13 de agosto de 1892.p.2.

<sup>583</sup> *Correio Paraense*. Belém, 2 de setembro de 1892.p.2.

<sup>584</sup> SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.p.133.

<sup>585</sup> Ver as associações literárias ao “inferno” londrino e as “colmeias” humanas de Paris em: BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.p.22-49. A historiadora Franciane Lacerda, menciona o processo contraditório do crescimento urbano no século XIX, nas cidades contrastavam a exibição das riquezas e o odor dos excrementos, contrastes muito bem colocados na crônica “As fealdades da formosa Belém” de um articulista do jornal “Folha do Norte”. Ver: LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará (1889-1916)*. Belém: Açaí, 2010.p.248-249.

<sup>586</sup> GUERRAND, Roger-Henri. Espaços privados. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.332-333.

teria se lembrado de um relatório no qual os sanitaristas do governo de Pereira Passos consideravam um sinal de civilização a cidade do Rio de Janeiro possuir índices de tuberculose semelhantes aos de Paris.<sup>587</sup> Amazônia e Europa também estavam conectadas na ilusão da *belle-époque*, onde modernidade e exclusão eram faces da mesma moeda.

Mas, deixando momentaneamente os problemas da cidade de Belém e de outras capitais durante os fins do século XIX e início do XX, que afinal não deixam de ser semelhantes aos do tempo presente, é necessário mencionar o apagamento da memória imperial que ocorreu durante a República. Esse processo de ressignificação da memória pode ser percebido no patrimônio público, nos símbolos e na historiografia que buscaram uma imagem de renovação e progresso.<sup>588</sup>

O Barão de Marajó era um excelente observador das cidades e notava que a configuração urbana mudava de acordo com os regimes políticos. Na luta pela conservação, apagamento ou ressignificação da memória os monumentos eram alterados, as cidades da França eram um exemplo desse processo:

Assim como todos os edifícios de França; tem este sofrido alterações, em concordância com o sistema de governo; por isso o pedestal, sobre que se achava, em 1705, a estátua equestre de Luis XIV, com a Revolução de 1789 a estátua foi ao chão, no lugar as estátuas da liberdade e igualdade em gesso; na Restauração tiraram as estátuas e colocaram a estátua de Henrique IV. É natural que na atual República seja apeado Henrique IV e substituído por qualquer outra coisa.<sup>589</sup>

As mudanças de regime político atingiram Belém, transformando a cidade imperial em cidade republicana. Assim, o relatório da Intendência, durante a gestão do Barão de Marajó, assinala a preocupação com o ordenamento urbano nas obras de reparos nas calçadas, numeração das casas e atualização das placas com os novos nomes das ruas<sup>590</sup>:

Uma das maiores necessidades com que lutávamos, era a falta de uma numeração regular e completa dos prédios urbanos. As que existiam eram imperfeitas e não satisfaziam ao fim a que se destinavam, dando-se até o fato de repetição de numeração em prédios diferentes. Se imperiosa era a necessidade de estabelecer uma nova numeração para os

---

<sup>587</sup> CHALHOUB, Sidney. Prefácio in: SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>588</sup> SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*; 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>589</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomos II. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p. 45.

<sup>590</sup> A Rua Nova do Imperador passou a ser chamada Boulevard da República, a da Imperatriz foi denominada 15 de Novembro e a que homenageava o aniversário natalício do imperador, Rua 2 de Dezembro, tornou-se Generalíssimo Deodoro. Outros exemplos foram o Largo da Pólvora, que tinha sido denominado D. Pedro II, e foi renomeado como Praça da República; a Travessa da Princesa virou Benjamin Constant, a do Príncipe passou a ser Quintino Bocaiúva e a da Glória recebeu o nome de Rui Barbosa. A respeito da mudança no nome das ruas, ver: CRUZ, Ernesto. *A procissão dos séculos: vultos e episódios da História do Pará*. Belém: Imprensa do Estado do Pará, 1952.p.84-85.

prédios, igualmente se impunha a substituição das antigas chapas designativas de ruas e praças, tanto mais que sendo mudados muitos dos seus antigos nomes, convinha torná-los conhecidos. Isto levou a Intendência a contratar esse serviço que está sendo feito regularmente.

#### **Reparo nas ruas**

Outro ramo de serviço municipal que tem merecido também a atenção da Intendência, das calçadas à *mac-dam*, como meio mais pronto de torná-las transitáveis, e enquanto não são calçadas pelo novo sistema, sendo certo que para danificá-las tem contribuído poderosamente as linhas de tram-way. A Intendência trata de obrigar as respectivas Companhias a cumprirem os seus contratos calçando-as entre os trilhos.<sup>591</sup>

Visando melhorias urbanísticas, foram feitos os estudos para o calçamento e alargamento da Estrada São Jerônimo. Nestes, constava o orçamento para as indenizações dos moradores de prédios situados nas laterais da rua, o que tornava o custo dessa obra muito alto, mas a Intendência o considerava um projeto necessário, devido ao estado lamacento da estrada nas épocas chuvosas. Desapropriações semelhantes ocorreram no Largo da Pólvora, na Estrada de Nazareth e na travessa 15 de Agosto para regularizações e alargamento das ruas.<sup>592</sup>

A higiene era outra preocupação, demonstrada na compra de um forno crematório para a limpeza pública na colocação de mictórios em diversos locais públicos.<sup>593</sup>

A aparência da cidade era modificada, o intendente Índio do Brasil, por exemplo, encomendou diversos chafarizes, para embelezamento urbano, estes foram instalados na gestão do Barão de Marajó.<sup>594</sup> O Largo da Pólvora passou por melhoramentos para tornar-se semelhante às grandes capitais:

Continuam com a possível atividade as obras no largo da pólvora. Como não vos terá escapado elas são vastas e importantes. O plano primitivo foi alterado por conveniência dos próprios melhoramentos que ali se projetam, e isto naturalmente contribuirá para que se gaste mais do que a princípio se julgava; mas é certo que esta imensa praça convenientemente calçada, nivelada e com os embelezamentos que a Intendência pretende nela introduzir, será um objeto de orgulho para os paraenses que não mais terão de invejar os melhoramentos congêneres de que se vangloriam diversas capitais.<sup>595</sup>

---

<sup>591</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez.* Belém: Typ.do Diário Official, 1891.p.55-56.

<sup>592</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez.* Belém: Typ.do Diário Official, 1891.p.55-56.

<sup>593</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez.* Belém: Typ.do Diário Official, 1891.p.56.

<sup>594</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez.* Belém: Typ.do Diário Official, 1891.p.56.

<sup>595</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do*

A atenção desprendida para as ruas e passeios públicos já era uma característica do Barão desde suas atentas observações dos *boulevards* de Paris, presentes nos seus *Apontamentos de Viagem*:

Essa imensa avenida ornada de árvores de ambos os lados, cercada de esplêndidas lojas, em que se ostentam as maravilhas do luxo e da civilização do século, que atravessamos, e que se divide em tantos *boulevards*, quantos os que por sua ordem e nomes tenho enumerado, é o paraíso das classes remediadas e das abastadas, onde se conhece que se a parte masculina é ávida em procurar prazeres, a população feminina não só os procura mas parece comprazer-se em oferecê-los. Creio que é esta a mais plausível explicação de se ouvir a muitos estrangeiros dizer, que Paris se resume aos *boulevards* e aos Campos Elísios. (...). Os *boulevards* são o centro da vida parisiense; durante o dia as lojas com seu fausto deslumbrante, durante a noite os cafés e os restaurantes resplandecentes de luz, encerram nos seus salões gabinetes as cenas da vida *bohème* ou galanteadora, de cujos mistérios procuraria afastar o véu, se tivesse a certeza de que este livro não passaria das mãos do sexo feio. É ainda nos *boulevards* que se tem passado as cenas mais terríveis, assim como as mais burlescas, da história de Paris.<sup>596</sup>

Como engenheiro aprovava a modernização das cidades e as demolições ocorridas em Lyon, que transformaram um local insalubre em *boulevards* luxuosos:

As ruas estreitas, escuras, úmidas e insalubres tornam-se pela demolição dos prédios de um e outro lado, em belas e largas ruas com lojas vastas e luxuosas, onde o sol com seus variados reflexos vem fazer brilhar os produtos da indústria. Há ruas que rivalizam com as melhores de Paris.<sup>597</sup>

No Pará, durante a década de 1890 havia sido iniciada a utilização de luz elétrica e da água encanada. Na cidade o calçamento de ruas e os canos para o esgoto propiciavam a higiene. Para a melhoria dos serviços foi criado um código de posturas municipais:

Novos contratos para a iluminação da cidade pela luz elétrica, para a tração nas linhas de tramways ser feita pela eletricidade asseguram novos melhoramentos. Monumentos aos nossos conterrâneos ilustres são erigidos em nossas praças arborizadas e ajardinadas. A limpeza da cidade melhora com o calçamento, com os canos para esgotos; e a higiene das casas melhora com a introdução de água trazida pela companhia para esse fim criada. Um código de posturas municipais veio melhorar não só a edificação como todos os serviços municipais. Os cemitérios são colocados a distância maior do centro da população e nestes mesmos são feitos melhoramentos.<sup>598</sup>

Logo no início de seu governo, o Barão de Marajó lançou concursos para a intensificação da iluminação a gás e para a construção do Monumento à República, dando prosseguimento as decisões do governador Justo Chermont:

---

estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez. Belém: Typ.do Diário Oficial, 1891.p.55.

<sup>596</sup>ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.183-184.

<sup>597</sup> <sup>597</sup>ABREU. José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo II. Lisboa: Typographia Universal, 1874. p.43.

<sup>598</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.385.

Em breve serão ultimados os concursos para a iluminação a gás desta cidade e para a ereção do monumento comemorativo ao advento da República, e que se pretende levantar na praça D. Pedro II. O valor deste monumento não excederá 120:000\$000 e será pago em partes iguais e por esta intendência, conforme foi resolvido pelo Dr. Justo Chermont, quando governador deste estado.<sup>599</sup>

O projeto do artista italiano Michele Sansebastiano foi vencedor, ele idealizou uma República desarmada, como a Deusa Minerva, inspirando as qualidades da paz e serenidade junto às alegorias da História e do Progresso Nacional.<sup>600</sup> Segundo a historiadora Lynn Hunt, o emblema da República, a deusa romana da Liberdade, muitas vezes era representada com o ar abstrato nos sinetes oficiais, estátuas e vinhetas, em outras representações ela assumia o aspecto familiar de jovem donzela ou jovem mãe, essa representação passou a ser conhecida como *Marianne*, um nome feminino muito comum naquela época.<sup>601</sup>

O escultor Michele Sansebastiano inspirou-se nos ideais da Terceira República Francesa, que buscava uma relação com a Revolução de 1789 (da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão) negando a de 1793 (de Robespierre e do Terror). O júri paraense, no entanto, exigiu que fossem inseridas as insígnias do barrete frígio e do gládio ligadas à representação da liberdade mais ligadas à Revolução de 1892, ausentes no projeto original.<sup>602</sup>

Além do Largo da Pólvora, outro importante lugar de memória redefinido foi o Teatro da Paz. Em uma obra publicada em 1896, o Barão de Marajó descreveu o Teatro da Paz como um centro irradiador de cultura devido à presença das companhias de canto e dramáticas. O teatro tornava-se mais agradável e belo por utilizar a luz elétrica:

Com a terminação do grande e belo Teatro da Paz começam a afluir auxiliada pelo governo provincial companhias dramáticas e de canto que de ano a ano melhoram, a luz elétrica completa o embelezamento do teatro, que as toilettes elegantes das senhoras vem abrilhantar.<sup>603</sup>

---

<sup>599</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez.* Belém: Typ.do Diário Oficial, 189.p.55.

<sup>600</sup> O concurso internacional para escolha do projeto artístico do Monumento a Republica foi lançado em 1891, quando o Barão de Marajó ocupava o cargo de Intendente. Ver: COELHO, Geraldo Mártires. *O violino de Ingres. Leituras de História Cultural.* Belém: Paka-Tatu, 2005.p.133.

<sup>601</sup> HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra.* São Paulo: Companhia das letras, 2009.p. 27.

<sup>602</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *O violino de Ingres. Leituras de História Cultural.* Belém: Paka-Tatu, 2005.p.130-137.

<sup>603</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas.* Lisboa: Imprensa de L. da Silva,1896.p.388.

### 3.2. Construindo a belle-époque amazônica

A atenção voltada para a estrutura das cidades foi algo demonstrado em seus apontamentos de viagens pela Europa e pelo Oriente. Gama e Abreu observava os prédios, o calçamento das ruas, os serviços de água e de iluminação, além da existência de lugares com paisagens agradáveis como os jardins públicos. A cultura e a educação eram outro ponto importante, além das escolas ou universidades, atentava para os museus, as galerias e os teatros. Essa vivência pela Europa terá grande influência nos projetos em que se envolverá na carreira política, assim as viagens são parte integrante de sua formação política e intelectual.

Seus estudos acadêmicos, em Coimbra, também foram fundamentais para pautar as suas escolhas políticas. A Filosofia influenciaria o envolvimento em projetos ligados a educação e em sua atuação parlamentar ligada ao liberalismo, a descentralização e a democracia como vimos no capítulo anterior. A Matemática fundamentará seu trabalho como engenheiro e direcionará seu olhar para o espaço urbano.

Essa atenção pode ser notada em sua atuação como Presidente da Província do Amazonas, cargo que ocupou por apenas um ano. Mesmo assim, desenvolveu algumas ações no âmbito da educação e das obras públicas.

Em relação à educação fez alguns reparos no estabelecimento de educandos artífices, atentou para os problemas relacionados à oficina de alfaiates e ordenou o pagamento da terceira parte do jornal diário aos alunos que trabalhavam como mestres nas oficinas.<sup>604</sup>

No ramo das Obras Públicas, na condição de presidente da Província do Amazonas, analisou a condição do abastecimento de água em Manaus verificando a necessidade de cuidar do asseio das fontes que possuíam águas de boa qualidade e efetuou

---

<sup>604</sup> AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Exposição com que o Exm.º Sr. Presidente da província do Amazonas, Dr. José Coelho da Gama e Abreu, passou a direção da mesma ao Exm. Sr. Presidente Jacintho Pereira do Rego.* 9 de fevereiro de 1868.p.472.

a compra de uma casa, possivelmente construída em 1861, para o funcionamento do Paço Provincial e outras instituições públicas:

Falei no novo Paço Provincial, é este uma casa ainda em construção que ultimamente foi comprada a um particular pela módica quantia de doze contos de réis, a qual se presta a nela se reunirem as diversas repartições provinciais e municipais, logo que as obras começadas já estejam terminadas; o que se poderá fazer por trinta contos de réis. Do valor da compra desta casa já três contos de réis foram pagos ao proprietário, que aliás lhe devia ser prontamente feito.<sup>605</sup>

Esse prédio público passou por diversas reformas, demorando um período longo para ser utilizado plenamente. Ainda em 1874, o prédio não estava pronto sendo colocadas bandeiras e trancas de ferro nas portas e janelas que também receberam pintura.<sup>606</sup> Em 1879, o Palácio recebia pintura e alguns reparos,<sup>607</sup> mas em 1880 já era ocupado pelo Lyceu e pela Diretoria de Instrução Pública, quando se realizaram obras no piso e na pintura.<sup>608</sup> Já no período republicano, mais especificamente na administração de Eduardo Ribeiro (1891-1896), o Paço Provincial foi restaurado e destinado para tornar-se sede do Quartel de Polícia.<sup>609</sup>

Gama e Abreu mostrava preocupação com os espaços destinados ao poder, como os palácios, pois além de ter adquirido o prédio para o Paço Provincial de Manaus ele projetou o Paço Municipal de Belém. É possível que essa busca de um lugar adequado para as instituições públicas se relacionasse ao seu envolvimento na polêmica dos aluguéis de casas, denunciada pelo jornal *A Epocha* em 1859, talvez Gama e Abreu pretendesse evitar novas polêmicas. Na imagem posterior podemos observar o antigo Paço Provincial do Amazonas em uma perspectiva atual como um museu.

---

<sup>605</sup> AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Exposição com que o Exm.º Sr. Presidente da província do Amazonas, Dr. José Coelho da Gama e Abreu, passou a direção da mesma ao Exm. Sr. Presidente Jacintho Pereira do Rego.* 9 de fevereiro de 1868.p.473.

<sup>606</sup> AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na 1.a sessão da 13.a legislatura em 25 de março de 1876 pelo excellentissimo senhor presidente da provincia, dr. Antonio dos Passos Miranda. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1876.p.26.

<sup>607</sup>AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio apresentado ao exm.o sr. dr. Agesiláo Pereira da Silva, presidente da provincia do Amazonas pelo dr. Domingos Jacy Monteiro, depois de ter entregue a admimistração [sic] da provincia em 26 de maio de 1877.* Manáos, Typ. do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1878.p.55.

<sup>608</sup> AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. Relatório com que o exm.o sr. tenente coronel José Clarindo de Queiroz, presidente da provincia do Amazonas, abriu a 1.a sessão da 15.a legislatura da Assembléa Legislativa Provincial, 31 de março de 1880. Manáos, Typ. do Amazonas, 1880. p.11.

<sup>609</sup> MESQUITA, Otoni Moreira de. *LA BELLE VITRINE. O mito do progresso na refundação de Manaus (1890-1900).* Tese de Doutorado em História Contemporânea. Universidade Federal Fluminense. Niterói: 2005.



Figura 12. **Antigo Paço Provincial do Amazonas, atual Museu de Numismática, Pinacoteca e outras instituições.**

Fonte: Foto de Adriel Medeiros. Disponível em [manausontemhojesempre.blogspot.com.br/](http://manausontemhojesempre.blogspot.com.br/). Acesso em 25 de junho de 2015.

A escolha de prédios públicos como o Paço Municipal (em Manaus) o Teatro da Paz (em Belém) e os jardins públicos para serem objetos privilegiados de análise da atuação política de Gama e Abreu não foram escolhidos aleatoriamente, mas seguem uma orientação dos espaços que ele considerou muito significativos nos seus *Apontamentos de Viagem*:

Acham-se também em andamento dois edifícios dignos de nota, são: o novo teatro que pode ombrear com os melhores da Europa, e o palácio destinado a funcionarem nele todas as repartições públicas provinciais como sejam: Tesouro, Repartição de Obras Públicas, Recebedoria, Assembleia legislativa Provincial, Câmara Municipal; terminado o segundo plano aprovado, deve ser um edifício importante.

(...)

Há, porém, no Pará uma coisa superior a tudo quanto no seu gênero tenho visto, ainda nas mais belas cidades da Europa: refiro-me às suas chamadas estradas, que são ruas muito extensas em linha perfeitamente reta, ornada por ambos os lados de renques de frondosas árvores, cuja corpulência é inteiramente desconhecida na Europa. Uma destas estradas, em vez de árvores ordinárias, é guarnecida de palmeiras, cujos troncos robustos e direitos terminam por uma frondosa coma, muito extensa; a quem a olha de uma de suas extremidades parece uma comprida colonata sustentando uma abobada de verdura. A beleza do arvoredado, a grande extensão que faz com que as últimas árvores pareçam apenas saídas do solo, tudo concorre para fazer das estradas um encantador passeio, as quais, todavia, nem mesmo no tempo em que o esplêndido luar da zona intertropical convida a passear, se veem concorridas, como acontece na Europa.<sup>610</sup>

<sup>610</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.16.

Começaremos com as paisagens agradáveis de Belém, que ele considerava compatíveis com as mais belas das cidades da Europa. De acordo com Jorge Nassar Fleury, Gama e Abreu valorizava o embelezamento citadino, por isso em seus projetos a arborização das ruas, praças e bosque tinham prioridade no paisagismo, como provam a escolha das mangueiras e palmeiras acompanhando os passeios em linha reta.<sup>611</sup>

Nesse sentido, o historiador Keith Thomas, ao estudar as mudanças de atitudes perante a natureza a partir da Inglaterra, observou que, desde o século XVII, a estética enfatizava as árvores como parte dominante do cenário arquitetônico, por ser uma representação da beleza. As motivações aristocráticas para esse cultivo eram uma mistura complexa de senso estético, de afirmação social, de patriotismo e busca de lucros em longo prazo. Admiravam-se as árvores consideradas exóticas e o número das novas espécies inseridas na Inglaterra era crescente, tanto que no século XVIII chegaram a 455 e nas primeiras décadas do século XIX esse número chegava a 699.<sup>612</sup>

Como vimos no primeiro capítulo, Gama e Abreu mostrou admiração pelos parques, jardins públicos e bosques como o *Boulogne*, e destacou o bosque de *Vincennes* em Paris:

Depois do bosque de Boulogne, que a moda tem dado primazia, não é para estranhar que diga alguma coisa sobre o bosque de Vincennes, que talvez por muitos seja considerado superior àquele; neste bosque há a admirar, o palácio real, a prisão de estado, o forte e o próprio bosque, dentro do qual estão encerradas as diferentes edificações que mencionei. Acha-se a uma distância de 2 kilometros de Paris, e, além de ser um passeio agradável, acontece com ele o que não é comum nos passeios dos arredores de Paris, o de não encontrar o passante, que sai da cidade do Throno, até Vincennes, povoação alguma que lhe desperte atenção; goza-se pois de uma verdadeira transição de aspectos.<sup>613</sup>

Menos significativo que estes espaços, era o jardim das Tulherias, apesar de muito frequentado pelos parisienses pelo bom arvoredo, não encantava o viajante acostumado à vegetação da Amazônia

(...) confesso sinceramente que em mim produzia ele fraca admiração, pois que, como filho da zona equatorial, estou acostumado às pompas mais variadas da vegetação amazônica, às arvores gigantescas cobertas de folhas de todas as formas e cores, brilhantes ou sombrias, uniformes ou variadas, vivas como a passiflora rubra, ou pálidas como angélicas.<sup>614</sup>

---

<sup>611</sup> FLEURY, Jorge Nassar. *Gama e Abreu: um pensador da cidade no século XIX*. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014.p.6.

<sup>612</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p.300-301.

<sup>613</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.242.

<sup>614</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.204.

Muitos valorizavam esse tipo de espaço de fruição da natureza em meio a *urbe*. No Pará, um desses locais vivenciou as instáveis escolhas políticas, trata-se do Jardim ou Horto Público cuja história se associa à trajetória de Gama e Abreu. Alguns governantes valorizaram o Jardim, como o presidente Henrique B. Rohan, que elogiou Gama e Abreu pelo cuidado que dedicava ao paisagismo, trabalhando em parceria com uma equipe, composta por jardineiros franceses, chefiada por M. Baraquin, cultivando plantas ornamentais e plantas próprias da região:

Este nascente estabelecimento vai progredindo. O Sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu, na qualidade de diretor das obras públicas, tem olhado com interesse para esse viveiro de plantas úteis e ornamentais provindas de diversas regiões. O chefe dos jardineiros M. Baraquin e todos os mais jardineiros têm cumprido com seus deveres do modo mais louvável possível. Eu havia destinado a parte do terreno que há tempos se acabou de aterrar, na estrada de São José, para servir de viveiro às árvores frutíferas, resinosas, oleosas e especiarias que se encontram nas florestas do Pará, e neste sentido dirigi minhas ordens para o diretor das Obras Públicas. A V. Ex.<sup>a</sup> compete agora fazer o que lhe parecer mais conveniente. Era minha ideia ensaiar a cultura daquelas plantas indígenas úteis, as quais, ainda no estado selvagem, revelam o partido que a indústria poderá tirar se forem devidamente aproveitadas.<sup>615</sup>

Por outro lado, o mesmo jardim foi chamado de “pântano”, em 1858, pelo Vice-Presidente Leitão da Cunha que ainda criticou o gasto com os salários dos jardineiros franceses:

Sobreleva as considerações expostas acerca dos jardins públicos, as que se deduzem da necessidade de aproveitar de alguma forma a grande despesa, que está fazendo o tesouro provincial, com os jardineiros franceses, contratados da Europa, e que vivem em santo ócio no pântano de S. José, a que dão o nome de jardim de especiarias.<sup>616</sup>

Em 1860, o presidente Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, observou a falta de adequação do local para o funcionamento de um Jardim Público e declarou que demitiu o jardineiro francês M. Baraquin, contatando para substituí-lo o português Manoel Joaquim da Costa com dois ou três trabalhadores para ajudá-lo. Foram plantadas flores, no anteriormente conhecido como jardim de especiarias, eram rosáceas, gladiolos, hortênsias, camélias e ravenas.<sup>617</sup>

---

<sup>615</sup>PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatório apresentado ao Ilm.º ex.º dr. João da Silva Carrão no ato de ser empossado da presidência da Província do Pará por Henrique Beaurepaire Rohan*. Pará: typ. Santos & Filhos, 1857.

<sup>616</sup>PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Vice-presidente Leitão da Cunha, Relatório de 15 de agosto de 1858*.p.46.

<sup>617</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio que o Exm. Sr. & Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque Presidente da Província do Pará apresentou ao Exm. Sr. vice-presidente Dr. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis ao passar-lhe a administração da mesma Província em 12 de maio de 1860*. Pará: typ. de A. J. Rabello Guimarães, 1860.p.27.

O presidente Francisco Carlos de Araújo Brusque mencionou a preparação de um espaço mais adequado para transplantar o Jardim na estrada de São José:

Este estabelecimento não pode ser se não um jardim de recreio. Faltam-lhe um jardineiro hábil e outras condições para vir a ser jardim botânico. Entretanto, algum benefício tem a província dele tirado, porque depois que foi fundado e cultivado pelos jardineiros que para ali se mandou vir, desenvolveu-se o gosto pela floricultura, estudos de recreio, mas que são sempre companheiros da civilização. Despendeu-se com este estabelecimento 1:795\$500 réis. Convém cercar o terreno, que se acha preparado na estrada de São José, a fim de mudar-se para ali o jardim, mas é preciso que para isso seja autorizada por lei a despesa.<sup>618</sup>

É importante notar a associação feita por Brusque, no Relatório de 1862, entre civilização e o gosto pelo cultivo de flores. Essa relação era antiga, na Inglaterra, desde o século XVIII, a jardinagem era um meio pelo qual pessoas menos abastadas poderiam aspirar respeito, acreditava-se que a jardinagem tinha efeito civilizador sobre os trabalhadores por ligar o homem ao lar difundindo o gosto pela higiene e pela elegância.<sup>619</sup> Outro ponto importante demonstrado nos relatórios é a presença de trabalhadores brasileiros e estrangeiros no horto, local onde transitavam pessoas de diferentes nacionalidades e formações, e que apresentavam grande diversidade de perspectivas, que influenciaram nas mudanças ocorridas no decorrer do tempo.

Por reconhecer a importância do Jardim Público, Brusque procurou preservar o espaço, assim, em 1863, o Jardim foi removido para a Estrada de São José, por indicação de Gama e Abreu, sendo admitido mais um jardineiro para ajudar na tarefa, o antigo local passou a ser uma estação de gasômetro para ser utilizada na iluminação pública:

Autorizei a remoção deste jardim para o terreno que foi aterrado com esse destino no cruzamento das estradas de S. José e do Arsenal, não somente por ser reconhecido como menos próprio pela mesma diretoria das obras públicas, o terreno em que se achava; mais ainda porque este foi indicado pela mesma diretoria como o mais apropriado para estabelecimento do gasômetro da nova iluminação pública que se trata de realizar. Acha-se, pois, terminada a cerca e a casa de guarda na nova localidade, estando já bastante adiantados os trabalhos de surribar e nivelar o terreno. A despesa realizada no antigo e novo local importaram 3:107\$555. Autorizei provisoriamente a admissão de mais um jardineiro, porque era impossível a criação de um jardim tão extenso com um só jardineiro e dois serventes.<sup>620</sup>

---

<sup>618</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa da Província do Pará da primeira sessão da XIII legislatura pelo Exm. Sr. Presidente da Província Dr. Carlos de Araújo Brusque em 1 de setembro de 1862*. Pará: typ. de Frederico Carlos Rhossard, 1862. p.86.

<sup>619</sup> THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.p.300-301.p.332-333.

<sup>620</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa da Província do Pará da segunda sessão da XIII legislatura pelo Exm. Sr. Presidente da Província Dr. Carlos de Araújo Brusque em 1 de novembro de 1863*. Pará: typ. de Frederico Carlos Rhossard, 1863.

O Jardim era um local muito frequentado pelas famílias, especialmente nos períodos em que o clima era mais cálido e aos domingos, quando se tocava música a partir das quatro horas da tarde. Havia público, não tão intenso mesmo nos dias de chuva e nos feriados religiosos.<sup>621</sup>

Lamare era outro Presidente que valorizava o Jardim Público, e pensava neste local como um espaço de lazer, pretendia ampliá-lo desapropriando as casas ao redor e aterrando o terreno pantanoso, o jardim era uma “necessidade axiomática”:

Destituída de distrações e de lugares destinados ao recreio de sua já crescida população, esta capital precisava urgentemente melhorar esse estabelecimento que apesar de já ter consumido não pequenas quantias, não preenchia ainda o fim de sua instituição; (...). Não fornecendo, porém o jardim espaço algum para este pavilhão, foi para este fim aproveitada uma porção de terreno pantanoso que fiz aterrar, e que estava compreendido entre o mesmo jardim e uma propriedade particular, que tem frente para a Rua do Atalaia. Julgo de necessidade a desapropriação desse terreno para aumentar o pequeno e acanhado espaço ocupado pelo jardim público, cuja necessidade é hoje axiomática.<sup>622</sup>

Mesmo Abel Graça, que extinguiu a Repartição de Obras Públicas, no seu Relatório não criticou o Jardim, ao contrário, mencionou contratar pessoal mais especializado para empreender melhoramentos.<sup>623</sup> Mas o jornal *O Liberal do Pará* denunciava o abandono em que o jardim se encontrava no ano de 1871:

#### **Jardim Público**

Consta-nos que S. Exc. o Sr. Presidente da Província visitou ontem este estabelecimento, que deve estar bem estragado em razão do censurável descuido do seu administrador o jardineiro, que talvez nem lá fosse encontrado por S. Exc.; pois, segundo dizem, ele passa a maior parte do tempo em casa como se fosse um empregado aposentado: e depois...deixemo-nos de meias medidas, como pode ser bom jardineiro aquele que não entende patavina de botânica?!<sup>624</sup>

Culpando o descuido do jardineiro, no cumprimento de suas funções, nas entrelinhas, entendia-se a crítica do jornal de oposição aos conservadores, afinal, com a inexistência da Repartição não havia quem fizesse a inspeção de forma mais metódica, pois no modelo econômico de Abel Graça havia apenas dois engenheiros efetivos.

Em 1879, Gama e Abreu tornou-se Presidente da Província, procurou analisar o estado de todas as obras em que havia se envolvido como diretor das Obras Públicas. Seu

---

<sup>621</sup> PARÁ, Secretária da Presidência da Província. *Relatório da Repartição de Obras Públicas. Anexos ao relatório com que o excellentissimo senhor vice-almirante e conselheiro de guerra, Joaquim Raymundo de Lamare, passou a administração da província do Gram-Pará ao excellentissimo senhor visconde de Arary, 1.º vice-presidente, em 6 de agosto de 1868.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, [n.d.],p.2.

<sup>622</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868.*

<sup>623</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na primeira sessão da 17.a legislatura pelo quarto vice-presidente, dr. Abel Graça.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1870.p.43.

<sup>624</sup> *O Liberal do Pará.* Belém, 15 de janeiro de 1871.

comentário a respeito do Jardim é saudosista diante de uma imagem de decadência, de perda e de abandono. O pequeno lago foi transmutado em aningal e as poucas e resistentes flores o faziam lembrar-se do passado:

E com lástima que eu, que fui o criador do Jardim Público que possuíamos sito no cruzamento das estradas do Arsenal e S. José, e que era um local ameno, em que os habitantes iam, nos dias feriados descansar das fadigas semanais, me vejo obrigado a dizer-vos, que tudo isso se perdeu, que tudo está destruído. O pequeno lago converteu-se em vigoroso aningal e apenas alguma eritrina, fazendo notar suas flores brilhantes, vem recordar o antigo Jardim Público Paraense. Não vos proponho a sua restauração, porque além de bastante custosa, outras obras mais necessárias chamam a vossa atenção. Acha-se atualmente alugado pela quantia anual de 180\$000.<sup>625</sup>

As estradas estavam em abandono em 1880, renques frondosos davam lugar à devastação, árvores haviam sido cortadas, outras morreram e não foram substituídas, a Estrada de São José que ele considerava uma das mais belas do mundo apresentava a falta de três palmeiras, as valas estavam sujas. Com a extinção da Repartição de Obras Públicas, a Câmara Municipal não dava conta de conservar as plantações, serviço prestado anteriormente por 12 guardas campestres.<sup>626</sup>

O sonho de Gama e Abreu em ver novamente um espaço com paisagens agradáveis em Belém, como o *Bois de Boulogne* e o *Vincennes*, descritos em seus *Apointamentos de Viagem*, só foi concretizado com o Bosque Municipal que foi inaugurado em 15 de agosto de 1891, pelo próprio Abreu, já denominado Barão de Marajó.

O Bosque, projetado pelo engenheiro Nina Ribeiro, era um espaço para o lazer, interação e contemplação da natureza. Já idealizado desde 1869, período em que Gama e Abreu foi diretor da Repartição das Obras Pública, como mostra o documento de aprovação do terreno próximo à Estrada de Bragança para servir de Bosque para o lazer da população:

A Câmara depois de ouvido o Engenheiro e discutida a matéria, resolveu unanimemente, que se adaptasse a ideia já aprovada pela câmara tratada em sessão de 13 de fevereiro do ano passado, de se reservar, no fim da légua onde entesta com a Estrada de Bragança 450 braças em quadro a estrada que vai do Boulevard, para servir de bosque de recreio a população.<sup>627</sup>

---

<sup>625</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879.* Pará, 1879.p.15.

<sup>626</sup> PARÁ. Relatório do Governo Província do. *Relatório apresentado pelo Excelentíssimo Senhor Dr. José Coelho da Gama e Abreu Presidente da Província a Assembleia Legislativa do Pará na sua 1ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1880.* Pará, 1880.p.15.

<sup>627</sup> *O Liberal do Pará.* Belém, 12 de fevereiro de 1870. p.1.

Passemos agora ao teatro, outro símbolo de sociedade civilizada, afinal nos dizeres de Gama e Abreu: “teatros marcham sempre de par com a civilização”.<sup>628</sup> As obras de urbanismo eram imprescindíveis às cidades cultas:

Bem sabeis, senhores, de quanta vantagem, e mesmo necessidade são tais lugares às populações das cidades cultas, e, pois, convireis naturalmente que são obras que se devem fazer atentas aquelas proporções. Logo que o permitam os cofres provinciais. A de que vos falei em último lugar trará mais a vantagem de regularizar a bela Praça do Palácio, que não tem rival em muitas cidades do império; sendo para isso necessário que autorizeis a demolição do edifício começado para teatro que ali existe.<sup>629</sup>

Frequentador e observador da estrutura dos teatros considerava o Teatro de Bordeaux como o melhor da França, sendo superior também aos dois grandes teatros existentes em Londres, ao Real do Oriente de Madri e ao de São Carlos em Portugal. Esse prédio era superado apenas pelo Teatro Scala de Milão, pelo Teatro de São Petersburgo e pelo Teatro de Viena.<sup>630</sup> O Grande Teatro de Bordeaux era mais grandioso que a Grande Ópera de Paris:

A respeito do *grande teatro* direi apenas que não tem rival em França, e que bem poucos na Europa lhe serão superiores; com isto julgo dizer quase tudo. O próprio edifício da *Grande Ópera*, quase concluído em Paris, abundando em belezas da arte, e em riqueza de materiais, não tem, na minha opinião, o grandioso de todo, a simplicidade de forma e o caráter imponente, que apresenta este edifício, um dos poucos que conserva ainda traços dos grandes edifícios da antiga Grécia. A situação do teatro foi bem escolhida, pois não só forma um dos lados de uma bela praça, mas é inteiramente isolado pelas quatro ruas que o circundam.<sup>631</sup>

O Relatório da Repartição de Obras Públicas de 1868 deixa claro que o velho teatro Providência não suportaria muito tempo e que o novo teatro deveria ser construído nas proximidades de comércios com produtos de luxo, de cafés e restaurantes para que o governo arrecadasse impostos, não sendo o teatro apenas um prédio dispendioso.<sup>632</sup>

---

<sup>628</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Relatório apresentado pelo diretor da Repartição de Obras Públicas, José Coelho da Gama e Abreu, ao vice-presidente da Província Miguel Antonio de Pinto Guimarães, Belém, Pará.* 15 de outubro de 1855. Publicado como Anexo ao Relatório de 1855 (S1VI-S1XIV).

<sup>629</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Relatório apresentado pelo diretor da Repartição de Obras Públicas, José Coelho da Gama e Abreu, ao vice-presidente da Província Miguel Antonio de Pinto Guimarães, Belém, Pará.* 15 de outubro de 1855. Publicado como Anexo ao Relatório de 1855 (S1VI-S1XIV).

<sup>630</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem.* Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.135.

<sup>631</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem.* Tomo I. Lisboa: Typographia Universal, 1874.p.134.

<sup>632</sup> PARÁ, Secretária da Presidência da Província. *Relatório da Repartição de Obras Públicas. Anexos ao relatório com que o excellentissimo senhor vice-almirante e conselheiro de guerra, Joaquim Raymundo de Lamare, passou a administração da provincia do Gram-Pará ao excellentissimo senhor visconde de Arary, 1.o vice-presidente, em 6 de agosto de 1868.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, [n.d.]p.7.

Durante a administração de Lamare, em 1868, foi autorizada a construção de um novo teatro, mais adequado às necessidades da população do que o Providência:

Reconhecida geralmente a necessidade indeclinável de um teatro decente, e que corresponda a população e importância dessa capital, autorizou a Assembleia provincial a 11 de outubro do ano próximo findo, esta Presidência a contratar com um empresário ou companhia a construção de um teatro público, (...) <sup>633</sup>

Para suprir essa ânsia de parte da população, em 1869, foi assentada a pedra fundamental do Teatro da Paz, com alguns impasses sendo o primeiro deles entre a Repartição e a Presidência. Pois, o escolhido por Gama e Abreu e pela comissão das Obras Públicas para essa finalidade foi Antonio Augusto Chermont, mas, o Presidente da Província escolheu o projeto de José Tiburcio Magalhães. Cinco dias após o assentamento da pedra fundamental, ocorreu uma reunião, presidida por Gama e Abreu, com o objetivo de arguir o engenheiro José T. P. de Magalhães, haviam 12 pontos listados como “infrações às regras de arquitetura”, o projeto, inspirado no Teatro de Bordeaux, foi aprovado com algumas alterações. <sup>634</sup>

De acordo com o relatório do presidente Abel Graça, em 1871, o Teatro da Paz teve as obras arrematadas pelo empreiteiro João Francisco, estavam concluídas as obras de alvenaria, do reboco e da guarnição exterior; soalhados e forrados os corredores e camarotes nas quatro ordens, faltava a instalação das portas e as obras do palco estavam em andamento. <sup>635</sup>

O período de 1874-1878 foi marcado por críticas e polêmicas relacionadas ao projeto, especialmente aos excessivos gastos de dinheiro público e às diferenças vinculadas ao projeto e à obra executada. Entre 1887 e 1890, o teatro passou por sua primeira reforma recebendo a pintura do teto da sala de espetáculo elaborada pelo artista italiano Domenico de Angelis e por sua equipe; ganhou o pano de boca idealizado por Chrispim do Amaral e confeccionado no ateliê do cenógrafo da ópera de Paris, Eugène Carpezat. <sup>636</sup>

---

<sup>633</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868*.p.40.

<sup>634</sup>PARÁ, Secretária da Presidência da Província (série 13ª-ofícios-1869-1876). *Repartição das Obras Públicas. Cópia da Ata da reunião do Conselho da Repartição das Obras Públicas*. 8 de março de 1869.

<sup>635</sup> PARÁ. Relatório de Governo da Província. Relatório apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na segunda sessão da 17.a legislatura pelo dr. Abel Graça, presidente da provincia. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1871.p.41

<sup>636</sup> SILVEIRA, Rose. *Histórias invisíveis do Teatro da Paz*. Belém: Paka-tatu, 2010.p.62-63.

A reforma empreendida, por Augusto Montenegro nos anos 1904-1905, consolidou a aparência atual da edificação, deixando “invisíveis” tanto a fase de sua conturbada construção de 1869 a 1874, quanto o período de sua primeira reforma entre 1887 e 1890.<sup>637</sup> Na fotografia a seguir, uma imagem do teatro após a primeira reforma:



Figura 13: **O Salão nobre do Teatro da Paz por Felipe Findanza.**

Fonte: PARÁ, Governo do. (1897-1901: J.P. de Carvalho). *Álbum do Pará em 1899*.p.123.

De acordo com Peter Burke, um palácio é um símbolo de poder e de autorrepresentação do proprietário,<sup>638</sup> o Palácio Municipal foi pensado como edifício público, que talvez pretendesse cristalizar a memória de seu criador (Antonio Coelho de Sá e Albuquerque) ou do projetista (Gama e Abreu) antes de ser conectado ao mito do intendente Antonio Lemos, ao receber o nome do político muito tempo depois.

O Paço Municipal foi idealizado pelo Presidente Antonio Coelho de Sá e Albuquerque como um espaço que pudesse servir para abrigar diversas instituições, diminuindo os custos com alugueis e acabando com as inoportunas mudanças de prédios. Seria a sede do poder da província e de sua capital, abrigando instituições como a Assembleia Provincial, a Câmara Municipal, o Tesouro Público Provincial e as Obras Públicas; o projeto do Palácio foi feito por Gama e Abreu:

O reconhecimento dos maus cômodos, a que se acham condenadas todas as instituições provinciais convenceu-me, pois, da necessidade urgente de ser construído um edifício

<sup>637</sup> SILVEIRA, Rose. *Histórias Invisíveis do Teatro da Paz*. Belém: Paka-Tatu, 2010. p. 43-44.

<sup>638</sup> BURKE, Peter. *A fabricação do rei – a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

com proporções para recebê-las decente e comodamente. Dominado por esta ideia determinei ao diretor de Obras Públicas, que fizesse a planta e respectivo orçamento de um edifício nas condições expostas. Este trabalho me foi apresentado, e mereceu minha aprovação. A escolha do terreno adaptado era objeto de grande transcendência. Ouvi pareceres de pessoas que poderiam em tal caso aconselhar-me e depois dos necessários estudos resolvi que fosse construído o edifício na Praça do Relógio da Presidência, concorrendo assim para aformoseamento da mesma praça da cidade. No dia 14 do mês passado lancei a primeira pedra deste grande edifício e as obras vão continuando.<sup>639</sup>

Em 1861 e 1862, foram concluídos os alicerces, faltavam apenas os cubos ou castelos de engenharia em que deveriam ser assentadas as colunas.<sup>640</sup> Gama e Abreu pediu que fosse votada a soma de 50: 000\$000 para a cantaria das paredes exteriores do primeiro andar, quantia que o Presidente considerava excessiva para o orçamento da Província, pois significaria o sacrifício de outros interesses. Os parlamentares concordaram, autorizando uma verba menor o que não foi suficiente paralisando as obras.<sup>641</sup>

Houve continuidade da obra no governo de Abel Graça, época em que o palácio sofreu modificações nos planos originais, com a demolição dos entrecolúnios dos pátios interiores para maior solidez do edifício, a alteração custou aos cofres públicos 16:869\$597.<sup>642</sup> Depois houve o abandono da obra e apenas no governo de Bandeira de Mello Filho, que tencionando dar ocupação aos migrantes cearenses, os contratou para fazer o soalho e guarnições para janelas e portas.<sup>643</sup>

Apenas no final do governo de Gama e Abreu, em 1881, foram realizadas as obras de acabamento primoroso do Palácio como as de pedreiro, carpinteiro, pintor e estucador. Estava concluída a escada monumental e os acabamentos do terraço e pórtico.<sup>644</sup> A escada e os estuques no teto podem ser observados na imagem a seguir:

---

<sup>639</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio que o Exm. Sr. & Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque Presidente da Provincia do Pará apresentou ao Exm. Sr. vice-presidente Dr. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis ao passar-lhe a administração da mesma Provincia em 12 de maio de 1860.* Pará: typ. de A. J. Rabello Guimarães, 1860.p.28.

<sup>640</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatório apresentado a Assembléa Legislativa da Província do Pará na primeira sessão da XIII legislatura pelo Exm<sup>o</sup> Presidente da Província Dr. Francisco Carlos de Araújo Brusque em (ilegivel) setembro de 1862.* Pará: Typ. de Frederico Carlos Ruossard, 1862.p.85.

<sup>641</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatório apresentado a Assembléa Legislativa da Província do Pará na segunda Sessão da XIII legislatura pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da Província Doutor Francisco Carlos de Araújo Brusque em 1 de novembro de 1863.* Pará: Typ. de Frederico Carlos Ruossard, 1863.p.103.

<sup>642</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na segunda sessão da 17.a legislatura pelo dr. Abel Graça, presidente da provincia.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1871.p.43.

<sup>643</sup> PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Falla com que o Exm.<sup>o</sup> Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879.* Pará, 1879.

<sup>644</sup> PARÁ, Relatório do Governo Província do. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na 2ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1881 pelo Exm.<sup>o</sup> Sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu.* Pará, 1881.p.22-23.



Figura 14. Escada do Paço Municipal/Palácio Antonio Lemos

Fonte: Fotografia de Percival Tirapeli. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/>. Acesso em 25 de junho de 2005.

Estes três projetos, as paisagens agradáveis, o palácio e o teatro ainda estão presentes na paisagem urbana da cidade de Belém. Como lugares da memória, lembram o tempo que se convencionou chamar de “bela época”, plasmado nas reformas e ressignificações republicanas. O projeto da cidade imperial e seus sujeitos, atuantes no planejamento e construção desses espaços tornaram-se quase desconhecidos.

### **3.3. A educação e a imigração**

Em relação à educação, Gama e Abreu a considerava como um fator primordial ao futuro: “a defesa de um país consiste tanto no numero de baionetas como no de filhos

inteligentes que possuir".<sup>645</sup> Em seu Relatório de 1879, citou a opinião do estadista e advogado norte-americano Daniel Webster a respeito da instrução pública, como primordial para formar uma população capaz de depreender as causas dos problemas, buscando para sua resolução.<sup>646</sup> Sempre esteve envolvido nas questões relacionadas à educação ensinava matemática e também inglês no Lyceu,<sup>647</sup> além de participar como examinador de bancas para a seleção de professores.<sup>648</sup> Acreditava que os professores deveriam exercer a sua profissão como um sacerdócio, uma atividade diferente dos outros empregos.<sup>649</sup>

No relatório de 1879, Gama e Abreu defendeu a obrigatoriedade da educação primária, e para convencer a Assembleia Legislativa citava os relatórios europeus que aconselhavam o ensino obrigatório, mesmo que se adotassem medidas coercitivas para as famílias a exemplo da Noruega, Suécia e Dinamarca ou multas como ocorria na Áustria, Baviera Wurtemberg e Baden.<sup>650</sup> Desde 1854, havia uma legislação que exigia a educação primária para todos, o que não foi aceito por todas as províncias, como as de Alagoas, do Rio Grande do Sul e do Amazonas, esta última rejeitou a obrigatoriedade por considerá-la vexatória e ilegal.<sup>651</sup> No Pará, a opinião de muitos políticos era semelhante a do Amazonas, o que se verifica pelo esforço de convencimento de Gama e Abreu em seu discurso.

A comparação com os países europeus fazia parte de uma retórica, adotada também pelo jornalista Santa-Anna Nery em um artigo publicado na *Revue Pédagogique* em 1884, que utilizando dados de 1869 e de 1876 com maestria, produziu um discurso de persuasão e manipulação das estatísticas para divulgar na França um quadro da educação

---

<sup>645</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879. Pará, 1879.p.11.

<sup>646</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879. Pará, 1879.p.5.

<sup>647</sup> Em 1859, Gama e Abreu pediu dispensa da cadeira de inglês, conforme o jornal *A Epoque*: "Ao Dr. José Coelho da Gama e Abreu comunico a vcm. para sua inteligência e governo, que tenho nomeado ao capitão José Luis da Gama e Silva para servir de examinador dos pretendentes a cadeira de inglês do liceu paraense, que se acha vaga, em lugar de vcm. que foi dispensado em vista das razões que me apresentou". *A Epoque*. Belém, 31 de janeiro de 1859.p.3.

<sup>648</sup> *A Epoque*. Belém, 7 de novembro de 1859.p.2

<sup>649</sup> PARÁ. Relatório do Governo Província do. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na 2ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1881 pelo Exm.º Sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu*. Pará, 1881.p.11.

<sup>650</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879. Pará, 1879.p.6.

<sup>651</sup> ZICHIA, Andrea de Carvalho. *O direito à educação no Período Imperial: um estudo de suas origens no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Educação. USP, São Paulo: 2008.

no Brasil, cuja posição se encontrava em padrão não muito distante e até mesmo superior a de países europeus.<sup>652</sup>

Gama e Abreu, ao contrário, apresentou uma situação diferente. Mesmo com um crescente número de matrículas, havia muitas crianças que não frequentavam a escola, pois o número destas era insuficiente se comparado aos países “civilizados” que possuíam em média uma escola para cada grupo de 500, 300 ou 160 habitantes; no Pará essa média era de 1640 habitantes para uma escola, por isso era impreterível o ensino para os que tivessem idade adequada, sugerindo medidas coercitivas aos pais que negligenciassem a lei.<sup>653</sup> A condição das escolas era de penúria das 220 existentes apenas 30 se achavam convenientemente mobiliadas.<sup>654</sup>

Partindo da análise desse quadro indicou algumas ações primordiais para melhorar a educação como: gasto com edificação de escolas, compra de mobílias, de material didático (para os alunos), de material de expediente, a criação de uma escola efetiva para a educação feminina, a criação de 18 escolas elementares, que os ordenados dos professores antigos fossem igualados com o dos modernos e criação de uma comissão para reformar os regulamentos da instrução primária e secundária.<sup>655</sup>

A preocupação com a educação sempre foi presente na vida política e intelectual do Barão de Marajó. Muitas de suas ações visavam expandir a educação pública para os menos favorecidos e incluíam o investimento na formação dos professores como uma das medidas para aprimorar os métodos de ensino: “Entre as tentativas feitas modernamente para melhorar o estado da instrução pública, uma das que melhores resultados tem dado é a criação da Escola Normal, pois que os modernos professores instruídos nesta escola muito se avantajam aos antigos”.<sup>656</sup>

Seus relatórios demonstram que dava grande importância a instituições culturais, como museus, bibliotecas e escolas; como demonstra sua atuação na formação do acervo

---

<sup>652</sup> VIDAL, Diana Gonçalves. Em defesa da imagem do Brasil no exterior: Frederico José de Santa-Anna Nery e a escrita da história da educação no Império. *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas-SP, n. 24, set./dez. 2010. p. 113-137

<sup>653</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879. Pará, 1879.p.6.

<sup>654</sup> PARÁ. Relatório do Governo Província do. *Relatório apresentado pelo Excelentíssimo Senhor Dr. José Coelho da Gama e Abreu Presidente da Província a Assembleia Legislativa do Pará na sua 1ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1880.* Pará, 1880.p.8.

<sup>655</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província do. Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879. Pará, 1879.p.11.

<sup>656</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil.* Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p. 29.

e no apoio ao museu, chegando a assumir a diretoria do Museu Paraense em 1881 e participando posteriormente de uma associação de apoio a essa instituição.

Para Nelson Sanjad, a criação do Museu Paraense resultou de um contexto mundial de valorização das ciências naturais e museus<sup>657</sup> e das ações políticas de indivíduos de perfil semelhante, formados por universidades estrangeiras entre os anos de 1840 e 1850 (Gama e Abreu, Américo Marques Santa Rosa, José Ferreira Cantão e Joaquim Pedro Correia de Freitas); o pesquisador Ferreira Penna foi um elo entre a política e os interesses da ciência e instrução pública.<sup>658</sup>

Sabendo do envolvimento do Barão de Marajó em projetos relacionados à educação, à cultura e à ciência; Emilio Goeldi, diretor do Museu Paraense, pediu apoio para a instituição e especialmente na questão da conservação de sítios arqueológicos, afinal o Barão já havia sido diretor do Museu Paraense em 1881, e em 1893 foi expositor da sessão de arqueologia e etnologia, conhecendo bem as dificuldades em que a instituição se encontrava:

Peço o vosso valioso auxílio em prol do novo Museu Paraense de História Natural e Etnografia, e definindo mais de perto a minha ideia tomo a liberdade de indicar como campo de trabalho em primeiro plano merecedor de atenção, justamente aquele no qual tão manifestas provas de habilitação destes, já como particular, já como funcionário público e representante oficial deste Estado em exposições internacionais. Facilmente entenderéis que falo da Etnografia e da Arqueologia. Estes dois ramos da ciência, precisam, especialmente em relação à Amazônia, de dedicados e pacientes cultivadores, de enérgicos braços e esclarecidos espíritos para emergir finalmente do roda-moinho de teorias mais ou menos absurdas que vogam até hoje (...). Ajudai para que este Museu possa usar dignamente da designação que hora pretende, obtendo-lhe coleções metodicamente feitas, estudando um programa racional para proceder neste assunto e indicando os meios e as providências a adotar para a salvação dos tesouros, que, segundo consta de fonte fidedigna, tão graves perigos lá correm uns anos para cá.<sup>659</sup>

Respondendo ao pedido de Goeldi, ele indicou algumas medidas que pensava serem necessárias para evitar a degradação dos sítios arqueológicos como a proibição das escavações nos *mounds*<sup>660</sup>; a compra dos sítios dos particulares que não pudessem ser considerados monumentos históricos para que não fossem estragados por especuladores; conseguir uma verba anual no orçamento do estado para o trabalho de escavações das

---

<sup>657</sup> A criação da Sociedade Filomática foi formada após a visita de Agassiz e o Museu Paraense ganhou proteção especial no momento em que ocorriam as Expedições Morgan.

<sup>658</sup> SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: fundação Oswaldo Cruz, 2010.p.119.

<sup>659</sup> GOELDI, Emílio. Offício ao Sr. Barão de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia*, Pará: Typ. de Alfredo Silva & Cia, 1895.p.85.

<sup>660</sup> *Mound* era um termo em inglês para se referir aos cemitérios indígenas. O pesquisador Ferreira Penna os denominava *ceramios*. A respeito ver: ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.315.

necrópoles indígenas; multas para quem transportasse para fora do Brasil quaisquer objetos de arqueologia índia; impostos pesados para quem os quisesse transportar manifestando oficialmente a intenção. Indicou também alguns locais de *mounds* dentro do Estado do Pará:

Nas cercanias de Santarém existem diversos *mounds*, tem sido, porém, visitados o da Taperinha, e um outro na Fazenda Ayayá. Em Monte Alegre, onde tantos vestígios de si deixaram os índios, forçosamente devem eles existir; não tem, porém, sido encontrados. No rio Maracá existem cavernas extensas em que se encontra um depósito de urnas funerárias de diversas formas; estas cavernas foram visitadas por Ferreira Penna. Na Ilha de Marajó conheço os seguintes:

1° Mound do Pacoval da nação no rio Arary.

2° *Mound* do Saranhão.

3° *Mound* das Cuieiras.

4° *Mound* da Ilha dos Marcos, pertencentes aos Srs. Crus Macedo & Cia.

5° *Mound* Pacoval, pertencente aos mesmos senhores.

6° *Mound* Tapéra, pertencente ao Sr. Coronel Francisco Bezerra da Rocha Moraes.<sup>661</sup>

Da mesma forma em que demonstrou interesse pelo Museu Paraense, o Barão de Marajó participou das propostas republicanas em prol da educação fazendo parte da Sociedade Propagadora do Ensino, uma associação criada em novembro de 1891, que tinha o objetivo de divulgar o ensino prático e teórico, sobretudo aos trabalhadores. Além do criador e sócio benemérito Lauro Sodré, possuía cerca de 200 sócios que contribuía mensalmente 1\$000 réis.<sup>662</sup>

A primeira diretoria da Sociedade Propagadora de Ensino foi composta por: Pereira Guimarães, Alexandre Tavares, Vicente Couto, Gentil Bittencourt, Ó de Almeida, Henrique Santa Rosa, Vasconcelos Drumond, Victor Bezerra, João Gualberto da Costa e Cunha, Leandro Campos, Visconde de São Domingos, Ignácio Nogueira, George Carlos Wiegandt, Raimundo Espindola, Antonio Marçal, Pedro Chermont, Alvares da Costa, Octaviano Paiva Júnior, Elias Vianna, José Castro Figueiredo, Egidio Leão Salles, Manoel Antonio de Castro, Raymundo Alves da Cunha, Candido Moura e o Barão de Marajó.<sup>663</sup>

Lembramos que mesmo voltado para os projetos de educação, ciência, cultura e transformação da *urbe*, Gama e Abreu se empenhou no projeto da vinda de imigrantes para a região e a formação de colônias agrícolas. Em 1855, durante o governo de Rego Barros, projetou acomodações destinadas a imigrantes portugueses na cidade de Óbidos:

---

<sup>661</sup> MARAJÓ, Barão de. Resposta do Sr. Barão de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia*, Pará: Typ. de Alfredo Silva & Cia, 1895.p.87.

<sup>662</sup> MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário official, 1895.

<sup>663</sup> MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário official, 1895.

“(…) outras obras já estão delineadas, como V. Ex<sup>a</sup>. poderá ver das plantas ultimamente remetidas pelo respectivo Diretor e suas comunicações sobre esse assunto, que se acham na Repartição de Obras Públicas”.<sup>664</sup>

Desde os fins do século XIX, a falta de mão de obra era um problema recorrente e para supri-lo as preferências das elites eram dadas aos imigrantes europeus, conforme consta no documento que notifica a criação da Sociedade Paraense de Imigração.<sup>665</sup>

De acordo com Barbara Weinstein, os projetos de colônias agrícolas e incentivo à imigração europeia estavam presentes por todo o Brasil, um grupo expressivo na defesa dessas ideias foi a Sociedade Central de Imigração (1883), formada por pessoas muito influentes como o escritor Alfredo d’Escragolle Taunay, o político Henrique Beaurepaire Rohan e o engenheiro André Rebouças. Esse grupo desejava a formação de comunidades agrícolas formadas por imigrantes europeus que infundiria técnicas agrícolas mais aprimoradas, contribuindo também para o “branqueamento” da população e para difundir hábitos mais diligentes no trabalho; servindo como alternativa para as grandes propriedades voltadas para a monocultura.<sup>666</sup>

A imigração estrangeira era vista como um “poderoso elemento” de que se necessitava para a prosperidade da região Amazônica, como pode ser percebido no livro *A Amazonia* do Barão de Marajó que aborda os impasses sofridos pelos governos das províncias do Pará e do Amazonas para implantar os projetos de imigração e colonização agrícola:

A emigração? Desafio que me apontem um só fato, uma só ordem tendente a fazer fluir a imigração para as províncias do Norte. Duas únicas tentativas houveram em favor do Pará, uma paga pelos cofres provinciais trouxe ao Pará três mil indivíduos portugueses e espanhóis; outra de iniciativa particular trouxe 250 cidadãos do sul dos Estados Unidos, e cumpre reconhecer que o então Presidente da Província Dr. P. Leão Veloso se mostrou o mais solícito em patrocinar essa tentativa devida aos srs. A. Eduardo Costa, F. Gaudencio da Costa, Manuel Pimenta Bueno, Gama e Abreu e outros.<sup>667</sup>

Devido ao governo imperial, os imigrantes eram conduzidos para outros estados, um exemplo dessa situação foi que o governo imperial, acreditando ser impossível a aclimação dos colonos alemães nas províncias do norte, acabou destinando-os ao sul: “De há muita lavra se robustece nas duas províncias de que ambas são quase

---

<sup>664</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província. *Presidente da Província Rego Barros. Exposição 14 de maio de 1855. Publicada como anexo da falla de 26 de outubro de 1855.*p.7.

<sup>665</sup> PARÁ. Relatório do Governo da Província. *Falla 1885.* p. 82-86

<sup>666</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.p.141.

<sup>667</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.36-37.

completamente olvidadas pelo sul do império, em tudo o que era para suas irmãs é concedido”.<sup>668</sup>

O livro, *A Amazonia*, fazia parte de um contexto mais amplo de movimentos favoráveis à descentralização ocorridos na década de 1880. Um exemplo eram os paulistas, bastante favoráveis a essa ideia por não poderem gerir diretamente as rendas produzidas pelo estado ou determinar em nível nacional questões fundamentais. No Pará, a escassez de repasses financeiros aliava-se à diminuição da representação no parlamento nacional, mesmo que a província fosse um dos principais contribuintes do tesouro imperial.<sup>669</sup>

A falta de investimento do governo central em projetos de imigração para a região amazônica justificava-se pelo clima não favorável à saúde dos imigrantes: “Se o clima é ardente e pesado para as populações europeias, porque não se estudou ainda se dando descanso maior nas horas de calor não obstante a diminuição das horas de trabalho, a fertilidade da terra compensaria?”.<sup>670</sup>

Durante esse período, era corrente a crença a respeito de doenças provocadas por fatores climáticos. As opiniões de autoridades da época eram influenciadas pelo determinismo geográfico, uma corrente teórica inspirada pela tese de Ratzel, publicada em 1882, na qual a natureza determinava as condições para que nação se desenvolvesse ou não. Dessa forma, o clima quente e úmido da Amazônia podia ser considerado um empecilho para a fixação de imigrantes estrangeiros, elementos necessários ao progresso da região, conforme os projetos políticos empreendidos na época.

Gama e Abreu contrapõe esse determinismo divulgando as teorias do geógrafo Th. Lavollé, autor da obra *Harmonie des Continents et des mer*, em um artigo, presente na obra comemorativa *O Pará em 1900*, intitulado “Geografia Physica do Pará”. O geógrafo francês defendia a tese de que as correntes aéreas recebidas pelos continentes harmonizavam o clima, pois as áreas quentes receberiam ventos frios vindos do mar e as áreas frias receberiam ventos quentes, nesse sistema equilibrado, a Amazônia teria um dos climas mais agradáveis do mundo.

---

<sup>668</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.13.

<sup>669</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.p.126-127.

<sup>670</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.37.

Apesar desse clima benéfico, descrito por Lavollé, Gama e Abreu indicava para a Amazônia trabalhadores portugueses e espanhóis, por serem os mais adaptados ao calor tropical. Havia ainda outra possibilidade para a imigração na Amazônia, a vinda dos chineses, mesmo que os “chinas” não configurassem o colono ideal, eles seriam melhores que o africano.<sup>671</sup>

Além do artigo na obra de propaganda *O Pará em 1900*, o livro *A Amazonia* procurava afirmar a regularidade do clima amazônico procurando corroborar suas ideias com o depoimento de viajantes estrangeiros como Bates, Wallace e Agassiz.

Henry Walter Bates, viveu na região entre 1848 e 1859, coletou uma grande quantidade de espécimes, em especial insetos, sua obra mais importante foi *Um naturalista no rio Amazonas* na qual destacou a natureza e a cultura local, sendo talvez o viajante com opinião mais positiva sobre a Amazônia. Ao analisar as mudanças nas espécies em diversas regiões verificou que o clima era um fator menos importante para determinar a beleza ou tamanho de espécies de plantas ou animais:

Se refletirmos sobre todos esses fatos, chegaremos a conclusão de que o clima, que a princípio nos sentíamos inclinados a atribuir tão grande importância, tem realmente pequena ou nenhuma influência. Darwin foi levado à mesma conclusão, há muitos anos (...).<sup>672</sup>

Alfred Russel Wallace, naturalista viajante de nacionalidade britânica, chegou à Amazônia no mesmo ano que Bates e fez coleta de exemplares da fauna e flora de regiões exóticas que enviava para museus na Europa. Realizou pesquisas no arquipélago malaio<sup>673</sup> e esteve no Brasil entre 1848 a 1852; escreveu sobre os peixes da Amazônia em *Peixes do Rio Negro em Viagens pelo rio Amazonas e rio Negro*, a respeito do clima sua opinião era ambígua sendo mencionado como colaborador algumas vezes para saúde outras para doença, mas a natureza foi retratada de modo a ressaltar as possibilidades e as riquezas aos que viessem à região.<sup>674</sup>

O naturalista suíço-americano Louis Agassiz (1807-1873), em seu livro *Conversações Científicas sobre o Amazonas*, comparou a beleza da região a uma obra artística, cuja descrição só poderia ser feita por alguém que reunisse em si os dons da poesia e da pintura. A natureza era exposta de forma poética, ao mencionar o rio Amazonas ele utiliza a expressão “oceano de água doce” para sugerir a grandeza e pureza

---

<sup>671</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.35.

<sup>672</sup> BATES, Henry Walter. *O naturalista no rio Amazonas*. São Paulo:Brasiliense, 1944.p.49.

<sup>673</sup> Atualmente Malásia e Indonésia.

<sup>674</sup> WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo rio Amazonas e rio Negro*. 1889.p.7.

do rio: “É um oceano lançado sobre uma superfície lisa, num oceano de água doce que pende para o oceano salgado” ou nessa descrição dos igarapés amazônicos

O encanto é muito maior nos igarapés, canais menores mais estreitos, verdadeiras veredas aquáticas que penetram na floresta, com ambas as margens alcatifadas de verdura, engrinaldadas de cipós e folhagens.<sup>675</sup>

Entre os escritores nacionais a referência de Gama e Abreu foi o intelectual Antonio Ladislau Baena: “A saúde pública nas duas províncias tanto quanto se pode ajuizar em um país no qual quase não há estatística de gênero algum que possa servir de guia (...) Baena na sua muito útil e interessante obra *Ensaio Corográfico sobre o Pará*”.<sup>676</sup>

Antonio Baena foi militar, atuou como professor de matemática (na Escola Militar) e pesquisador. Escreveu duas obras de referência sobre a Amazônia: *Compêndio das Eras da Província do Pará (1615-1823)* e *Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará (1839)*, a opinião de Baena a respeito do clima era dual, tanto contribuía para a longevidade quanto poderia acarretar problemas de saúde.<sup>677</sup>

Para Maria de Nazaré Sarges, o clima benéfico era um dos muitos atrativos presentes nas obras de propaganda destinadas aos espanhóis como *A Amazônia -1900*<sup>678</sup> e *El Pará*. Havia uma tendência dos intelectuais de valorizarem os elementos naturais da região amazônica para atraírem os imigrantes estrangeiros utilizando expressões como “mediterrâneo de água doce”,<sup>679</sup> ao se referirem ao rio Amazonas, como na obra *O país das Amazonas*, de Santa-Anna Nery, que apresentava o rio Amazonas, tal como Agassiz, um “oceano de água doce”.<sup>680</sup>

Os rios, além de servirem de atrativo discursivo aos imigrantes, significavam a possibilidade de comunicação e negócios, e deveriam, segundo Gama e Abreu, tornarem-se estradas ou redes internacionais:

pois ocupando-me do valor e importância comercial dos principais rios da região Amazônica com indesculpável descuido deixara de falar do grande rio Tocantins, de certo um dos mais consideráveis não só pelo seu curso e volume de águas como por ser importantíssimo, como meio de comunicação com outras províncias do Império;<sup>681</sup>

---

<sup>675</sup> AGASSIZ, Louis. *Conversações Científicas sobre o Amazonas*. 1866. p.28

<sup>676</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorográficos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.32.

<sup>677</sup> BARROS, Michelle Rose Meneses de. “*Germes de grandeza*”: Antonio Ladislau Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do império brasileiro (1823-1850). Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2006. p.46.

<sup>678</sup> Estavam presentes nesta obra muitos artigos e fotos da obra comemorativa “O Pará em 1900”

<sup>679</sup> Expressão usada pelo contratante espanhol Francisco Cepeda no livro *El Pará*.

<sup>680</sup> SARGES, Maria de Nazaré. “A Galícia Paraense: imigração espanhola em Belém (1890-1910)” In: *Trópicos de História: gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*. Belém: Açaí, PPHIST/CMA, 2010.p.201-202.

<sup>681</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.13.

Outro aspecto enfatizado nas obras de propaganda era a imagem da floresta prodigiosa, do paraíso que esperava uma efetiva descoberta e exploração de seus recursos, conforme podemos observar no comentário da historiadora Edilza Fontes sobre os artigos do Barão de Marajó e de Emílio Goeldi na obra *O Pará em 1900*:

Havia uma tendência muito forte da construção de uma floresta domesticada. O Barão de Marajó e o Dr. Emílio Goeldi articularam seus artigos buscando apresentar uma floresta disponível às ações humanas, à espera da civilização. A floresta amazônica ou a mata foi apresentada como um celeiro pronto à ação daquele que se dispusesse a trabalhar, a usufruir e seus bens. Esta floresta não apresenta perigo, é um espaço completamente desabitado e cheio de riquezas. É nos dizeres de Euclides da Cunha, “A última página do Gênesis que falta ser virada”. A região amazônica não é apresentada como um inferno verde, mas como um paraíso à espera de ser descoberto.<sup>682</sup>

Existiam outras características propiciadoras do progresso da região, além das vias fluviais, a riqueza do solo e a diversidade dos produtos naturais. Por isso, era importante para o Barão de Marajó contrapor as informações vigentes de que o único produto da região amazônica era o látex; havia um esforço em divulgar os outros produtos que eram comercializados.

Em sua obra *A Amazonia*, o Barão de Marajó citava artigos de jornais nos quais o conselheiro Martin Francisco<sup>683</sup> teria falado que o Pará só possuía um produto e a que base do trabalho era a escravidão e por isso não poderia ter uma participação parlamentar mais significativa.

Desconstruindo a fala do conselheiro Martin Francisco, o Barão de Marajó mencionou que o trabalho escravo no Pará e Amazonas era raríssimo e que ocorria apenas no cultivo de arroz e de açúcar; declarou que o governo provincial desses estados tentava incentivar a produção agrícola, especialmente na demanda por alimentos.

Enfatizou que as províncias buscavam alternativas ao trabalho escravo; assim, as colônias agrícolas no Pará e no Amazonas recebiam colonos estrangeiros e nacionais. Os estrangeiros vinham motivados pela propaganda, já os colonos nacionais vieram

---

<sup>682</sup> FONTES, Edilza. *Preferem-se Portugêses (as): Trabalho, Cultura e Movimento Social em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2002. p.43

<sup>683</sup> Homônimo ao pai, que também era político, foi deputado provincial e geral por São Paulo. Era um dos principais líderes do Partido Liberal em São Paulo. Exerceu o mandato na Câmara entre 1853 e 1856 e depois entre 1861 a 1868. Foi Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros (1866) e Ministro da Justiça (1866-1868) durante a Guerra do Paraguai. Foi membro do Conselho de Estado e conselheiro de S. M. o Imperador D. Pedro II. Presidiu a Câmara dos Deputados em 1882.

especialmente após a grande seca de 1877, que atingiu as províncias do nordeste e impulsionou um número muito grande de imigrantes para a Amazônia.<sup>684</sup>

No Pará era considerável a exportação de produtos advindos do extrativismo, comprovando suas informações por meio da “Tabela de Exportação de 1880”.<sup>685</sup>

**Tabela 3: Tabela de exportação de 1880.**

<b>Gêneros</b>	<b>Valor nominal</b>
Borracha	20148:578\$968
Cacau	3177:190\$229

---

<sup>684</sup> A respeito das colônias agrícolas, ver: NUNES, Francivaldo. A Amazônia e a formação do estado imperial do Brasil: Unidade do território e expansão de domínio. *Revista Almanack*. Guarulhos, n.03, p.54-65, 1º semestre de 2012. E também: NUNES, Francivaldo. *Colônias agrícolas na Amazônia*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

<sup>685</sup> ABREU. José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.60.

Castanha da terra	699:163\$357
Castanha em ouriços	124\$800
Castanha de Sapucaia	5:976\$000
Couros verdes	234:328\$174
Couros de veado	166:431\$040
Couros secos	112:129\$574
Couros salgados	33:974\$759
Cumaru	94:277\$640
Guaraná	26:324\$120
Grude de peixe	157:707\$436
Madeira	5:001\$950
Marfim vegetal	33:408\$000
Óleo de copaíba	68:835\$600
Piassaba	65:618\$715
Quina	112:136\$000
Salsa	59:458\$574
Tabaco	952\$700
Urucu	26:364\$488
Ucuuba	1:299\$500

Fonte: ABREU. José Coelho da Gama e. *A Amazonia: As províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa: Tipografia Minerva, 1883.p.60.

A corografia *As Regiões Amazonicas*, publicada em 1896 em Lisboa, dá continuidade e completude aos estudos sobre a região iniciados com os *Apontamentos de Viagem, A Amazonia e Um protesto*, tornando-se uma referência ainda atual. Esse livro ampliou o trabalho de divulgação da Amazônia no exterior feito pelo Barão de Marajó, pois como vimos teve repercussão na Sociedade de Geografia Comercial de Paris, o que foi ao encontro dos objetivos do autor e dos representantes do Estado, pois se tratou de uma obra de propaganda financiada pelo governo do Pará, tal como *O país das Amazonas*, de Santa-Anna Nery, foi pelo estado do Amazonas:

O governo do Pará já recebeu os exemplares de uma obra de uma obra de propaganda do Sr. José Coelho da Gama e Abreu (Barão de Marajó) que a intitulou *As regiões Amazonicas estudos corographicos dos Estados do Gram Pará e do Amazonas*. Este trabalho foi impresso em conta do governo para fazer bem conhecido fora daqui o nosso estado, está lançado em uma brochura de 400 páginas.<sup>686</sup>

Esse livro divulgou no exterior os trabalhos de estudiosos sobre a Amazônia como a corografia escrita por Antônio Baena; o estudo sobre o território contestado feito Tito Franco e publicado na *Revista Amazonica*; o artigo do jornalista José Gualdino publicado no *Diário do Grão Pará*; trabalhos elaborados para exposições como os de Henrique Santa Rosa e de Lauro Bettencourt<sup>687</sup> para a Exposição de Chicago.

O Barão de Marajó nesse livro discutiu sobre a geografia física do Pará e do Amazonas analisando temas como o clima, a hidrografia, a geologia; descreveu os afluentes do Rio Amazonas das margens direita e esquerda; elaborou um capítulo para o estudo das ilhas e lagos da Amazônia. Em relação às ilhas, descreveu os sítios arqueológicos da ilha do Marajó, divulgando os estudos feitos pelo pesquisador Ferreira Penna; outro ponto importante do livro é a ênfase na questão do território contestado franco-brasileiro, assunto que já foi abordado no segundo capítulo dessa tese.

Para o Barão de Marajó a abertura do rio Amazonas à navegação comercial e a criação da Companhia de Comércio e Navegação do Pará e Amazonas são os marcos temporais das modificações ocorridas nesses estados. Por isso ele acreditava que se deveria construir um memorial ao Barão de Mauá, por ser o primeiro a iniciar a navegação no Amazonas com três pequenos barcos a vapor: Marajó, Rio Negro e Monarcha.

---

<sup>686</sup> *Folha do Norte*. Belém, 1 de maio de 1896. p.2.

<sup>687</sup> Representante do estado do Amazonas na mesma exposição.

A obra *As Regiões Amazonicas*, tal como outras obras de propaganda sobre a Amazônia, escritas durante o século XIX, apresenta a natureza como uma possibilidade de enriquecimento:

(...) o extenso Vale do Amazonas as suas riquezas minerais, vegetais e animais, aquelas que dimanam de sua hidrografia e orografia mais assombrosas ainda são. Extensões enormes comunicando por centenas de canais que são os outros tantos grades rios que deixam esquecidos o Reno, o Volga, o Danubio, o Tibre, o Tejo e os próprios rios da China e a maior parte da América Inglesa, asseguram em um provir não muito distante a possibilidade de um desenvolvimento agrícola e comercial, como nunca se tinha visto.<sup>688</sup>

As cidades são descritas em crescente desenvolvimento urbano, compatível ao crescimento das exportações e das rendas, como se pode perceber nessa descrição da cidade de Manaus se tornava uma cidade moderna:

(...) apenas transformada em capital de estado em 1852, que apenas tinha em 1867 seis mil habitantes, e a Província uma renda de 200 contos, e hoje conta com 20 mil habitantes, uma renda estadual de 6 mil contos, tem caminhado e crescido rapidamente apresentando uma linda cidade moderna no local em que tiveram suas tabas os índios Manaus e Passés, e ficara persuadido de que no fim de século que breve vai começar ela será uma das grandes cidades da América do Sul.<sup>689</sup>

Essa obra que divulgava uma imagem positiva no exterior certamente contribuiu para a vinda de imigrantes. Porém, a preferência por europeus já estava sendo questionada a partir da década de 1870, quando muitos governantes começaram a perceber que os colonos estrangeiros não estavam adaptados ao cultivo do solo; algumas colônias, como a Nossa Senhora do Ó, contratavam agricultores paraenses para apresentar as condições de cultivo, a situação piorava devido aos problemas causados pela chuva.<sup>690</sup>

Conflitos entre os colonos e as autoridades provinciais, eram constantes. Uma das revoltas ocorreu em 1879, quando Gama e Abreu foi presidente da Província do Grão-Pará, os colonos de Benevides reclamavam da suspensão de alimentos aos colonos e da demissão de alguns colonos que atuavam em obras no interior das colônias.<sup>691</sup>

Os colonos descontentes invadiram a diretoria do núcleo e prenderam o diretor Jorge Sobrinho, depois eles decidiram que este deveria ir acompanhado de um colono

---

<sup>688</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.47.

<sup>689</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.393.

<sup>690</sup> A respeito das colônias agrícolas, ver: NUNES, Francivaldo. A Amazônia e a formação do estado imperial do Brasil: Unidade do território e expansão de domínio. *Revista Almanack*. Guarulhos, n.03, p.54-65, 1º semestre de 2012. E também: NUNES, Francivaldo. *Colônias agrícolas na Amazônia*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

<sup>691</sup> PARÁ, Relatório do governo da Província do. *Relatório apresentado pelo Excelentíssimo Senhor Dr José Coelho da Gama e Abreu Presidente da Província a Assembleia Legislativa do Pará na sua 1ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1880*. Pará, 1880, p. 26.

levar as reivindicações até o Presidente. Se as solicitações não fossem cumpridas eles iriam cobrar pessoalmente seus direitos; como o reforço militar era considerado insuficiente, o presidente da Província do Pará teve de negociar com os revoltosos atendendo a todas as reivindicações.<sup>692</sup>

### 3.4. Entre lembranças e esquecimentos

Um novo deputado contou estupefato algumas palavras do ex-imperador Dom Pedro. Eu me lembro que em sua última viagem, ele disse sobre isso (ideias republicanas e deste gênero dentre a juventude brasileira) ao Barão de Marajó, jornalista brasileiro, que passou muito tempo na França, e que outrora defendeu a causa liberal: « se eu não fosse o imperador, eu seria republicano » Não seria curioso de saber se no momento, Dom Pedro pensa da mesma forma.<sup>693</sup>

Esta curiosa nota publicada no jornal francês *Le Matin*, em 1890, um ano após a proclamação da República, mostra que esse tema era uma preocupação presente no círculo de amizade do monarca brasileiro antes da queda do regime monárquico. Desde o início das viagens de D. Pedro II, em 1871, ao mesmo tempo em que este fortalecia sua imagem como “imperador-cidadão” o regime começava a dar sinais da crise, que culminou com a queda da monarquia e advento da República em 1889, fato que obrigou o imperador e a sua família a seguir para o exílio na Europa.<sup>694</sup> A Exposição Universal de Paris (1889) foi o último suspiro da monarquia brasileira, pouco depois, alguns expositores como Eduardo Prado, Santa-Anna Nery e Barão de Marajó iam ao encontro do imperador exilado em Lisboa:

Enquanto conversávamos tinham chegado três vapores, nos quais iam, a fim de cumprimentar o imperador, entre outras pessoas o Conde e Barão de Nioac, Barão de Aguiar de Andrade, Barão de Penedo, Barão de Marajó, Sebastião Guimarães, Dr. Menezes Vieira, Santa-Anna Nery, Conde de Barral, Luis Guimarães, pessoal da Embaixada do Brasil, Visconde de Melicio, Barão de Matosinhos, Visconde de São Joaquim, Eduardo Prado, Dr. Forbes e Paulo Portoalegre, o Cônsul brasileiro em Lisboa, que respeitosamente, se curvou perante o imperador e lhe beijou a mão. Sua Majestade recebeu a todos com cordialidade, e demorou-se conversando particularmente, primeiro com o Sr. Conde de Nioac, e depois com o Sr. Barão Aguiar de Andrade.<sup>695</sup>

Para informar os leitores a respeito da brusca transição política o jornal *Gazeta de Notícias* fez uma série de matérias; em algumas reportagens falava-se sobre o apoio recebido pelo imperador por seus amigos portugueses e brasileiros, entre eles Gama e

---

<sup>692</sup> PARÁ, Relatório do governo da Província do. *Relatório apresentado pelo Excelentíssimo Senhor Dr José Coelho da Gama e Abreu Presidente da Província a Assembleia Legislativa do Pará na sua 1ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1880*. Pará, 1880, p. 26.

<sup>693</sup> *Le Matin*. Paris, 10 de out. de 1890.

<sup>694</sup> Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>695</sup> *Gazeta de Notícias*. 22 de dezembro de 1889.p.2.

Abreu.<sup>696</sup> Os convidados evitavam o tema do exílio, conversando com D. Pedro II sobre os assuntos acadêmicos, as conferências, a poesia e a educação:

**Notas soltas**

O imperador conversa, com sobra, sobre viagens com o sr. Barão de Marajó

- Não acha, barão, que o Tejo lembra a estrada de Nápoles a Constantinopla!?- pergunta ele.

E continuando

-Visitou a Ásia Menor?

- *Ubi troja fuit*- citou o imperador eruditamente

-Não imperial senhor - responde o Sr. Barão.

Mas a conversa prolonga-se:

-Gosta de ciências naturais, Barão?

-Saiba vossa majestade que sou perdido pela geologia, porque se prende com todas as ciências e, sobretudo porque dá pasto à fantasia...

-Isso é que é mau!- replica sorrindo o imperador”.<sup>697</sup>

A situação do ex-monarca brasileiro em continuar a receber seu antigo círculo de relações, mesmo vivendo exilado, remete à situação decadente do rei francês Carlos X. Esse monarca tendo sido afastado do poder pelas “jornadas gloriosas” de 1830 (barricadas contra a Restauração que colocaram Luís Felipe, o “rei burguês” no trono da França), continuava a manter a etiqueta, os rituais de poder e uma rede de ligações pessoais, características que definem uma sociedade de corte.<sup>698</sup>

De forma muito semelhante, até o momento de sua morte, D. Pedro II continuou a ser tratado pela sua “corte” de intelectuais como se estivesse em uma de suas viagens e não exilado.<sup>699</sup> O Barão de Marajó estava muito próximo desse círculo de relações do monarca brasileiro, com o qual possuía afinidades como o interesse pela ciência e pelas viagens, no entanto, essa proximidade não impediu sua adesão ao novo regime, tornando-se o primeiro intendente republicano da cidade de Belém. Aliás, foi uma tendência, por parte da antiga elite monarquista, a filiação ao regime republicano. Talvez por isso, a nota do *Le Matin* sugeriu que o próprio D. Pedro faria o mesmo se não fosse imperador.

O adaptar-se às mudanças políticas de sua época conforme o decorrer das situações pode ser observado em muitos intelectuais e políticos do século XIX, como podemos vislumbrar, exemplarmente, na trajetória do intelectual francês Victor Hugo. Monarquista, pertencente ao partido *ultra* (monarquista) e grão-vassalo do rei Carlos X,

---

<sup>696</sup> *Gazeta de Notícias*. 22 de dezembro de 1889.p.2.

<sup>697</sup> *Gazeta de Notícias*. 22 de dezembro de 1889.p.2.

<sup>698</sup> A respeito das memórias a respeito da sociedade de corte ver o artigo de Jacques Revel: REVEL, Jacques. Entre história e memória – A corte da França. In: *Proposições – Ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009. p.187-206. Um estudo clássico sobre a sociedade de corte é a obra de Norbert Elias, Ver: ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

<sup>699</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

apoiou a queda desse monarca em 1830, posicionando-se a favor de Luís Felipe, um rei de tendências liberais e burguesas; e a partir de 1848 foi de forma crescente aderindo ao republicanismo conforme escreveu:

Minha antiga convicção monárquica e católica de 1820 (...) vem se desmanchando pouco a pouco há 10 anos, com a idade e a experiência. Resta, no entanto, algo ainda no meu espírito, mas apenas uma religiosa e poética ruína. Eu me recolho às vezes, considerando-a com respeito, mas não rezo mais por ela.<sup>700</sup>

Nesse espírito das mudanças de posição política vivenciadas por Victor Hugo, lembramo-nos do processo de integração ao regime republicano brasileiro dos antigos aristocratas. Esse processo foi observado pelo jornalista Brito Aranha, biógrafo do Barão de Marajó, como uma atitude lúcida de grande parcela da nobreza brasileira; e por isso transcreveu, como explicação plausível, a resposta do Barão de Jaguará quando indagado sobre sua inserção no novo regime:

Qualquer, porém que seja a fé monárquica e a simpatia que inspire a causa do imperador, não há a desconhecer que é impossível a restauração da monarquia. O partido que nas atuais circunstâncias se organizasse com esse intuito seria um partido de visionários ou sebastianistas. Mas com a queda da monarquia, teria desaparecido o partido conservador? Não. Podemos ser tão bons conservadores na república como fomos na monarquia.<sup>701</sup>

A maior parte das inserções de nobres na política republicana foi bem-sucedida. Nobres, como o Barão de Jaguará, acreditavam ser impossível a continuidade da monarquia, por isso tinham que se adaptar às modificações ocorridas no contexto político. A adaptação aos novos tempos era percebida como cumprimento de um dever cívico, que era a continuidade de serviço à pátria; pelo menos, essa foi a justificativa dada por Brito Aranha às novas posições políticas do Barão de Marajó:

(...) tão relevante e tão desinteressadamente foi nesse exercício que o ex-imperador D. Pedro II o galardoou então concedendo-lhe o título de Barão de Marajó. Posto que dedicado a esse chefe de estado, que o honrava com sua amizade particular, quando o Brasil entrou em novo regime e estabeleceu a nova ordem das coisas, Gama Abreu respeitou a vontade dos seus compatriotas e não perdeu a simpatia e a consideração deles, porque o vimos entrar, com votação lisonjeira nos trabalhos legislativos da sua província e dedicar-lhes o seu valor intelectual com sincera e patriótica adesão. Não se esquecia nunca do cumprimento dos seus deveres cívicos.<sup>702</sup>

Não se pode esquecer, no entanto que alguns monarquistas não tiveram a mesma sorte da inclusão no governo republicano e sofreram repreensões, como foi o caso de Santa-Anna Nery. Ele e outros jornalistas foram acusados de estarem envolvidos no

---

<sup>700</sup> HUGO, Victor. In: WINOCK, Michel. *Vitor Hugo na Arena política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.p.32.

<sup>701</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p.130.

<sup>702</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p.128.

atentado contra o presidente Prudente de Moraes sendo desterrados para Fernando de Noronha. Mesmo assim, o propagandista tentou se filiar ao novo regime, chegando a participar da obra coletiva *O Pará em 1900* e de associações regionais como a Sociedade de Estudos Paraenses.<sup>703</sup>

O Barão de Marajó fez sua inserção no regime republicano e atuou como político até o fim de sua vida no ano de 1906, seu último cargo foi no senado. O governador Augusto Montenegro relatou o processo eleitoral para ocupar as vagas, lastimando a perda do Barão de Marajó:

Deu-se, no corrente ano, uma eleição para dois senadores, nas vagas dos Srs. 1º Tenente Manuel Ignácio da Cunha e Barão de Marajó. O pleito ocorreu sem perturbação da ordem, sendo diplomados os Srs. Antonio José de Pinho e José Garcia da Silva, eleitos em substituição daqueles. Seja-me lícito juntar as minhas às vossas manifestações de pesar pela perda daqueles dois ilustres servidores do Estado.<sup>704</sup>

Sua residência era muito frequentada, demonstrando a continuidade de inserção nos círculos das elites do Pará, como podemos perceber em uma nota da coluna social “Belém Elegante” no jornal *O Pará*: “O Barão de Marajó tem sido muito visitado. S. Exa. tem sido muito felicitado pelo seu regresso à terra paraense”.<sup>705</sup> Outras notas eram referentes à comemoração de seu aniversário:

Foi ontem dia de alegria na família do honrado amigo Sr. Barão de Marajó, que completou mais um ano de sua preciosa existência. É sempre agradável saudar pelo seu aniversário, os cidadãos que tem sabido servir à pátria. Ao nosso distinto amigo desejamos muitas felicidades e por longos anos.<sup>706</sup>

O Barão de Marajó esteve presente no momento da morte do maestro Carlos Gomes, um dos acontecimentos mais significativos ocorridos na cidade de Belém durante final do século XIX, sendo noticiado em jornais e retratado em obras artísticas como o quadro de De Angelis e Capranesi intitulada *Os últimos dias de Carlos Gomes*. O jornal *Folha do Norte* fez uma lista dos que se encontravam à cabeceira do Maestro, a sala de visitas estava lotada por pessoas de todas as classes sociais:

Na hora do desenlace estavam presentes à cabeceira do moribundo ilustre o Dr. Lauro Sodré, os clínicos Drs. Numa, Pernambuco e Firmo Braga, o Barão de Marajó, professores Pereira, Roberto de Barros e Clemente Ferreira, Abraham Israel e Amélio de Figueiredo. A sala de visitas estava repleta de pessoas de cidadãos de todas as classes sociais.<sup>707</sup>

---

<sup>703</sup> COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Santa-Anna Nery um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901)*, Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2007.

<sup>704</sup> PARÁ. Estado do. *Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro – Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 1907.p. 4.

<sup>705</sup> *O Pará*. Belém, 12 de abril de 1998. p.2.

<sup>706</sup> *O Democrata*. Belém, 13 de abril de 1890.

<sup>707</sup> *Folha do Norte*, Belém, 18 de setembro de 1896.p.1.

Contudo, a integração do Barão de Marajó à República não foi uma unanimidade. A escolha feita pelo governador Lauro Sodré, para o cargo de intendente, gerou polêmica e surpresa em alguns republicanos históricos que foram preteridos.<sup>708</sup> Conforme noticiou o jornal *O Democrata*, o Dr. Basílio, candidato à vaga de intendente, não suportou ser preterido pelo governador, pois pertencia ao partido republicano antes do fim da monarquia, por isso acabou pedindo exoneração do cargo que ocupava no Conselho Municipal;<sup>709</sup> outro desgostoso foi o Sr. Magno de Araújo, um republicano histórico atuante desde o antigo Clube Republicano, que também pediu afastamento.<sup>710</sup>

O próprio articulista do jornal não entendeu a escolha do governador para o cargo de intendente, pois o Barão de Marajó teria aceitado o cargo com “certa repugnância e muita insistência”, além disso, era amigo de D. Pedro II e do rei de Portugal:

Não obstante tantas razões, cada qual mais valiosa, o jovem governador pô-lo à margem, nomeando para o cargo de intendente o ilustre Barão de Marajó, que outrora corria raposas magras nas caçadas com o rei de Portugal e, (ilegível) depois de 15 de novembro de 1889, tomou o incomodo de saber da saúde do velho imperador. Porque motivo foi preterido o Dr. Basílio? Não desaprovo a política manhosa, seguida pelo meu jovem amigo, contra a opinião do feroz Aristides Lobo, (...) tanto o jovem governador como o instalador José Paes entendeu que o ilustre Barão de Marajó tem mais pulso (foi a frase de que se serviu o chefe radical) do que o Dr. Basílio, para dirigir os negócios do município. É sabido que o Barão de Marajó aceitou o cargo com uma certa repugnância e só depois de muito rogado, ao passo que o Dr. Basílio não deixava de dar a entender que não levaria bem sua preterição.<sup>711</sup>

O mesmo jornal publicou uma opinião diferente, de outro jornalista, que acreditava ter sido correta a decisão de Lauro Sodré, porque o Barão de Marajó era:

(...) vinho de outra pipa. É enérgico, alto engenheiro, probo, ilustrado, rico e muito viajado. (...). Com todos esses requisitos, tem direito incontestável à nossa deferência e ao nosso julgamento rigoroso. Se errar é porque quer, se não for patriota é porque a república tem tido a virtude de alterar os caracteres.<sup>712</sup>

---

<sup>708</sup> *O Democrata*. Belém, 25 de outubro de 1890.p.1.

<sup>709</sup>“Noticiaram na folha diária que ilustríssimo vogal Dr. Basílio, do Conselho Municipal de Belém, solicitara sua exoneração logo em seguida à posse do novo Intendente. Era o Dr. Basílio candidato à intendente para a vaga do Capitão-Tenente Índio do Brasil, eleito como representante deste vale da sinfonia elástica, habitado pelos descendentes dos ferozes botocudos e de outros selvagens. E tinha ele razão de esperar, de exigir mesmo, aquela nomeação: primeiro, por ser republicano antes da abolição da monarquia e membro ativo do extinto Clube republicano, onde proferiu discursos floridos, advogando a causa da integração da pátria (...)”. *O Democrata*. Belém, 25 de outubro de 1890.p.1.

<sup>710</sup> “A nomeação do Sr. Barão de Marajó para Intendente, desgostou, como não poderia deixar de desgostar, o Sr. Dr. Magno de Araújo, republicano histórico do tempo dos sacrifícios, no antigo Club republicano”. *O Democrata*. Belém, 25 de outubro de 1890.p.1.

<sup>711</sup> *O Democrata*. Belém, 25 de outubro de 1890.p.1.

<sup>712</sup> *O Democrata*. Belém, 25 de outubro de 1890.p.1.

Inferimos que a escolha de Lauro Sodré era devida às suas inúmeras afinidades com o Barão de Marajó. Semelhanças que se relacionavam com a crença no urbanismo e na educação como fatores essenciais para um projeto de desenvolvimento do Pará, além da formação de ambos na matemática e atuação na engenharia.

Lauro Sodré foi aluno do Lyceu Paraense, o mesmo local onde o Barão de Marajó foi lente de Matemática e de Inglês. Bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemática, pela Escola Militar, em 1883, ano em que retornou ao Pará entusiasmado pelas ideias republicanas, tendo por companheiros Paes de Carvalho e Justo Chermont.<sup>713</sup>

Sodré possuía uma formação muito parecida com a do Barão de Marajó, que também foi militar, estudou Matemática e pertenceu ao partido Liberal, partido que agregava as opiniões mais radicais no período imperial. Como sabemos o Barão sempre foi democrata e defendia a descentralização, mesmo que custasse a separação da Amazônia (Pará e Amazonas) do restante do país.<sup>714</sup>

Os combates à centralização, que se intensificaram na década de 1880, uniam liberais e republicanos, e mesmo que o Club Republicano afirmasse ser adversário de ambos os partidos constitucionais, compartilhava com os liberais os ressentimentos da intensa centralização e muitos integrantes participavam de banquetes e recepções promovidas pelo partido liberal.<sup>715</sup>

É possível que o Barão de Marajó fosse uma referência para Lauro Sodré, como era para Ignácio de Moura, que também era engenheiro, e sempre mencionava em suas obras o Barão de Marajó. Além do livro *De Belém a São João do Araguaia*, ocorrem citações no *Catálogo da Primeira Série de uma Galeria Histórica* (organizado entre outros por Ignácio Moura) e na *Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Nessa última obra, Moura lembra-se dos esforços do Barão de Marajó e do vogal Pereira Guimarães, em embelezar a Praça Saldanha Marinho, local escolhido para a Exposição do Lyceu, que antes de 1894, possuía um aspecto “desolador e triste” devido à grama que crescia com uma “liberdade selvagem”.<sup>716</sup>

---

<sup>713</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.16.

<sup>714</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil*. Lisboa. Typographia Minerva, 1883.

<sup>715</sup> WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.p.128.

<sup>716</sup> MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário Oficial, 1895.p.13-14.

As afinidades entre o Barão de Marajó e Lauro Sodré também estavam ligadas à educação e à cultura. Como demonstra o cargo do Barão de Marajó no Conselho Superior de Instrução Pública

O conselho superior, ontem reunido, resolveu aprovar a eleição precedida a 17 do corrente, e reconhecer eleitos membros do mesmo conselho, os cidadãos: Dr. João Batista Ferreira Penna, Dr. Gentil A. de Moraes Bittencourt, Dr. José Antonio Pereira Guimarães, Manoel B. Monteiro Baena e Barão de Marajó.<sup>717</sup>

De acordo com o historiador William Gaia, no primeiro mandato de Lauro Sodré ocorreram diversas ações voltadas para a educação e as artes como a criação do Lyceu de Artes e Officio Benjamin Constant, que era uma instituição voltada para o ensino profissional, com aulas noturnas para atender os trabalhadores;<sup>718</sup> a reforma dos institutos de educação como o Lyceu Paraense, a Escola Normal e o Instituto Paraense de Artífices; a criação da Sociedade Propagadora de Ensino.<sup>719</sup>

As propostas para melhoria do ensino foram intensificadas no período republicano, em diversos estados do país. A educação assumia um lugar de importância contribuindo para que as ideias de progresso e modernidade se instaurassem cada vez mais na sociedade; é nesse contexto, que surgem os grupos escolares, o primeiro foi instalado em São Paulo no ano de 1894, essas eram instituições que visavam uma maior homogeneidade na educação das escolas públicas.<sup>720</sup>

Em 1893, Lauro Sodré e Barão de Marajó participaram da Sociedade de Estudos Paraenses, esta sociedade foi fundada por Lauro Sodré e tinha como presidente o Barão de Marajó. A Sociedade de Estudos Paraenses se interessava por questões relacionadas às letras e às ciências, buscando “solução para trazer qualquer desenvolvimento à futura Amazônia” e publicava uma revista para divulgar o trabalho dos intelectuais do estado.<sup>721</sup> Eram sócios: o Barão de Guajará, Dr. Tocantins, Carlos Novaes, Passos de Miranda, José Veríssimo, Lopes Netto, Santa-Anna Nery, Bertino de Miranda, entre outros.<sup>722</sup>

Além das inúmeras afinidades entre os dois, é importante considerar que o Barão de Marajó seria uma excelente escolha como aliado político para Lauro Sodré, pois o

---

<sup>717</sup> *A República*. Belém, 21 de agosto de 1890. p.1.

<sup>718</sup> FARIAS, William Gaia. *O Alvorecer da República no Pará (1886-1897)*. Belém: Açáí, 2008. p.59-72.

<sup>719</sup> FARIAS, William Gaia. *O Alvorecer da República no Pará (1886-1897)*. Belém: Açáí, 2008. p.59-72.

<sup>720</sup> VIEGA, Juliana Goretti Aparecida Braga; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Interfaces entre o projeto de legitimação do grupo escolar como instituição de saber e a resignificação do lugar simbólico de Ouro Preto como cidade monumento. *Vária História*. v. 30, n 53, mai/ago. 2014.p.341-363.

<sup>721</sup> MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário Oficial, 1895.p.44.

<sup>722</sup> MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário Oficial, 1895.p.44.

Barão possuía grande fortuna, adquirida tanto por herança dos pais e da esposa quanto por sua participação em empresas prestadoras de serviços essenciais como a Companhia das Águas e a Empresa Industrial do Grão-Pará; possui imóveis no Brasil e no exterior e uma empresa de extração de óleos essenciais e de produção de chocolate. A essa riqueza aliava-se a influência adquirida pelos importantes cargos públicos que exerceu durante o Império e pela participação em círculos políticos e intelectuais no âmbito nacional e internacional.

O Barão de Marajó se inseria na política republicana, colaborando para os projetos, nos quais a afirmação de uma nova proposta política caminhava com a invisibilidade do regime antigo, e para essa finalidade a produção historiográfica foi essencial. Segundo Magda Ricci, a escrita da história e, por conseguinte, do livro didático, tornaram-se formas de remodelar e desconstruir o passado Imperial, assim a instrução pública foi um dos mecanismos eficazes para divulgar os ideais republicanos no estado do Pará.<sup>723</sup>

A historiografia paraense no início do século XX estava a cargo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, entre os intelectuais mais atuantes estavam os engenheiros Henrique Santa Rosa, João de Palma Muniz e Ignácio Moura.<sup>724</sup> Assim, o IHGP era uma das mais atuantes para escolher quem seria lembrado ou esquecido pela república.

Empenhado na cristalização de uma memória republicana o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, em 1818, organizou uma Galeria Histórica bastante eclética que incluía: sacerdotes (como Padre Antonio Vieira, Frei Caetano Brandão e Padre Prudêncio), Cientistas (como Ferreira Penna, Francisco da Silva Castro e Julio César Ribeiro de Souza), políticos (como Lauro Sodré e D. Pedro II), artistas (Carlos Gomes, Domenico d' Angelis e Maurice Blaise), escritores (José Veríssimo, Juvenal Tavares e João de Deus do Rego), João Gonçalves Batista de Moura (pai de Ignácio Moura um dos organizadores) entre outras personalidades. Ocorreu uma mostra de pintura e desenho com representações artísticas de cada um dos biografados.<sup>725</sup>

---

<sup>723</sup> RICCI, Magda. Os primeiros livros didáticos republicanos de História do Pará: o patriotismo e a construção da memória. In: HENRIQUE, Márcio Couto. *Diálogos entre História e Educação*. Belém: Açaí, 2014.p.17.

<sup>724</sup> MORAES, Tarcisio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, modernidade e historiografia na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.

<sup>725</sup> A comissão organizadora da Galeria Histórica era formada por Ignácio Moura, M. Braga Ribeiro, A. Lassance Souza, A. Firmino Cardoso, Theodoro Braga e Adalberto Lassance Cunha. Ver: IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.

Para Aldrin Figueiredo, havia uma autoridade compartilhada entre a história e a pintura para entronizar como “santo” a imagem do herói da pátria.<sup>726</sup> Figuravam na Galeria Histórica, vários monarquistas e entre eles o próprio ex-imperador D. Pedro II, a “nobreza da terra” foi vista na *Galeria Histórica* (1918) sob o perdão republicano.<sup>727</sup> Um exemplo dessa abordagem foi o Barão de Guajará, Antonio Domingos Raiol, político e historiador (autor da importante obra *Motins Políticos*), que foi descrito por seu biógrafo como um antigo monarquista, que mesmo se retirando da vida pública não se opôs ao regime republicano.<sup>728</sup>

Outro a ser lembrado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Pará foi o Barão de Marajó em uma biografia escrita por Jayme Abreu, filho do biografado, em um texto muito elogioso e parcial. Os organizadores buscaram manter os nomes de sua família na memória e a galeria histórica era uma excelente oportunidade como atestam as biografias dos pais de Ignácio Moura e de Jayme Abreu. Este último ocupou diversos cargos no Jôquei Clube, sendo comum nos jornais notícias sobre a sua atuação na diretoria do clube.<sup>729</sup> Foi oficial da Recebedoria de Rendas do Estado do Pará, em 1904, e suplente da diretoria do Banco de Belém.<sup>730</sup>

Na mesma coletânea em que Jayme Abreu escreveu sobre o pai, assinou o artigo sobre o botânico suíço Jacques Huber,<sup>731</sup> representado imagneticamente pelo pintor José Girard. Jacques Huber se tornou diretor do Museu Paraense a partir de 1907 e foi delegado do Pará na *Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim* (1911),<sup>732</sup> junto ao jornalista Jayme Abreu.

Os expositores agradaram o então governador do Estado, João Coelho, que transcreveu um texto a respeito da notável atuação dos representantes do Pará enviada por Antonio de Pádua Assis Rezende, comissário geral do Brasil na Exposição:

---

<sup>726</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma historia social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*, Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.p.149-150.

<sup>727</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma historia social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*, Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.p.149-150.

<sup>728</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

<sup>729</sup> Em especial na Folha do Norte como neste exemplar: *Folha do Norte*. Belém, 22 de abril de 1896.

<sup>730</sup> *Folha do Norte*. Belém, 21 de fevereiro de 1896.

<sup>731</sup> Para mais detalhes a respeito de Jacques Huber ver: CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Jacques Huber (1867-1914). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.* Belém, v. 4, n. 3, 2009. p. 489-502.

<sup>732</sup> MARTINS, João Antonio Rodrigues; GAMA E ABREU, Jayme P. da; HUBER, Jacques (Orgs.). *O Estado do Pará na Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim - 1911. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, Governador do Estado, pela delegação paraense*. Paris: Imp. Kauffmann & Cie., 1911.

Desvaneço-me de documentar este capítulo com o ofício que em 8 de julho último me dirigiu o Sr. Dr. Antonio de Pádua Assis Rezende, comissário geral do Brasil na Exposição Turim-Roma. Dele vereis quanto é justo o prazer que vos falo da nossa representação e quão acertada foi a escolha do nosso delegado e de seus auxiliares: Turim, em 8 de julho de 1911 – Exm. Sr. Dr. João Coelho M. D. Governador do Estado do Pará. Com meus respeitosos cumprimentos, cumpro o dever de levar ao conhecimento de v.ex. que os Srs. Jayme G. Abreu e J. Huber, designados para a organização da sessão do Pará na Exposição de Turim, se tem esforçado bastante a fim de corresponderem a confiança que lhes depositou o governo do Estado.<sup>733</sup>

Retornando à biografia escrita por Jayme Abreu, o destaque do texto foi a atuação política do Barão durante o período republicano como intendente de Belém, parlamentar e representante da comissão brasileira na Exposição Universal de Chicago (1893). Esse enfoque difere das primeiras biografias, analisadas no primeiro capítulo que ressaltaram a atuação intelectual. Jayme Abreu descreveu o exercício de cargos políticos de seu biografado durante o período imperial sendo audaciosa e à frente de seu tempo:

Voltou então ao Pará, iniciando sua vida pública, pelo exercício do cargo de diretor da Repartição de Obras Públicas, empreendendo obras de vulto, entre as quais o Teatro da Paz. Filiado ao partido Liberal, fez parte da Assembleia Provincial, e em 1868 fez assento na Câmara dos Deputados. Com superior critério e aprovada honradez presidiu em épocas distintas as então províncias do Amazonas e do Pará. (...). Proclamada a República, arregimentou-se na legião do partido Republicano, sendo eleito intendente de Belém, cargo que exerceu até 1893, deixando de sua passagem no governo da Comuna, impagáveis traços de seu patriotismo e de seu alto tino administrativo. Depois, seguiu para os Estados Unidos da América do Norte como membro da grande comissão que representou o Brasil na Exposição de Chicago. O partido Republicano paraense, tendo em conta os serviços prestados ao Pará, o elegeu em duas legislaturas sucessivas senador estadual, ocupando o cargo de Vice-presidente do Senado.<sup>734</sup>

Mesmo com a ênfase na atuação política, o biógrafo reportou a respeito da formação acadêmica e da produção intelectual do Barão de Marajó, enfatizando a sua formação em Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra, o trabalho como lente do Lyceu Paraense e sua associação à Sociedade de Geografia de Lisboa.<sup>735</sup>

Devido ao vínculo familiar, Jayme Abreu foi o único a fazer menção às comendas recebidas pelo biografado (que foram as da Ordem de Cristo pelo Brasil e Vila Viçosa por Portugal) e a divulgar a data de falecimento do Barão de Marajó, em 25 de novembro de 1906 na cidade de Lisboa, onde se encontrava para tratamento de saúde.<sup>736</sup>

---

<sup>733</sup> PARÁ, Governo do Estado do. *Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo dr. João Antonio Luiz Coelho Governador do Estado*. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1911.

<sup>734</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

<sup>735</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

<sup>736</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

Jayme não registrou em seu texto biográfico o suicídio do pai, o que é compreensível, por ser um assunto delicado. A experiência pessoal e perturbadora deveria ser silenciada,<sup>737</sup> pois não era compatível com o texto elaborado para uma galeria histórica dos grandes vultos. Em 1906, jornais de diversas cidades brasileiras noticiaram o suicídio do Barão de Marajó como o *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro),<sup>738</sup> o *Diário da Tarde* (Curitiba)<sup>739</sup> e *A Pacotilha* (Maranhão).<sup>740</sup>

Dos biógrafos, apenas Brito Aranha aludiu sutilmente ao suicídio, ao relatar o assombro sentido quando recebeu a notícia da morte do amigo, que em sua última visita não transpareceu sofrimento algum:

Desde esse dia não o vi mais, ou antes, não me honrou de novo com sua visita e não lhe notei nenhuma preocupação em coisas de sua vida particular, quando lhe recordei o que se passara muitos anos antes, em serões em casa do nosso amigo comum Passos Valente, de quem falo adiante. Imagine-se a minha dor quando um dia, de manhã, fui surpreendido com o desfecho trágico que ele dera a sua existência!<sup>741</sup>

Avançando para o ano de 1918, ano da *Exposição da Galeria Histórica*. Nesse evento, foi exposta uma série de pinturas representando os biografados, elencados pelos organizadores da Galeria Histórica. Os retratos individuais oficiais se assemelhavam aos retratos de corte pelo intuito de autolegitimação e dominação simbólica que projetavam a imagem dos políticos sendo comum esse uso em exposições nos salões dos palácios e em álbuns.<sup>742</sup>

Havia um retrato oficial do Barão de Marajó, como intendente de Belém, que foi pintado pelo artista francês Maurice Blaise.<sup>743</sup> Para a historiadora Caroline F. Silva, a forma utilizada pelo pintor para destacar a imagem do Barão de Marajó foi o uso da luminosidade gerada pelas cores quentes ao fundo, fazendo uma transição cromática entre o vermelho e o amarelo.<sup>744</sup>

---

<sup>737</sup> THOMPSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*. n.15, abr, 1997. p.51-77.

<sup>738</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1906.p.4.

<sup>739</sup> *Diário da Tarde*. Curitiba, 1 de dezembro de 1906.p.1.

<sup>740</sup> “Lisboa. A morte do Barão de Marajó foi muito sentida nesta cidade”. *A Pacotilha*. Maranhão, 27 de novembro de 1906. p.1.

<sup>741</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p.133-134.

<sup>742</sup> PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Percepção visual da cidade: iconografias da natureza urbana de Belém (1808-1908)*. Tese de Doutorado em História Social – Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

<sup>743</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.64-65.

<sup>744</sup> SILVA, Caroline Fernandes. *O moderno em aberto: o mundo das artes em Belém do Pará e a pintura de Antonieta Santos Feio*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

Blaise fez parte da Galeria Histórica, sendo lembrado como um artista jovem, talentosíssimo e modesto cujo nome figurava no Catálogo dos expositores do *Salon* em Paris:

Maurice Blaise tem seu nome no Catálogo dos expositores do *Salon* em Paris, o que já é uma honra, porque de 6000 quadros na média apresentados anualmente para figurarem no *Salon*, apenas são escolhidos em número rigoroso de 2400.<sup>745</sup>

No final do século XIX e início do XX muitos artistas foram atraídos pelo crescente consumo de arte na cidade de Belém que vivenciava o auge da economia gomífera e valorizava os “modelos” europeus. Nesse contexto, o pintor Maurice Blaise foi convidado pelo representante dos negócios paraenses na Europa para ocupar o cargo de professor de desenho em instituições como a Escola Normal, o Instituto Lauro Sodré e o Gynásio Paes de Carvalho.<sup>746</sup>

Além do trabalho como professor Blaise escreveu a obra *Desenho Linear Geométrico* (1904) que era voltada para o ensino de desenho no âmbito primário.<sup>747</sup> Outros trabalhos relevantes foram: a idealização do *Brasão de Armas do Município de Belém* e o *Monumento aos Intendentes* (inaugurado em 1906 no Bosque Municipal).<sup>748</sup>

A conexão dos artistas com a Europa era algo muito valorizado, além da presença de artistas estrangeiros, alguns alunos recebiam auxílio do governo para estudarem arte; na *Exposição do Liceu de Artes e Ofícios Benjamim Constant* havia uma seção para o *Trabalho dos Pensionistas do Estado na Europa*, as obras apresentadas eram estudos de paisagem ou de figuras consideradas ilustres pela historiografia republicana.<sup>749</sup>

---

<sup>745</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.100.

<sup>746</sup> DÓRIA, Renato Palumbo. Ver a Paisagem, formar a nação: notas sobre o ensino de desenho no Brasil a partir de Belém do Pará. *Revista Estudos Amazônicos*. vol. 6, nº 1, 2011. pp. 117-147

<sup>747</sup> A respeito do ensino de desenho ver: DÓRIA, Renato Palumbo. Ver a Paisagem, formar a nação: notas sobre o ensino de desenho no Brasil a partir de Belém do Pará. *Revista Estudos Amazônicos*. vol. 6, nº 1, 2011. p. 117-147

<sup>748</sup> IHGP. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica*. Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.p.65.

<sup>749</sup> MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário oficial, 1895.



Figura 15. Retrato do Intendente José Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó, 1894, óleo s/tela 75,2 X 63. Por Maurice Blaise.  
Fonte: Acervo do Museu de Arte de Belém.

O Barão de Marajó era certamente uma dessas personagens ilustres, pois, além do desenho de Rafael Bordallo e da pintura de Maurice Blaise; foi representado em uma pintura a óleo pelo artista paraense Manuel Amaral<sup>750</sup> e em um desenho executado pelo pintor e desenhista Rodolfo Bernardelli (1852-1931).

Bernardelli nasceu em Guadalajara, no México, deixou seu país natal em 1866, passando pelo Chile e Argentina e fixando moradia no Rio Grande do Sul; depois se mudou para o Rio de Janeiro, onde frequentou, entre 1870 e 1876, aulas de escultura e de desenho de modelo vivo na Academia Imperial de Belas Artes.<sup>751</sup> Ele viveu alguns anos na Europa, estudando em Roma, retornou ao Brasil onde se tornou professor de escultura estatuária na Academia Imperial de Belas Artes, sendo também diretor da recém-criada

<sup>750</sup> “O hábil artista paraense Manoel Amaral, está preparando um retrato à óleo do ilustre e distinto Sr. Barão de Marajó”. *A República*. Belém, 30 de junho de 1893.p.1.

<sup>751</sup> VACCANI, Celita. *Rodolpho Bernardelli - Vida artística e características de sua obra escultórica*. Rio de Janeiro: s. edit., 1949.

Escola Nacional de Belas Artes. Deixou uma extensa produção, entre obras tumulares, monumentos comemorativos e bustos de personalidades. Entre as suas obras mais relevantes executou as estátuas que ornamentam o prédio do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, o Monumento à Carlos Gomes em Campinas, uma estátua de Dom Pedro I para o Museu Paulista da Universidade de São Paulo na cidade de São Paulo e uma estátua de Pedro Álvares Cabral, além do túmulo de Campos Salles, no cemitério da consolação.<sup>752</sup>

Bernardelli dedicou-se à arte em memória dos grandes vultos históricos ligados à formação nacional como D. Pedro I, Carlos Gomes, Pedro Álvares Cabral e Campos Salles e mesmo de personagens da literatura que se relacionavam à identidade nacional como a escultura em bronze de Moema,<sup>753</sup> do poema épico *Caramuru* escrito por José de Santa Rita Durão.<sup>754</sup> As esculturas fúnebres também atestam esse gosto do artista pela conservação memorial. O desenho feito por Bernardelli do Barão de Marajó demonstra esse tipo de arte, dedicada à conservação da memória política. Além do estudo para um busto do Barão de Marajó, Bernardelli esculpiu o busto do pesquisador Domingos Soares Ferreira Penna, para um monumento inaugurado no Museu Paraense em 1908.

---

<sup>752</sup> VACCANI, Celita. *Rodolpho Bernardelli - Vida artística e características de sua obra escultórica*. Rio de Janeiro: s. edit., 1949.

<sup>753</sup> Moema é uma personagem índia, de um poema épico sobre Caramuru. Apaixonada pelo conquistador europeu, que viaja com sua irmã (Paraguaçu), ela nada tentando chegar ao navio, mas morre afogada. O tema da morte de Moema foi representado pelos pintores Victor Meireles e Pedro Américo.

<sup>754</sup> MIYOSHI, Alexander Gaiotto. Três Moemas: as versões de Victor Meireles, Pedro Américo e Rodolpho Bernardelli. *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2.* / (Orgs) VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ, 2010.



Figura 16. "Portrait do Barão de Marajó (José Coelho da Gama e Abreu, 1832-1906)", grafite, 13 x 10. Estudo para o busto de bronze. Por Rodolfo Bernardelli.

Fonte: disponível no site <http://centurysarteeleiloes.com.br/>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

O Instituto Histórico e Geográfico do Pará tinha a missão de resguardar os fatos e os grandes vultos históricos de sua região relacionando-os à memória coletiva da nação.<sup>755</sup> Esse esforço consistia também em manter a memória de seus primeiros associados, por esse motivo o IHGP, durante a década de 1930, organizava efemérides dedicadas a essa finalidade como demonstra a comemoração do centenário de nascimento do Barão de Marajó em 1932, acontecimento comemorado igualmente pelo Gabinete Literário Cametaense.

Vários centenários e quinquentenários também comemoramos, entre os quais o da abdicação de D. Pedro I, (...). O quarto centenário da fundação de São Vicente, desde quando data o início da colonização do Brasil. Dentre os fatos assinalados do que se orna a história da Amazônia, comemoramos com assinalado relevo o primeiro centenário do primeiro movimento automista havido no Estado do Amazonas, a 12 de abril de 1932 e o primeiro centenário de nascimento, no Pará, nessa mesma data, do ilustre paraense Dr. José Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó. Um e outro sucessos festejamos com imponente sessão cívica, o que também se realizou no vizinho Estado do Amazonas, sob os auspícios do Instituto Histórico do vizinho Estado. O centenário do Barão de Marajó

---

<sup>755</sup> FREITAS, Iza Vanesa Pedroso de. *O patronato das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia na Universidade Federal do Pará. Belém: 2007.p.22.

foi festejado, com muito brilho, na histórica cidade de Cametá, onde o Gabinete Literário Cametaense revela o sentimento cívico do povo daquela próspera cidade tocantina.<sup>756</sup>

Como parte da comemoração do centenário do nascimento do Barão de Marajó, o comendador Jayme Abreu publicou, em 1932, um artigo intitulado *Notas biográficas do Barão de Marajó*.<sup>757</sup> Em colaboração com o IHGP, a prefeitura de Belém teria mandado instalar uma placa comemorativa na fachada do local de nascimento do Barão:

Por ocasião de ser comemorado o primeiro centenário de nascimento do Barão de Marajó, o Instituto promoveu e a prefeitura realizou a colocação de uma placa comemorativa do fato na fachada do sobrado, à Praça D. Pedro II, em que nasceu o ilustre paraense.<sup>758</sup>

Alguns governantes posteriores ao Barão de Marajó o mencionaram em relatórios ou álbuns, como ocorreu no Álbum de 1902, em que o Barão foi lembrado pela administração lealista por sua significativa participação na criação do Monumento à República:

Em legítima expressão do ideal democrático que simboliza esse monumento de bronze, que se ergue suntuoso e solene na Praça da República. Representa um vulto de mulher belicosa como Palas, ativa e majestosa na sua simplicidade heroica, que lhe resulta da feição docemente enérgica, talhada nos moldes clássicos da estatuária grega. (...)Esse precioso monumento, consagrado ao regime democrático que sucedeu a monarquia, foi principiado sob os auspícios do Barão de Marajó, então intendente desta capital.<sup>759</sup>

Permaneceram muitas lembranças da monarquia, como vimos na *Galeria Histórica do IHGP* e nos memoriais a D Pedro I (de Bernardelli), mas houve também um apagamento dessa memória. Exemplos dessa situação foram a mudanças nos nomes das ruas e as transformações sofridas por três grandes prédios que foram idealizados no período imperial e acabaram sendo ressignificados pelos governos republicanos: o Teatro da Paz, o Bosque Municipal e o Palácio Municipal. Nesse sentido, Jaques Le Goff afirmava que os monumentos são produtos das sociedades elaborados pelas forças detentoras do poder utilizados para perpetuar recordações.<sup>760</sup>

Com a mudança de regime houve uma remodelação urbanística e imagética fundando e ressignificando novos lugares de memória. Para Nicolau Sevcenko, as novas elites republicanas, em seu afã modernizador, se empenharam em apagar o passado

---

<sup>756</sup> SILVA, Paulo Eleutherio Álvares da. Relatório do biênio (1931-1932). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. v.8. Ano 1933. Belém: Oficinas Graphics do instituto D. Macedo Costa, 1934. p.254.

<sup>757</sup> SILVA, Paulo Eleutherio Álvares da. Relatório do biênio (1931-1932). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. v.8. Ano 1933. Belém: Oficinas Graphics do instituto D. Macedo Costa, 1934. p.258.

<sup>758</sup> SILVA, Paulo Eleutherio Álvares da. Relatório do biênio (1931-1932). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. v.8. Ano 1933. Belém: Oficinas Graphics do instituto D. Macedo Costa, 1934. p.259.

<sup>759</sup> BELÉM, Intendência de. (1902; Antônio Lemos). *Álbum de Belém em 15 de novembro de 1902*.p.30.

<sup>760</sup> LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.p.525-536.

colonial e monárquico, como se o novo regime implicasse o cancelamento desse passado ligado às mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão.<sup>761</sup>

Mesmo com essa busca de renovação da paisagem urbana, não houve uma mudança política muito profunda com o regime republicano, conforme Murilo de Carvalho, o governo republicano continuava e mesmo ampliava exclusão política da maior parte da população enquanto empreendia um projeto modernizador.<sup>762</sup>

Esse projeto de modernidade pode ser observado na atuação dos intendentess da cidade de Belém como Antonio Lemos e o Barão de Marajó. Ambos preocuparam-se em melhorar os serviços de água, luz e transporte público; além disso, enfatizaram a construção e reforma de prédios, remodelando e embelezando passeios públicos e *boulevards*.

Esse processo de “apagamento” foi tão intenso que as reformas posteriores realizadas no Teatro da Paz entre 1960 e 2000, não teriam alterado a imagem forjada no período “Lemos-Montenegro”. Tal invisibilidade do passado, pela transformação é o que se percebe na descrição deste espaço no *Álbum do Estado do Pará em 1908*:

A transformação externa e interna por que passou o Teatro da Paz surpreende a todos quanto o conheceram anteriormente. A riqueza das decorações e, sobretudo dos assoalhos, feitos das mais lindas madeiras do Pará, em mosaico, todas envernizadas a capricho, o mobiliário da plateia e dos camarotes, tudo novo e tudo de aprimorado gosto, transformaram o velho “Teatro da Paz” em um dos mais belos teatros da América.<sup>763</sup>

Outro caso em que ocorreu a reforma do monumento e sua resignificação é o Bosque Municipal. Remodelado por Antonio Lemos, foi palco do Congresso dos Intendentess em 1903, durante esse evento, o senador José Porphirio de Miranda Junior, um representante dos intendentess, teria sugerido o erguimento de um monumento comemorativo.<sup>764</sup>

Foi organizado um concurso internacional para escolha do projeto, e dentre as propostas, a que melhor representava as intenções dos intendentess foi o projeto do francês Maurice Blaise. O monumento tinha como inspiração a fonte de Médices do Parque do Palácio de Luxemburgo em Paris, possuindo duas colunas Jônicas coroadas, duas estátuas

---

<sup>761</sup> SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*; 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>762</sup> CARVALHO, Murilo de. O pecado original da República. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 1, nº5, Nov.2005.p.20-24.

<sup>763</sup> PARÁ, Governo do Estado. 1901-1909 (Augusto Montenegro). *Álbum do Estado do Pará: oito annos de governo*. Paris: Chaponet, 1908.

<sup>764</sup> SARGES, Maria de Nazaré. AMARAL, Alexandre. As querelas republicanas, os intelectuais e círculo político: Literato, Pintor e Crítico de arte na legitimação do congresso dos intendentess no início do século XX. *Revista de Estudos Amazônicos*, vol.1.jul-dez, 2006. p.101-110.

como representações da História e da Paz, nas laterais do monumento os bustos de Antonio Lemos e Augusto Montenegro e uma epigrafe de mármore com os nomes dos participantes do congresso dos intendententes. É importante ressaltar que os espaços como a cabana de Peri e Ceci, a Gruta encantada, a Cascata, a Cabana de Paulo e Virgínia, o Pavilhão de Diana e o Quiosque Chinês foram todas inseridas a partir de 1902 (período da administração lemista).



Figura 17. **Banquete dos intendententes em 1903.**

Fonte: PARÁ, Governo do Estado. 1901-1909 (Augusto Montenegro). *Álbum do Estado do Pará: oito annos de governo*. Paris: Chaponet, 1908. p.45.

O Bosque Municipal passou por uma reforma logo no início do mandato do Barão, em 1890, essa reforma foi igualmente esquecida, após os melhoramentos executados por Antonio Lemos. No relatório da Intendência, o Barão de Marajó relatou as reformas que tornaram um terreno abandonado um lugar de lazer:

O Bosque Municipal convertido em imensa mata sem poder oferecer à população distração alguma, completamente abandonado à devastação dos lenhadores, está agora completamente transformado em um lugar aprazível, onde a população de Belém poderá recrear-se nos dias em que puder se libertar dos seus afazeres.

São de importância relativa os melhoramentos que ali se tem introduzido, e de pouco dispêndio, e conto que, à vista de estarem bastante adiantadas as obras, poderá ele ser inaugurado 15 de agosto.<sup>765</sup>

O Palácio Municipal, atualmente Palácio Antonio Lemos, demonstra pela recente denominação a associação do intendente Antonio Lemos ao período da *belle- époque* da

---

<sup>765</sup> MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez*. Belém: Typ.do Diário Official, 1891.p.55.

cidade de Belém (apesar, de o prédio ter sido projetado ainda no período imperial pelo Barão de Marajó). Mesmo com a exaltação dos valores republicanos, o passado monárquico nunca foi negado totalmente pelo governo de Lemos como comprova o *Álbum de Belém em 1902* que rememora os iniciadores das obras do Palácio:

Em 14 de abril de 1868 foram iniciadas as obras do antigo Paço Municipal e Estadual, sendo presidente da então província do Grão-Pará o Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. Encarregou-se do levantamento da planta e da direção das respectivas obras o engenheiro José Coelho da Gama e Abreu, Barão de Marajó. O Palacete Municipal, que obedece a um plano de arquitetura moderna, ocupa o lado esquerdo da Praça Independência e é dividido em dois andares, um térreo e outro superior. (...) Todo edifício, que se acha muito bem conservado, é solidamente construído em perfeito acordo com nossas condições climáticas. Sua inauguração solene efetuou-se a 15 de agosto de 1883, sendo presidente da província paraense o general Visconde de Maracajú.<sup>766</sup>

Segundo Célia Bassalo, o Palácio Antonio Lemos ou Palacete Azul é o exemplar mais suntuoso da arquitetura da segunda metade do século XIX em Belém, sendo um dos poucos prédios públicos que ainda mantém sua função original, se caracteriza pelo estilo neoclássico tardio ou imperial brasileiro com os ladrilhos do piso interior do prédio com características da *art nouveau*, o palácio é decorado com peças do mesmo estilo.<sup>767</sup>

---

<sup>766</sup> BELÉM, Intendência de. (1902; Antônio Lemos). *Álbum de Belém em 15 de novembro de 1902*.p.7-8.

<sup>767</sup> BASSALO, Célia. *Art Nouveau em Belém*. Brasília: IPHAN/ Monumenta, 2008.p.106-109.



Figura 18. **Fachada do Paço Municipal/Palácio Antonio Lemos.**

Fonte: Fotografia de Percival Tirapeli. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/>. Acesso em 25 de junho de 2005.

O Bosque, o Teatro e o Palácio já existiam, mas a sua reforma e a valorização fez com que houvesse uma ressignificação desses monumentos e, com isso, o esquecimento de parte da historicidade do período do primeiro governo de Lauro Sodré e também do período imperial. A atuação política do intendente Antonio Lemos e de seu aliado político Augusto Montenegro contribuíram para a posterior associação de seus feitos à imagem da opulência da economia da borracha, por emprenderem a remodelação da cidade,

tendo como maior inspiração as reformas executadas pelo Barão de Haussmann na cidade de Paris, igualmente “destruidoras” do passado.<sup>768</sup>

As reformas e empenho em ressaltar sua imagem como bom administrador e como mecenas (ao apoiar diversos intelectuais e artistas) contribuíram para a permanência de sua memória.<sup>769</sup> Mas, questão da memória política é muito mais complexa; pois se os republicanos colaboraram muitas vezes para a invisibilidade da monarquia (sendo a administração de Lemos, como Intendente, e de Augusto Montenegro, como Governador, as mais eficazes); por outro lado não se pode esquecer o apagamento da imagem de Lemos, no período de 1912 e 1913 (época que marcou sua derrocada política)<sup>770</sup>. Por isso, de 1913 até a década de 1920 o nome de Lemos foi, de certa forma, esquecido.<sup>771</sup>

Na década de 1920, a imagem de decadência da cidade de Belém tornou-se muito forte, os historiadores e literatos em sua memória privilegiaram a lembrança do último governante do auge da economia gomífera e símbolo da *belle-époque*.<sup>772</sup> Alguns momentos foram extremamente importantes para plasmar essa imagem no decorrer do século XX como o retorno das cinzas de Lemos, junto ao ritual público feito para reparar as injustiças feitas ao político, ocorrido em 1973; e a reforma e nova denominação do Palácio Municipal (o Palacete Azul), como Palácio Antônio Lemos, na gestão de Hélio Gueiros em 1994.<sup>773</sup>

Toda essa complexidade da memória política iniciada com o apagamento dos feitos do Império pelos republicanos até o mito lemista, iniciado na década de 1920, contribuíram para o esquecimento da atuação política do Barão de Marajó. Esse esquecimento foi apenas no campo político, pois a obra de Gama e Abreu tornou-se uma referência para diversos estudiosos a respeito da Amazônia.

A principal preocupação do Barão de Marajó era a de ser lembrado como um erudito. Seus escritos não ressaltaram as obras ocorridas em sua gestão de forma muito

---

<sup>768</sup> Émile Zola descreveu dessa forma a atuação de Haussmann: “Eles desembaraçaram o Louvre e o Hôtel de Ville. Parecia quase uma brincadeira de criança! Paris foi cortada a golpes de sabre e suas veias abertas nutriam cem mil demolidores e pedreiros, passando a ser atravessada por admiráveis vias estratégicas, fortalecendo e dando elegância aos velhos quarteirões.” Zola, Émile. *La Curée*. Paris: Eugène Fasqualle, 1906. A respeito das reformas feitas durante o século XIX na cidade de Paris pelos administradores Chabrol, Rambuteau e Haussman ver: COMBEAU, Yvan. *Paris: uma história*. Porto Alegre: L&PM, 2009.p.60-91.

<sup>769</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>770</sup> Em 1913, seu jornal, A Província do Pará, foi incendiado e sua casa saqueada, tendo que fugir do ataque dos revoltosos que acreditavam que Lemos fosse o responsável do atentado contra a vida de Lauro Sodré. Lembramos que Antonio Lemos, desde 1897, iniciou uma grande rivalidade com o político Lauro Sodré, essa rivalidade formou a oposição entre lauristas e lemistas.

<sup>771</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>772</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

<sup>773</sup> SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

intensa, como ocorria com Lemos, apenas ocorrem referências discretas. Procurava distanciar-se dos políticos e preocupava-se com viagens, arte e educação. Para ele os políticos “julgam-se a pedra filosofal de todos os sistemas políticos, mas em verdade seguem um único, o de arranjar qualquer lugar rendoso dado seja por que governo for”, quando fez essa afirmação, nos *Apontamentos de Viagem* (1874-1876), ele já contava com 19 anos de carreira pública e de envolvimento político no partido Liberal.<sup>774</sup>

Em 1895, o cientista suíço Emílio Goeldi escreveu que o Barão de Marajó pretendia afastar-se da política não apenas pelo cansaço, mas pelo desejo de variar a ocupação intelectual. Na visão de Goeldi, a política para o Barão de Marajó consistiria em uma “missão” de labutas causadora de fadigas enquanto as atividades intelectuais seriam mais prazerosas:

Exm. Sr. Barão de Marajó.

Constando-me que após honrosa, laboriosa e inteligente administração no alto cargo de Intendente da cidade de Belém do Pará, tencionais retirar-vos à vida particular e ao merecido repouso das labutações inerentes a esta missão, durante a qual destes provas de profunda compreensão dos fatores irremissíveis para o engrandecimento desta cidade e deste futuroso estado, conhecendo do outro lado a vossa inquebrantável atividade, creio não errar na suposição que semelhante resolução seja motivada menos pela fadiga das coisas públicas, do que pelo justo desejo de ocupação intelectual.<sup>775</sup>

Durante a velhice, o Barão de Marajó se mostrava bastante motivado com as atividades científicas, inclusive colaborando com Emilio Goeldi na criação da Sociedade Zeladora do Museu Paraense, associação inspirada em nos grêmios de Zeladores do Museu Britânico.<sup>776</sup> Goeldi narrou nestes termos sua parceria com o Barão de Marajó:

Expus as minhas ideias e as minhas esperanças a uma pessoa, que eu conhecia como tomando o máximo interesse no progresso pátrio e que, apesar de ter preenchido os mais altos cargos na terra amazônica, já em tempos idos do *regimen* passado, como ainda recentemente na era nova, conservou uma energia e atividade juvenil. S. Exc. o Sr. Barão de Marajó ouviu-me atentamente, examinou o meu projeto, aprovou-o incondicionalmente e logo pôs seus valiosos préstimos à disposição da empresa. Grande foi a minha satisfação, porque o auxílio de S. Exc. significa nada menos que uma garantia de perfeito êxito e sucesso.<sup>777</sup>

---

<sup>774</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bósphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Lisboa: Typographia Minerva, 1874.p.22.

<sup>775</sup> GOELDI, Emílio. Offício ao Sr. Barão de Marajó. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia*, Pará: Typ. de Alfredo Silva & Cia, 1895.p.84-85.

<sup>776</sup> GOELDI, Emílio. Discurso proferido pelo Director do Museu por ocasião da Sociedade Zeladora do Museu Paraense. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia, Parte Administrativa*. Fasc.II; Vol I, Pará, 1896.p.113.

<sup>777</sup> GOELDI, Emílio. Discurso proferido pelo Director do Museu por ocasião da Sociedade Zeladora do Museu Paraense. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia, Parte Administrativa*. Fasc.II; Vol I, Pará, 1896.p.113-114.

De forma semelhante, a imagem do Barão intelectual foi a última deixada nas memórias do jornalista Brito Aranha. Quando encontrou o amigo pela derradeira vez, ele lhe entregaria pessoalmente um presente enviado por Antonio Lemos, um livro escrito por Arthur Vianna a respeito da história da Santa Casa de Misericórdia:

Li este fato, pouco mais ou menos, em um livro que me deu o Barão de Marajó. Um dia honrou-me com sua visita. Trazia um belo volume nas mãos. Ao entrar disse-me: - Sabe para que venho cá?  
- Para me dar o prazer de sua visita e honrar esta casa – acudo logo.  
- Para esse prazer sem dúvida; porém traz-me aqui a incumbência de ofertar-lhe, pessoalmente, em nome do senador paraense Antonio José de Lemos, provedor da Santa Casa de Misericórdia do Pará, este exemplar da notícia histórica da mesma Santa Casa, escrita pelo nosso colega Arthur Vianna.  
Agradei o brinde e pedi-lhe que se dignasse de transmitir o meu agradecimento ao ilustre cavalheiro paraense que me obsequiara.<sup>778</sup>

Por ser um político atuante no período republicano o Barão de Marajó acabou colaborando de alguma forma para o apagamento da memória imperial e advento dos novos símbolos republicanos; afinal o maior ícone republicano da cidade de Belém, contou com a sua participação.

De certa forma, ele agiu a favor do esquecimento de sua própria atuação política. Essa atitude não foi proposital, pois mesmo valorizando primordialmente a sua atuação na arena das letras e da ciência, o Barão de Marajó divulgava discretamente sua atuação política, percebendo-a de outro modo, enfatizou em seus discursos, a continuidade das modificações urbanas iniciadas na década de 1850 e não as rupturas ocorridas com mudança de regime político.

O Barão de Marajó considerava que a abertura do rio Amazonas e o início da exportação do látex foram um marco de ruptura positiva, que assinalava o início de projetos voltados para o desenvolvimento da Amazônia. Essa ruptura era, curiosamente, marcada por uma permanência de políticas modernizadoras que superavam as divergências políticas:

Passam os anos, sucedem-se os partidos no governo da Província e todos, qualquer que fosse sua orientação política, nos seus orçamentos lançavam sempre verbas para os melhoramentos materiais da cidade, e para o progresso da instrução pública. (...) São criados grêmios literários, um museu, biblioteca, novos bancos, caixas econômicas, o vapor e introduzido em diversas oficinas, abrem-se armazéns com móveis e utensílios servindo ao conforto, constroem-se novos edifícios mais condignos e apropriados aos fins que eram destinados, o ensino não é perfeito mais tem melhorado, há mais método nas divisões de matérias, a política ainda uma ou outra vez se faz sentir na escolha dos mestres, mas não com o desbragamento antigo. A escola normal, especialmente no sexo

---

<sup>778</sup> ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memórias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.p.133-134.

feminino, espalha a instrução e anima as mais inteligentes alunas alcançando um diploma para terem um meio de vida.<sup>779</sup>

A cidade de Belém em 1894, nos fins da administração do Barão de Marajó, demonstrava na materialidade o desdobramento das ações iniciadas pelo Barão de Mauá, com a navegação a comercial a vapor. Possuía cem mil habitantes, 8 avenidas, 87 ruas, 64 travessas, 17 praças edificadas, 11 igrejas, 3 docas, 26 edifícios públicos, um grande teatro, um campo para corrida de cavalos, 2 circos, um forno crematório, 3 cemitérios, 2 companhias de luz elétrica, uma de gás, uma de água, uma estação telefônica, uma escola normal, um liceu de arte, um liceu de estudos preparatórios e de agrimensura, um instituto de educandos artistas, um colégio para meninas pobres, um hospital de caridade, um hospital da ordem 3ª, um hospital da Beneficente Portuguesa, um hospital para loucos, uma prisão pública e uma penitenciária em construção, 5 sociedades maçônicas, duas sociedades literárias com publicação mensal, 5 jornais diários, uma sociedade velociclopedista e uma tauromachia.<sup>780</sup>

Em 1899, as transformações “assombrosas” que ocorriam na cidade, que foram descritas pela revista *Brasil-Portugal* :

Santa Maria de Belém, capital do estado do Pará, hoje uma das mais importantes do norte do Brasil, tem tido nos últimos dez anos um desenvolvimento assombroso. A exploração da borracha, que atrai por ano a esta região encantada milhares de braços, transformou por completo a antiga povoação, dotando-a com importantíssimos melhoramentos e alargando consideravelmente a área primitiva. Acabaram as velhas edificações irregulares e menos vistosas, e os novos edifícios, erguidos em amplas avenidas que irradiam do centro baixo, destacam-se pelo bom gosto e condições de ventilação apropriadas ao clima deste belo país equatorial.<sup>781</sup>

Suas visões positivas da urbanização da cidade e das melhorias na cultura e da educação são de certa forma a divulgação do seu trabalho na República e no período imperial. Ou seja, ele vivenciou a *belle-époque* amazônica intensamente como intelectual e político; sendo sujeito e testemunha privilegiada desse tempo e procurou divulgar uma memória positiva de si e de sua cidade, para o público nacional e para o exterior.

Mesmo com essa divulgação, a imagem do bom servidor público não permaneceu. Porém, o Barão de Marajó conseguiu ainda hoje ser lembrado nos círculos muito especializados como um intelectual que escreveu obras de referência nos estudos sobre a Amazônia.

---

<sup>779</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896. p.387-388.

<sup>780</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazônicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.390.

<sup>781</sup> *Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada. Ano 1, n°2, 16 de fevereiro de 1899.p.7.

\*\*\*\*\*

Ler sobre o Barão de Marajó é perceber a Amazônia como região de contato<sup>782</sup>, caracterizada pela conexão entre diferentes lugares com gente indo e vindo em vapores como jardineiros franceses, estucadores e os pedreiros portugueses, operários cearenses, jornalistas portugueses, geógrafos franceses, funcionários de companhias inglesas de serviços, artistas, políticos e muitos intelectuais-viajantes.

Com a circulação dos projetos arquitetônicos, as cidades se tornavam muito semelhantes: Alexandria tinha bairros praticamente europeus; Lisboa possuía *squares* ingleses; Londres era uma enorme Paris; Viena tinha uma das melhores óperas do mundo; os engenheiros de Madrid projetavam os novos bairros como os de Paris; Recife era a nova Liverpool; Belém e Manaus possuíam *boulevards*, praças, teatros com características da arquitetura europeia e se tornariam centros da civilidade americana, conforme a grande pretensão dos “cidadãos do arco e flecha”, que sempre pensavam nesse tempo futuro.<sup>783</sup>

A ilusão das ideias de progresso e modernidade alimentadas pela economia do látex inspirava projetos para a região, cujas ações criavam lugares de memória com referências europeias; as “teias” de relações ou “pontes” eram formadas por essas referências de imagens, pela busca de ilustração e modificação de hábitos através da educação e pela vinda de diversos imigrantes europeus.

O interessante é que os intelectuais que viveram a “Bela Época” pensavam a cidade como atrasada e projetavam a época do “porvir”. Atualmente persiste a memória desse tempo passado como um passado mítico; o presente é definido pela decadência.<sup>784</sup> Do estudo da trajetória política do Barão de Marajó vislumbramos uma cidade com fluída memória política e espaços incessantemente transmutados que trazem a marca de diversos tempos e vários sujeitos.

---

<sup>782</sup> GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.

<sup>783</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomos I, II e III. Lisboa: Typographia Universal, 1874-1876.

<sup>784</sup> A imagem da cidade de Belém como decadente pode ser encontrada nos romances de Dalcídio Jurandir, ver: JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: Editora da UFPA, 2004.

## Considerações Finais

Se eu não temesse que as minhas expressões fossem atribuídas ao um mal entendido amor às províncias que me foram berço, diria que neste mundo amazônico aos espantos de um dia segue-se maiores espantos nos dias seguintes, as maravilhas de hoje são eclipsadas pelas maravilhas de amanhã, a um rio imenso sucede outro ainda mais colossal.<sup>785</sup>

O Barão de Marajó, nesse trecho de seu livro mais conhecido, descreve a grandiosidade da natureza amazônica e a crença em um futuro prodigioso para essa região. Desde a sua primeira obra *Apontamentos de Viagem* (1874-1876) à última *As Regiões Amazonicas* (1896), ele continuamente, divulgou as mesmas potencialidades que se revelariam no futuro.

Sujeito e objeto deste trabalho de pesquisa, o Barão de Marajó era um amazônida com duas nacionalidades: a brasileira e a portuguesa. Portugal e Brasil eram identificados pelos padrões da época como locais não totalmente “civilizados”. Portugal era visto como uma região quase oriental, ligada ao medievo e ao passado, enquanto o Brasil era a única monarquia da América e o último país a abolir a escravidão.

Havia ainda uma terceira identidade, importante para o Barão de Marajó que era ser “amazonense, nascido no Pará”,<sup>786</sup> essa última identidade, ligada ao exotismo e à distância era à qual ele se reconhecia, por isso pensava, planejava e agia para que a

---

<sup>785</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.109.

<sup>786</sup> Para o Barão de Marajó a palavra “amazonense” não significava ter nascido no estado do Amazonas e sim na região amazônica.

Amazônia se tornasse um centro de civilização com enormes possibilidades de negócios, um local aberto ao mundo pela navegação do rio Amazonas.<sup>787</sup>

A inserção em círculos intelectuais europeus e a divulgação da Amazônia era uma forma de conseguir a aceitação e a integração da região no governo central, sendo necessária para ser respeitado como um intelectual e para conquistar cargos públicos.

O Barão de Marajó preparou-se para alcançar esses objetivos pela sua formação em Coimbra e através de suas inúmeras viagens, que envolviam objetivos pessoais e práticos. Conforme Wilma Peres Costa:

A verdade é que talento e preparo intelectual eram mercadorias escassas no Brasil de meados do século XX, e os mecanismos de recompensas imperiais – o reconhecimento público, a publicação pela imprensa oficial, a porta de entrada na carreira política – estavam disponíveis para os que se empenhassem na missão civilizadora que se esperava dos intelectuais dos novos Estados-nações da América: ajudar a forjar, para seus compatriotas e para o palco das nações civilizadas da Europa, uma identidade nacional”.<sup>788</sup>

Viajar era uma iniciação, uma aprendizagem importante para a carreira política e intelectual. O Barão de Marajó valorizava a educação e a ciência. Pensava que um bom político deveria ter uma excelente formação, além de ser um viajante, conhecendo, se possível, todas as províncias do país, especialmente as mais afastadas e as viagens ao exterior deveriam fazer parte dessa ilustração.<sup>789</sup>

Através da circulação de periódicos e de livros, buscava-se definir espaços e identidades nacionais e regionais, ou seja, os intelectuais dos dois mundos criavam suas “comunidades imaginadas”.<sup>790</sup> Os intelectuais brasileiros se preocupavam em forjar teorias que justificassem a configuração territorial da nação, a mais utilizada era a telúrica, uma definição de “espaço natural” da nação desenhado pelas bacias amazônica e a platina, ao ser descoberto e colonizado pelos portugueses o Brasil recebeu um legado cultural europeu.

A defesa dessa espacialidade se dava principalmente nos embates sobre o território contestado franco-brasileiro (questão resolvida pela arbitragem suíça que deu ganho ao Brasil). A defesa brasileira contou com a atuação do Barão de Rio Branco, auxiliado pelas pesquisas de campo da equipe chefiada por Emilio Goeldi.

---

<sup>787</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *A Amazônia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brasil*. Lisboa: Typographia Minerva, 1883.

<sup>788</sup> COSTA, Wilma Peres. *Narrativas de viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual*. (org). RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p.80.

<sup>789</sup> ABREU, José Coelho da Gama e. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomos I, II e III. Lisboa: Typographia Universal, 1874-1876.

<sup>790</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

O Barão de Marajó foi um dos intelectuais envolvidos na questão, estabelecendo polêmica com Henry Coudreau, Romanet du Caillaud e Henrique Deloncle intelectuais ligados à Sociedade de Geografia Comercial de Paris. Esses embates foram acompanhados por jornais brasileiros e franceses produzindo uma teia de polêmicas que vão aproximadamente de 1883 a 1896.

O diálogo inicia em 1883, quando o *Petit Journal* divulgou a conferência de Henrique Deloncle na Sociedade de Geografia Comercial; logo o texto foi comentado pela *Révue Sud Americaine* que incitou uma resposta brasileira. O Barão de Marajó aceitou a provocação e publicou a resposta à Deloncle no jornal *Diário do Brasil*, no ano seguinte os artigos do Barão de Marajó ganharam o formato do livro *Um protesto* (1884).

Nesse mesmo ano a *Revista Amazonica*, dirigida por José Veríssimo, publicou uma resenha criticando o Barão de Marajó, em outro número a revista lançou um artigo do advogado Tito Franco sobre a questão. As polêmicas continuaram, e em 1887 o viajante francês Henry Coudreau citou o livro *A Amazonia* do Barão de Marajó, usando as “queixas” contra o governo imperial para defender a influência francesa na Amazônia.

A resposta veio em 1896, e, retomando a questão do território contestado para criticar Coudreau, o Barão de Marajó publicou o livro *As Regiões Amazônicas*, um livro recebeu subsídios do governo do estado do Pará e pretendia fazer propaganda da Amazônia no Brasil e no exterior; nele, o Barão de Marajó reinterava sua posição a favor do Brasil, renovada por novas leituras, como o trabalho de Tito Franco. A divulgação da Amazônia feita pelo livro do Barão de Marajó surtiu efeito, sendo comentado no mesmo ano da publicação em uma longa resenha escrita por Romanet du Caillaud no *Bulletin de la Société de géographie commerciale de Paris*.

Os livros do Barão de Marajó sobre a Amazônia pretendiam valorizar a imagem da região dentro do Brasil e no exterior enfatizando as possibilidades de aproveitamento dos recursos naturais, incentivando o uso dos rios para a navegação internacional, a exportação de outros produtos naturais além do látex, a agricultura e a imigração. O último trabalho do Barão, escrito com essa finalidade, foi um artigo sobre o clima amazônico publicado na obra *O Pará em 1900*.

As exposições universais eram outro momento importante para a propaganda que visava melhorar a imagem da região, conquistar investimentos e atrair imigrantes. O Barão de Marajó participou como delegado do Pará na Exposição Universal de Paris de 1889; foi delegado do Pará e expositor da seção brasileira de arqueologia na Exposição de Chicago em 1893. O Barão descreveu as exposições como a um complemento da obra

dos viajantes e dos propagandistas na divulgação da Amazônia: “As exposições nacionais e mais ainda as internacionais, as conferências e escritos de alguns brasileiros que a ela concorreram acabaram a obra começada, e hoje o rio mar é sulcado por grande número de vapores que levam os nossos produtos aos mercados de todo o mundo”.<sup>791</sup>

Os círculos intelectuais do Barão de Marajó eram extensos por sua participação em associações como: a Sociedade Real das Ciências de Lisboa, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Associação de Zeladores do Museu Paraense, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, a Sociedade de Estudos Paraenses, a Sociedade Propagadora do Ensino, entre outras. Essas instituições eram locais para o diálogo e a ampliação dos âmbitos de circulação.

É importante ressaltar a considerável interlocução com Lisboa mantida pelo Barão de Marajó, escrevendo artigos na revista *Brasil-Portugal* ou mantendo amizade com intelectuais como: o escritor Pinheiro Chagas; os jornalistas João Amado de Souza (*Diário Ilustrado*) e Brito Aranha (*Diário de Notícias*) e o artista Raphael Bordallo Pinheiro. Entre os intelectuais brasileiros destaca-se a sua relação com o jornalista Santa-Anna Nery (na Exposição de Paris em 1889) e com o engenheiro Ignácio Moura, um admirador de seu trabalho.

O Barão de Marajó soube como poucos se estabelecer em meio ao poder. Mesmo com as contendas entre liberais e conservadores, se inseriu no círculo de intelectuais próximos ao imperador D. Pedro II, certamente devido à sua ilustração. Essa amizade com D. Pedro II não impediu, com a mudança de regime, suas boas relações com o republicano Lauro Sodré; sendo escolhido pessoalmente e com insistência por esse governador para ocupar a Intendência de Belém e representar o Estado na Exposição de Chicago.

Outros governadores o tratavam com deferência, como Antonio Paes de Carvalho (1897-1902) que o convidou para escrever um artigo na coletânea *O Pará em 1900* e Augusto Montenegro (1901-1909) que fez questão de recebê-lo pessoalmente, em 1905, quando voltava de uma viagem à Europa.<sup>792</sup> Suas relações com o intendente Antonio Lemos também eram boas, já que o filho do Barão, Jayme Abreu, era correspondente em Paris do jornal *A Província do Pará*, em 1905. Sua atuação como

---

<sup>791</sup> ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas*. Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.p.6.

<sup>792</sup> *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1905.

intelectual certamente o ajudava a interagir com desenvoltura em diversos cenários políticos.

Devido à ligação de Jayme Abreu (o filho) e de Ignácio de Moura (o amigo) com o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, houve um esforço em manter a memória sobre o Barão de Marajó, lembrado no evento da Exposição da Galeria História em 1918, e em uma festividade de comemoração ao centenário de seu nascimento, em 1932. Essa instituição era um dos principais responsáveis pela cristalização da imagem dos heróis da pátria e do estado na História, algo fundamental para o regime republicano.

Visando preservar a sua memória foram produzidas imagens como a pintura de Maurice Blaise e os desenhos de Raphael Bordallo e Rodolfo Bernadelli. Suas biografias estão presentes em periódicos (como o jornal *Diário Ilustrado* e a revista *Brasil Portugal* ambos publicados em Lisboa), em livros como *Factos e Homens do meu tempo* de Brito Aranha e em um artigo da *Exposição da Galeria Histórica* de 1918 do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. A maior parte desses textos reproduz a ênfase na atuação intelectual, como era a vontade do próprio Barão de Marajó.

Além de sua considerável atuação intelectual ocupou cargos como diretor das Obras Públicas, Presidente de Província e intendente. Algumas iniciativas que contaram com a sua participação foram os projetos educacionais, de colonização agrícola (imigração) e de diversificação da economia.

O Barão de Marajó era um intelectual e político paradigmático por ter atuado em projetos ligados à adaptação de uma estética europeia para a cidade de Belém por quase meio século com poucas interrupções. Suas viagens iniciáticas pela Europa e Oriente são o fundamento de sua carreira como administrador e urbanista, demonstrando ao mesmo tempo o ímpeto romântico de expansão da individualidade e a observação acurada das urbes.

Desde o império havia uma preocupação expressa na criação de paisagens agradáveis no centro urbano, no asfaltamento de ruas, nas obras no porto, na implantação dos serviços fundamentais como o fornecimento de água encanada e energia elétrica na cidade de Belém; e na construção de monumentos como o Palácio da Intendência e o Teatro da Paz. Esses monumentos, que atualmente tornaram-se lugares de memória, foram construídos lentamente ao longo de muitas gestões e testemunharam a queda da monarquia.

A tentativa de europeização da cidade de Belém deve muito à ação do Barão de Marajó por seu envolvimento nesses projetos como o diretor das Obras Públicas da

Província do Pará, entre 1855 a 1871, quando esteve à frente desses processos de urbanização e embelezamento de Belém; participando da fase inicial da construção do Teatro da Paz e projetando o Palácio da Intendência a pedido do Presidente Antonio Coelho de Sá e Albuquerque.

Depois de um período na Europa, o Barão retornou ao Pará para assumir a presidência da província entre 1879 e 1881. Em sua gestão algumas obras tiveram grande importância como a retomada do projeto do Palácio da Intendência, o fechamento do Cemitério da Soledade por contaminação do solo, as pesquisas sobre a qualidade da água e a assinatura do contrato com uma companhia inglesa para o abastecimento de água na cidade de Belém.

O regime republicano procurou impor sua imagem ao transformar a cidade imperial, ocultando características, mudando o nome das ruas, implantando novos símbolos (como o Monumento à República) e ressignificando locais como o Palácio da Intendência e o Teatro da Paz. Os intendentess republicanos agiram ao encontro dessas novas perspectivas, como o Barão de Marajó, que conseguiu a inserção no novo regime com o apoio do governador Lauro Sodré. Entre suas obras como intendente destacam-se a reforma e inauguração do Bosque Municipal, o concurso e o início da construção do Monumento à República, o engajamento nos projetos para educação profissional, as reformas de ruas, uma ênfase na disciplinarização dos hábitos da população e o início do uso da iluminação por eletricidade.

O intendente Antonio Lemos, em parceria com o governador Augusto Montenegro, deu continuidade ao projeto republicano de apagamento da imagem da cidade imperial. As reformas e ressignificações conseguiram plasmar a imagem de uma cidade republicana, a grande intensidade dessas transformações resultou na mitificação do intendente Lemos associando-o intrinsecamente à cidade de Belém.

A urbanização das cidades ocorria em diversos locais do Brasil, a partir das referências de capitais europeias como Paris e Londres. Na Amazônia, os projetos políticos da segunda metade do século XIX davam ênfase à remodelação das capitais; esse processo perpassa o período imperial e o início do regime republicano.

Nem todos os governantes concordavam com os gastos com obras públicas e o remodelamento das cidades. Entrelaçavam-se visões diferentes sobre o mesmo espaço, e as obras seguiam muito lentamente, muitas somente foram concretizadas no período republicano devido às divergências políticas e porque durante o império, o governo

enviava poucos recursos para os estados do Pará e Amazonas. As obras públicas eram pensadas para uma minoria, mas utilizadas por todos:

Um outro abuso ainda mais censurável e mais digno de remoção, é dos carregadores e vendedores ambulantes, que ocupam quase sempre os passeios das ruas, em vez de seguirem para o centro, lugar que lhes é naturalmente destinado. Quantas vezes uma família, ou mesmo os cavalheiros, são obrigados a saltos rápidos dos passeios para o leito da rua, porque naqueles andam cestos, tabuleiros, caixas, bagagens de todo gênero, e os portadores absolutamente não se arredam.<sup>793</sup>

Pode-se pensar que o uso feito pela população menos favorecida desses espaços remodelados e europeizados o desagradasse, mas ao contrário, o Barão acreditava que esses locais deviam ser utilizados por todos; o elitismo era o que lhe desagradava na cidade de Paris, onde a moda originava o hábito de manter horários específicos para que trabalhadores e o *high life* frequentassem o *Bois de Boulogne*.

Deve-se lembrar, porém, que o Barão de Marajó era favorável aos códigos de posturas e quando ocupou o cargo de intendente procurou fazer a população cumprir as normas, o que nem sempre era possível. Alguns jornalistas como Bento Aranha, proprietário do *Correio Paraense*, criticavam as tentativas de implantar o código de posturas, assim como as deficiências no serviço de abastecimento de água e luz. Os inúmeros ataques feitos por esse jornal ao Barão de Marajó levaram seu proprietário a responder um processo de judicial.

A despeito da longa atuação do Barão de Marajó na administração pública, existe em Belém apenas uma rua com seu nome, no Bairro do Comércio. Essa invisibilidade política do Barão de Marajó relaciona-se tanto com o esforço do próprio biografado de ser reconhecido como intelectual quanto se confunde com a contínua ressignificação da memória da cidade de Belém no decorrer do tempo, especialmente nas mudanças do regime político imperial para o republicano, no entanto, qualquer historiador ou geógrafo especializado na Amazônia do século XIX tem conhecimento do livro *As Regiões Amazonicas* e dos relatórios de governo, afinal temas como imigração, educação, natureza e cidade perpassam por suas obras. O Barão de Marajó conseguiu tornar-se um intelectual conhecido por ter escrito uma obra de referência sobre sua região, como assim desejava.

Podemos afirmar que o Barão de Marajó era “um homem de seu tempo e de seu país”, nos dizeres de Machado de Assis, pois, sua trajetória o tornou um sujeito significativo para pensar o processo de formação nacional durante o segundo reinado e o início da república.

---

<sup>793</sup> *Folha do Norte*, Belém, 01 de agosto de 1896, p.1.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

#### Álbuns

BELÉM, Intendência de. (1902; Antonio Lemos). *Álbum de Belém em 15 de novembro de 1902*. Paris: Philippe Renouard, 1902.

PARÁ, Governo do. (1997-1901; J. Paes de Carvalho). *Álbum do Pará em 1899*.

PARÁ, Governo do Estado. (1901-1909; Augusto Montenegro). *Álbum do Estado do Pará: oito annos de governo*. Paris: Chaponet, 1908.

#### Dicionários

BLAKE, Augusto Sacramento Vitorino. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

BROC, Numa. *Dictionnaire illustré des explorateurs et grand voyageurs français du XIX siècle*. Vol.3 Amérique . Paris: Ed. CTHS, 1999.

CUNHA BUENO, Antonio Henrique; ALMEIDA BARATA, Carlos Eduardo. *Diccionario das famílias brasileiras: Um livro sem fim. Tomo II*. São Paulo: Tipografia Tucano Ltda., 2000.

LAROUSSE, Pierre. *Grand Dictionnaire universel du XIXe siècle*. Disponível em <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em 12 de abril de 2013.

#### Fontes administrativas

AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Exposição com que o Exm.º Sr. Presidente da província do Amazonas, Dr. José Coelho da Gama e Abreu, passou a direção da mesma ao Exm. Sr. Presidente Jacintho Pereira do Rego*. 9 de fevereiro de 1868.

AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial do Amazonas na 1.a sessão da 13.a legislatura em 25 de março de 1876 pelo excellentissimo senhor presidente da Provincia, dr. Antonio dos Passos Miranda*. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1876.

AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio apresentado ao exm.o sr. dr. Agesiláo Pereira da Silva, presidente da provincia do Amazonas pelo dr. Domingos Jacy Monteiro, depois de ter entregue a administração [sic] da provincia em 26 de maio de 1877. Manáos, Typ. do Amazonas de José Carneiro dos Santos, 1878.*

AMAZONAS. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio com que o exm.o sr. tenente coronel José Clarindo de Queiroz, presidente da provincia do Amazonas, abriu a 1.a sessão da 15.a legislatura da Assembléa Legislativa Provincial, 31 de março de 1880. Manáos, Typ. do Amazonas, 1880.*

FRANÇA. Governo da França. *Reponse du gouvernement de la République française ao mémoire des Etats-Unis du Brésil su la question de frontiere, sumisse à arbitrag du gouvernement da Confederation Suisse*. Paris : Impr. Nationale, 1899.

PARÁ. Governo do Estado do. *Mensagem dirigida ao congresso legislativo do Pará pelo Dr. Augusto Montenegro – Governador do Estado*. Belém: Imprensa Official do Estado do Pará, 1907.

PARÁ, Governo do Estado do. *Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Pará pelo dr. João Antonio Luiz Coelho Governador do Estado*. Belém: Imprensa Official do Estado, 1911.

MARAJÓ, Barão de. Relatório da Intendencia Municipal de Belém. In: PARÁ. Governo do Estado do. *Relatório com o que o Capitão-Tenente Duarte Huet de Barcelar Pinto Guedes passou a administração do estado em 24 de junho de 1891 ao Governador Lauro Sodré. Eleito pelo congresso constituinte em 23 do mesmo mez*. Belém: Typ.do Diário Official, 1891.

PARÁ, Secretária da Presidência da Província do. (série 13ª-ofícios-1869-1876). *Repartição das Obras Públicas. Cópia da Ata da reunião do Conselho da Repartição das Obras Públicas*. 8 de março de 1869.

PARÁ, Secretária da Presidência da Província. *Relatório da Repartição de Obras Públicas. Annexos ao relatorio com que o excellentissimo senhor vice-almirante e conselheiro de guerra, Joaquim Raymundo de Lamare, passou a administração da provincia do Gram-Pará ao excellentissimo senhor visconde de Arary, 1.o vice-presidente, em 6 de agosto de 1868*. Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, [n.d.]

PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Presidente Soares de Andréa - Discurso de 2 de março de 1838.*

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Discurso recitado pelo exc.dr. Bernardo de Souza Franco, Presidente da Província do Pará, quando abriu a Assembléa Legislativa Provincial, no dia 15 de agosto de 1839.* Belém, typ. Santos & Menor, 1839.

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Falla dirigida pelo exc. sr. Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, Presidente da Província do Grão-Pará, á Assembléa Legislativa Provincial na abertura da sessão ordinária da sexta legislatura no dia 10 de outubro de 1848.* Pará typ. Santos & Filhos, 1848.

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Falla que o exm. snr. conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente desta provincia, dirigiu á Assembleia Legislativa provincial na abertura da mesma Assembleia no dia 15 de agosto de 1854.* Pará, Typ. da Aurora Paraense, 1854.

PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Exposição 1855. Vice Presidente João Maria de Moraes. Publicado como anexo da Falla de 26 de outubro de 1855.* 31 de julho de 1855.

PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Relatório apresentado pelo diretor da Repartição de Obras Públicas, José Coelho da Gama e Abreu, ao vice-presidente da Província Miguel Antonio de Pinto Guimarães, Belém, Pará.* 15 de outubro de 1855. Publicado como Anexo ao Relatório de 1855 (S1VI-S1XIV).

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Exposição pelo exm. sr. Conselheiro Sebastião do Rego Barros, Presidente da provincia do Gram-Pará ao exm. sr. Tenente-coronel d'Engenheiros Henrique Beaurepaire Rohan, no dia 29 de maio de 1856, por ocasião de passar-lhe a administração da mesma Província.* Pará typ. Santos & Filhos, 1856.

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatório apresentado ao ilm.º ex.º dr. João da Silva Carrão no ato de ser empossado da presidência da Provincia do Pará por Henrique Beaurepaire Rohan.* Pará: typ. Santos & Filhos, 1857.

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Vice-presidente Leitão da Cunha, Relatório de 15 de agosto de 1858.*

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio que o Exm. Sr. & Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque Presidente da Provincia do Pará apresentou ao Exm. Sr. vice-presidente Dr. Fábio Alexandrino de Carvalho Reis ao passar-lhe a administração da mesma Provincia em 12 de maio de 1860.* Pará: typ. de A. J. Rabello Guimarães, 1860.

PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Relatorio do Exm. Snr. Angelo Thomás do Amaral Presidente da Província do Gram-Pará ao Exm. Vice-presidente Olyntho José Meira por ocasião de passar-lhe a administração da mesma.* Pará: typ. Santos & irmãos, 1861.

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa da Província do Pará da primeira sessão da XIII legislatura pelo Exm. Sr. Presidente da Província Dr. Carlos de Araújo Brusque em 1 de setembro de 1862.* Pará: typ. de Frederico Carlos Rhossard, 1862.

PARÁ, Relatório do Governo da Província. *Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa da Província do Pará da segunda sessão da XIII legislatura pelo Exm. Sr. Presidente da Província Dr. Carlos de Araújo Brusque em 1 de novembro de 1863.* Pará: typ. de Frederico Carlos Rhossard, 1863.

PARÁ. Relatório de Governo da Província. *Presidente Raymundo de Lamare - Relatório de 6 de agosto de 1868.*

PARÁ. Relatório de Governo da Província do. *Relatorio que o excellentissimo senhor coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães, segundo vice-presidente da provincia, dirigio á Assembléa Legislativa Provincial no dia 15 de agosto de 1869 por ocasião da abertura da segunda sessão da 16.a legislatura da mesma Assembléa.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1869.

PARÁ. Relatório de Governo da Província. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na primeira sessão da 17.a legislatura pelo quarto vice-presidente, Dr. Abel Graça.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1870.

PARÁ, Relatório de Governo da Província. *Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa Provincial na primeira sessão da 18.a legislatura em 15 de fevereiro de 1872 pelo Presidente da Provincia, Dr. Abel Graça.* Pará, Typ. do Diario do Gram-Pará, 1872.

PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Falla com que o Exm.º Sr. Doutor José Coelho da Gama e Abreu, Presidente da Província, abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Legislativa da Província do Gram-Pará em 16 de junho de 1879.* Pará, 1879.

PARÁ. Relatório do Governo Província do. *Relatório apresentado pelo Excelentíssimo Senhor Dr. José Coelho da Gama e Abreu Presidente da Província a Assembleia Legislativa do Pará na sua 1ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1880.* Pará, 1880.

PARÁ. Relatório do Governo Província do. *Relatório apresentado à Assembleia Legislativa Provincial na 2ª sessão da 22ª legislatura em 15 de fevereiro de 1881 pelo Exm.º Sr. Dr. José Coelho da Gama e Abreu.* Pará, 1881.

PARÁ, Relatório do Governo da Província do. *Falla com que o Exm. Sr. Dr. João José Pedrosa abriu a 1ª sessão da 23ª legislatura da Assembleia legislativa da Província do Pará em 23 de abril de 1882.* Pará: typ. de Francisco da Costa Junior, 1882.

PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Falla.* Pará, 1885.

PARÁ. Relatório do Governo da Província do. *Fala com que o Exm.º Sr Francisco José Cardoso Junior, vice-presidente da província.* 20 de outubro de 1887. Pará. Tipographia do Diário de Notícias, 1887.

#### Fontes impressas

ABREU, José Coelho da Gama. *A Amazonia: as províncias do Pará e Amazonas e o governo central do Brazil.* Lisboa. Typographia Minerva, 1883.

ABREU, José Coelho da Gama. *As Regiões Amazonicas, estudos chorographicos dos estados do Gram Pará e Amazonas.* Lisboa: Imprensa de L. da Silva, 1896.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. *Ensaio corográfico sobre a Província do Pará.* Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

FIGUIER, Louis. *L'Année scientifique et industrielle : ou Exposé annuel des travaux scientifiques, des inventions et des principales applications de la science à l'industrie et aux arts, qui ont attiré l'attention publique en France et à l'étranger.* Paris : Hachette, 1889.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Exposição Universal de Paris: Exposição Brasileira.* 1889.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ. *Catálogo da Primeira série de uma galeria histórica.* Belém: Imprensa Oficial do Pará, 1918.

MAC-DOWELL, José Maria. *Fronteiras Nacionaes.* 3ª Edição. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 1922.

MAGALHÃES, Cruz. *Catálogo do Museu Raphael Bordalo Pinheiro.* Lisboa: Tipografia Universal, 1919.

MARAJÓ, Barão de. *Um Protesto – resposta ás pretensões da França a uma parte do Amazonas manifestadas por Mr. Deloncle.* Lisboa: Typographia Mattos Moreira, 1884.

MARTINS, João Antonio Rodrigues; GAMA E ABREU, Jayme P. da; HUBER, Jacques (Orgs.). *O Estado do Pará na Exposição Internacional das Indústrias e do Trabalho em Turim - 1911. Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. João Antonio Luiz Coelho, Governador do Estado, pela delegação paraense*. Paris: Imp. Kauffmann & Cie, 1911.

MOURA, Ignácio de. *A Exposição artística e industrial do Lyceu Benjamin Constant*. Belem: Typographia do Diário Oficial, 1895.

NABUCO, Joaquim. *Nabuco de Araújo – Sua vida, suas opiniões, sua época por seu filho Joaquim Nabuco*. Tomo II (1857-1866). Livro III. Rio de Janeiro: H.Garnier, s.d.

NERY, Frederico José de Santa-Anna. *O País das Amazonas*. São Paulo: Edusp, 1981.

NERY, Frederico José de Santa-Anna. *Folclore Brasileiro*. Recife: Massangana, 1992.

NERY, Frederico José de Santa-Anna. *Guide de L'Emigrant au Brèsil*. Syndicat du Comité Franco-Brèsilien pour L' Exposition Universalle de 1889. Paris: Librarie Charles Delagrave, 1889.

PARÁ, Governo do Estado. *O Pará em 1900*. Publicação comemorativa pelos 400 anos do descobrimento do Brasil, 1900.

PARÁ, Governo do Estado. *O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889*. Relatório do Presidente da Comissão, 1890.

PARÁ, Governo do Estado. *Apontamentos para a Exposição de Chicago*, 1892.

PARÁ, Governor of. *The State of Pará – Notes for exposition of Chicago*. New York: G.P. Putnan'Sons, 1893.

RAIOL, Domingos Antônio. *Abertura do Amazonas*. Tip. Do Jornal do Amazonas, Belém, 1867.

ROMERO, Sílvio. Explicações indispensáveis. In: *Vários Escritos*. BARRETO, Tobias. Sergipe: Ed. Do Estado do Sergipe, 1926.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA. *Livros de Matriculas da Faculdade de Filosofia*. Disponível em: [www.digitalis.uc.pt](http://www.digitalis.uc.pt). Acesso em 10 de dezembro de 2013

VANDELLI, Domingos. Memória sobre algumas produções naturais deste reino. Academia das Ciências de Lisboa, *Memórias Econômicas*, v. I, Lisboa, Banco de Portugal, 1990.

VARNHAGEM, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

Memorialistas, viajantes, romances e crônicas

ABREU, José Coelho da Gama. *Do Amazonas ao Sena, Nilo, Bhóphoro e Danúbio: Apontamentos de Viagem*. Tomos I, II e III. Lisboa: Typographia Universal, 1874-1876.

ANDERSON, Hans Christian. Uma visita em Portugal. *Obras Completas*. Copenhagen, 1868.

AGASSIZ, Louis. *Conversações Científicas sobre o Amazonas*, 1866.

ARANHA, Pedro W. de Brito. *Factos e homens do meu tempo: memorias de um jornalista*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1908.

AUDIGANNE, Armand. *Les Chamins de fer aujord'hui et dans cent ans*. Paris: Capelle, 1862.

BATES, Henry Walter. *O naturalista no rio Amazonas*. São Paulo: Brasiliana, 1944.

BIARD, François. *Deux Annés au Brèsil*. Paris: Librairie Hachatte, 1862.

BORDALLO, Raphael. *Apontamentos da Picaresca viagem do Imperador do Rasilb pela Europa*. Disponível no site: [www.citi.pt/cultura/artes\\_plasticas/](http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/). Acesso em 12 de abril de 2013.

CARVALHO, João Marques de Carvalho. *Contos do Norte*. 2ªed. Belém: Alzeviriana, 1907.

CASTELO BRANCO, Camilo. *Noites de insomnia, oferecidas a quem não póde dormir. N°6 (de 12)*. Porto: Typografia de Antonio José da Silva Teixeira, 1874.

CONDAMINE, Charles-Marie de la. ; MARTINS, Maria Helena. *Viagem pelo Amazonas (1735-1745)*. São Paulo: Edusp, 1992.

COUDREAU, Henri. *La France Équinoxiale. Études sur les Guyanes et l' Amazonie*. Paris:Challamel Ainé, 1886.

COUDREAU, Henri. *Les Français em Amazonie*. Paris: Alcide Picard, 1887.

DUVAL, Jules. Geographie et colonisation – Um Toast. *Annales des Voyages, de la Geographie, de l' Historie et de l' Archéologie, avec cartes et planches. Tome Premier*, Paris: Challamel Ainé, Libraire-éditeur, 1869.

FLAUBERT, Gustave. *Cinq letres d'Egypte*. Paris: Fayard/Mille et une nuits, 2002. Disponível em: <http://.galica.bnf.fr>. Acesso em 12 de abril de 2013.

FLAUBERT, Gustave. Les lettres d' Égypt. In: STEEGMULLER, Francis. *Flaubert in Egipy: a sensibility on tour*. Boston: Little, Brown e Co, 1973.

FLAUBERT, Gustave. *Salammbô*. Paris: Michel Lévy frères, 1863.

FOSESSES, Henry Castonnet des. *L'Inde Française*. Paris: Sociète de Geographie Commerciale. s.d. Disponível em: <http://.galica.bnf.fr>. Acesso em 12 de abril de 2013.

- GUILBERT, Armand. *Histoire des villes de France*. V.1, Paris : Furner et – Perrotin – Il Fournier. s.d. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em 12 de abril de 2013.
- JOANNE, Adolphe. *Voyage illustré dans les cinq parties du monde*. 1884. Disponível em <http://gallica.bnf.fr>. Acesso em 12 de abril de 2013.
- JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão- Pará*. Belém: Editora da UFPA, 2004.
- MACHADO, Júlio César. *Recordações de Paris e Londres*. Lisboa: Editor José Maria Correa Seabra, 1863.p. 107.
- MARAJÓ, Barão de. 1847-1897. In: MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- MARMIER, Xavier. La presse périodique em Allemagne. *Revue de Deux Mondes*. T.4. 1883.p.218-228.
- MAUPASSANT, Guy de. *Bel Ami*. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/25259515/Bel-Ami-by-Guy-de-Maupassant>. Acesso em 10 de janeiro de 2014.
- MOURA, Ignácio de. *De Belém a São João do Araguaia: Valle do Tocantins*. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- PATRONI, Filipe. *A viagem de Patroni pelas Províncias braileiras*. Lisboa: Typ. Lisboense, 1851.
- SEIXAS, Romualdo de. Memória dos diferentes sucessos de uma viagem do Pará até o Rio de Janeiro. *Jornal de Coimbra*. Rio de Janeiro, 1814.
- SILVA, Joaquim Caetano da. *L'Oyapoc et l'Amazone: question brésilienne et française*. Paris: L. Martinet, s.d.
- SPIX, Johann; MARTIUS, Carl Philip Von. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1981.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.
- WALLE, Paul. *Au pays de L'or noir: Para – Amazonas – Matto Grosso*. Paris: E.Guilmoto, 1909.
- ZOLA, Émile. *La Curée*. Paris: Eugène Fasqualle, 1906.

Manuscritos digitalizados

*Apresentação dos exemplares do Barão de Marajó* (sem data).

*Carta de agradecimento do Barão de Marajó a Diretoria da Academia Real das Ciências de Lisboa.* 16 de fevereiro de 1884.

*Carta do Barão de Marajó a Diretoria da Academia Real das Ciências de Lisboa.* 17 de fevereiro de 1884.

*Carta do Barão de Marajó ao presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa.* 11 de março de 1895.

*Ficha de sócio correspondente na Academia Real das Ciências de Lisboa do Barão de Marajó.* 10 de janeiro de 1884.

*Relatório a respeito da possível filiação do Barão de Marajó à Academia Real das Ciências de Lisboa.* 14 de dezembro de 1883.

Jornais

## **Brasil**

### ***Rio de Janeiro***

*A Reforma:* 1874.

*Diário do Brazil:* 1883, 1884.

*Diário de Notícias:* 1887.

*Diário Português:* 1885

*Gazeta da Tarde:* 1889.

*Gazeta de Notícias:* 1881, 1883, 1889, 1905.

*Jornal do Comércio:* 1859, 1885.

*Jornal do Brasil:* 1905, 1906.

*O Globo:* 1874, 1882.

### ***Curitiba***

*Diário da Tarde:* 1906.

### ***Maranhão (São Luis?)***

*A Pacotilha:* 1905, 1906.

### ***Belém***

*A Constituição:* 1882.

*A Epocha:* 1859.

*A República*: 1890, 1893.  
*Correio Paraense*: 1892.  
*Diário de Belém* :1881.  
*Diário do Comércio*: 1859, 1891.  
*Folha do Norte*: 1896, 1897.  
*Gazeta Official*: 1860,1868.  
*Jornal do Pará*: 1867.  
*O Democrata*: 1890, 1891.  
*O Liberal do Pará*: 1870, 1881.  
*O Pará*: 1898.  
*Treze de Maio*: 1848, 1853,1854.

### ***Juiz de Fora***

*O Pharol*: 1884.

### **Portugal**

#### ***Lisboa***

*Diário Illustrado*: 1875.

### **França**

#### ***Paris***

*Le Figaro*: 1889.

*Le Matin* :1890.

### Revistas

#### **Brasil**

*Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnographia*: 1895, 1896, 1913.

*Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*: 1884.

*Revista Amazonica*: 1884.

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*: 1840.

*Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*: 1900, 1933.

#### **França**

*Annales de géographie* :1903

*Bulletin de la Société de Géographie* : 1899, 1873, 1833.

*Bulletin de la Société de Géographie Commercial de Paris* : 1886, 1896, 1889

*Bulletin de La Société Royale de Géographie d'Anvers* :1914.

*Conférence faite à la Société de Géographie de Lille. le 22 novembre 1885.*

*La Diplomatie*: 1897.

*La Nature*:1896.

*Le Magasin Pittoresque*:1885.

*L'Illustration* :1900.

*Revue de Deux Mondes*: 1848-1856.

## **Portugal**

*Brasil-Portugal*. Revista quinzenal ilustrada: 1899.

## **INSTITUIÇÕES**

### **Academia Real de Ciências de Lisboa.**

Dossiê do Barão de Marajó como membro associado constando cartas para a direção da Academia Real das Ciências de Lisboa, fotografia e ata de associação como membro.

[www.acad-ciencias.pt/](http://www.acad-ciencias.pt/)

### **Arquivo Público do Pará**

Relatórios das Obras Públicas

### **Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna no Museu Paraense Emílio Goeldi**

Periódicos.

### **Biblioteca Nacional de Portugal**

Periódicos <http://www.bnportugal.pt/>

### **Bibliothèque Nationale de France.**

Obras raras, periódicos e documentos impressos. <http://www.gallica.fr/>

### **Biblioteca Pública Estadual Arthur Vianna**

Obras raras, periódicos, jornais e documentos impressos.

### **Center for Research Libraries**

Relatórios de governos das províncias. <http://brazil.crl.edu/>

### **Fundação Biblioteca Nacional.**

Periódicos. <http://www.bn.br/portal/>

### **Hemeroteca Digital de Lisboa.**

Periódicos. [www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt](http://www.hemerotecadigital.cm-lisboa.pt)

**Museu do Prado**

Obras de arte mencionadas por Gama e Abreu. <https://www.museodelprado.es/>

**Universidade de Coimbra**

Livros de Matriculas. [www.digitalis.uc.pt](http://www.digitalis.uc.pt)

## BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BASSALO, Célia. *Art Nouveau em Belém*. Brasília: IPHAN/ Monumenta, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOBBIO, Norberto. *Os Intelectuais e o Poder*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BOLLE, Willi. (Org.) *Amazônia: Região universal e teatro do mundo*. São Paulo: Globo, 2010.
- BOLLÈME, Geneviève. *O povo por escrito*. SP: Martins Fontes, 1986.
- BORGES, Ricardo. *Vultos Notáveis do Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.
- BRAUDEL, Fernand. *Las Ambiciones de La História*. Barcelona: Crítica, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: PECHMAN, Robert Moses (org). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã – um estudo das elites do século XVIII*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia*. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2010.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei – a construção da imagem pública de Luis XIV*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- BURKE, Peter. BRIGGS, Asa. *Uma História Social da Mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BRUNO, Paula. *Sociabilidades y vida cultural em Buenos Aires, 1860-1930*. Buenos Aires: Universidade Nacional de Quimeles, 2014.

- CANCELA, Cristina Donza. *A família na economia da borracha*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.
- CERTEAU, Michel. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papirus, 1995.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo. *A História Contada: Capítulos de História Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- COELHO, Geraldo Mártires. *O violino de Ingres. Leituras de História Cultural*. Belém: Paka-Tatu, 2005.
- COELHO, Geraldo Mártires. *O Espelho da natureza: o poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil*. Belém: Paka-Tatu, 2009.
- COELHO, Mauro Cezar. *A epistemologia de uma viagem: Alexandre Rodrigues Ferreira e o conhecimento construído na viagem filosófica às capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.
- COMBEAU, Yvan. *Paris: uma história*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: Momentos decisivos*. 9ªed. São Paulo: Unesp, 2010.
- CRISPINO, L., BASTOS, V., TOLEDO, P. *As origens do museu Goeldi – Aspectos Históricos e Iconográficos*. Belém: Paka-tatu, 2006.
- CROSBY, Alfred W. *A mensuração da realidade: a quantificação e a sociedade ocidental, 1250—1600*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CRUZ, Ernesto. *A procissão dos séculos: vultos e episódios da História do Pará*. Belém: Imprensa do Estado do Pará, 1952.
- CRUZ, Ernesto. *A História de Belém*. Belém: Ed. UFPA, 1973.
- CRUZ, Ernesto. *As Edificações de Belém (1873-1911)*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971.
- DAUMARD, Adeline. *Os burgueses e a burguesia na França*. São Paulo: Martins Fontes: 1992.
- DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

- DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes Literários da República – História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador - v.1. Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, Jhon L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- FARIAS, William Gaia. *O Alvorecer da República no Pará (1886-1897)*. Belém: Açai, 2008.
- FEBVRE, Lucien. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *A Cidade dos encantados, pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia (1870-1950)*. Belém: EDUFPA, 2008.
- GODIM, Neide. *A Invenção da Amazônia*. Manaus: Ed. Valer, 2007
- GRUZINSKI, Serge. *A passagem do século 1480-1520*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GUIMARÃES, Maria Lúcia Paschoal. GLEZER, Raquel. (orgs). *Varnhagem no Caleidoscópio*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013.
- HENRIQUE, Márcio Couto. *Um toque de voyeurismo: o diário íntimo de Couto de Magalhães (1880-1887)*. Rio Janeiro: EdUERJ, 2009.
- LACERDA, Franciane Gama. *Migrantes Cearenses no Pará (1889-1916)*. Belém: Açai, 2010.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.
- LEJEUNE, Dominique. *Les sociétés de Géographie en France et l'expansion coloniale au XIX siècle*. Paris: Albin Michel, 1993.
- LORIGA, Sabina. *O pequeno x – da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MAGNOLI, Demetrio. *O corpo da pátria, imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)*. São Paulo: UNESP, 1997.
- MATTOS, Ilmar Rohloff. *O Tempo Saquarema; a formação do Estado imperial*. Rio de Janeiro: Acces, 1994.
- NUNES, Francivaldo. *Colônias agrícolas na Amazônia*. Belém: Estudos Amazônicos, 2012.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade – A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PENNINGTON, David. *Manaus e Liverpool: uma ponte marítima centenária*. Manaus: Ed. da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

PESAVENTO, Sandra J. *Exposições universais: espetáculos da modernidade*. São Paulo: Hucitec, 1997.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PETIT, Pere. *Chão de Promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

RICCI, Magda. *Assombrações de um padre regente: Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2002.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. Ministério da Cultura – Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, s.d.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento – Sete ensaios da história das ideias*. São Paulo: UNESP, 2010.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAID, Edward W. *O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALLES, Vicente. *Marxismo, Socialismo e os militantes excluídos*. Belém: Paka-Tatu, 2001.

SANJAD, Nelson. *A coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*. 2ª Edição. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das Raças*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Sol do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. SP: Brasiliense, 1983.
- SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil*; 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, Luiz Werneck da, GONÇALVES, Williams. *Relações Exteriores do Brasil I (1808-1930)*. Petrópolis: Vozes, 2009
- SILVA, Helenice Rodrigues. *Fragmentos da História Intelectual entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo: Papirus, 2002.
- SILVEIRA, Rose. *Histórias invisíveis do Teatro da Paz*. Belém: Paka-tatu, 2010.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- VACCANI, Celita. *Rodolpho Bernardelli - Vida artística e características de sua obra escultórica*. Rio de Janeiro: s. edit., 1949.
- VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical – História cultural e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- WEBER, Eugen. *França Fin-De-Siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: Expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- WILLIAMS, Raymond. *A Política do Modernismo*. São Paulo: Unesp, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. Percepções metropolitanas e a emergência do modernismo. In: *A Política do Modernismo*. São Paulo: Unesp, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Unesp, 2011.p.215
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e A Cidade na História e na Literatura*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.
- WINOCK, Michel. *Vitor Hugo na Arena política*. Rio de Janeiro: Difel, 2008.

#### DISSERTAÇÕES/TESES

- ARRAES, Rosa Maria Lourenço. *Paisagens de Belém: história, memória e pintura na obra de Antônio Parreiras (1895-1909)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2006.

BARROS, Michelle Rose Meneses de. “*Germes de grandeza*”: *Antonio Ladislau Baena e a descrição de uma província do norte durante a formação do império brasileiro (1823-1850)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2006.

BARROSO, Daniel Souza. *Casamento e Compadrio em Belém nos meados do Oitocentos*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2012.

BATISTA, Luciana Marinho. *Muito além dos seringais: Elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará -1850-1870*. Dissertação de Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

BRITO, Rômulo Ferreira. *O cetro e a mala. As narrativas de Raphael Bordallo Pinheiro, Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão sobre a primeira viagem de D. Pedro II a Europa*. Dissertação de Mestrado. PUCRS, Porto Alegre, 2013.

CABETE, Susana Margarida Cavalheiro. *A narrativa de viagem em Portugal no século XIX: alteridade e identidade Nacional*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada. Universidade de Nova Lisboa, Université Paris III, Lisboa, 2010.

CANCELA, Cristina Donza. *Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém-1870-1920)*. Tese de Doutorado pela Universidade de São Paulo USP, São Paulo, 2006.

COELHO, Anna Carolina de Abreu. *Santa-Anna Nery um propagandista “voluntário” da Amazônia (1883-1901)*, Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2007.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Eternos Modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia (1908-1929)*, Tese de Doutorado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.

FONTES, Edilza. *Preferem-se Portugêses (as): Trabalho, Cultura e Movimento Social em Belém do Pará (1885-1914)*. Tese de Doutorado. UNICAMP, Campinas, 2002.

FREITAS, Iza Vanesa Pedrosa de. *O patronato das letras: cultura e política no Instituto Histórico e Geográfico do Pará (1930-1937)*. Dissertação de Mestrado em História Social da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

MARTINS, Karla Denise. *Cristóvão e Romanização do Inferno Verde: as propostas de D. Macedo Costa para a civilização da Amazônia (1860-1890)*. Tese de Doutorado em História. UNICAMP, Campinas, 2005.

- MEDEIROS, Vera Alárcon. *Incompreensível Colosso: a Amazônia no início do segundo reinado (1840-1850)*. Tese de Doutorado. Universidade de Barcelona, 2006.
- MESQUITA, Otoni Moreira de. *LA BELLE VITRINE. O mito do progresso na refundação de Manaus (1890-1900)*. Tese de Doutorado em História Contemporânea. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.
- MORAES, Tarcisio Cardoso. *A engenharia da história: natureza, modernidade e historiografia na Amazônia*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2009.
- NEVES, Arthur de Freitas. *Solidariedade e Conflito: estado liberal e nação católica no Pará sob o pastorado de Dom Macedo Costa (1862-1889)*. Tese de Doutorado em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- PEREIRA, Rosa Cláudia Cerqueira. *Percepção visual da cidade: iconografias da natureza urbana de Belém (1808-1908)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2015.
- SANJAD, Nelson. *Nos jardins de São José: uma história do Jardim Botânico do Grão-Pará (1796-1873)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- SILVA, Caroline Fernandes. *O moderno em aberto: o mundo das artes em Belém do Pará e a pintura de Antonieta Santos Feio*. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- SILVA, João Luiz Máximo da. *O impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo: USP, 2002.
- SOUZA FILHO, Durval de. *Os retratos de Coudreau: índios, civilização e miscigenação nas lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca do “bom selvagem” (1884-1899)*. Dissertação (Mestrado em História Social da Amazônia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Belém, 2008.

#### TEXTOS/ARTIGOS

- ALBUQUERQUE, Durval. Objeto em fuga: algumas reflexões sobre o conceito de região. *Fronteiras*, vol.10, nº17, 2008.p.55-67.

ALVES, José Jerônimo de Alencar. A natureza e a cultura no compasso de um naturalista do século XIX: Wallace e a Amazônia. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*. vol.18 n.3, Rio de Janeiro, 2011.p.775-788.

BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris: Um lugar na Exposição Universal. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. vol.4.jan./dez. 1996. p.211-61

BEZERRA NETO, José Maia. Nas terras do Cabo Norte: fugas escravas e histórias de liberdade nas fronteiras da Amazônia setentrional (século XIX). CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis. (orgs). In: *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açaí, 2010.p.163-181.

BISPO, Antônio Alexandre. *Brasileiros em Paris na década de 80 do século XIX*. Disponível em: <http://www.brasil-europa.eu>. Acesso em 10 de junho de 2012.

CARDOSO, Luciene Pereira Carris. Notas sobre o papel da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e sua contribuição para o desenvolvimento do saber geográfico no Brasil. *Revista de História e Estudos Culturais Fênix*. Ano VII, n°2, v.7, 2010.

CARVALHO. Murilo de. O pecado original da República. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 1, n°5,Nov.2005.p.20-24.

CHACHAM, Vera. Passado e Natureza nas narrativas de viagem do Brasil ao Oriente (século XIX). *Em Tese – Belo Horizonte*. vol. 7, dez. 2003.p. 95-103.

CHACHAM, Vera. Eça no Egito: encanto e desencanto na cidade oriental. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*. FALE/UFMG, V.19. n.25. jul/dez. 1999. p. 121-152.

COELHO. Anna Carolina de Abreu. O Pará na Exposição Universal de Paris em 1889: Um lugar na retrospectiva das habitações humanas. *Revista Eletrônica - Expedições História e Historiografia*. vol.3, n.2, 2012. p.85- 97.

COELHO, Geraldo M. *Vida intelectual e sociabilidade urbana na Belém da belle époque da borracha (1890-1910)*. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007.

CORBAIN, Alain. Bastidores. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.p.388-568.

CORRÊA, Paulo Maués. Leitura mítico-simbólica d’ O banho da Tapuia, de Marques de Carvalho. In: FERNANDES, José Guilherme; CORRÊA, Paulo Maués. *Estudos de Literatura da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu/EDUFPA, 2007.p.35-53.

COSTA, Wilma Peres. Viagens e peregrinações: a trajetória de intelectuais de dois mundos. (Org.) BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais: Sociedade e Política*. São Paulo: Cortez, 2003.p.57-81.

COSTA, Wilma Peres. Narrativas de Viagem no Brasil do século XIX – Formação do Estado e Trajetória Intelectual. (Org.) BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.p.31-49.

CORRÊA, Mônica. Escritores pseudoviajantes. *História Viva – Grandes Temas – A Herança Francesa*, São Paulo, v.1, n.9, ed. Especial. 2005. p.57.

DANIEL, Fernanda. Iluministas na Mata Tropical, *História Viva*, São Paulo, v.1, n.27, fev. 2006. p.82-87.

DAOU, Ana Maria. Instrumentos e sinais da civilização: origem, formação e consagração da elite amazonense. *História – Ciência – Saúde*, Manguinhos. v.6. Set, 2000. p.867-888.

DÓRIA, Renato Palumbo. Ver a paisagem, formar a nação: notas sobre o ensino de desenho no Brasil a partir de Belém do Pará. *Revista de Estudos Amazônicos*, vol.6, nº1, 2011. p. 117-147.

DUARTE, Constância Lima. As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história. *Estudos Feministas*. Florianópolis, set/dez, 2008.p.1047-1060.

FARIAS, Edson. Barão de Marajó – Tradução de um historiador e matemático para com as belas artes no Pará. *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2.* / (Orgs) VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ, 2010.

FERREIRA, Gabriela; FERNANDES, Maria; REIS, Rossana. “O Brasil em 1889”: um país para consumo externo. *Lua Nova*, São Paulo, vol.81, 2010. p.75-113.

FERREIRA, Marie-Jo. Testemunho da presença intelectual do Brasil na França: A Revue du Monde Latin e o Brasil (1883-1893). (Org.) BASTOS, Elide, RIDENTI, Marcelo e ROLAND, Denis. *Intelectuais: Sociedade e Política*. São Paulo: Cortez, 2003.p.48-56.

FLEURY, Jorge Nassar. Artes do progresso: uma história da visualidade da Exposição de Chicago de 1893. *19&20*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/>. Acesso em 15 de janeiro de 2014.

FLEURY, Jorge Nassar. Gama e Abreu: um pensador da cidade no século XIX. III *Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva*. São Paulo, 2014.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Letras Insulares: Literaturas e Formas de História no Modernismo Brasileiro. (orgs) CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo. *A História*

*Contada: Capítulos de História Social da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

GUERRAND, Roger-Henri. Espaços privados. In: PERROT, Michelle. (org) *História da Vida Privada da Revolução Francesa à Primeira Guerra v.4*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GRUZINSKI, Serge. Local, Global e Colonial nos mundos da Monarquia Católica. Aportes sobre o caso amazônico. *Revista de Estudos Amazônicos*. v. II, n.1. jul/dez. 2007.p.11-27.

HEIZER, Alda. Ciência para todos: A Exposição de Paris de 1889 em revista. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. Julho/ Agosto/ Setembro Vol. 6. Ano VI nº 3. Julho/Setembro. 2006.

HUNT, Lynn. Revolução Francesa e vida privada. In: PERROT, Michelle.(org) *História da Vida Privada – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

INFOPIEDIA. *Gênese do Movimento Republicano*. Disponível em: [www: www.infopedia.pt/](http://www.infopedia.pt/). Acesso em: 23 de julho de 2014.

JEANNINE, João Paulo. *Exploradores Franceses na Amazônia*. Disponível em: <http://enhpgii.files.wordpress.com/2009/10/j%e3%b5%82o-paulo-jeannine>. Acesso em: 27/01/2014.

OLIVEIRA JÚNIOR, Virgílio Coelho. Revolução e imaginação político-literária: o romance Os Maias como representação da sociedade portuguesa em face ao liberalismo. *História Unisinos*.n. 18.v.2., Maio/Agosto 2014.p.301-311.

LACERDA, Franciane Gama. “No limiar de tantas feiuras”: representações de Belém em finais do século XIX, início do século XX. In: SARGES, Maria de Nazaré dos Santos; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Antonio Lemos: revisitando o mito (1913-2013)*. Belém: Açaí, 2014.

LOPES. Siméia de Nazaré. Casas de Negócios, Tabernas e Quintais: o controle social sobre os agentes do comércio pós-Cabanagem. *Revista de Estudos Amazônicos*, vol.1. jul-dez, 2006.p.39-53.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. (Org.) PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAGNOLI, Demétrio. Por uma arqueologia da narrativa nacional. *Revista USP*, São Paulo, n.49, p. 134-142, mar/mai, 2001. p.134-142.

- MAIA, Ludmila de Souza. Viajantes de saias: escritoras e ideias antiescravistas. *Revista Brasileira de História*, vol. 34, n. 68, São Paulo Jul/Dez. 2014.
- MARY, Cristina Pessanha. O Brasil para o mundo português 1875-1889. *Geo UERJ*, Ano 12, n.21, v.2, 2º semestre de 2010.
- MATOS, Maria Izilda. Viagens pelo Rio das Amazonas. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 38, supl., nov. 2012. p.189-198.
- MIYOSHI, Alexander Gaiotto. Três Moemas: as versões de Victor Meireles, Pedro Américo e Rodolpho Bernardelli. *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2.* / (Orgs) VALLE, Arthur; DAZZI, Camila. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ, 2010.
- MONTEIRO, Elson. O Rio Amazonas: Colonização e Conquista na visão de Américo Santa Rosa. *Revista Estudos Amazônicos*. vol. VIII, nº 2 (2012), pp. 190-210.
- NEVES, Arthur de Freitas. Instrução pública nos relatórios oficiais e na correspondência do Império: Bispo, Asilo e Ultramontanismo. *Revista HISTEDBR On-line*. Número especial, out. Campinas, 2011. p. 211-223.
- NUNES, Francivaldo. A Amazônia e a formação do estado imperial do Brasil: Unidade do território e expansão de domínio. *Revista Almanack*. Guarulhos, n.03, 2012. p.54-65.
- NUNES, Jussara. La presence du Brésil dans le fonds historique de La collection de photographies de La Société de Géographie. *Passages de Paris*, vol.1, 2005. p.71-90. Disponível em [www.apebfr.org/passagesdeparis](http://www.apebfr.org/passagesdeparis). Acesso em 11 de dezembro de 2011.
- OLIVEIRA, João Pacheco de. O Caboclo e o Brabo. (org) SILVEIRA, Ênio et al. *Encontros com a Civilização Brasileira, V.II*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- PÁDUA, José Augusto. Natureza e Sociedade no Brasil monárquico. Org. GRINBERG, Keila; SALLES Ricardo. *O Brasil Imperial. v.III 1970-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- PINASSI, Maria Orlanda. Os brasileiros e o Instituto Histórico de Paris – 1834-1856. (orgs) BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI; ROLLAND, Denis. *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo; Cortez, 2003.p.31-47.
- RÊGO, Walquiria Domingues. Federalismo e fundação da nação. (orgs). RIDENTI, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. *Intelectuais e Estado*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- REVEL, Jacques. Entre história e memória – A corte da França. In: *Proposições – Ensaios de história e historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p.187-206.

RIAUDEL, Michael. *O rio palimpsesto – o Amazonas de Júlio Verne das fontes a ficção*. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/13/09-michel.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2014.

RIBEIRO, Maria Manuela de Bastos Tavares. Crise Revolucionária e Ordem Pública (1846-1851). *Revista de História*, v.8. Porto, 1988.p.302-304.

RICCI, Magda. Nação e revolução: a Cabanagem e a experiência da “brasilidade” na Amazônia (1820-1840). In: CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis. (orgs). *Trópicos de História – Gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*, Belém: Açaí, 2010.

RICCI, Magda. Os primeiros livros didáticos republicanos de História do Pará: o patriotismo e a construção da memória. In: HENRIQUE, Márcio Couto (org). *Diálogos entre História e Educação*. Belém: Açaí, 2014.p.13-33.

RICCI, Magda; LIMA, Luciano. Fazendo política, contando história: Experiências sócio-literárias de um barão amazônico e seus Motins Políticos - 1865-1890. *Revista de Estudos Amazônicos*. vol.6, nº1, 2011.p.41-68.

RICCI, Magda; LIMA, Luciano. Historiador político ou político historiador? – Interações entre experiências intelectuais e institucionais do Barão de Guajará. *OP SIS*, Catalão. v.13,nº2, Jul/Dez, 2013. p. 395-418.

ROMANI, Carlo. Algumas Geografias sobre a fronteira franco-brasileira. *Ateliê Geográfico*, UFG/IESA, Goiânia, vol. 2 nº. 1, 2008.p.43-6

SALGUEIRO, Valéria. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor a cultura. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.22, n.44, p.289-310.2002.

SANJAD, Nelson. “Ciência de potes quebrados” Nação e Região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista*. V.19, nº1, Jan-jun, 2011. p.133-163.

SARGES, Maria de Nazaré. A Galícia Paraense: imigração espanhola em Belém (1890-1910) In: CHAMBOULEYRON, Rafael; RUIZ-PEINADO ALONSO, José Luis. (orgs). *Trópicos de História: gente, espaço e tempo na Amazônia (séculos XVII a XXI)*. Belém: Açaí/PPHIST/CMA, 2010.

SARGES Maria de Nazaré. El Amazonas, el Mediterráneo de agua Dulce: migración y propaganda. In: SARGES, Maria de Nazaré et. al. (org.) *Boletín Americanista* ano 1, nº 64, Barcelona, 2012. p. 73-85.

SARGES, Maria de Nazaré. Fincando uma tradição colonial na República: Arthur Vianna e Antônio Lemos. In: NETO, José Maia Bezerra; GUZMAN, Décio. (Orgs). *Terra Matura*. Belém: Paka-Tatu, 2002.

- SARGES, Maria de Nazaré. AMARAL, Alexandre. As querelas republicanas, os intelectuais e círculo político: Literato, Pintor e Crítico de arte na legitimação do congresso dos intendentes no início do século XX. *Revista de Estudos Amazônicos*, vol.1. jul-dez, 2006.p.101-109.
- SARGES, Maria de Nazaré, COELHO, Anna Carolina de Abreu. Divulgando a Amazônia em Paris: Santa Anna Nery e sua Missão. *Revista de Estudos Amazônicos*. V.II, n1. Julho/Dezembro, 2007.p.47-65.
- SARGES, Maria de Nazaré; COELHO, Anna Carolina de Abreu. Do Rio Amazonas a Península Ibérica – viajando com o Barão de Marajó. *Vária História*. vol 30, n 53, mai/ago. 2014.p. 487-505.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Antropologia e História: Debates em regiões de fronteiras*. Minicurso ministrado no Centro de Memória da Amazônia (CMA/UFGA), Belém: 2012.
- SCHUSTER, Sven. The 'Brazilian Native' on Display: Indianist Artwork and Ethnographic Exhibits at the World's Fairs, 1862-1889. *RIHA Journal* 0127 (1 September 2015). Disponível em: <http://www.riha-journal.org/articles/2015/2015-jul-sep/schuster-the-brazilian-native-on-display> . Acesso em 23 de setembro de 2015.
- SECOR, Anna. Orientalism, gender and class in Lady Mary Wortley Montagu's Turkish Embassy Letters: to persons of distinctions, men of letters & C. *Cultural Geographies*. v.6, n.4. 1999. p.375-398.
- SERÉN, Maria do Carmo. *A doença de Viajar: Portugal no roteiro das Excursões fotográficas dos anos 60 do século XIX*. CEM/Cultura Espaço e Memória. nº1 ou A Fotografia em Portugal. In: *Col. Arte Portuguesa*. Lisboa: Ubu Editores, 2009.
- SILVA, Maria Lígia Osório. *Propaganda e realidade: a imagem do Império do Brasil nas publicações francesas do século XIX*, revista Theomai. Disponível em [WWW.unq.edu.ar/revista-theomai/numero3](http://WWW.unq.edu.ar/revista-theomai/numero3). Acesso em 20 de junho de 2012.
- SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.
- THOMPSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*. n.15, abr, 1997. p.51-77.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. Margens Míticas: a Amazônia no imaginário europeu do século XVI. In: PRIORE, Mary Del e GOMES, Flavio (org). *Os Senhores dos Rios*, Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. p.04-31

VIDAL, Diana Gonçalves. Em defesa da imagem do Brasil no exterior: Frederico José de Santa-Anna Nery e a escrita da história da educação no Império. *Rev. bras. hist. educ.*, Campinas-SP, n. 24, set./dez. 2010. p. 113-137

VIEGA, Juliana Goretti Aparecida Braga; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Interfaces entre o projeto de legitimação do grupo escolar como instituição de saber e a ressignificação do lugar simbólico de Ouro Preto como cidade monumento. *Vária História*. v. 30, n 53, mai/ago. 2014.p.341-363.

WILLIAMS, Raymond. *The Idea of a Common Culture* (1968).In: *Resources of Hope: Culture, Democracy, Socialism*. New York: Verso, 1989.

WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbory. *Plural*. São Paulo, n°6, I sem, 1999.p.139-168.

ZANOTTO, Gizele. História dos intelectuais e História Intelectual contribuições para a historiografia Francesa. *Biblos*, v.22, n.1, 2008, p.31-45.